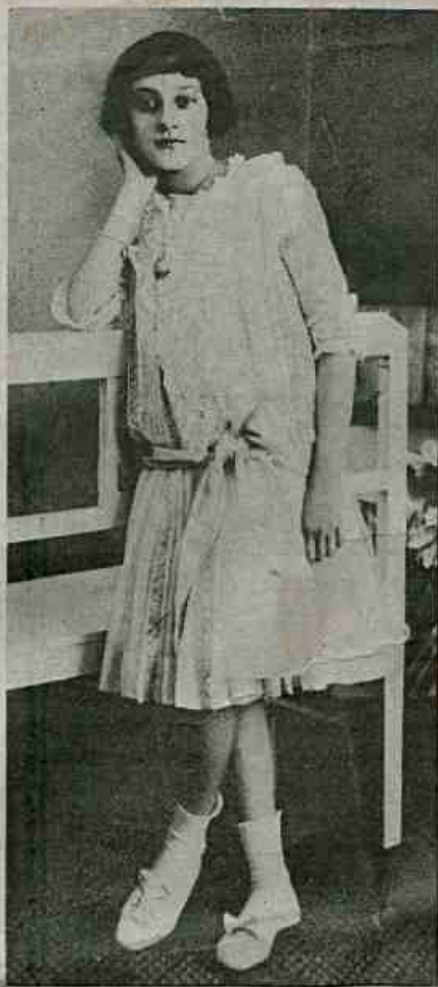
DO
TICO
TICO
ROMANCES
1917
DO
VOVÔ
SCIENCIA
FACIL
SNR X
SUA
PAGINA
do
Dr.
PREÇO 3$000

STORNI

feiticeiro muito ruim, que tinha encantado, havia muitos annos, uma formosa moça. Guardava-a num bosque medonho, alumiado por fogos azues, que esvoaçavam no ar. Pelo chão rastejavam cobras, lagartos e lacráus. O José encontrou o magico no meio de um arvoredo muito cerrado, degolou-o com a espada magica e desencantou a menina.

Apenas tinha continuado a jornada, avistou um gigante enorme que levava de rastos, presos pelo cabello, um cavalheiro e sua dama. Approximou-se do gigante sem ser visto, porque tinha vestido o gibão magico. As primeiras cutiladas apanharam as pernas do gigante um pouco abaixo dos joelhos, pois que o rapazola não tinha altura para feril-o mais acima. O grande corpanzil estatelou-se logo no chão, produzindo estrondo egual ao que faria um carvalho colossal, que um lenhador tivesse abatido. José saltou como um gato, para cima dos hombros do gigante, cortou-lhe a cabeça muito lepido, e tosquiou todo o cabello. Foi assim que sua mãi poude fazer mais um tapete para seu melhor quarto de dormir.

Depois, tendo sabido que um irmão d'este gigante vivia numa furna muito escura e profunda, aberta na fralda de uma serra, José encaminhou-se para lá e viu o gigante sentado á entrada. Sem que elle o pudesse ver, cortou-lhe com uma cutilada o nariz e com outra separou-lhe a cabeça do tronco. Fez-se com o cabello d'este gigante um tapete para a cópa.

A galante Maria Alonso, de 5 annos de edade, muito nossa amiguinha, filha da senhora D. Georgina Alonso, residente nesta Capital.

Olinda Martorano, gentil assignante do "Tico-Tico", com 10 annos e residente em São Leopoldo, Estado do Rio Grande do Sul.

E José tambem matou o terrivel Gallifrão, que, de combinação com o feiticeiro Alcofribas, costumava transformar as pessôas em bichos repugnantes, como lesmas, sapos e jacarés, e guardava toda esta bicharia no pateo interior do seu castello. A' porta estavam dous dragões, um de cada lado, ambos cobertos de escamas, com a bocca escancarada. O José, por causa do gibão magico, passou despercebido entre elles e teria cortado em dous o feiticeiro, se naquelle mesmo instante se não houvesse levantado um refegão de vento, que o levou pelos ares afóra. Quebrado o encanto, os jacarés, porcos-espinhos, sapos e quejandos animalejos voltaram a ser as pessôas, que já tinham sido. Com o cabello de Gallifrão a mãi do José fez outro bello tapete para o quarto de dormir do filho. D'alli o rapaz foi fazer uma visita ao castello de um dos fidalgos, que tinha desencant...

Quando o povo soube que i... gar o destemido Mata-gigante... reu para as muralhas e fresta... do por onde elle havia de vi... vam todos a esperal-o com ... cia, quando rebentou a noticia ... Gigajoga, o mais temivel entre ... os gigantes de duas cabeças, vi... a toque de caixa para o castello, ...

dido a vingar-se do José pelas mortes de tantos dos seus parentes e adherentes. O rapaz chegou e viu todos a tremer de medo, mas ficou muito socegado de sua vida e disse-lhes estas palavras :

—Em vez de se assustarem, al... grem-se, porque vou fazer-lhes ... sar um espectaculo magnifico !

O gigante sentiu-lhe o cheiro, ... não foi capaz de lobrigal-o e p... no meio da estrada, farejando, p... a direita e para a esquerda, como cão de caça bem adextrado e resmungando :

Hum ! Hum ! Hum ! Hum !
Cheira-me aqui ao tratante
Que vai saber num instante
Como um gigante...
Hum ! Hum ! Hum ! Hum !
Sem almofariz, nem rolo
Faz de um jagodes, de um tolo
Um simples bolo.
Hum ! Hum ! Hum ! Hum !

— Vamos a ver isso — respondeu-lhe o José — Mas se não fizeres o que dizes, mostrarás que o tolo e o jagodes és tu.

—Onde estás, grande patife ? — perguntou-lhe Gigajoga, cada vez mais furioso, porque, embora deitasse para todos os lados os quatro olhos das duas cabeças, não podia enxergal-o.

—Estou aqui — respondeu-lhe o José!—e, como vês, sou pouco maior que o teu fura-bolos... isto é, o dedo com que has de furar-me, se fizeres o que dizes.

E Gigajoga viu com effeito o rapazelho que, por arrogancia, tinha despido o gibão magico, que o tornava

Disciplinados alumnos da "Escola Hermes", no Acre (Cruzeiro do Sul), em guarda para o golpe baixo. Vê-se o professor Florchardo Cabral e o instructor Christovão B. de Oliveira.

invisivel, mas que, primeiro, calçára as botas de sete legoas.

—Eu já te apanho, lagalhé!—grunhiu o gigante — E desatou a correr desesperadamente, dando passadas enormes. Para se fazer ideia do que avançava, basta saber que as pernas tinham mais de cinco metros de altura.

O José tambem corria como um gamo. Primeiramente foi direito ao castello e passou á vista dos seus amigos, que estavam apinhados no alto das muralhas. Depois virou á direita, justamente quando passava por diante da ponte levadiça, e foi correndo pela beira do fosso. O castello, a bem dizer, parecia vir abaixo com a gritaria que fazia toda aquella gente, vendo o rapazola escapar-se ao gigante. A's vezes Gigajoga parecia estar quasi a agarral-o; estendia a mão mas, quando a fechava, apenas colhia vento, porque o José já ia uns quinze ou vinte passos mais para diante.

A corrida durou assim algum tempo excitando a maior animação nos [...]tavam dentro do castello e fa[...]orrer de um para outro lo[...]itos, de janella para ja[...] de não perderem [...]spectaculo. [...]ombava [...]elles [...]

[...]recia o resfolegar de uma locomotiva —descoberta feita muitos seculos depois—José, de repente, virou á esquerda e enfiou pela ponte levadiça. O gigante seguiu-lhe as pégadas, mas logo que pôz os pés na ponte, foi-se por alli abaixo com estrondo o taboleiro e o Gigajoga mergulhou no fosso, que era muito mais alto do que elle.

Esteve por um triz o rapaz a ir tambem para o charco, pois não tinha ainda acabado de atravessar a ponte. Passados instantes apparecia o immenso corpanzil boiando á tona d'agua. José atirou-lhe um gancho, preso á ponta de uma corda, puxou-o para a borda do fosso e cortou-lhe as duas cabeças.

Os moradores do castello fizeram-lhe muita festa, e ainda mais admiraram o rapaz quando lhe ouviram dizer que era aquelle o oitavo gigante que matava, sendo dous de duas cabeças. Não fallou no magico, por ser cousa de pouca monta, em comparação com o resto.

Com a grenha das duas cabeças de Gigajoga fez a mãi do José um tapete para a sala de espera e uns tantos capachos muito grandes, onde as visitas limpavam os pés e onde dormiam o cão Piloto e o gato Garoto, durante as frias e compridas noites de inverno.

Como já não havia nenhum quarto em casa por atapetar, nem eram precisos mais capachos, o José deu por [...]s suas caçadas, mesmo porque [...]nou a ouvir fallar em gigantes. [...] se julgue por isso que tivesse [...] de havel-os durante a vida [...]que se prolongou por mais [...]nos.

[...] que os gigantes acabaram [...]da invenção da polvora.

SORRISO QUE SALVA

Soavam nove horas da noite na torre da egreja mais proxima...

Em uma casaa da comarca uma moça, juntmente com uma creança, prepara-se para dormir.

Seu marido, que era delegado policial, mandara-lhe dizer que chegaria mais tarde do que costumava; talvez passasse toda a noite em uma diligencia, que pretendia effectuar.

Depois de ter orado, acompanhada na prece pelo pequenino ser, linda menina de trez annos, que era o encanto e alegria do ditoso casal, a bôa senhora aconchegou a filha ás cobertas, e após ter dirigido mais um pensamento ao esposo amado, deitou-se tambem.

Poucos momentos depois suas almas estavam entregues ao mundo mysterioso dos sonhos.

* * *

Um surdo estalo, interompeu o silencio, que reinava na alcova e pela janella, já aberta, silenciosamente, surgiu um vulto escuro, negro, que, com infinitos cuidados, desceu para o chão.

Um raio de luz bateu em cheio no seu rosto barbudo e maltratado.

Quem seria esse homem? Um larapio?

Sim! Era um terrivel facinora. Sendo preso por pequeno crime pelo delegado, e agora solto ha poucos dias atraz, vinha vingar-se do magistrado.

* * *

O miseravel se approximou. Accercando-se de um dos vultos, que despreocupadamente dormia, o bandido, tendo na mão um terrivel estylete, ponteagudo punhal, ia craval-o, quando um raio mais forte da luz bateu na menina, clareando por completo seu rosto de innocente, e... cousa incrivel, difficil de ser explicada; o miseravel vendo o rosto bello da creança, um sorriso brincando-lhe nos labios, recuou, e, inclinando-se novamente, depoz na fronte da menina um terno beijo, emquanto de seus olhos amortecidos e sem brilho amigo, lagrimas deslisavam em silencio... E como tinha vindo o homem retirou-se.

* * *

E' que essa alma contaminada por innumeros crimes tivera tambem em outros tempos uma filha!...

MARIA DA CONCEIÇÃO AUVRAY

Evaldo, com 6 mezes de edade e robusto filho do Cap. Silvestre Monteiro Falcão, residente em Belém — Pará.

PIFPAF

1) Pifpaf, era o tambor de um batalhão. O exercito inimigo conhecia o seu rufar, e temia-o.

2) Era voz corrente que no dia que fosse destruido o tambor de Pifpaf, venceriam. Então quatro soldados inimigos, dispuzeram-se a destruil-o.

3) Armando uma emboscada prenderam Pifpaf e seu tambor, levando o ao general inimigo.

4) - Oh! oh! exclamou o general—eis-te preso agora, Pifpaf, olha teu tambor. E deu ordem para que o esmagassem debaixo de uma pedra enorme...

5) ... o tambor ficou chato como um papel. Pifpaf, chorava como um louco. «Não chores - disse o general — rufarás o tambor de meu batalhão. Pifpaf ia recusar...

6) ... mas teve uma idéa: «Acceito», disse elle. Deram-lhe um uniforme e um tambor muito pesado de som muito feio.

7) Pifpaf, quando se viu sozinho, foi buscar os restos do seu tambor. Com o sabre cortou a pellicula superior...

8) ... e voltou ao acampamento. Quando todos dormiam, tirou a pelle do tambor inimigo e substituiu-a pela do seu.

9) Depois escondendo-se atraz da tenda começou a bater o signal avançar, a moda do seu exercito.

10) O batalhão de Pifpaf ouvindo-o avançou logo com galhardia. «Mas, é o tambor, de Pifpaf disseram os inimigos—esse tambor é encantado»!

11) E attonitos deitaram a correr, desesperadamente.

12) Uma vez victorioso, Pifpaf, reconstruiu o seu querido tambor, e desde então os inimigos não o perseguiram mais

A VINGANÇA DE GUARIMÚ'

1) Havia outr'ora uma tribu temivel constituida pelos indios Guaporis.

2) Tinham suas tendas por traz de uma rocha escarpada e viviam da caça e da pesca. O chefe d'essa tribu chamava-se «Guarimú».

3) Era o guerreiro mais valente e o melhor caçador de seu tempo. Pariná, outro chefe, tinha-lhe inveja, pois não era tão temido e respeitado.

4) Pariná fôra accusado de uma trahição. Defendeu-se energicamente e vendo seu prestigio abalado, jurou prender Guarimú e...

5) ...um dia que Guarinú havia partido para a caça, Pariná reuniu os indios e lhes disse: «Guarimú, chefe dos Guaporis acaba de nos trahir vendendo nosso territorio...»

6) Os indios julgaram que fosse verdade e resolveram consultar outra tribu, tendo como chefe Pariná.

7) Os guerreiros decidiram então que Guarimú devia morrer. Havia vendido parte do territorio. Seria morte do seguinte modo...

8) ... amarrado á cauda de um bufalo e caçado como um passaro. Quando Guarimú voltou á tribu, amarraram-n'o como tinham resolvido. Guarinú não se oppoz. Fustigaram o bufalo e alvejaram n'o á flexa como um passaro.

9) Uma das flexas, porém, cortou a corda que prendia ao bufalo. Guarimú, tirou o diadema, insignia do chefe e atirou-o na cataracta.

10) As crianças da tribu, viram o diadema boiando junto ao corpo do Bufalo, que cahira na cataracta. Quando Pariná soube disso, julgou Guarimú morto e...

11)...se fez proclamar chefe da tribu. Guarimú foi para um logar não muito longe da tribu dos Guaporis, e ahi projectou uma vingança.

(Continúa na pagina seguinte)

A VINGANÇA DE GUARIMÚ'

12) Proximo havia uma pequena tribu. Constava de um chefe e seis filhos um rapaz e seis moças. Guarimú casou com uma dellas, tornando-se o chefe da tribu.

13) Ia todos os dias a caça em companhia dos outros indios. Uma vez avistou Pariná caçando sosinho. « Vou vingar-me» disse elle. E partiu a galope.

14) Os indios gostam de [illegible]. Guarimú, comprou um barril d'esse liquido e collocou onde Pariná devia passar. Este encontrou o barril e tanto paraty bebeu que ficou como morto.

15) Guarimú collocou-o na garupa e partiu mandando um rapaz da tribu com instrucções suas aos Guaporis. Para lá se dirigiu o rapaz e assim fallou:

16) «Venho de parte do Grande-Espirito para conduzir aquelles, que condemnaram Guarimú com os olhos vendados afim de assistirem á condemnação de Pariná.»

17) Os chefes se deixaram conduzir de olhos vendados. Andaram muitos dias até chegarem á tribu de Guarimú.

18) O antigo chefe da tribu sogro de Guarimú, mandou que os Guaporis se escondessem atraz de uns pinheiros para assistirem á condemnação de Pariná pelo Grande-Espirito.

19) Os chefes Guaporis, viram então apparecer Guarimú, que julgavam morto ha muito. Um dos indios trouxe Pariná, que confessou tudo.

20) Então o Grande-Espirito, disse que o crime era muito grande. Que Guarimú e Pariná voltassem ambos á tribú dos Guaporis e...

21) ...que Guarimú tornasse a ser o chefe da tribu e Pariná, como castigo, fosse condemnado a servir ao chefe como escravo.

22) Pariná, teve que fazer todo o serviço da tribu, fiar, tecer, lavar a roupa emquanto os outros indios descançavam.

23) Desde então, Guarimú, foi m[illegible]tado e na tribu dos Guaporis ninguem [illegible] usurpar-lhe o poder.

(Fim).

OS QUATRO FILHOS DE AYMON

(1) Diz a legende que Renaud, Allard, Guiscard e Ricardo eram filhos de Aymon, um fidalgo, que se revoltára contra o rei Carlos Magno. Terminada a guerra os quatro filhos de Aymon... foram recebidos na corte.

(2) Carlos Magno tratou-os muito bem, fel-os cavalleiros e os rapazes ficaram vivendo alli. Mas um dia, jogando o xadrez com Bertolais, sobrinho do Rei, Renaud zangou-se e atirou o taboleiro á cabeça de Bertolais.

(3) O golpe foi tão violento que o sobrinho do rei morreu. A vista d'isso os quatro filhos de Aymon comprehenderam que só tinham uma cousa a fazer: Fugir para evitar a vingança do Rei.

(4) Partiram os quatro sosinhos levando um so cavallo que era de Renaud e se chamava Bayard. Renaud dizia: Todo o exercito de Carlos Magno vai nos perseguir.

(5) ... e morreremos todos se não conseguirmos alcançar a floresta. Vamos tirar a sorte para saber quem hade fugir no unico cavallo, que temos.

(6) Montemos nelle todos quatro—disse Allard. Assim observou Renaud, nem o cavallo poderá correr, nem nós poderemos combater.

(7) Então lutemos a pé todos quatro — propoz Guiscard. Isso não—disse Renaud—porque assim ficaria desprotegido o cavallo, que ainda nos pode servir.

(8) Então Ricardo tomou a palavra e disse. O essencial é que nos sustentemos uns dos outros. D'esse modo passaremos atravez do exercito de Carlos Magno ...

(9) ... sem soffrer cousa alguma. Que Renaud monte em Bayard como de costume. Allard montará de costas ...

(10) Eu e Guiscard presos pela cintura montaremos de lado. Assim poderemos nos defender de todos os lados.

(11) Assim fizeram e conseguiram passar entre varios regimentos de Carlos Magno sem ferimentos, e chegaram ...

(12) ... á floresta onde podiam considerar-se salvos. Isto mostra que em todos os casos a união é que faz a força.

1911
ALMANACH
DO
Tico-Tico
(PARA)
1911
STORNI

1º mez | Aquario | 31 dias

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	**Dom.**	...	✠ **Circumcisão,** Fulgencio, Martinha	Festa Nac. e Dia Santo
2	Seg.	...	Isidoro, Argeu, Estevam, Narciso	
3	Ter.	...	Antero, Genoveva, João Evangelista	
4	Qua.	...	Gregorio, Prisco, Drafosa, Angela	
5	Qui.	...	Simeão Estellita, Apollinaria	
6	Sex.	Cr.	† **Reis Magos,** André, Melania, Nilamão	Dia Santo
7	Sab.	...	Theodoro, Felix, Januario, Luciano	
8	**Dom.**	...	Lourenço, Justiniano, Theophilo	
9	Seg.	...	Julião, Basilissa, Marciana, Pedro	
10	Ter.	...	Paulo, Gonçalo de Amarante, Nicanor	
11	Qua.	...	Hygino, Honorato, Severo, Palemão	
12	Qui.	...	Satyro, Taciana, Eutropio, Arcadia	
13	Sex.	...	Hilario, Gumercindo, Veronica	
14	Sab.	Ch	Felix de Nole, Malachias, Bernarda	
15	**Dom.**	...	Amaro, Macario, Maxima, Mauro	
16	Seg.	...	Marcello, Estephania, Bernardo.	
17	Ter.	...	Antão, Eleusippo, Sulpicio, Leonilla	
18	Qua.	...	Margarida, Liberata, Athenogenes	
19	Qui.	...	Canuto, Martha, Ulstano, Audifax	
20	Sex.	...	† Sebastião, Euthymio, Neophyto.	Dist. Federal
21	Sab.	...	Ignez, Patroclo, Epiphanio, Publio	
22	**Dom.**	Mi.	Anastacia, Domingos, Gaudencio	Mat. Grosso
23	Seg.	...	Ildefonso, Raymundo de Penaforte	
24	Ter.	...	Thimotheo, Marciolino, Metello.	Piauhy
25	Qua.	...	Ananias, Juventino, Marino, Maximo	
26	Qui.	...	Polycarpo, Bathilde, Jeronymo.	
27	Sex.	...	Jesus, Maria e José	Pernambuco
28	Sab.	..	Cyrillo, Gonçalo, Thiago, Floriano	
29	**Dom.**	No	Francisco de Sales, Constancio.	
30	Seg.	...	Martinha, Hippolyto, Aldegonda	
31	Ter.	...	Pedro Nolasco, Cyriaco, Trajano	

Neste mez ha 6 dias feriados, que são uma festa nacional (Commemoração da Fraternidade dos Povos), um dia santo, (Os Reis Magos) e mais 5 Domingos. Na Capital Federal ha mais um dia feriado, o de S. Sebastião.

O nome de *Janeiro* vem do latim *Januarius*. No Calendario romano antigo era o 11º mez do anno e chamava-se *Januarius* em homenagem a *Janus*, deusa do lar e da patria.

2º mez | Peixes | 28 dias

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DE IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Qua.	...	Ignacio, Brigida, Veredîana, André	
2	Qui.	...	✠ **Purificação de N. Sra.,** Fortunato	Dia Santo
3	Sex.	...	Odorico, Lupicinio, Felix, Mucio.	
4	Sab.	...	Theophilo, Joanna, Gilberto, André	
5	**Dom.**	Cr.	Agueda, Pedro Baptista, Isidoro.	
6	Seg.	...	Dorothéa, Antonio de Amandula.	
7	Ter.	...	Romualdo, Ricardo, Theodoro	
8	Qua.	...	Cointha, Honorato, João da Matta	
9	Qui.	...	Apollonia, Nicephoro, Ausberto.	
10	Sex.	...	Alberto, Escholastica, Guilherme	
11	Sab.	...	Lazaro, Joanna, Valesia, Eutropio	
12	**Dom.**	Ch	Eulalia, Damião, Gaudencio, Modesto	
13	Seg.	...	Gregorio, Catharina de Ricci	
14	Ter.	...	Auxencio, Valentim, Antonina	
15	Qua.	...	Faustino, Jovita, Crato, Georgina	
16	Qui.	...	Onesimo, Isaias, Samuel, Gregoria	
17	Sex.	...	Aleixo, Nicolau, Silvino, Faustino.	
18	Sab.	...	Theotonio, Perpedigna, Nicolau.	
19	**Dom.**	...	*Septuagesima,* Conrado, Mansueto	
20	Seg.	Mi.	Eleuterio, Leão, Zenobia, Silvano	
21	Ter.	...	Abilio, Fabiano, Paterio	
22	Qua.	...	Margarida de Cortona, Paschasio	
23	Qui.	...	Martha, Ivo, Damião, Milburges	
24	Sex.	...	Mathias, Primitiva Sergio	Festa Nac.
25	Sab.	...	Cesario, Victor, Serapião, Pascovia	
26	**Dom.**	...	*Sexagesima,* Torquato, Nestor	
27	Seg.	No	Leandro, Eustaquio, Baldomero	
28	Ter.	...	Romão, Justo, Macario, Nestor.	

Ha neste mez dias feriados que são uma festa nacional (anniversario da promulgação da Constituição da Republica). Um dia santo (Purificação de S. Nossa Senhora) e quatro domingos.

O nome de *Fevereiro* vem do latim *Februarius* ou *Febrarius*. E' o segundo mez do anno no Calendario gregoriano, que é o nosso. Tem geralmente 28 dias, e mais um nos annos bissextos, que são aquelles em que o numero do anno é divisivel por quatro.

Constituição da Republica

A Constituição é a lei basica, a lei principal do Brazil onde estão marcados os direitos do povo e os deveres do governo.

Ha em Janeiro, no dia 20, a festa de S. Sebastião, que só se celebra na Capital Federal e no dia 25 a festa da conversão de S. Paulo, que só se celebra no Estado de S. Paulo.

3· mez — **Carneiro** — **31 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Qua.	...	Hermes, Albino, Adriano, Eudoxia	
2	Qui.	...	Simplicio, Euzebia, Januario, Basileu	
3	Sex.	...	Cunegundes, Marinho, Marcia	
4	Sab.	...	Agalhadoro, Lucio, Urraca, Bertha	
5	**Dom.**	Cr.	*Quinquagesima*, (**Carnaval**), Ursula	
6	Seg.	...	Olegaria, Coleta, Basilio Marciano	Pernambuco
7	Ter.	...	Thomaz de Aquino, Felicidade	
8	Qua.	...	*Cinzas*, Poncio, Felix, Quintino	
9	Qui.	...	Catharina, Cyrillo, Francisca	
10	Sex.	...	Militão, Caio, Macario, Alexandre	
11	Sab.	...	Candido, Constancio, Zozimo	
12	**Dom.**	...	*Quadragesima*, (*Pinhata*), Gregorio	
13	Seg.	Ch	Rodrigo, Patricia, Macedonio	
14	Ter.	...	Mathilde, Leão, Pedro, Aphrodisio	
15	Qua.	...	Henrique, Aristobulo, Zacharias, Gil	Alagoas
16	Qui.	...	Cyriaco, Hilario, Dionysio, Taciano	
17	Sex.	...	Patricio, Gertrudes, Agricola	
18	Sab.	...	Gabriel, Salvador, Narciso, Eduardo	
19	**Dom.**	...	José, Quartilla, Quintilla, Amancio	R. G. Norte
20	Seg.	...	Martinho Dumiense, Victor, Anatolio	
21	Ter.	Mi.	Bento, Lupicino, Birillo, Ambrosio	
22	Qua.	...	Benevenuto, Cilecina, Catharina	
23	Qui.	...	Felix, Victoriano, Pelagia, Domicio	
24	Sex.	...	Romulo, Simeão, Thimotheo, Marcos	Ceará
25	Sab.	...	✠ **Annunciação de N. Sra.**, Quirino	Dia santo
26	**Dom.**	...	Ludgero, Thecla, Cassiana, Jovino	
27	Seg.	...	Lydia, Roberto, Macedonio, Fraterno	
28	Ter.	No	Alexandre, Dorothéa, Xisto, Prisco	
29	Qua.	...	Bertoldo, Jonas, Secundo, Barachisio	
30	Qui.	...	Quirino, João Climaco, Aldonsa	
31	Sex.	...	Balbina, Benjamin, Celestina, Amós	

Neste mez ha sete dias feriados, que são os trez de Carnaval, o dia da Annunciação e mais trez domingos.

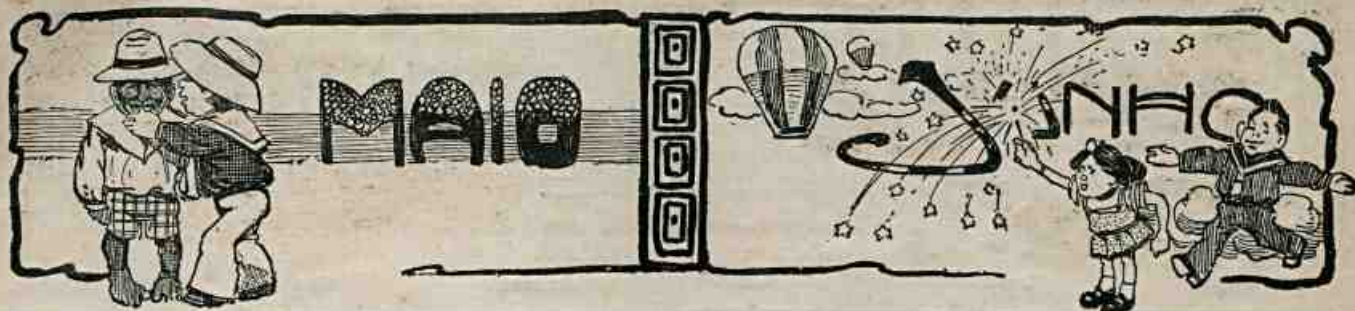
Neste mez começa o Outomno no dia 21. Antigamente era neste mez que começava o anno.

4· mez — **Touro** — **30 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Sab.	...	Theodora, Macario, Valerio, Venancio	
2	**Dom.**	...	Francisco de Paula, Theodosia	
3	Seg.		Ricardo, Pancracio, Patricio	
4	Ter.	Cr.	Isidoro, Platão, Zozimo, Ausberto	
5	Qua.	...	Vicente Ferrer, Juliana, Anfrisio	
6	Qui.	...	Marcellino, Diogenes, Xisto	
7	Sex.	...	Hegesipo, Epifanio, Donato, Rufino	R. G. Norte, Minas e Paraná.
8	Sab.	...	Amancio, Concessa, Dionysio	
9	**Dom.**	...	*Ramos*, Procoro, Hilario, Demetrio	R. de Janeiro
10	Seg.	...	Apollonio, Ezequiel, Pompeu	
11	Ter.	...	Antipas, Barsanuphio, Quincio, Leão	
12	Qua.	Ch	*Trevas*, Romeu, Victor, Vissia	Dia Santo
13	Qui.	...	✠ **Endoenças**, Hermenegildo, Justino	» »
14	Sex.	...	✠ **Paixão**, Tiburcio, Valeriano, Zenon	» »
15	Sab.	...	*Alleluia*, Anastacia, Maximo	» »
16	**Dom.**	...	*Paschoa*, Engracia, Calixto, Turibio	
17	Seg.	...	Aniceto, Isidora, Roberto, Elsa	
18	Ter.	...	Galdino, Amadeu, Apollonio	
19	Qua.	...	Hermogenes, Pafuncio, Jorge	
20	Qui.	Mi	Ignez, Accindino, Cesario, Antonino	
21	Sex.	...	Fortunato, Anselmo, Sylvio	Festa Nac.
22	Sab.	...	Sotero, Caio, Senhorinha, Macedonio	
23	**Dom.**	...	*Paschoela*, Jorge, Adalberto	
24	Seg.	...	Sabas, Egberto, Honorio, Fidelis	
25	Ter.	...	Marcos Evangelista, Herminio	
26	Qua.	No	Basilio, Cleto, Lucilio, Marcellino	
27	Qui.	...	Canisio, Castor, Anastacio	
28	Sex.	...	Paulo da Cruz, Valeria, Vidal	
29	Sab.	...	Pedro, Hugo, Emiliano, Antonia	
30	**Dom.**	...	Sophia, Peregrino, Mariano	

Ha neste mez 9 dias feriados, que são quinta e sexta-feira santas, sabbado de Alleluia, mais cinco domingos e uma festa nacional—o anniversario do supplicio de Tiradentes.

Tiradentes — o proto-martyr da Republica

José Joaquim da Silva Xavier, que tinha o appellido de *Tiradentes*, era um alferes que, no anno de 1791, no tempo em que o Brazil ainda era uma colonia de Portugal, tentou fazer aqui a independencia de nossa patria e proclamar a Republica. Mas descobriram os seus planos. A rainha Dona Maria II, que governava Portugal e o Brazil, mandou enforcar Tiradentes, esquartejal-o e queimar os pedaços de seu corpo em varias partes da cidade. Então o Brazil, hoje republicano e livre, commemora o anniversario do supplicio do homem, que tanto soffreu para libertar a patria.

5° mez — Gemeos — 31 dias

Dias do mez	Dias da semana	Phases da Lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Seg.	...	Thiago, Philipe. Sigismundo...	
2	Ter.	...	Mafalda, Athanasio, Germano...	Espir. Santo.
3	Qua.	Cr.	Alexandre, Juvenal, Deodoro...	Festa Nac.
4	Qui.	...	Monica, Silvano, Cyriaco, Pelagia.	
5	Sex.	...	Crescencio, Agostinho, Pio, Angelo...	
6	Sab.	...	João Damasceno, Benedicta, Evodio...	
7	**Dom.**	...	*Matern. N. Sra. Patr. de S. José*	
8	Seg.	...	Miguel Archanjo, Dionysio, Victor	
9	Ter.	...	Geroncio, Hugo, Gregorio, Nazianzeno...	
10	Qua.	...	Antonino, Isidoro, Job, Gordiano	
11	Qui.	Ch	Anastacio, Deoclecio, Fabio, Sisinio...	
12	Sex.	...	Joanna, Flavio, Marcellina, Romana...	
13	Sab.	...	Glyceria, Peregrino, Mucio, Rita	Festa Nac.
14	**Dom.**	...	Bonifacio, Justa, Poncio, Paschoal	
15	Seg.	...	Isidoro, Dimpina, Mauricio, Agricola...	
16	Ter.	...	João Nepomuceno, Ubaldo, Honorato...	
17	Qua.	...	Paschoal Bailão, Bruno, Restituta...	
18	Qui.	...	Venancio, Faina, Claudia, Erico	Sergipe.
19	Sex.	Mi.	Prudenciana, Celestino, Dunstano	
20	Sab.	...	Pautilia, Basilia, Bernardino Senna...	
21	**Dom.**	...	Manços, Synesio, Claudio...	
22	Seg.	...	*Rogações*. Helena, Julia, Romão.	
23	Ter.	...	*Rogações*. Basileu, Epitacio, Camillo...	Espir. Santo.
24	Qua.	...	*Rogações*. Afra Lucas, Suzana..	
25	Qui.	...	**Ascensão de N. S.** Gregorio...	Dia Santo.
26	Sex.	No	Agostinho, Priscs, Philippe Nery	
27	Sab.	...	João Ranulpho, Maria Magdalena	
28	**Dom.**	...	Priamo, Felix, Tito, Germana...	
29	Seg.	...	Restituto, Maximo, Maximiano..	
30	Ter.	...	Exuperancio, Fernando, Crispulo	
31	Qua.	...	Cancio, Angela, Petronilha...	

Ha neste mez sete dias feriados que são: — um dia santo (Ascenção de Nossa Senhora) duas festas nacionaes, anniversario do descobrimento do Brazil e o da lei da libertação dos escravos e mais quatro Domingos.

O nome de *Maio* vem do latim *Maius*, que era a sua denominação no calendario romano, em homenagem a Apollo. Na época pagã o mez de Maio era dedicado a *Flora*, deusa das flôres; a egreja christã dedicou-o á Virgem Maria.

6° mez — Caranguejo — 30 dias

Dias do mez	Dias da semana	Phases da Lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Qui.	...	Simeão, Juvencio, Firmo, Fortunato...	
2	Sex.	Cr.	Marcellino, Maria, Ramão Gertrudes...	
3	Sab.	...	Paulo, Isaac, Ovidio, Laurentino	
4	**Dom.**	...	*Espirito Santo*. Quirino, Donaciano...	
5	Seg.	...	Marciano, Bonifacio, Nicanor...	
6	Ter.	...	Norberto, Paulina, Candida...	
7	Qua.	...	Jeremias, Sabiniano, Roberto, Paulo...	
8	Qui.	...	Salustiano, Guilherme, Severino	
9	Sex.	...	Primo, Melania, Vicente, Pelagia...	
10	Sab.	Ch	Getulio, Nicacio, Margarida...	
11	**Dom.**	...	*SS. Trindade*. Bernabé, Aldonça	Alagoas, Sta. Catharina.
12	Seg.	...	Fortunato, Nazario, Antonina...	R. G. Norte e E. Santo.
13	Ter.	...	Antonio de Lisboa, Cyrino, Nabor	Piauhy, Matto Grosso.
14	Qua.	...	Basilo Magno, Rufino, Eliseu...	
15	Qui.	...	✠ **Corpo de Deus**. Modesto, Crescencia...	Min. Geraes Dia Santo.
16	Sex.	...	Justina, Aureliano, Luigard, Aureo...	
17	Sab.	Mi.	Manuel, Thereza, Ismael, Montano	Pernambuco
18	**Dom.**	...	Leoncio, Isabel, Theodulo...	
19	Seg.	...	Gervasio, Miquelino, Juliana...	
20	Ter.	..	Prudenciano, Silverio, Mario...	
21	Qua.	...	Luiz Gonzaga, Demetrio, Albano	
22	Qui.	...	Paulino, Consorcia, Albano, Flavio...	Pará.
23	Sex.	...	*SS. Coração de Jesus*. Edeltrudes	
24	Sab.	No	✠ **João Baptista**. Fausto, Firmino	Dia Santo.
25	**Dom.**	...	*Pureza de N. Sra.* Guilhermina.	
26	Seg.	...	João e Paulo, Virgilio, Pelagio..	
27	Ter.	...	Ladisláu, Zoilo, Crescente...	
28	Qua.	...	Leão, Hero, Sereno, Benigna...	
29	Qui.	...	✠ **Pedro e Paulo.** Cassio, Benedicta...	Dia Santo.
30	Sex.	...	Lucia, Marçal, Caio, Leão, Auta.	

Hane ste mez sete dias feriados, trez dias santos—(Corpo de Deus, S. João e S. Pedro) e mais quatro Domingos.

Neste mez começa o inverno, no dia 21.

O nome de *Junho* vem do latim *Junius*, porque este mez no Calendario romano era dedicado á deusa *Juno*.

Neste mez ha exames de promoção nas escolas primarias.

—Começa o inverno no dia 21.

7· mez — **Leão** — **31 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Sab.	Cr.	Theodorico, Julião, Aarão, Secundina	Amazonas.
2	**Dom.**	...	Processo, Martiniano, Symphorosa	Bahia.
3	Seg.	...	Muciano, Jacintho, Adatolio, Irineu	
4	Ter.	...	Innocencio, Oséas, Uldarico	
5	Qua.	...	Philomena, Trifina, Zoé, Athanasio	
6	Qui.	...	Domingas, Romulo, Tranquilino	
7	Sex.	...	Pulcherio, Claudio, Pompeu	
8	Sab.	...	Procopio Isabel de Portugal ...	Sergipe e S. Paulo.
9	**Dom.**	...	Nicolau, Anatalia, Veronica, Cyrillo	
10	Seg.	...	Januario. Rufina, Silvano, Daniel	Amazonas.
11	Ter.	...	Sidronio, Cypriano, Sabino, Abundio	
12	Qua.	...	Hermogoras, Gualberto, Paulino,	Ceará.
13	Qui.	...	Anacleto, Eugenio, Turiano, Esdras	Goyaz.
14	Sex.	...	Boaventura, Marcellino, Heracleas	Festa Nac.
15	Sab.	...	Catulino, Henrique, Ignacio, Rosalia	Minas.
16	**Dom.**	...	Ceslau, Eustaquio, Sizenando ...	
17	Seg.	...	Acylino, Vestina, Aleixo, Jacintho	
18	Ter.	...	Frederico, Nemesio, Camillo	
19	Qua.	...	Vicente de Paula, Aurea, Rufina	
20	Qui.	...	Elias, Margarida, Jeronymo, Severa	
21	Sex.	...	Praxedes, Julia, Claudio, Arbogasto	
22	Sab.	...	Maria Magdalena, Meneleu, Theophilo	
23	**Dom.**	...	Herundino, Primitiva, Romula ..	
21	Seg.	...	Christina, Francisco Solano, Aniceta	Pernambuco
25	Ter.	...	Christovam, Valentina, Marcos, Cyro	
26	Qua.	...	Valente, Olympia, Exuperia	
27	Qui.	...	Pantaleão, Cunegundes, Aurelio	
28	Sex.	...	Peregrino, Innocencio, Nazario	Maranhão.
29	Sab.	...	Beatriz, Lucilia, Eugenio, Olavo, Tito	
30	**Dom.**	...	*Sant'Anna*, Donatilla, Abdon, Rufino	Parahyba.
31	Seg.	...	Ignacio de Loyola, Fabio, Democrito	

Neste mez ha 6 dias feriados, uma festa nacional (anniversario da Tomada da Bastilha) e cinco Domingos.

Neste mez esta o dia menor do anno, que é o 11. No dia 11 de Julho o sol nasce para o Rio de Janeiro ás 6 horas e 32 minutos e deita-se ás 6 horas e 28 minutos. Portanto, a 11 de Julho o dia tem apenas 10 horas e 46 minutos e a noite tem 13 horas e 14 minutos.

8· mez — **Virgem** — **31 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Ter.	...	Fé, Esperança, Caridade, Menandro	
2	Qua.	...	Estevam, Affonso Maria de Ligorio	
3	Qui.	...	Lydio, Hermilio, Nicodemos, Estevão	
4	Sex.	...	Domingos, Perpetua, Tertuliano	
5	Sab.	...	Candido, Cantidiano, Afra, Gregorio	Parahyba.
6	**Dom.**	...	Thiago, Xisto, Januario, Feliciano	
7	Seg.	...	Caetano, Donato, Severino, Alberto	
8	Ter.	Ch	Cyriaco, Esmeralda, Emiliana ...	
9	Qua,	...	Romão, Rustico, Marcellino, Firmo	
10	Qui.	...	Lourenço, Asterio, Paula, Deusdedit	
11	Sex.	...	Tiburcio, Suzana, Taurino	
12	Sab.	...	Clara, Graciliano, Hilaria, Herculano	
13	**Dom.**	...	Helena, Radegunda, Cassiano ..	
14	Seg.	...	Euzebio, Athanasio, Demetrio ..	
15	Ter.	Mi	✠ **Assumpção de N. Sra.** Arnulpho	Matto Grosso e Pará.
16	Qua.	...	Jacintho, Roque, Sirena, Simpliciano	
17	Qui.	...	Mamede, Emilia, Paulo, Juliano.	Amazonas.
18	Sex.	...	Firmino, Agapito, Floro, Lauro,	
19	Sab.	...	Luiz, Thecla, Julio, Urbano, Mariano	
20	**Dom.**	...	*S. Joaqnim*, Samuel, Bernardo.	
21	Seg.	...	Umbelina, Joanna, Anastacia, Alipio	
22	Ter.	No	Philiberto, Antusa, Thimotheo ..	
23	Qua.	...	Liberato, Davino, Eleazar, Benicio	
24	Qui.	...	Bartholomeu, Aurea, Patricio, Romão	
25	Sex.	...	Magino, Gregorio, Patricio, Romãoã	
26	Sab.	...	Zephyrino, Simplicio, Constancio	
27	**Dom.**	...	*N. S. da Penha, SS. Coração de Maria*	Espir. Santo
28	Seg.	...	Agostinho, Viviano, Joanna, Hermes	
29	Ter.	...	Candido, Adolpho, Clarimundo.	
30	Qua.	Cr.	Rosa de Lima, Faustino, Bononio	
31	Qui.	...	Raymundo Nonato, Amado, Cesidio	

Neste mez ha cinco dias feriados, um dia santo (o de N. S. da Gloria) e quatro Domingos.

Neste mez ha exames de promoção nas escolas primarias.

9· mez | **Balança** | **30 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA EGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Sex.	...	Egydio, Isabel, Gedeão, Terenciano	
2	Sab.	...	Elpidio, Concordia, Juliano, Estevão	
3	**Dom.**	...	Eufemia, Aristeu, Dorothéa, Serapia	
4	Seg.	...	Candida, Rosalia, Rosa, Magno	
5	Ter.	...	Antonio, Gentil, Macario, Eudoxio	Amazonas
6	Qua.	Ch	Libania, Zacharias, Petronio, Fusculo	Festa Nac.
7	Qui.	...	Regina, Athanagildo, Pamphilo.	
8	Sex.	...	✠ **Natividade N. Sra.** Nestor...	
9	Sab.	...	Sergio, Serafina, Georgonia, Dorothéa	
0	**Dom.**	...	Nicolau, Ventino, Sosthenes, Lucio	
11	Seg.	...	Theodora, Proto, Jacintho, Didimo	
12	Ter.	...	Juvencio, Silvino, Guido, Taciano	
13	Qua.	Mi.	Elogio, Maurilio, Eugenia, Juliano	
14	Qui.	...	Crescencia, Salustia, Cornelio...	
15	Sex.	...	Eutropia, Porphyrio, Nicomedes.	
16	Sab.	...	Cypriano, Lucia, Edith, Euphemia	Alagôas.
17	**Dom.**	...	*Dores de N. Sra.*, Justino, Comba	
18	Seg.	...	Sophia, Thomaz, Irene, Margarida	
19	Tes.	...	Januario, Desiderio, Pomposa...	
20	Qua.	No	Theodoro, Evilasio, Eausto, Philippa	R. G. Sul e Dist. Fed.
21	Qui.	...	Matheus, Ephigenia, Jonas, Pamphilo	
22	Sex.	...	Mauricio, Thomaz, Salaberga...	
23	Sab.	...	Thecla, Urraca, Xantipa, Polyxena	
24	**Dom.**	...	Geraldo, Thyrso, Panfuncio, Ursula	
25	Seg.	...	Firmino, Pacifico, Bernabé, Cleophas	
26	Ter.	...	Calistrato, Justina, Eusebio, Amancio	
27	Qua.	...	Cosme, Damião, Fidencio, Terencio	
28	Qui.	Cr.	Wenceslau, Lioba, Salomão, Marcial	
29	Sex.	...	Miguel Archanjo, Fraterno, Plauto	
30	Sab.	...	Jeronymo, Leopardo, Honorio.	

Neste mez ha 6 dias feriados, uma festa nacional, o anniversario da independencia do Brazil, um dia santo (Natividade de Nossa Senhora) e mais quatro Domingos.

O nome de *Setembro* vem do latim *September*, que queria dizer 7· mez do anno de Roma, que começava em Abril E' o nono mez do anno do nosso calendario.

Neste mez começa a Primavera no dia 23.

10· mez | **Scorpião** | **31 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA EGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	**Dom.**	...	**N. Sra. do Rosario.** Verissimo, Maximo	
2	Seg.	...	Eleuterio, Nilo, Ludgero, Gerino	
3	Ter.	...	Candido, Emilia, Maximiano...	
4	Qua.	...	Francisco de Assis, Petronio, Crispo	
5	Qui.	...	Placido, Flaviana, Victorino, Donato	
6	Sex.	Ch	Bruno, Erothildes, Magno, Fé, Flavio	
7	Sab.	...	Marcos, Sergio, Marcello, Augusta	
8	**Dom.**	...	Brigida, Pelagia, Reparata, Simeão	
9	Seg.	...	Dinysio, Andronico, Anastacia	
10	Ter.	...	Eulampia, Suzana, Beltrão, Gedeão	
11	Qua.	...	Nicacio, Genova, Germano, Quirino	Sergipe
12	Qui.	Mi.	Cypriano, Serafim, Eustaquio...	Festa Nac.
13	Sex.	...	Daniel, Chelidonio, Eduardo, Samuel	
14	Sab.	...	Calisto, Gaudencio, Fortunata...	
15	**Dom.**	...	**N. Sra. dos Remedios,** Amelia, Agileu	
16	Seg.	...	Martiniano, Gallo, Clovis, Canuto	
17	Ter.	...	Heduviges, Florentina, Victor...	
18	Qua.	...	Athenodoro, Paulo, Lucas, Trifonia	
19	Qui.	...	Pedro de Alcantara, Verano, Varo	
20	Sex.	No	João Cancio Xisto, Martha, Aurelio	
21	Sab.	...	Ursula, Celina, Hilarião, Asterio	
22	**Dom.**	...	Maria Salomé, Alodia, Marcos	
23	Seg.	...	Romão, Domicio, João Capistrano	
24	Ter.	...	Raphael Archanjo, Evergisto....	Sergipe
25	Qua.	...	Chrispim, Daria, Bonifacio, Marciano	
26	Qui.	...	Evaristo, Regociano, Felicissimo	
27	Sex.	...	Elesbão, Capitolina, Vicente, Sabina	
28	Sab.	Cr.	Simão, Judas, Cyrilla, Ferrucio, Fara	
29	**Dom.**	...	Bemvinda, Narciso, Zenobio, Eusebia	
30	Seg.	...	Serapião, Eutropia, Lucano, Geraldo	
31	Ter.	...	Quintino, Wolfgango, Nemesio	

Neste mez ha 6 dias feriados, uma data nacional (Anniversario do descobrimento da America) e cinco Domingos.

11° mez — **Sagittario** — **30 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Qua.	...	**Todos os Santos**, Astremonio...	
2	Qui.	...	**Finados**, Tobias, Victorino, Eudoxio..................	Festa Nac.
3	Sex.	...	Malaquias, Humberto, Gregorio.	
4	Sab.	Ch	Carlos Borromeu, Agricola, Modesta..................	
5	**Dom.**	...	Zacharias, Isabel, Silvano, Martinho..................	
6	Seg.	...	Leonardo, Severo, Athico Winoco..................	
7	Ter.	...	Thessalonica, Nicandro, Hilarião.	Bahia
8	Qua.	...	Godofredo, Claudio, Severiano.	
9	Qui.	...	Theodoro, Orestes, Ursino, Agripino..................	
10	Sex.	...	Nympha, Tiberio, Trifina, Avelino..................	Pernambuco
11	Sab.	Mi.	Martinho, Valentim, Feliciano..	
12	**Dom.**	...	Diogo, Levino, Nijo, Nicanor, Paulo..................	
13	Seg.	...	Estanislau, Nicolau, Eugenio, Zebina..................	
14	Ter.	...	Clementina, Venerando.........	
15	Qua.	...	Gertrudes, Leopoldo, Alberto Magno..................	Festa Nac..
16	Qui.	...	Valerio, Ignez, Elpidia, Eustaquio..................	Piauhy, Ceará, Pará
17	Sex.	...	Alpheu, Zacheu, Gregorio, Victoria..................	Sta. Calhar.
18	Sab.	...	Romão, Astrogilda, Parula, Maxima..................	Maranhão
19	**Dom.**	No	Ponciano, Isabel, Barlão, Crispim.	
20	Seg.	...	Felix, Octavio Edmundo.........	Esp. Santo
21	Ter.	...	Demetrio, Honorio, Eleodoro...	Amazonas
22	Qua.	...	Amphiloquio, Philemão, Pancracio..................	
23	Qui.	...	Clemencio, Felicidade, Lucrecia.	
24	Sex.	...	Estanislau, Chrisogno, Florimundo..................	Ceará
25	Sab.	...	Catharina, Jocunda, Alfredo, Moysés..................	
26	**Dom.**	...	*Advento*, Esteliano, Belmiro, Fausto..................	
27	Seg.	Cr.	Margarida de Saboya, Acacio...	
28	Ter.	...	Jacob da Marca, Crescencia....	
29	Qua.	...	Sara, Saturnino, Illuminata.....	
30	Qui.	...	André Troyano, Justina, Placido.	

Neste mez ha sete dias feriados, dous dias santos, uma festa nacional (anniversario da proclamação da Republica) e mais quatro Domingos. Ha uma festa nacional, mas coincide com um dia santo (Finados).

O nome de *Novembro* vem do latim *November*, que assim se chamava por ser o nono mez do anno no calendario romano. Em Roma, Novembro era consagrado a *Diana*.

12° mez — **Capricornio** — **31 dias**

Dias do mez	Dias da semana	Phases da lua	SANTOS E FESTAS DA IGREJA	Festas Nacionaes, Estadoaes e Dias Santos
1	Sex.		[illegible]ico, Deodoro, Lucio, Ma[illegible]o..................	
2	Sab.	...	Bibiana, Aurelia, Paulina, Marcello..................	
3	**Dom.**	Ch	Francisco Xavier, Safonias, Claudio..................	
4	Seg.	...	Barbara, Osmundo, Bernardo	
5	Ter.	...	Geraldo, Sabbas, Chrispina.....	
6	Qua.	...	Nicolau, Leoncio, Davina, Bonifacio..................	
7	Qui.	...	Marinonio, Fara, Ambrosio, Servo..................	
8	Sex.	...	† **Conceição de N. Sra.** Romaria..................	
9	Sab.	...	Leocadia, Gorgonio, Gregorio..	Mat. Grosso
10	**Dom.**	Mi.	Melchiades, Eulalia, Hermogenes	
11	Seg.	...	Damaso, Franco, Sabino, Ponciano..................	
12	Tec.	...	Justino, Mercuria, Crescencio...	
13	Qua.	...	Othilia, Orestes, Auxencio, Luiza..................	
14	Qui.	...	Eutropia, Pompeu, Esperidião	
15	Sex.	...	Eusebio, Irineu, Victor, Theodoro..................	S. Paulo
16	Sab.	...	Mizael, Adelaide, Ananias, Azarias..................	Goyaz
17	**Dom.**	...	Vivina, Lazaro, Floriano, Victor	
18	Seg.	No	Braziliano, Theotimo, Victorino	
19	Ter.	...	Fausto, Cyriaco, Urbano, Nemesio..................	Paraná
20	Qua.	...	Domingos, Philogonio, Macario	
21	Qui.	...	Themistocles, Glycerio, Severino	
22	Sex.	...	Honorato, Flaviano, Demetrio...	
23	Sab.	...	Servulo, Victoria, Evaristo, Mardonio..................	
24	**Dom.**	...	Gregoriano, Irmina, Luciano, Zenobio..................	
25	Seg.	...	† **Natal** Eugenia, Anastacia.....	Esp. Santo
26	Ter.	Cr.	Estevam, Arquelau, Dionysio, Zozimo..................	
27	Qua.	...	João Evangelista, patrono dos typographos..................	
28	Qui.	...	*Santos Innocentes*, Theophila...	
29	Sex.	...	Thomaz, David, Ebrulpho, Trophimo..................	
30	Sab.	...	Anysio, Venunciano, Marcello	
31	**Dom.**	...	Silvestre, Nominanda, Columba	

Neste mez ha 6 dias feriados que são: um dia santo (Nossa Senhora da Conceição) e cinco Domingos.

No dia 16 começam os exames na Escola Normal.

Neste mez fecham-se no dia 15 as aulas na Escola Normal e nas escolas primarias.

Neste mez está o dia maior do anno, que é o dia onze. A 11 de Dezembro o sol nasce para o Rio de Janeiro ás 5 horas e 9 minutos, e deita-se ás 6 horas e 38 minutos. Portanto, a 11 de Dezembro o dia dura 13 horas e 29 minutos, ao passo que a noite dura apenas 10 horas e 31 minutos.

CONDÃO

4) Começou então a dourar todos os utensilios da cozinha, bem como os moveis.

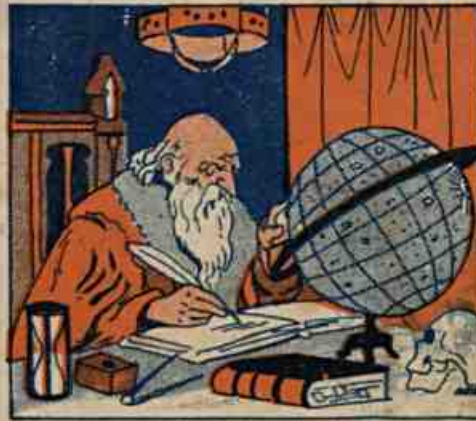
3) Fortuna disse a Rosa, que tudo que ella tocasse ... varinha transformar-se-ia em ouro. A menina ...eceu commovida.

7) No mesmo instante o reino se tornou em ouro e todos os habitantes, ficaram ricos.

...fundiu-se e a terra voltou ao seu estado primitivo. Violeta, invocára o ...quezas.

11) E o rei muito contente desfez o primeiro casamento, casando seu filho com Violeta.

O BURRO ASTROLOGO

1) O rei Luiz XI, embora não fosse um espirito mediocre, acreditava firmemente nas mais infantis supertições e tinha em sua côrte varios alchimistas e feiticeiros.

2) Entre esses havia um astrologo italiano chamado *Galeotti*, que pretendia prever todos os acontecimentos pela observação dos astros.

3) Um dia, querendo organisar uma caçada, o rei perguntou á *Galeotti* se o tempo estaria bom e o astronomo respondeu :—Estará magnifico.

4) Acreditando nessa prophecia, Luiz XI partiu para a caçada com toda a sua côrte. No caminho o rei, que estava de bom humor dirigiu a palavra a um carvoeiro, que passava...

5) ... e este lhe disse : — Meu senhor, volte já para casa porque vai chover muito. O rei poz-se a rir sem acreditar nessas palavras, que desmentiam...

6)... a alta sciencia de *Galleotti* E continuou a caçar alegremente, mas de subito ou viu-se um trovão, logo depois outro e .

7)... começou a chover torrencialmente, obrigando o rei a voltar para o palacio, furioso e molhadissimo.

8) Como era de esperar, Luiz XI foi severamente pedir explicações a *Galeotti* e quasi o mandou enforcar

9) Depois ordenou que fossem procurar o carvoeiro, que com tanta segurança lhe havia predito o máu tempo...

10)... e perante toda a côrte perguntou-se : —Diga lá amigo, em que escola conquistou toda a sciencia, que lhe permitte advinhar o tempo ?

11) Qual senhor—responde o carvoeiro—quem advinha o tempo não sou eu, é o meu burro. Quando elle abana as orelhas já sei que vem vento; quando elle coça as costellas nas arvores...

12)... isso é signal infallivel de grande chuva. O rei riu-se muito e para castigar Galeotti nomeou o carvoeiro e o burro seus collegas.

1) Rosa e Violeta eram duas irmãs muito parecidas. A primeira era muito má e a segunda de uma bondade nunca vista.

2) Uma vez chorava Rosa, quando lhe appareceu a fada fortuna, promettendo fazel-a rica. Para isso, deu-lhe uma varinha de condão de ouro.

5) Sabendo disso, o rei mandou pedir a mão de Rosa para seu filho.

6) Mas, um dia que o principe reprehendia Rosa esta atirou a varinha ao chão.

8) No fim de pouco tempo, viram porém que o ouro não trazia felicidade, pois não se podia comer ouro. Morriam todos de fome.

9) Felizmente Violeta escondera no bolso do avental, um pão de trigo. Tirou a camada d'ouro que cobria a terra e plantou-o.

10) A cre… trabalho, unica …

O MONSTRO

1) Era uma vez um rei poderoso e rico, mas, seu maior favorito era uma filha alcunhada a princeza dos cabellos de ouro devido a sua vasta cabelleira.

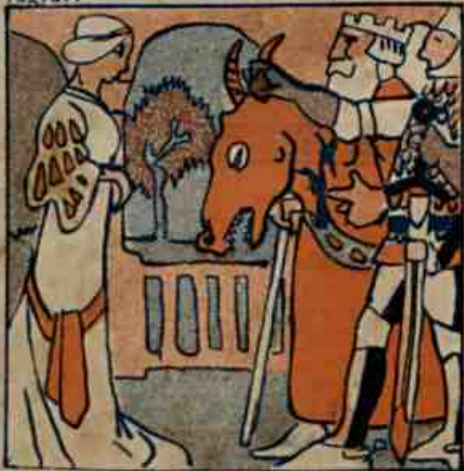
2) Muitos barões, condes e principes haviam pedido sua mão, mas, a todos o rei respondia que sua filha escolheria quem julgasse digno de ser seu esposo.

3) Ora, havia na vizinhança um monstro horrivel, que tinha a gueia em fogo espargindo chispas. A cabeça era de cão o corpo de cavallo e as patas de ave de rapina.

4) Como continuassem os pedidos de casamento, a princeza, disse que casaria com aquelle que matasse o dragão, que devastava o paiz

5) Todos os fidalgos desmaiaram vendo o dragão, salvo dous que iam na retaguarda: Torcino que vendo seus camaradas, tombar fugiu..

6) ... e Tintagelo, que, corajosamente, se atirou sobre o monstro. Com um golpe de espada decepou-lhe a cabeça mas cansado com a lucta desmaiou.

7) Ora, Torcino, escondido atraz de uma arvore assistira ao combate de Tintagelo. Vendo-o desmaiado julgou-o morto, e apoderando-se da cabeça do monstro levou-a em triumpho ao castello.

8) Arrogante, apresentou a cabeça ao rei e a princeza dos cabellos de ouro. Estes ficaram muito surpresos, pois sabiam quanto Torcino era poltrão.

9) O rei, ia dar a mão a sua filha á Torcino, quando appareceu Tintagelo. «Cavalheiro—disse elle não passa de um impostor e de um covarde.

10) «O senhor não teria coragem para matar o monstro». —O rei e a princeza nos julgarão.— Eis a cabeça que decepei!—disse Torcino.

11) ... Essa lingua do monstro que cortei antes de o degollar, tinha-a na mão quando desmaiei redarguio Tintagelo

12) Torcino foi expulso do reino, e o rei abençoou o consorcio da princeza com Tintagelo.

O ANNO NOVO

Ha certas festas que se conservaram sempre com a mesma pompa e outras que tendem a desapparecer.

Entre as primeiras, está o «Anno Novo».

E' muito curioso ver-se como era elle festejado pelos povos da antiguidade.

Os romanos, que foram os iniciadores de tal festejo, revestiam-n'o de toda a solemnidade.

Como em nossos dias, quando se approximava o anno novo, que para elles cahia nas calendas de Janeiro, enviavam aos amigos presentes: figos seccos, mel e até dinheiro.

Chamavam isso, dar «strena», e tanto os ricos como os pobres, não podiam esquivar-se a a esse costume.

Começaram enviando aos magistrados, em signal de veneração, ramalhetes de flores, colhidas nos bosques sagrados da deusa Strena.

Mais tarde, como veremos, tal uso modificou-se.

Nos grandes dias de Roma, o Palatinado armava-se em gala para offerecer as festas ao chefe do Estado.

Nas calendas de Janeiro, os novos magistrados, tomavam posse dos seus cargos. Depois de celebrado um sacrificio no Capitolio, desciam para prestar juramento no Forum, (praça das assembleas publicas e eleições em Roma); depois o resto do dia era consagrado ao trabalho. A ociosidade parecia ao povo romano, um mau augurio para o resto do anno.

O 1° de Janeiro era portanto em Roma um dia grave, e os festejos joviaes eram transferidos para as Saturnaes, que tinham logar a 16 deDezembro.

Estas festas, diz a legenda, terem sido instituidas pela deusa Juno, em honra a seu hospede Saturno, educador dos Latinos na arte da agricultura.

Durante essas festas, desappareciam todas as distincções sociaes.

Todos eram iguaes e os escravos occupavam por vezes os logares dos patrões, passando estes a servil-os, como podem ver nos vasos antigos e em certas gravuras.

Durante as Saturnaes, as escolas e o fôro conservavam-se em férias, e os escravos, tendo na cabeça um gorro caracteristico, entregavam-se a todos os prazeres, cantando pelas ruas da cidade e, em geral, completamente embriagados.

Nas casas particulares, os moradores retiravam-se para o interior, pois a cidade estava entregue ao povo em desordem.

Das festas que tendem a desapparecer, as principaes são: S. João, S. Pedro e S. Antonio, que já não são hoje festejados com a mesma pompa de outr'ora. Vôvô.

1) Vovô a gazeta lia,
Sob mangueira frondosa,
Ao lado o cachimbo ardia
Em fumarada gostosa

2) Seu netinho, endiabrado,
Ao notar que elle dormira, —
«Deixal-o todo molhado: —
Foi o plano que surgira

3) E um esguicho apanhando,
Pelo cachimbo elle troca.
A dormir continuando,
Vovô não vê a mashorca.

4) O registro abrir, só falta! —
Grita Cazuza, a pular.
E de facto! O gran peralta
Faz o velho se molhar!

(Nota — Não nos foi possivel descrever em versos a sova, que, merecidamente, o mau netinho levou).

O MENINO E O PASSARO CAPTIVO

Ao travesso Chiquinho:

Era uma vez um menino muito máu, chamado Alberto; tinha o costume de, quando regressava da escola, em vez de estudar, ir para o jardim de sua casa, divertir-se com os pobres passarinhos, atirando-lhes pedras.

Um dia apanhou um lindo passaro e, apertando-o entre as suas mãos, disse-lhe com voz arrebatada:

— Tu vais cantar. Se não cantares, prender-te-hei numa gaiola, para nunca mais sahires.

O pobre passaro não cantou, e foi preso. A principio o pobresinho suppunha estar entre grades de ferro. O passaro, acostumado a viver solto e comendo o que queria, agora obrigado a viver solitario, ficou triste, muito triste, até que um dia quando amanheceu estava morto.

Se tendes um passaro preso, dai-lhe a liberdade! Que saudades dos filhinhos elle terá! Como deve doer-lhe o ver-se preso!

Soltai-o! Soltai-o!

Abigail de Souza Neves. (13 annos).

CALENDARIO PARA 1911

Festas religiosas moveis

19 Fevereiro — Septuagesima.
26 » — Sexagesima.
5 Março — Quinquagesima (Carnaval).
8 » — Quarta-feira de Cinzas.
12 » — Quadragesima (Quaresma Pinhata).
9 Abril — Domingo de Ramos.
12 » — Quarta-feira de Trevas.
13 » — Quinta-feira de Endoenças.
14 » — Sexta-feira da Paixão.
15 » — Sabbado de Alleluia.
16 » — Domingo de Paschoa.
23 » — Domingo de Paschoela (Quasimodo).
7 Maio — Patrocinio de S. José.
7 » — Maternidade de N. Senhora.
22 » — Rogações.
23 » —
24 » —
25 » — Ascensão de N. Senhor.
4 Junho — Domingo de Espirito Santo (Pentecostes).
11 » — Santissima Trindade.
15 » — Corpo de Deus (*Corpus Christi*).
23 » — Santissimo Coração de Jesus.
25 » — Pureza de N. Senhora.
30 Julho — Sant'Anna.
20 Agosto — S. Joaquim.
27 » — Santissimo Coração de Maria.
27 » — N. Senhora da Penha.
17 Set. — Dores de N. Senhora.
1 Outub. — Nossa Senhora do Rosario.
15 » — N. Senhora dos Remedios.
12 Novem. — Patrocinio de N. Senhora.
26 » — 1° Domingo do advento.
3 Dez. — 2
10 » — 3
17 » — 4

Festas religiosas fixas

1 Janeiro — Circumcisão de N. Senhor.
6 » — Os reis magos (Epiphania).
2 Fever. — Purificação de N. Senhora.
25 Março — Annunciação N. Senhora.
24 Junho — S. João Baptista.
29 » — S. Pedro e S. Paulo.
15 Agosto — Assumpção de N. Senhora.
8 Setem. — Natividade de N. Senhora.
1 Novem. — Todos os Santos.
2 » — Finados.
8 Dezem. — Conceição de N. Senhora.
25 » — Natal.

Festas nacionaes

1 Janeiro — Confraternisação da humanidade.
24 Fever. — Promulgação da Constituição Federal.
21 Abril — Execução de Tiradentes em 1792.
3 Maio — Descoberta do Brazil em 1500.
13 » — Extincção da escravatura em 1888.
14 » — Commemoração da Republica da liberdade e da independencia dos povos americanos.
7 Setem. — Independencia do Brazil em 1822.
12 Outub. — Descoberta da America em 1492.
2 Nov. — Commemoração geral dos mortos.
15 » — Proclamação da Republica em 1889.

Feriados estadoaes

Amazonas — 1 Julho — Installação do Congresso Constituinte.
10 Julho — Libertação dos escravos.
17 Agosto — Constituição estadoal.
7 Setem. — Creação da provincia do Amazonas.
21 Nov. — Adhesão á Republica.
Pará 22 Junho — Constituição estadoal.
15 Agosto — Adhesão á independencia.
16 Nov. — Adhesão á Republica.
Maranhão — 28 Julho — Constituição estadoal.
18 Nov. — Adhesão á Republica.
Piauhy — 24 Jan. á independencia.
13 Jun. — Constituição estadoal.
16 Nov. — Adhesão á Republica.
Ceará — 25 Março — Emancipação dos escravos.
— 12 Julho — Constituição estadoal.
Ceará — 16 Nov. — Adhesão á Republica.
— 24 Nov. — Adhesão á independencia.
R. G. Norte — 19 Março — Installação do governo republicano em 1817.
7 Abril — Constituição estadoal.
12 Junho — Execução de frei Miguelino em 1817.
Parahyba — 30 Julho — Constituição estadoal.
5 Agosto — N. Sra. das Neves, padroeira do Estado.
Pernamb. — 27 Janeiro — Restauração de Pernambuco do dominio hollandez em 1624
6 Março — Revolução republicana de 1817.
17 Junho — Constituição estadoal
24 Julho — Proclamação da Republica do Equador, em 1824.
10 Nov. — Primeiro brado da Republica por Bernardo V. de Mello, em 1710.
Alagoas — 15 Março Installação da 1ª assembléa provincial
11 Junho — Constituição estadoal.
16 Setemb. — Creação da provincia de Alagoas.
Sergipe — 18 Maio — Constituição estadoal.
8 Julho — Elevação a capitania independente.
11 Outub. — Reforma da Constituição.
24 Outub. — Chegada do 1° governador.
Bahia — 2 Julho — Constituição estadoal.
7 Nov. — Revolução de 1837 (Sabinada).
Esp. Santo 2 Maio — Constituição estadoal.
23 Maio — Povoamento do territorio do Estado.
12 Junho — Execução de Domingos José Martins, em 1817.
27 Agosto — Festa de N. Sra. da Penha.
20 Nov. — Adhesão á republica.
25 Dez. — Natal.
Rio de Jan. 9 Abril — Constituição estadoal.
Dist. Fed. — 20 Janeiro — Fundação da cidade do Rio de Janeiro.
20 Setemb. — Lei organica.
S. Paulo — 8 Julho — Installação do congresso constituinte.
14 » — Constituição estadoal.
15 Dez. — Restauração da legalidade.
Paraná — 7 Abril — Constituição estadoal.
19 Dez. — Installação da provincia em 1853.
Sta. Cath. — 11 Junho — Constituição estadoal.
17 Nov. — Adhesão á Republica.
R. G. do Sul 14 Julho — Constituição estadoal.
20 Set. — Revolução de 1835.
Minas — 7 Abril — Installação do congresso constituinte.
15 Julho — Contituição estadoal.
Goyaz — 13 Julho — (Reforma).
16 Dez. — Adhesão á independencia.
M. Grosso — 22 Jan. — Adhesão á independencia.
13 Junho — Retomada de Corumbá em 1868.
15 Agosto — Constituição estadoal.
9 Dez. — Adhesão a Republica

OS TERRIVEIS

— Papai, é verdade que quando eu nasci não tinha nome?
— E, meu filho.
— Mas então, como foi que o senhor me conheceu?

ESCOLA PUBLICA EM MANAUS

As alumnas sob a direcção da professora normalista senhorita Maria Araripe Monteiro, executando a gymnastica sueca.

Exercicios gymnasticos por uma turma de alumnos.

O CONTO DE NATAL

A bôa velha sentou-se num banquinho, e os meninos, anciosos para ouvirem a historia que ella dizia veridica e que promettera contaria no dia de Natal, rodearam-n'a fazendo uns aos outros signaes para guardarem silencio.

Depois de passar as mãos pelas rugas da testa, como para fazer voltar a memoria um facto ha longos annos consumado, começou a fallar assim:

«Meus netinhos, morava eu em Friburgo, para onde viera de minha terra, a Suissa. A bella cidade de hoje achava-se ainda plantada com nossas roças quando isso, que vou contar aconteceu.

Havia-me empregado na casa do homem mais rico da visinhança para tomar conta de seu filho, um rapazola. Era tão arteiro quanto desobediente e orgulhoso; não fazia caso das creanças pobres, e, quando as chamava para brincar, fazia-as puxar seu carro, mas não permittia que nelle entrassem.

Proximo á casa de meu amo havia a de um colono, que era pobre e tinha tambem um só filho, muito docil e bonzinho, com quatro annos apenas de edade.

Na vespera do grande dia de Natal, as creanças collocavam os sapatinhos nas portas, conforme os pais lhes ensinavam para receberem um presente.

O filho do visinho, que era, como ja disse, muito obediente, poz tambem seus tamanquinhos junto ao portal da cabana.

Seus pais ao verem-n'os, não puderam conter as lagrymas, pensando na triste decepção que teria quando, ao amanhecer, não encontrasse presente algum.

Aquella tarde foi de muita alegria para o pequeno Paulo, assim se chamava elle, emquanto que sua mãi tinha o coração oppresso por uma dôr suprema, vendo-se nos braços da miseria, sem poder dar ao idolatrado filho, tão meigo, a recompensa de sua bondade.

Anoiteceu e todas as casas se fecharam.

Como de costume desde a infancia, na vespera de Natal, fui assentar-me no jardim para vêr romper a madrugada. Pouco depois vi luzes em todas as casas e pessôas que, sahindo do interior, punham brinquedos nos sapatinhos dos meninos, fechando novamente as portas.

Prestei attenção para vêr se o mesmo acontecia na casa do pequeno Paulo, mas lá continuavam vasios seus velhos tamanquinhos.

Pobre creança—pensei—como seria bom se eu podesse dar-lhe alguns brinquedos...

Affligia-me esse pensamento, senti pesada a cabeça e quando, olhando para o céu coberto de estrellas, pareceu uma grande nuvem branca que, passando deante da lua, ensombrava a terra. E descia, descia sempre, e já estava mais baixa do que uma palmeira, quando se illuminou tanto, que seus raios me offuscaram a vista.

Vi então um menino, com a fronte aureolada, ir á porta da cabana de Paulo e lá deixar um presente.

Apesar do temor que a principio se apoderou de minh'alma, corri á cama do filho de meu amo e trouxe-o para que tambem recebesse uma dadiva.

A nuvem já começava a subir quando lá cheguei, e, ajoelhando-me levantei meu joven amo nos braços, exclamando:

—Jesus, Jesus, este tambem é teu irmão!

E logo ouvi as palavras de Jesus quando, em sua peregrinação na terra, animava os fieis apostolos:— «Sómente o que fizer a vontade do pai é meu irmão.»

Meus netinhos, eu impressionei-me, pensando nos desgostos do pobre Paulo, quando acordasse; dormira e sonhára toda aquella fantasia. Sim era uma fantasia; mas guardem bem esse exemplo, meus netinhos—concluio a velha — pois talvez lhes seja mais proveitoso do que quantos brinquedos receberam hoje.»

E. Lima

Nova Friburgo—1910

Na Escola do 8º Districto. Grupo de alumnas feito no dia da festa de encerramento das aulas.

O lenhador e a orphã

Edith, encantadora menina de 12 annos, andava solitariamente pelas estradas asperas da floresta, em uma noite tristonha de inverno.

A orphã, extenuada pelo frio e pela fadiga das longas viagens, que fizera em procura de um abrigo para a sua miseria, cahe pesadamente sobre a estrada lamacenta.

Um tremor subito crispa-lhe o corpinho da palidez do marmore e ella, toda encolhida, procura resguardar-se dos rigores do frio nas vestes despedaçadas.

Subito, ouve um rumor surdo que se approxima. Quer levantar-se, mas faltam-lhe as forças.

Ergue a custo a cabecinha, vê ao longe um vulto que se move e sente o coração pulsar lhe com violencia sob o seu peito.

Um tremor se apodera de seu ser e desfallece sobre a estrada onde a chuva cahe com um estrepito monotono e funebre.

* * *

O lenhador que se approximava da menina, voltava do labor diario, e, tomando-a nos braços, envolve a sua cabecinha loura, no seu grosso manto.

Segue assim, com o fardo da desventura por entre arvoredos mirrados, de onde grossos pingos d'agua vêm cahir sobre as suas cabeças.

Pedro — assim se chamava o lenhador — chegando á sua choça, deposita Edith sobre um pequeno estrado de madeira e, com modo paternal, consegue chamar á vida a errante menina das florestas.

De um canto da palhoça parte um gemido surdo. O lenhador precipita-se sobre um leito, onde sua filhinha padece. Emquanto Pedro procura soccorrer sua filha enferma, Edith contempla o espectaculo, que se desenrolla deante de seus olhos espantados.

Sente que as lagrymas invadem a sua alma juvenil e um soluço debil resoa pelo aposento...

Edith chora, compadecida pela sorte da filha d'aquelle que a salvára de uma morte horrivel—a fome.

O lenhador toma o corpinho gelido da filha nos seus braços musculosos e uma torrente de lagrymas deslisa sobre o corpo da desventurada...

* * *

Passam-se os dias.

Quando o sol derrama sobre as florestas cascatas de ouro, Edith, em companhia do lenhador, segue para os campos, onde os passarinhos entoam canções melodiosas.

O pobre Pedro, apoiado sobre um tronco de carvalho, recorda-se dos dias felizes que passara durante a sua vida. Porém um consolo ainda lhe resta sobre o mundo. Edith ainda vive para suavisar-lhe a ausencia da filhinha

....

A' tarde, quando o occaso se tinge de uma côr violacea, voltam os dous companheiros para a choupana, onde vivem felizes no seio das florestas silenciosas.

Erasmo Bertini

Os nossos amiguinhos Carlos, de sete annos, e Armando, de trez, filhos do Sr. Adriano Vaz de Carvalho, commerciante nesta Capital.

A RAINHA DE UM DIA

CONTO DO DIA DE REIS

ISTO passou-se ha muito tempo, num antigo castello construido á margem de um rio.

O senhor d'essa magnifica vivenda havia já bastante tempo que não ria, muito triste, por haver perdido de uma só vez seus trez filhos, numa guerra. D'estes só lhe restava uma lembrança — uma menina, filha do filho mais velho.

Tal legado ainda mais acabrunhava o velho castellão.

Nessa epocha festejavam-se os «Reis» isto é, dividia-se entre as pessôas da familia e amigos um grande bolo onde se occultava uma fava. Aquelle em cujo pedaço fosse encontrada a fava era rei considerado por um dia e podia escolher quem quizesse para compartilhar de throno. Era senhor absoluto durante todo o tempo do seu reinado.

Ora, apezar das suas tristezas, o castellão consentiu que se festejasse tambem o dia dos «Reis» no castello, afim de divertir sua neta, a pequenina Lucia.

Mas só deu seu consentimento, depois da seguinte recommendação:

— Se a fava cair por sorte a uma moça ou senhora, previno a que não quero ser escolhido para rei; com esta condição permitto que se divirtam e assistirei a festa. Quero que todos brinquem muito e para isso não tomo parte com a minha tristeza; como sabem para mim não ha mais diversões na terra! Os velhos são velhos e os moços folgazões; portanto tristezas para uns e alegria para outros.

A' noite sentaram-se todos á mesa; o castellão na cabeceira, depois creanças, amigos e servidores.

O bolo foi carregado numa especie de andor coberto por uma toalha alvissima de linho e inteiramente bordada com ramos e rosas do Natal.

Dividiram-n'o entre todos, reservando a parte do pobre.

A fava cahiu por sorte a Lucia que, com toda a magestade que lhe investia a ceremonia, deixou-se paramentar e cingira fronte com uma bellissima corôa. Deante della foi collocada outra corôa ainda mais linda.

Lucia lançou os olhos pelas pessôas presentes e estava muito triste por não ter encontrado uma ao seu agrado para rei, quando bateram á porta.

Vinham reclamar a parte do pobre. E a pessôa que assim fazia era um velho, andrajosamente vestido, tendo um gorro na cabeça.

Sob o gorro appareciam mechas de cabello em desalinho. Ao pedir a sua parte o pobre tremia.

Lucia levantou-se e correu até elle com a corôa na mão, como era de costume.

— Pobre como és, — disse ella — *faço-te rei: manda e serás servido.*

Elle pediu então com voz mais calma:

— Gentil rainha, peço-te um logar á tua direita e para meu companheiro, que ficou da parte de fóra do castello, outro logar á tua esquerda.

O castellão indignado com a escolha feita por Lucia e com a audacia do pobre, exclamou:

— Olá, que pensas então?.. Achas que...

Mas, Lucia lhe disse:

— Lembre-se que neste instante é um famulo d'esse pobre.

Ella sorria; e é preciso accrescentar que tinha o rir mais bonito dentre os risos mais bonitos, que emolduravam de vez em quando o rosto de uma santa.

De seu barrete de seda azul, bordado de prata escapavam-se duas compridas tranças, que pareciam feitas d'ouro; suas faces roseas pareciam duas auroras; seus olhos, estrellas e flôres, brilhavam numa suave luz azul.

O castellão, no emtanto adorava esta creança, não devido á sua belleza, rara e soberana, mas porque parecia feita de graça e de sorriso.

E só ella conseguia por vezes divertil-o.

Não ousou magoal-a e sentidissimo murmurou:

— Pois bem, pobre de hontem e pobre de amanhã, sê rei por hoje e mostra-nos, se tens bastante audacia para isso, como se deve sustentar um sceptro!

O pobre levantou-se, sacudindo a cabeça; a barba cobria-lhe por completo o peito. Sua voz agora, cheia e vibrante, occupava toda a sala quando dava uma ordem.

— Vão buscar meu companheiro; encontral-o-hão sentado no primeiro degráu do castello.

Deram-se pressa em cumprir as ordens do novo rei, e uma criada conduziu pela mão um segundo pobre, tambem mal vestido, e coberto por uma capa em frangalhos.

— Esse typo parece que nunca lavou o rosto, — disse o castellão zombando.

Mas, o primeiro pobre acudiu:

— Não, porque elle jurou não laval-o até que houvesse beijado aquelles a quem ama na terra. Vamos pois jantar!

— Pois não — atalhou a pequena rainha — E's rei, mandas, não pedes.

Serviram-lhe o que restava, um quarto de javali.

O rei de um dia cortou um soberbo pedaço, depois outro, outro ainda sem nelles tocar...

Então, o castellão não poude conter uma gargalhada. Todos o acompanharam.

— Pena é que não tenhamos um outro quarto. Esse pobre acharia logar para guardal-o! Seu companheiro, não faz senão regar seu primeiro pedaço.

Teria jurado comer de tal fórma?

O primeiro pobre estendeu seu copo e exclamou:

— Que todos aqui bebam quando o rei beba! Bebe, linda rainha de olhos azues, beba senhor Hugo; bebe tu tambem, senhor dos oceanos.

Copos ao alto! E tu nobre avô de minha rainha, se

O bolo foi carregado com toda a solemnidade...

quizeres alguma cousa é só pedir, pobre como sou, tenho algum poder!...

Mas o velho castellão passou a mão sobre a fronte como para afastar um máu pensamento.

—Cala-te — disse-lhe — rei de mentira!

Esse nome *Hugo* que dás a teu companheiro é um nome de nobreza. Onde o obtiveste? Não é dado a qualquer mendigo usal-o!

Ah! meu filho mais velho assim se chamava, e ha dez annos que morreu. Rei coroado de papel e ouro falso, acabou-se a festa.

Irão encher teu sacco para que possas saciar a fome que é grande... Tenho piedade de ti e não levo a mal tuas brincadeiras.

Se eu tivesse que pedir alguma cousa, seria tornar a ver meu filho Hugo que ninguem me pode trazer. O imperador, elle proprio, com todo o seu poder não conseguiria... resuscital-o. Portanto não me perguntes se quero alguma cousa.

O pobre poz-se de pé altivamente, collocou a mão sobre a cabeça de seu companheiro, e disse:

—Hugo levanta-te, permitto agora que falles. Homem aqui está teu filho; se dez annos de captiveiro não o desfiguraram completamente reconhece-o.

O companheiro do pobre, tirando a capa, ajoelhou-se, aos pés de seu pai. Este, semi-louco de alegria, reconhecia-o entre lagrymas, como uma mulher humilde e fraca ante taes commoções.

Depois o filho, desprendendo-se dos braços do pai que o enlaçava, dirigiu-se ao pobre dizendo:

Hugo feito prisioneiro na guerra ficara captivo durante dez annos...

—Meu pai, esse pobre que ahi vês está habituado a corôas.

E' chamado em toda a parte o Grande... Sim, é o imperador Othon nosso chefe. Foi elle quem me resgatou do captiveiro e aqui me trouxe.

Todos os que ahi se encontravam, confusos e mudos, conservavam-se de pé, por isso que o imperador Othon o Grande, inspirava respeito pela sua valentia e saber.

O velho castellão estendeu a mão ao imperador, que não havia reconhecido sob os andrajos, e disse:

—Imperador, minha vida te pertence, bem como a de todos os meus e como a de meu filho, que acabas de trazer. Agora posso morrer, tenho alguem, que me succeda.

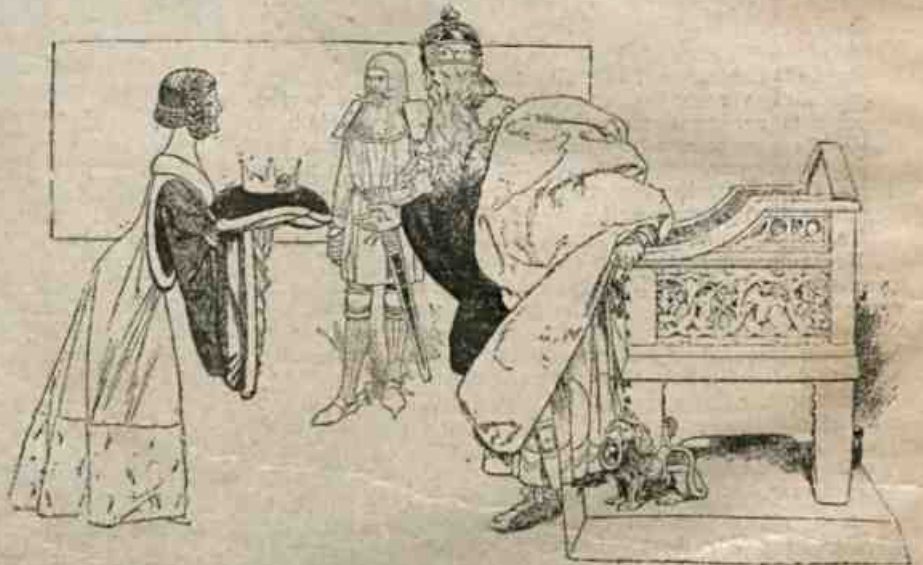
Hugo tomara a filha nos braços, bem como sua mulher e apertara-as contra o coração.

O imperador depositou sobre a fronte da menina, um terno beijo.

— Pequena rainha—disse elle, serei teu pobre e o rei de tua escolha. Dentro de oito annos se eu ainda viver, leva-me a fava, que ficou em meu copo e a corôa, que me destes. Ordeno. Parto deixando todos felizes e prohibo que me sigam.

Detendo com um gesto aquelles que lhe queriam agradecer, deixou a sala, desceu a grande escada e tocou uma campainha de prata que trazia escondida no cinto.

Então, ouviu-se uma cavalgada, e viu-se pelas janellas do castello os homens d'armas, que vinham buscar o imperador Othon.

Oito annos mais tarde, a filha do conde Hugo levou a

Oito annos depois Lucia levou-lhe a fava e a corôa

fava e a corôa; o imperador em troco d'esses objectos deu-lhe um sacco com ouro para o seu dote e em troca da corôa, outra de conde, dando-lhe um lindo rapaz para esposo.

Até o fim de sua vida teve muita honra em ser *seu pobre* e receber a esmola de sua amizade. Chamava-a a pequena rainha e fez guardar a fava em seu thesouro, ao lado das perolas raras.

Tinha garbo em dizer:

— Aquelles que me fizeram imperador escolheram-me em meu poder. Mas, aquelles que me fizeram rei, escolheram-me na pobreza, eis porque os prefiro.

Izilda e Sebastião, nossos interessantes leitores, residentes na cidade do Porto, Portugal

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO

As maravilhas do mundo !... Essas palavras evocam como em um sonho todo o esplendor das cidades mortas. Quem desconhecerá, pelo menos de nome, essas sete provas do apogeu de grandeza a que attingiram as civilisacões antigas ? Um illustre archeologo Marcel Dieulafoy, vai dar-nos numa esplendida viagem a explicação nitida e concisa d'esse sonho. Guiará nossos leitores para os sete pontos sublimes do mundo antigo, tão fiel e magnificamente reconstituidos pelo pintor Lupka.

O pharol de Alexandria — Immenso e massiço, tendo em torno do corpo uma escada enrolada em espiral, o pharol de Alexandria guiara, ha vinte e cinco seculos, o navegante. Durante o dia, pela fumaça que se desprendia de seu fogo eterno á noite, pelo brilho que, no dizer de muitos, era inextinguivel como o das estrellas.

MEU pai — começa elle — um abastado constructor de navios, que suas occupações não haviam feito descuidar do culto das Bellas Artes, enviou-me, ainda muito joven, a casa de um amigo, que morava em Athenas.

Essa cidade, como sabem, é a antiga capital da Attica e a cidade principal da antiga Grecia. E' composta de duas partes: 1º ACROPOLE ou cidade alta e baixa; 2º Os trez portos *Pireo, Munychia, Phanra*, reunidos á cidade pelos *muros compridos* construidos no reinado de Pericles, que reformou a cidade de 460 a 429 ant. C. Mais tarde Xerxes deitou-lhe fogo no anno 480.

Devia a sua superioridade entre as outras cidades pelo crescido numero de edificios e monumentos publicos, bem como por seus philosophos, escriptores e artistas.

Sua historia foi gloriosa nos tempos das guerras medas, depois das quaes se tornou uma potencia maritima de primeira ordem com Themistocles, Aristides, Cimon e Pericles. A guerra do Peleponeso diminuiu um pouco seu poder politico, em proveito de Sparta, mas sem nunca perder laives da sua supremacia artistico-litteraria.

Um seculo mais tarde foi com Demosthenes o ultimo campeão da liberdade hellenica, contra a Macedonia.

Devido a seu papel saliente no mundo antigo, foi-lhe dado o nome de ATHENAS, empregado para designar todas as cidades onde floresciam as lettras, as artes e o espirito.

Comecei então a frequentar as aulas das maiores sumidades d'esse tempo, acompanhando as lições dos philosophos, mas o que mais me prendia a attenção era a Historia e a Geographia.

De meus primeiros annos, passados á beira-mar, guardara eu certa inclinação para as grandes viagens.

Esta inclinação tornou-se em Athenas imperiosa. Voltei a Syracusa e consegui então a permissão de meu pai para ir visitar as maravilhas do mundo, que haviam servido de assumpto para tantas e tantas lendas lindissimas.

Por esse tempo ia ter logar a CXXXVIII OLYMPIADA (Periodo de 4 annos que mediava entre duas celebrações consecutivas dos jogos olympicos). Embarquei-me para Halicarnasse. Meus pais e amigos acompanharam-me até o porto.

Os dias succederam ás noites, o mar era calmo e, por linda manhã, o piloto annunciou que haviamos entrado nas aguas de Rhodes.

Contam que todos os navios que por alli passam têm que atravessar por sob as pernas do celebre colosso. E assim foi; desembarcámos.

Minha primeira illusão succumbiu ante a realidade. A estatua de bronze, executada por Chares de Lindos e terminada durante a CXXIV olympiada, elevava-se na extremidade do porto sobre o qual estende a mão, que abençôa e protege.

O vento soprava favoravelmente; nosso navio terminara mal suas manobras, a hora ia-se adeantando nos encantos da ilha que Helios (o sol) reservára para os filhos, que lhe havia dado Rhodes, filha de Helias e de Poseidon.

Tive apenas tempo para admirar a base de bronze, ornada com inscripções e caracteres estranhos, consagrados por Cadmus, a Minerva Lindiana e voltei ao mar. A travessia foi curta; em breve Halicarnasse appareceu-nos.

Dominando o porto, lá se encontrava a cidade, situada no meio costado de uma collina.

A massa do navio lhe destacava seu bello perfil, sobre o fundo azul da montanha.

Mausolo, rei de Caria, que, segundo o costume egypcio, esposára sua irmã Arthemisia havia fallecido no 24º anno do seu reinado e o ultimo da CVI olympiada.

Arthemisia chamou Philias e Satiros e confiou-lhes a execução do tumulo do monarcha. Mas, quando ella succumbiu, victima pelos soffrimentos causados por aquella perda irreparavel, os trabalhos do tumulo do esposo foram interrompidos. Em breve continuados pelo irmão e pela irmã da rainha Hydrides, herdeira e interprete do piedoso sentimento, terminaram dentro de dous annos

O Colosso de Rhodes — A tradição popular exagerou durante muito tempo que os navios passavam entre as pernas do colosso. A bella e sabia reconstrucção que aqui damos está mais proxima da verdade historica, — sobre um alto pedestal de granito que domina a cidade, Helios, deus da luz, cingido com uma corôa, estendia o braço sobre o mar azulado, como abençoando os navegantes que ahi vão ter.

Acima de uma esplanada rectangular, á qual conduzem numerosos degráus, erige-se altivamente o edificio. Elle fôra o pedestal de um templo grandioso, periptero (rodeado de columnas) de 36 columnas, que coroam os 24 degráus de uma pyramide truncada.

Um alto friso esculpido por Scopas, Bryaxis, Timotheo e Leochares, cerca as quatro faces da tumba. Entre as columnas intercalam-se heroes e leões.

Por fim uma *quadriga* (carro de quatro rodas e puxado por quatro cavallos) conduzindo as estatuas colossaes de Mausoleo e Arthemisia, dominando este amontoado de pyramydes e templos, comparaveis á obra dos Titans.

As cinzas do soberano, ou pelo menos as que restam, repousam numa camara aberta sob o templo.

Que contraste entre as duas Arthemisias, que reinaram em Halicarnasso!

A virtuosa esposa de Mausolo não poude apagar a lembrança da heroina que, armada e vestida como um *hoplita* (soldado grego) tomou parte na batalha de Salamina, ao lado de Xerxes, e ahi commandou os *triremas* (galeras antigas com trez ordens de remos) da Pentapola dorica.

Perseguido por um navio grego, já no fim do combate, e ameaçada por um outro da frota persa, que lhe impedia o caminho, atirou-se sobre este ultimo, partindo-o ao meio. Sua presença de espirito trouxe-lhe dupla vantagem. A equipagem grega, vendo tal feito, deu-se pressa em virar de bordo para dar cerco a outros inimigos, emquanto Xerxes, egualmente enganado pela audacia de Arthemisia celebrava as virtudes guerreiras de sua alliada, exclamando: «Hoje, meus homens tornaram-se mulheres e minhas mulheres, homens».

De Halicarnasse a Epheso é uma distancia equivalente á de Syracusa ao estreito de Siatia. Foi vencida em dous dias e duas noites.

Apenas chegados adeantei-me pelas ruas estreitas da cidade e, graças aos esclarecimentos, que me forneciam os viandantes, achei-me dentro em pouco deante do templo de Diana. Fiquei maravilhado. Os marmores, os bronzes, os duros, as pinturas, a polychromia intensa do templo e dos porticos e as estatuas, attrahem a attenção, deslumbrando.

Que sentimento me deveria possuir ante o primeiro edificio começado, durante a XI olympiada por Chersiphron, Rhaecus, e Theodoro de Samos, o mesmo artista que preparou o annel de Polycrato!

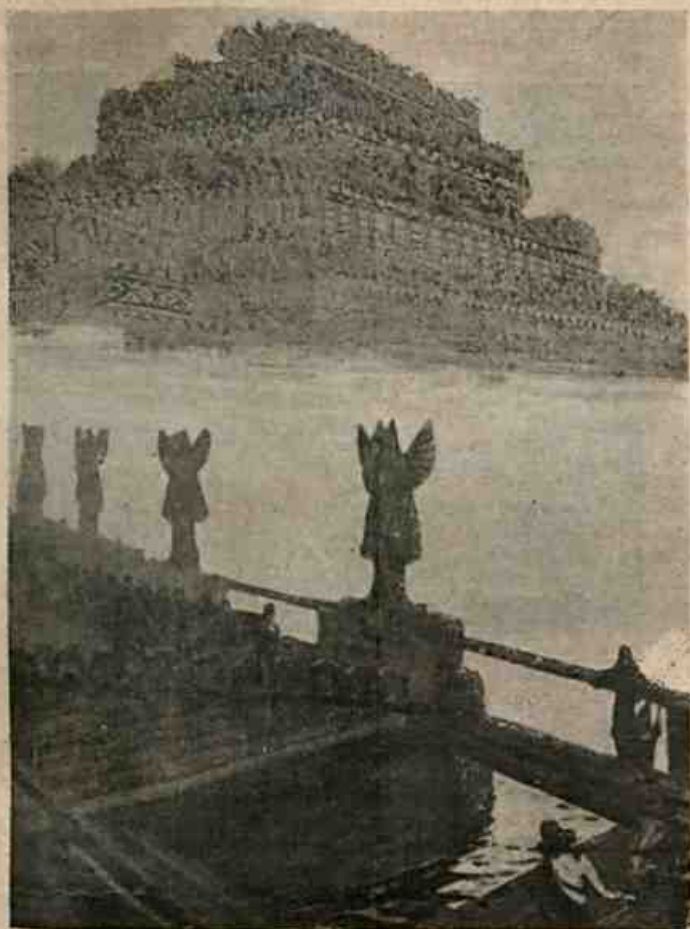
Maldito para sempre o criminoso, que lhe incendiou o templo, na mesma noite em que nascia Alexandre!

—Estrangeiro, estás attonito—disse-me um habitante de Epheso, testemunha do meu espanto—E' esta a primeira vez que vens ver Epheso, pois não conheces o templo de Artehmisia? Que interesse aqui te conduz?

Mausoléu—Esse monumento, testemunho opulento de um amor eterno, foi uma das obras mais puras da arte antiga e deu seu nome a todas as tumbas.

—Viajo para satisfazer a minha curiosidade. Visito as grandes capitaes e as maravilhas que contêm. De Epheso conto ir a Babylonia.

—Neste caso acompanha-me. Levo commigo grande quantidade de tapetes, de tecidos e estofos pintados, com agulhas por nossos bordadores admiraveis: parto com minha caravana. Servir-te-hei de guia e de interprete atravez dos immensos paizes, que nos separam da Babylonia.

As pyramides do Egypto—As pyramides do Egypto são as maravilhas do mundo mais celebres. Talvez porque, depois de tantos annos, ainda se conservem de pé com o mesmo esplendor. A simplicidade immensa de suas formas salvou-as da destruição dos gigantes, guardando ainda hoje os restos dos Pharaós

Os jardins suspensos da Babylonia — Aqui ainda a tradição se engana. Não foi Semiramis quem mandou construir essa montanha de arvores e flôres que se vê emergir do Euphrates. Foram feitos por Nabon, Kordour e Oussor.

E, se depois de ter admirado os esplendores gigantescos da capital de Nabuchodunosor, junto aos quaes as maravilhas da Grecia são nadinhas, se quizeres acompanhar-me á Persia, verás Suse, Sasagarde, Echatane. E, sem deixar a terra, ascenderás ao céu.

O offerecimento era dos mais convidativos. Quantas vezes tive occasião de o constatar!

De Sardes a Babylonia contam-se noventa etapas.

Depois de muitos dias de caminho chegamos a Cunaxa, campo de batalha para sempre celebre onde os gregos de Marca e de Proxene venceram os numerosos exercitos de Artaxerxes.

Por fim, uma manhã ao romper d'alva, Babylonia appareceu no extremo do horizonte.

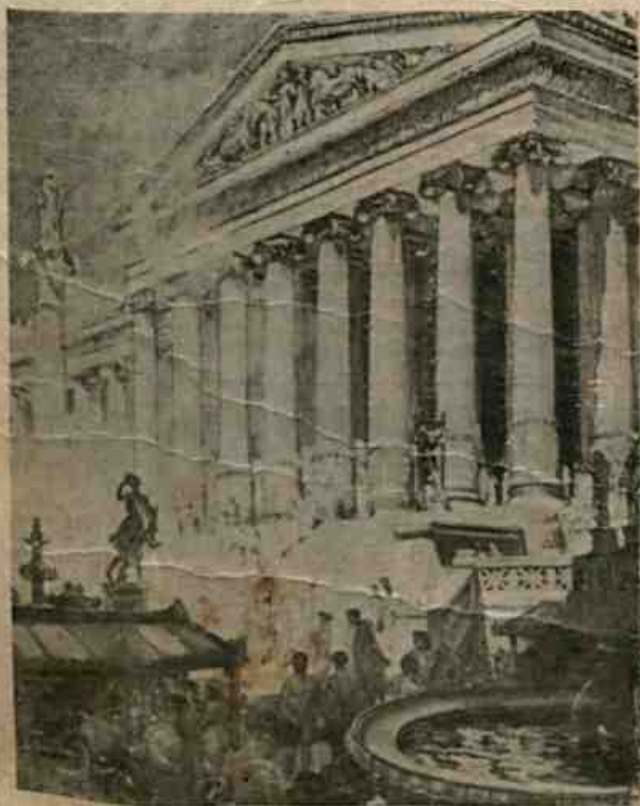
Sob a protecção das muralhas, estendem-se as palmeiras, campos de joio e de trigo e depois casas arruinadas. Ainda ruinas, sempre ruinas. Um dia inteiro não foi bastante para atravessar essa primeira zona. A's ruinas succederam os jardins; outra etapa levou-nos aos quarteirões habitados. As casas, primeiramente rarissimas, elevam-se, encostam-se mais numerosas. Estamos na cidade. Precedido por meu guia benevolente, transponho a porta abobadada de uma alta muralha e o Euphrates, como um braço de mar, apparece-me á sahida.

Cortamol-o em um barco redondo, semelhante a um grande cesto coberto de couro betumado, que se adeanta gyrando emquanto que os animaes contornam as aguas para alcançar a ponte — feita com barcos. Novo anteparo, nova porta, duas horas de caminho atravez de um quarteirão pouco povoado.

Pousei num hotel e fui tão feliz que alguns dos creados fallavam o grego.

Tudo ahi era monstruoso. As muralhas protectoras, que durante tanto tempo perdera de vista, uma extensão de terra sem limites, o rio apertado entre paredes fortificadas, esses palacios do porto dos Titans; essas altas muralhas cobertas de faianças onde, sobre um fundo azul escuro, destacavam-se mastros em branco e amarello, o templo de Zeus-Belus, esses *zigourats* ou pyramides com andares ultimo vestigio dos refugios imaginados, tudo isto era admiravel!

Uma d'essas pyramides, cujos degráus guarnecidos de terra possuiam outr'ora arvores, constitue os jardins suspensos.

Na Grecia disseram-me que tinham sido construidas por Semiramis. Outro erro. Foram construidas pelo rei Nabuchodonosor, para satisfazer a uma princeza méda com quem casára e que, morrendo, hypocondrica ante as pla-

Templo de Diana em Epheso, Thesouro do genio grego, o templo adoravel da deusa attrahia os devotos do mundo antigo. Numa noite de folia, Eurostrate incendiou-o, para tornar-se immortal.

Jupiter Olym... mageslade sobre... ma, um bellis...

Obras gigantescas proximo dos jardins suspensos

Como eram os edificios do antigo mundo

nicies babylonicas, desejára ter sob as vistas uma imagem das montanhas de sua patria.

No decorrer da longa conversação com meu guia e por intermedio d'este com os padres da Babylonia, tive por fim a solução do mysterio, que ha tanto tempo me atormentava o espirito.

Porque as sete maravilhas do mundo, porque os sete planetas, os sete dias da semana e os sete sabios da Grecia? Porque este equilibrio maravilhoso de proporções, que me havia encantado no Mausoléu e que se trahia aqui em todos os monumentos?

Os padres explicaram-me que o algarismo *sete* é o vinculo entre os grandes systemas numericos, sexagenal e decimal, a chave mysteriosa e divina dos numeros, a harmonia suprema do Universo, a cadencia do rythmo supremo, o algarismo do céu revelado aos homens, por isso que o Deus dos hebreus fez o mundo em seis dias e descansou no setimo. São as lendas que contam.

A volta foi tão penosa quanto a viagem de Saraes a Babylonia.

Obedecendo ás recommendações de meus amigos, juntei-me a uma caravana que se dirigia para Tyro. De Tyro fui a Peluse; de Peluse a Heliopolis. Atravessei o Nilo; cheguei por fim a Memphis. Uma civilisação analoga á da Chaldea, mas solida e vigorosa.

A terra e a pedra britada são substituidas pelo granito, o grés e os duros calcareos. As pyramides parecem *zigourats* ampliados.

Creio que os chaldeus e os egypcios procuraram egualmente essa forma de estabilidade certa.

Eram numerosos os interpretes, que me divertiam com historias e contos. Sabiam o numero exacto das pedras que entraram em cada pyramide, conheciam o numero de obreiros empregados, os annos, dias e horas, que haviam trabalhado e quanto haviam recebido como salario (geralmente alimentos).

Diziam que Cheops, um dos reis enterrados sob esses monumentos, tinha arruinado o Egypto para poder construir sua pyramide.

Não me demorei em Memphis. As doces harmonias succedendo ás aspirações gutturaes dos chaldeus acariciavam-me os ouvidos, a brisa do norte trazia-me effluvios da Hellade, pois, com excepção dos templos reservados ao culto dos deuses egypcios, as construcções de Alexandria são do estylo grego. O povo tambem em sua maioria é grego.»

Foi essa a bellissima narração feita por Dieulafoy, testemunha dos progressos do mundo antigo, e d'esses monumentos, que passaram, alguns, por fabulas, como se nunca tivessem existido.

O illustre archeologo trouxe d'essa esplendida e scientifica viagem, grande numero de photographias para provar a existencia real d'essas maravilhas e, ao mesmo tempo, a explicação da sua origem, em grande parte legendaria.

... e Cyrano, amiguinhos nossos, residentes em Bruxellas, Belgica

A ARVORE DE NATAL

—Foi-se o verão—disseram as arvores—é tempo de nos vestirmos com outras roupas mais festivas.

— Vestir-me-hei de vermelho—acudiu o Bardo—é a côr do poente e fica-me muito bem.

— Por mim, escolho a purpurina—atalhou o Freixo—é a côr preferida pelos reis.

— E você?—perguntaram todas ao Abeto.

— Não tenho outra vestimenta—respondeu elle triste. —conservarei meus andrajos verdes.

— Ah! ah! ah! sorriram as outras arvores, balouçando as folhas e inclinando as frondes —só tens um vestuario? Que miseria.

Mas o velho Pinheiro, que lá estava, sacudiu os negros galhos, e disse:

— Caluda, caluda, eu bem sei porque.

Assim as arvores tomaram seus vestuarios festivos —ouro, vermelho e purpurina — e cada uma sentia-se mais bella que as outras, sómente o pequeno Abeto e o velho Pinheiro se conservaram como estavam antes.

Pouco depois veiu o frio e um vento glacial atravessou a floresta; as arvores estremeceram e apertaram as vestes de encontro ao corpo.

O frio tornou-se mais intenso e o vento sibilava. Em breve as folhas do Bardo, das Betulas e o purpurino Freixo foram arrancadas, deixando-os em completa nudez. O vento cada vez mais forte, passou entre os galhos despidos e as arvores tremeram...

E no emtanto o Abeto conservava-se sempre verde.

Mais tarde, a fada das florestas, conduzindo sua parelha de rennas, estallando o chicote e fazendo ouvir o tilintar das campainhas, passou por entre as arvores. Parou e admirou-as com seus olhos brilhantes.

—Oh! oh!—exclamou ao vêr os Bardos e as Betulas porque estão assim tão tristes? Será possivel que não tenham um vestuario para abrigarem-se? E' assim que me recebem?

Nesse instante avistou o pequeno Abeto e um sorriso illuminou-lhe o rosto.

—São estas as minhas arvores—disse a fada.—Queres vir commigo, pequeno Abeto, serás a arvore das creanças e farás feliz muitos corações?

— Sim — respondeu o Abeto alegremente.

E a fada levou-o comsigo. Chegando nos seus dominios vestiu-o de ouro e prata e collocando em cada um dos galhos uma estrella, fel-o a *Arvore de Natal.*

E o velho Pinheiro ainda fallou:

— Eu bem dizia...

O ASNO PRETENCIOSO

Era uma vez um asno, que pastava num campo onde não havia lagos nem ribeiros. Dest'arte nunca pudera vêr a sua imagem e julgou-se o maior e mais possante e a creatura mais bella do mundo.

Um dia appareceu no campo um leão e, como fosse um animal polido, de bôas maneiras, parou para cumprimentar o asno.

— Bom dia, amigo—disse elle—que bello dia faz hoje, hein?

— E' verdade—respondeu o asno— Nunca penso no tempo que faz, tenho outras cousas em que me occupar.

— E' verdade? —perguntou o leão, e pensas em que?

— Não é de sua conta— respondeu atrevidamente o asno e pensando amedrontar o rei dos animaes soltou um forte zurro.

— Estás constipado? —perguntou o leão.

—Que?—gritou o asno.—Não foi um espirro e sim um rugido que desprendi.

—Mas ha de me desculparar—o amigo—disse o leão, isso foi um espirro e quando muito um zurro. Se quizeres rugir, de bôa vontade te ensinarei. Estás enganado.

— Ora, ora, senhor leão! — acudiu o asno,—e agora?

Alzira Machado Cardoso, de 12 annos e vencedora dos dous concursos de «Diavolos», no Campo da Acclamação, nesta Capital

Rosa de Freitas Jorge, leitora d'"O Tico-Tico", de 11 annos de edade, filha do Sr. José Francisco Jorge, negociante conceituado no Maranhão

E para mostrar o seu valimento, soltou um zurro ainda mais forte.

— Como chama o senhor a isso?

— Um zurro—respondeu fleugmaticamente o leão—e muito mal dado. E demais não poderias fazer outra cousa, pois vê-se pelas orelhas que és um asno.

— Que dizes?—gritou o asno—minhas orelhas são as mais bonitas que existem no mundo; todos assim o dizem. E sabe de uma cousa, eu rugi e não zurrei. E para mostrar a sua inpaciencia, moveu com as compridas orelhas.

Olhou o leão com aspecto aterrador, mas o rei dos animaes sorriu.

— Você pode fazer o maior dos ruidos desafinados, mas nunca chegarás a rugir—disse o leão—Se queres ver o que é um rugido, poderei mostrar-t'o.

O rei dos animaes poz-se em posição, sacudiu a juba e abrindo a bocarra, soltou um rugido estridente que se perdeu pelo campo.

Ouvindo isto, o asno deitou a correr desesperadamente, emquanto o leão, rindo-se a mais não poder, dizia:

— E' uma lição para todos aquelles que pretendem ser o que na realidade não são. Foge, pretencioso.

Chiquinho e Jagunço passeando de bicycleta

Carlos Pinto, amigo d'«O Tico-Tico», de 6 annos de edade e residente na Bahia

O intelligente Arnaldo Morgado da Hora, de 10 annos. Alumno da 5ª escola do 1º districto; conquistou durante o anno todos os bancos de honra e foi em exame final, approvado com distincção e louvor

O SACCO DO SOLDADO

O moribundo saltou do leito acompanhado pela mulher e ajoelhou-se aos pés do bemfeitor...

Em temposque já se foram, vivia um velho soldado, Rafastac, ha pouco chegado da guerra por uma licença especial.

Não é de crer que nessa occasião fosse o rei muito rico, pois o bravo Rafastac, recebera como munição nada mais que um pão e seis vintens.

Tendo collocado o pão em seu sacco e os vintens no bolso, o veterano dirigiu-se para o seu torrão natal.

Não havia ainda feito meia legua no paiz, quando encontrou um mendigo cégo, que lhe pediu uma esmola.

—Ainda um mais caipora do que eu—disse Rafastac.

E como tinha um bom coração, dividiu com o mendigo o pão e os seus vintens.

Pouco depois encontrou-se com outro pobre, cégo como o primeiro, o que além de tudo era capenga. Rafastac tendo dó do infeliz, deu-lhe a outra metade do pão e dos vintens que lhe restavam.

Caminhou ainda meia legua e viu na estrada um terceiro mendigo, que cégo e capenga, era, para maior desgraça ainda, maneta. Como tivesse ainda uma codea de pão e os vintens restantes disse: «Nada mais tenho que um pedacinho de pão e dous vintens para beber qualquer cousa. Entremos depressa num botequim, sem o que apparece outro pobre e correrei o grande risco de ficar a nenhum».

Poz o sacco por terra e depois de haver jantado mais do que um principe, accendeu um cigarro e continuou seu caminho.

∴

Não havia andado ainda um quarto d'hora quando viu approximar-se um velho soldado, que como elle parecia licenciado. Esse individuo estava um pouco com os trez mendigos, os quaes Rafastac havia dado esmola.

— Camarada—disse elle, morro de fome e sede!

—Ora, vieste tarde—respondeu Rafastac. A esta hora meu sacco está vasio e meu bolso não menos...

—E procuras como eu um meio para enchel-o?

—Certamente.

— Queres que procuremos juntos?

—De muito bom grado. Como te chamas?

—Pedro. E você?

—Rafastac! Está combinado.

—Conheço um pouco de medicina e isso ha de nos servir para qualquer cousa. Partamos.

—Espera um pouco—disse Rafastac—que não tinha lá grande pressa em chegar aonde ia, e ambos puzeram-se a caminho, a pé.

Chegando a uma floresta passaram diante de uma casinhola d'onde partiam gritos e gemidos. Entraram e viram uma mulher que arrancava os cabellos, desesperada, junto ao leito do marido doente, quasi á morte.

—Não chores assim bôa mulher—disse Pedro—Vou curar teu marido. Procurou nos bolsos e retirou um pequeno pote que continha um unguento e com elle friccionou a parte dorida do moribundo, que pouco depois saltava do leito e acompanhado pela mulher ajoelhava-se aos pés do bemfeitor.

—Como agradecer-lhe e que poderemos dar como recompensa?

—Nada — respondeu Pedro. Vocês nada têm, meus amigos.

Esta resposta perturbou a Rafastac, que tinha um coração de ouro; mas quando sentia fome não trabalhava de graça nem para o rei da Prussia.

—Aqui tens uma recompensa—disse Rafastac tomando uma lebre que lá se achava e collocando-a em seu sacco.

Feito isto, partiram.

∴

Atravessando a floresta, viram n'uma clareira um fogo acceso e abandonado talvez por algum caçador.

— Se assassemos a lebre, que dizes?—perguntou Rafastac.

— Seja, respondeu Pedro. Prepara o jantar, emquanto isso eu vou ver se durmo um pouco sob aquella arvore. Não te esqueças no emtanto de me guardar o coração do bicho; ser-me-ha bastante.

O companheiro tendo partido, Rafastac tirou a pelle da lebre, os intestinos, ateou o fogo e começou a assar a caça. Emquanto a virava, dizia de si para si:

— Porque diabo me recommendou elle guardar o coração?

Uma vez a lebre assada, cortou-a e, procurando o coração, pol-o de parte. Comeu primeiro uma perna, depois outra, em seguida o lombo, depois do que olhou para o coração com certa vontade de o comer tambem.

— E' preciso que seja um bello pedaço — dizia elle. Talvez, quem sabe, haja alguma virtude ligada a elle?

Tomou-o e, collocando-o na lingua, achou-o tão bom que não poude resistir e, depois de o provar, comeu-o. Foi d'uma só vez.

Pedro voltou quando Rafastac acabava de comer o coração.

— Está bom, hein? E o coração onde está?

— Ah! o coração, procurei-o; mas, tu divertias-te á minha custa, pois sabes perfeitamente que a lebre não tem coração.

— Como! as lebres não têm coração? Todos os animaes têm um; é tão sabido!

— Ora, ora, então não te lembras que quando se quer chamar um homem de poltrão diz-se-lhe que tem um coração de lebre? Sabes perfeitamente que ella não o tem.

Rafastac guardou no sacco os restos do jantar e depois de accenderem seus cachimbos, puzeram-se a caminho.

Em meio de um pantano Rafastac parou surpreso. No mesmo logar onde pouco antes corria um riacho era agora um rio caudaloso, impedindo-lhe o caminho.

— Passa primeiro — disse Pedro.

— Não, passa tu adiante — respondeu o outro.

E pensava com seus botões: Se não tiver fundo deixo-me ficar deste lado.

Pedro entrou na corrente e atravessou. Vendo que elle tivera agua só até os joelhos, Rafastac poz o pé, mas a agua subiu immediatamente até seus hombros.

— Soccorro! — gritou elle.

— Confessa — disse Pedro — que foste tu que comeste o coração da lebre.

Rafastac, envergonhado com a mentira, não quiz confessar.

— Não, não o comi — respondeu.

Mas não se ouviu a ultima palavra devido á grande quantidade de agua que lhe entrou na bocca nessa occasião. As aguas então desceram e o soldado atravessou o rio muito amedrontado.

**

Continuaram a caminhar e pouco adiante souberam que o filho de um rico senhor do logar estava em perigo de vida. Logo que lá chegaram disseram-lhe que o rapaz fallecera.

— Ora! — disse Pedro — sei mais alguma cousa que curar doentes, tenho no bolso com que resuscitar mortos.

— Resuscitas mortos! E's algum feiticeiro?

— Quem sabe?

— Oh! então estamos com a fortuna feita! — exclamou Rafastac pulando de contente; o nosso sacco ficará cheio de moedas de ouro.

— Só pensas em encher o sacco — disse Pedro — Então julgas que não seria mais justo pensar um pouco na saude dos outros?

— Bom, bom, temos tempo para pensar nisso. Antes de se occupar com a morte é preciso tratar da vida. Se o sacco ficar cheio, não será muito custoso chegar até o Paraizo...

Assim dizendo, chegaram á casa onde morrera o rapaz. Pedro propoz resuscital-o. Como não havia mais recurso, o pai consentiu na experiencia. Pedro fez então sahir todos menos Rafastac.

Quando ficaram sós, tirou do bolso um pequeno frasco, e deitando algumas gottas do conteudo na bocca do morto, disse tres vezes: «*In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti. Surge!...*»

Na terceira vez o morto levantou-se fresco e rosado como se nada lhe tivesse acontecido. O pai não cabia em si de contente.

— Dize tu mesmo o que queres como recompensa — disse elle a Pedro — tudo o que quizeres dar-te-hei, mesmo que seja a metade de minha fortuna.

— Peço apenas dez tostões — respondeu Pedro.

— Dez tostões para resuscitar um morto! Estás louco? exclamou Rafastac — Toma o que te offerecem, trez vezes idiota!

O rico senhor insistiu muito, mas Pedro só acceitou o que havia pedido. Vendo a ninharia exigida, a familia dirigiu-se a Rafastac e encheu-lhe o sacco de dinheiro.

**

Sahindo de lá dirigiram-se para o norte. Pouco depois encontraram-se n'uma floresta. Pedro dizendo-se cançado, sentou-se no solo e disse a Rafastac:

— Vamos dividir esse dinheiro.

— Ah! ah! agora queres? Dividamol-o.

Pedro esvasiou o sacco, contou as moedas e dividiu-as em trez montes.

As pessoas da casa encheram o sacco de Rafastac com dinheiro...

— Fez trez montes e somos só dois — pensou Rafastac. A quem quererá elle dar o terceiro?

— Estão feitas as partes — disse Pedro — Toma a tua, esta é a minha e essa outra é a parte de quem comeu o coração da lebre.

— Fui eu! fui eu! — exclamou Rafastac — fui eu que comi o coração.

E guardou o dinheiro.

— Como! foste tu? Mas não dizias que as lebres não têm coração?

— Ora, ora, que tolice, pois então as lebres não têm coração, «seu» Pedro. Então não se diz a um poltrão que elle tem um coração de lebre? Vê pois que ellas o têm.

— Está bem, guarda para ti, a terceira parte — respondeu Pedro — não quero mais a tua companhia. E's muito trapaceiro.

— Como quizeres e bôa viagem! — redarguiu o velho soldado. E separaram-se.

— Pouco se me dá que elle não me queira em sua companhia. E' um finorio.

Chegando á cidade, Rafastac, tratou logo de fazer dansar os *nickeis*.

Começou a jogar para passar o tempo e em pouco havia ganho uma fortuna.

Acontece, porém, que o filho de um rico commerciante adoece de repente e morre.

— Bom negocio — pensou Rafastac.

Hei de ganhar ainda alguns cobres.

Vou resuscital-o e hão de me pagar.

Já pensando em tal, havia guardado as palavras sacramentaes do Pedro. Viu ainda que tinha por um descuido guardado no sacco o pequeno frasco, e então propoz ao commerciante resuscitar-lhe o filho. O bom homem, amargurado como estava, acceitou o que elle propunha, accrescentando no entanto que caso se tratasse de uma exploração, enforcal-o-hia numa das portas.

Rafastac, confiante em seu poder, acceitou tal condicção. Ficando só com o morto, o nosso doutor abriu o sacco, tirou o frasco e deitando algumas gottas nos labios do morto, disse trez vezes em voz alta: *In nomine patris et filii, et spiritus sancti. Amen.*

O morto não se mexeu. Rafastac, surpreso, repetiu a formula; o morto conservou-se immovel.

O doutor lembrou-se então que a ultima palavra pronunciada pelo companheiro, não era *amen*, mas outra começando por *sur*. Foi em vão que repetiu a esperiencia varias vezes sem que o esquecido nome lhe viesse á mente. Rafastac dizia tudo: *surlet, surfis, surcuf*, mas nunca *surget*. Por fim exclamou furioso:

— Sabe de uma cousa, senhor cadaver, ou se levanta ou eu lhe meto o páu.

Mas o morto não se movia.

O infortunado doutor estava já muito aborrecido, quando viu a dous passos d'elle Pedro.

— Venho ainda desta vez — disse Pedro — tirar-te de um embaraço, mas, previno-te que se recomeçares, deixo-te só. Prohibo-te receberes mais de dez tostões.

Então Pedro gritou: *In nomine patris et filii, et spiritus sancti. Surge.*

O rapaz levantou-se e Pedro desappareceu. O pai não sabia o que fazer.

— Que queres como recompensa — perguntou elle a Rafastac.

— Dez tostões — respondeu este suspirando.

E accrescentou baixo «sempre esse feiticeiro ordinario a me atrapalhar. Dá-se lhe uma das mãos, toma logo a outra».

Mas, o negociante não quiz mais ouvil-o e mandou dar-lhe uma bolsa cheia de ouro.

— Ponham no sacco — disse elle — com medo que vissem o dinheiro. Amarrou bem o sacco e collocando-o nas costas, afastou-se.

E pondo o sacco nas costas entrou no Paraizo

. .

Não havia ainda andado dez passos, quando se encontrou com Pedro.

— Não te havia dito eu que não recebesses mais de dez tostões?

— Não é minha a culpa — respondeu Rafastac — encheram meu sacco á força.

— Teu sacco, teu sacco, não cuidas de outra cousa. Valias cem vezes mais no tempo em que dividias o dinheiro com os pobres.

Palavra que estou doido por deixar este mundo, e ir para o Paraizo. Vou propôr-te um negocio. De hoje em diante basta dizer: «entra para meu sacco, ou em nome de meu sacco», que tudo o que quizeres seja feito.

— Vou pedir-te uma só cousa, manda-me para o Paraizo quanto antes.

— Queres?

— De boa vontade.

— Então anda d'ahi, e prometto nunca mais aqui voltar.

— Pois bem, vou mandar-te para lá, mas, adeus e não tornes.

— Assim seja! — disse Rafastac, pronunciando as palavras de mando.

. .

Seis mezes depois, de toda a fortuna de Rafastac só restavam alguns tostões. Decidiu-se então o nosso heróe partir para sua terra natal, afim de plantar repolhos...

Mas, em caminho foi parando em todos os botequins. Por fim entrou elle no *São Julião*, um grande hotel que se achava em festa, visto ser aquelle dia o de São Julião, nome da casa.

Rafastac estava com fome. E, accendendo o cachimbo, lançava de vez em quando um olhar para uma das aves preparadas que se achavam sobre uma das mesas.

— Se eu pudesse dizer ao que eu quero «entra para o meu sacco» — disse elle — só pediria uma d'essas perdizes.

Pagou o que havia comido e sahiu.

Uma vez na rua, sentiu que o sacco estava muito mais pesado que d'antes.

— Que será isto? — disse elle abrindo-o.

— Está bem, está bem. Se para que este sacco se enchesse me fosse preciso ir ao Paraizo, garanto que acceitaria de boa vontade.

Deu uns trinta passos, sentou-se numa pedra e começou a comer a perdiz, que fôra ter ao sacco.

Depois disso continuou a andar até que encontrou uma casa abandonada.

— Vou viver aqui melhor do que Pedro no tal Paraizo. Mas, se era facil de dizer o mesmo não era de o fazer, pois todas as vezes que via uma bella gallinha ou um pato de qualquer vizinho punha-se em campo para conquistal-o. Dizia elle, se eu dizendo «entra para o meu sacco» este pato me attendesse, seria o mais feliz dos mortaes.

Finalmente ao envez de roubar os bens do proximo, resolveu ir pescar e caçar. Era-lhe bastante dizer: «peixe, entra para meu sacco» e immediatamente o animal abandonando as aguas ia lá ter. Tendo reunido algum dinheiro, resolveu socegar, mas, quando estava no melhor da festa, a morte surprehendeu-o.

Mesmo morto, Rafastac, sem saber se ia para o Inferno ou Paraizo, tratou de por o sacco nas costas. Depois de reflectir um pouco, resolveu ir bater ao Paraizo.

Qual não foi a sua surpreza vendo que o porteiro não era outro senão seu amigo Pedro.

— Olá, és tu? estás muito bem accommodado e eu que te tomava por um feiticeiro vulgar... Creio que não vais deixar teu velho camarada na porta?

— Não, não, em vez de pensares na tua saude, só querias encher o sacco, agora, Deus não te quer aqui nem pintado.

— Espera, que te vou ensinar — disse Rafastac — Não me queres abrir a porta?

— Não.

— Nesse caso entra para meu sacco...

— Como, scelerado, é assim que tratas São Pedro?...

Mas, Rafastac não quiz saber de historias e pondo o sacco nas costas entrou no Paraizo.

Atraz d'elle, vendo a porta aberta, entraram todos os peccadores que erravam como almas penadas ao longo das paredes.

Vendo esse reboliço:

— Que balburdia é essa? gritou o Padre Eterno. São Pedro abandonou seu posto? Vão procural-o já.

Mas, por mais que procurassem, que buscassem por todos os cantos não o puderam encontrar. O Padre Eterno começava a impacientar-se, quando chegou Rafastac.

— Senhor—disse elle—eu sei onde está São Pedro. Se me prometteres conservar-me no Paraizo tral-o-hei.

— Sim, sim, mas onde está elle?

— No meu sacco—disse Rafastac — desatando-o.

— Fóra d'aqui insolente!—gritou São Pedro sahindo do sacco.

— Não — disse o Padre Eterno — elle pode ficar, dei minha palavra.

— Ora, Senhor, vai perdoar a um typo d'estes?

— Perdoei ao Judeu Errante, quando elle deu os cinco vintens ao pobre. Se Rafastac commetteu alguns peccados praticou tambem a caridade que é a mais nobre de todas as virtudes.

E eis como Rafastac foi ter ao Paraizo...

ARRUFOS

SALA A' VONTADE

Scena primeira e unica

OSCAR — LUIZA

OSCAR (*passeia agitado*)

Não posso filha, não posso... Onde vai isto parar?
O Thesouro não é nosso... não tenho com que pagar...

LUIZA

Mas, filho, custa barato... depois é moda, é do tom...
não precisa espalhafato... (*pausa*) E dizes tu que és bom!!

OSCAR

Hontem comprei-te um vestido, um collete e um chapeu... e amanhã,ha! se eu duvido,tu queres que eu compre o ceu!

Foste ao corso, á avenida, ao theatro, á conferencia;
tu me atrapalhas a vida... tem calma... tem paciencia...

LUIZA (*chorando*)

Sempre sou muito infeliz...

OSCAR

Temos choro? Máu vai ella!

LUIZA

Que mal, Oscar, eu te fiz?

OSCAR

A culpa é toda d'aquella sirigaita da Zizi... como não tem que fazer, vem lá de casa pr'aqui e... eu que fique a gemer..

LUIZA

Muito bem, não te amofines, eu juro: d'ora em deante não te peço nem um «chôcho» nem te masso um só instante... Por teu lado, ouve tambem: não me convides p'ra nada, não me chames de meu bem, deixa-me só, desprezada...

OSCAR (*detendo-se*)

Então, Luiza, que é isso? Meus quitutes, ouve cá; socega... então, meu feitiço!... dá-me um beijinho... anda... dá...

LUIZA

Malvado! Sonso! Bilontra! Vai passeiar, anda... vai...
Depois você não me encontra, vou pr'a casa de papai...

OSCAR

Dá-me um beijinho,Luiza, as pazes façamos já... venda, embora, eu a camisa... dou-te tudo, ora ahi está! Que pode o anjo pedir, que eu venha, emfim, a negar?

LUIZA

E'... depois de me affligir é que me vem *engrossar*...

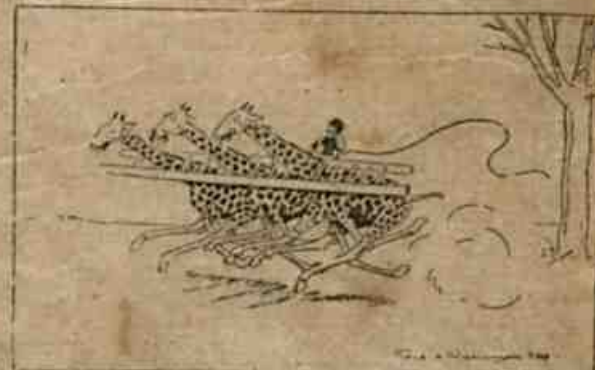
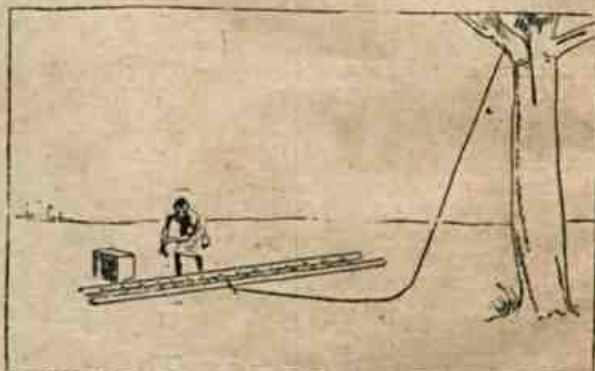
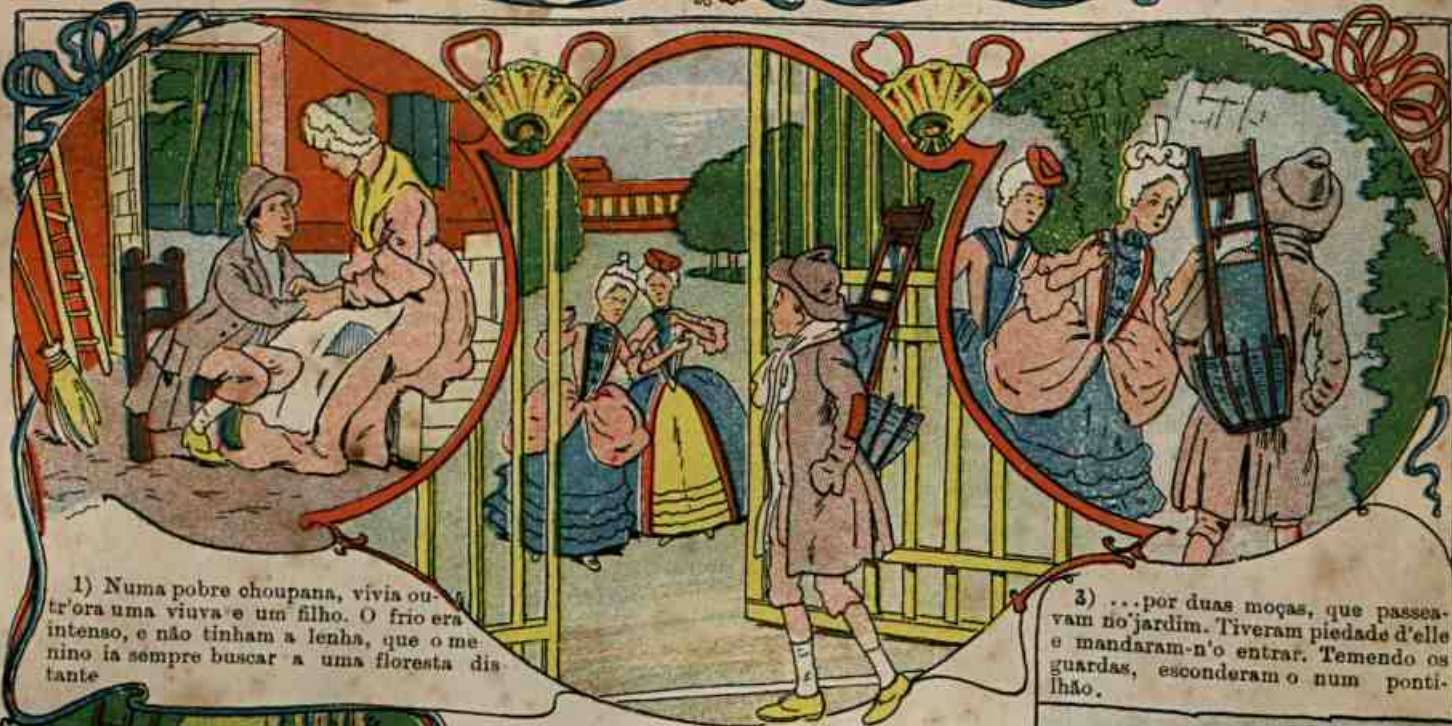
OSCAR

Dá-me o braço... (*Luiza levanta-se e dá-lhe o braço*) e, sem demora, vamos, vamos passeiar... (*depois de pausa*) Estas satisfeita agora? Não vale a pena zangar...

LUIZA (*rindo*)

Muito bem! Nunca pensei que nós dois, ora ahi está, imitassemos tão bem, a mamã e o papá (*sahem*).

COMO SE CAÇAM GIRAFAS

HISTORIA SEM PALAVRAS

DOUS BONS CORAÇÕES

1) Numa pobre choupana, vivia outr'ora uma viuva e um filho. O frio era intenso, e não tinham a lenha, que o menino ia sempre buscar a uma floresta distante.

2) «Ah! exclamou o menino, passando deante do castello. Se eu podesse entrar, apanharia todos esses gravetos. Assim fallando, não viu, que era ouvido...

3) ...por duas moças, que passeavam no jardim. Tiveram piedade d'elle e mandaram-n'o entrar. Temendo os guardas, esconderam o num pontilhão.

4) E, tirando de uma cesta alguns biscoutos, deram-lhe a comer. Emquanto isto apanharam toda a lenha, que puderam.

5) Uma vez cheio o cesto do menino, levaram-n'o até o portão.

6)—Venha ter comnosco assim que puderes — disseram muito alegres com a boa acção, que acabavam de praticar.

7) No dia seguinte voltou o menino muito bem vestido «Venho agradecer lhes: as senhoras fizeram-me feliz. Hontem foi um senhor lá em casa e prometteu-nos, que nos ajudaria tambem.

8) «Como hei de pagar tanto beneficio ?...» Cumprindo com o teu dever — disse uma voz atraz d'elle. Era o pai das moças, que, tendo presenciado a scena da vespera, quizera tambem associar-se á caridade das filhas.

O AFILHADO DO SULTÃO

1) Um sultão tendo-se perdido n'uma floresta, foi ter á uma cabana pedindo hospitalidade até o dia seguinte. O dono da casa muito satisfeito abriu-lhe as portas.

2) A mulher do lenhador, tinha uma criança nos joelhos. O sultão, para se distrahir enquanto lhe preparavam a cama, poz-se a brincar com o menino, cantando.

3) No dia seguinte a mulher do lenhador pediu-lhe que fosse padrinho do filho. O sultão acceitou de bom grado, dando como presente um annel e um cinto bordado a ouro

4) Antes de partir, disse-lhes: «Quando meu afilhado estiver bastante crescido para usar o annel e o cinto que lhe dei, leve-o á meu reino.

5) O lenhador, seguindo os conselhos do sultão, ensinou o que poude á seu filho. *Abdil* era muito estudioso, aproveitando as licções que lhe dava seu pai.

6) Quando o menino poude pôr o annel e o cinto, mandaram-n'o ao palacio do sultão.

7) Em caminho encontrou-se *Abdil* com um grupo de ciganos, que lhe pediu esmola. Querendo evital-os entrou á caminhar apressadamente.

8) Mais adeante encontrou um corcunda, que lhe pediu que o ajudasse a andar. *Abdil*, tinha bom coração e deu-lhe o braço.

9) Em caminho *Abdil* contou sua historia ao corcunda sem saber que esse não era mais do que um dos ciganos encontrados pouco antes.

10) Passando junto á um regato, o corcunda inclinou-se para beber um pouco do liquido.

11) *Abdil*, fez o mesmo, mas seu companheiro atirou-o ao regato e tomando seus embrulhos poz-se a caminho.

12) O embrulho continha o annel e o cinto. O larapio dirigiu-se ao palacio afim de pedir o emprego promettido á sua victima.

(Continúa na pagina seguinte)

O AFILHADO DO SULTÃO (Fim)

13) O sultão recebeu-o de braços abertos julgando ser o seu afilhado. O annel e o cinto não lhe deixaram duvidas, e deu-lhe um emprego.

14) No entanto *Abdil* não se afogára. Depois de se haver seccado ao sol e passado o primeiro instante de terror, dirigiu-se para o palacio.

15) Quando quiz entrar, foi afastado brutalmente por um senhor muito bem vestido. Era o falso *Abdil*, que o havia reconhecido.

16) *Abdil*, tentou varias vezes entrar mas, como o cigano não lhe permitisse, resolveu voltar para casa.

17) Alguns mezes depois o rei caçava n uma floresta quando foi apanhado por um violento temporal. Procurando onde abrigar-se foi ter novamente á casa do lenhador.

18) O sultão ficou muito surpreso com a maneira pela qual fora recebido. O lenhador, mulher e filho estavam tristissimos. O sultão ia pedir uma explicação...

19... quando *Abdil* approximando-se contou-lhe tudo o que lhe havia succedido.

20) O sultão ficou aterrado com o que tinha ouvido. E então convidou toda a familia para acompanhal o ao palacio.

21) Ahi chegados, o sultão mandou chamar o falso *Abdil*, este vendo sua victima confessou tudo e foi logo preso.

22) Condemnado pelos juizes, o ladrão teve que cumprir uma dura pena, sendo depois condemnado á morte.

23) Quanto aos outros ciganos, o rei forçou-os á emigrar para longe, sob pena de morte.

24) E desde então *Abdil* viveu muito bem no palacio em companhia de seus pais e com grande contentamento do sultão.

UM GRANDE HOMEM

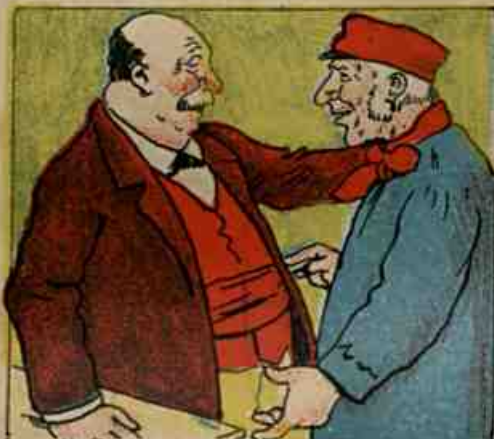
7) ... ensinar-lhe os primeiros passos da musica. Os professores foram surprehendentes.

8) E o menino vadio, tornou se o homem mais celebre de seu tempo: George Haendel, o melhor compositor do seculo XVIII.

A EXPERTEZA DO VELHO GASPAR

1) Tio Gaspar era um velho famoso na villa por sua habilidade para resolver as difficuldades da vida. Entretanto era pobre e desejava muito ser proprietario...

2) Mas o unico terreno de preço muito baixo para que elle pudesse comprar era um campo que, desde tempos immemoraveis sempre se mostrára esteril, coberto de pedras.

3) Mas o tio Gaspar, afastando algumas pedras, verificou que por baixo d'ellas havia bôa terra vegetal, fertil e rica.

4) O terreno pertencia ao governo. O tio Gaspar foi fallar com o prefeito, propondo se a compral-o. Como o terreno era considerado inutil, o prefeito vendeu-o baratissimo e ainda ficou muito satisfeito.

5) Uma vez proprietario do terreno pedregoso o tio Garpar entendeu-se com um soldado de policia, seu amigo, para que annunciasse por toda a villa...

6) ...que elle, tio Gaspar organisava um concurso de mão certeira e daria um premio ao menino, que, no dia 1· do mez seguinte, acertasse uma pedra num gallo.

7) Ora toda a garotada da villa sabendo d'esse concurso tratou logo de se exercitar e como era natural escolheu para isso o terreno de tio Gaspar, onde havia muitas pedras. Passaram lá dias inteiros atirando pedras em um vaso velho. E o tio Gaspar ria se porque as pedras cahiam em um precipicio, que havia no fundo do terreno. E o terreno foi ficando limpo.

8) No dia do concurso tio Gaspar ainda teve uma ideia, que lhe deu economia. Fez um gallo de barro, que serviu de alvo.

9) Com o concurso desappareceram as ultimas do terreno e tio Gaspar deu ao primeiro dos vencedores da mão certeira um gallo vivo.

10) O menino premiado ficou satisfeitissimo sahiu a correr com o gallo acompanhado por todos os outros, que o victoriavam. Mal sabiam elles o serviço que tinham prestado

11) ...a tio Gaspar, que, com seu terreno limpo plantou o e tornou-se um dos lavradores mais opulentos de toda aquella região.

UMA AVENTURA MEDONHA

1) Era noite escura quando um viajante, que se tinha perdido, bateu á porta de uma casa isolada, na qual havia ainda luz. Um homem chamado Nuno...

2)... veiu abrir a porta e, apoz alguma hesitação, disse ao viajante: Posso dar-lhe abrigo, mas o senhor não ha de fazer perguntas sobre o que vir aqui ..

3)... e ha de prometter nada contar do que tiver visto. Prometto—disse o viajante—Nuno mandou-o entrar e offereceu-lhe um jantar, que foi servido em silencio.

4) Para levar o viajante a seu quarto, Nuno atravessou com elle uma sala em que estavam dous homens jogando em silencio com gestos febris.

5) Passando por outra sala o viajante viu um homem deitado em cima de uma mesa e que parecia dormir. Vendo que ia ficar no quarto visinho...

6) ... o viajante sentiu se inquieto e fez logo tenção de não dormir. Nuno perguntou lhe ainda se desejava alguma cousa e retirou-se.

7) Ficando só, o viajante inquietou se. Tudo aquillo lhe parecia estranho. Antes de se deitar examinou todos os recantos do quarto...

8) ... e abrindo um grande armario viu dentro d'elle trez pessôas que pareciam mortas. Estavam alli duras e immoveis.

9) O viajante mal poude conter um grito e fechou de novo o armario. Depois, resolvido a sahir d'aquella casa, passou de novo pelo quarto onde estava...

10) ... o homem deitado sobre a mesa. O viajante tocou-o e viu que estava frio e hirto, mais um morto.

11) O viajante fugiu espavorido. Os dous jogadores ainda alli estavam, mas seus movimentos eram agora mais lentos. Pareciam fatigados.

12)—Mais dous que vão ser victimas do infernal dono d'esta casa. Desceu a escada precipitadamente e chegou á porta da rua.

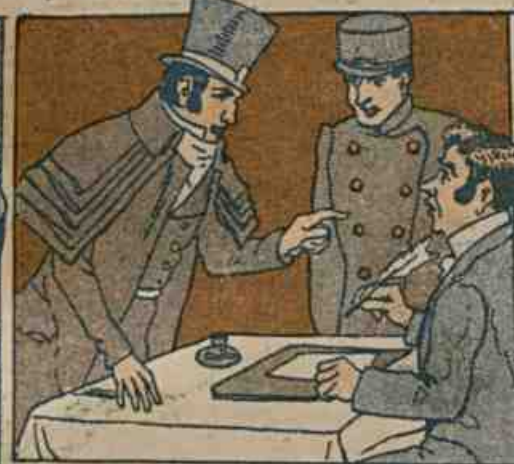
Conclue na pagina seguinte

UMA AVENTURA MEDONHA (Fim)

(13 Mas a porta estava fechada com enormes ferrolhos. O viajante ficou tremendo mas lembrou-se...

14)... de que a sala de jantar dava uma janella bastante baixa para o jardim Saltou por ella..

15)... Seguiu a correr pelos campos até que encontrou soldados e pediu lhes...

16)... que o acompanhassem para prender esse grande criminoso. Os soldados, julgando o caso muito grave...

17)... levaram-o a presença do seu capitão a quem o viajante contou de novo tudo quanto vira na casa mysteriosa.

18) O capitão acompanhou-o com mais trez soldados e foram bater a porta da tal casa na qual o viajante tantos sustos passára.

19) O dono da casa mostrou-se muito admirado ao ser despertado pela policia. O capitão já informado pelo viajante dirigiu-se logo...

20) ... ao armario e perguntou: – Como explica o senhor a presença d'esses cadaveres aqui? E notou tambem o corpo estendido sobre a meza. O homem poz-se a rir e segurando no corpo mostrou que era um boneco de cêra. E explicou: Eu sou fabricante de bonecos articulados e julgo que meu trabalho é perfeito pois que a todos enganou.

21) E segurando num dos jogadores que tanto havia impressionado o viajante fel-o caminhar cumprimentar como um homem.

22) O viajante envergonhado por ter causado tal incommodo a ser hospede e cheio de admiração por sua habilidade propoz-se ser socio e...

23) ... fornecendo-lhe grandes capitaes organisaram um museu de figuras de cêra, que obteve enorme exito.

A RECOMPENSA DIVIDIDA

1) Havia outr'ora uma tamareira muito apreciada pelos egypcios por seus fructos... e pela madeira.

2) ...que fornecia, servindo para construcções e mesmo para bengalas com que castigavam os ladrões.

3) Nas casas de familia era com pedaços d'essa madeira que faziam os escravos trabalhar.

4) Um dia a bella filha de um Pharaó passeava nas margens do Nilo. Os criados abriram caminho a páu.

5) De repente, como se approximasse d'agua para colher uma flor a princeza viu approximar-se um crocodillo.

6) Assustados, os criados deitaram a correr, atirando ao chão as bengalas.

7) Mas, um pescador muito pobre deu com o remo na cabeça do crocodillo, matando-o.

8) A princeza ainda tremendo, convidou-o a ir ao palacio. Quando passou o perigo a escolta voltou.

9) No dia seguinte o pescador foi ao palacio. O chefe deixou-o entrar depois de lhe haver dito alguma cousa em voz baixa.

10)—«Que recompensa queres?» — perguntou Pharaó. O pescador resdondeu:—«Cem bastonadas».

11) O mordomo havia exigido metade da recompensa que dessem ao pescador e este assim se vingára.

12) Deram as bastonadas pedidas pelo mordomo, enquanto que o pescador ficou desde esse dia como mordomo do palacio, com todas as honras.

O DIA DE UM DIPLODOCUS

O que era a Terra antes da creação do Homem

Esqueleto do Diplodocus no Museu. Por este fragmento pode-se fazer uma idéa das dimensões que devia apresentar esse animal pre-historico.

Foi installado ha pouco tempo no Museu de Historia Natural, de França, o famoso esqueleto do Diplodocus que o Sr. Cornegie offereceu generosamente a seu paiz e que dá nova actualidade á questão sempre tão attrahente do aspecto, que apresentava a terra nas épocas prehistoricas. Deante d'esta poderosa ossada, junto á qual o homem nos apparece como um verdadeiro pygmeu, volvemos involuntariamente aos tempos idos em que o desenvolvimento da vida animal parece ter attingido ao apogeu na face da terra. E' essa visão que se vai ter nas paginas, que se seguem. Vamos passar um dia em meio d'essa revelação e entre os seres gigantescos, que viveram nos primeiros seculo do mundo.

E' um dia do periodo secundario, e isto ha milhares de annos. Immensos continentes surgiam em toda a região boreal da terra; a crosta, sob as acções combinadas do resfriamento e do fogo central, enrugou-se e deu nascimento ás altas cadeias de montanhas: são as primeiras bases da terra firme, é o arcabouço, cujas linhas devem persistir atravez das edades.

Chuvas diluvianas precipitam-se sobre os grandes cimos; cataractas sem fim desprendem-se em torrentes impetuosas para ir formar lagos immensos de agua doce. Aproveitemos esse repouso apparente para visitar o nosso planeta e para contemplar esses espectaculos sobre os quaes olhar algum humano foi ter.

Em que mundo nos achamos? D'onde vem a claridade, que banha essas paysagens com uma luz infinda?

Um clarão crepuscular envolve a terra. Grossas nuvens negras, immoveis, elevam-se para um céu leitoso, mas, lá em baixo, no horizonte, a atmosphera parece menos carregada. Será a approximação da noite? Não!

Surge repentinamente uma grande mancha luminosa, que cresce cada vez mais. Será o Sol? Como reconhecer esse astro tão vermelho e esquisito, de um vermelho de sangue? Suas extremidades alongadas dão-lhe o aspecto de um fuso, o fuso por onde se marca o tempo. Com seus raios elle envolve a terra e entretém na sua superficie um calor humido como o das regiões tropicaes.

Não está chovendo e, no emtanto, tudo se acha impregnado d'agua.

O ar que respiramos é extraordinariamente vivificante: nós nos sentimos renascer em meio d'essa atmosphera quente, onde existe o oxygenio em profusão.

Assim é, com effeito, o mysterio, que, pouco a pouco, vamos desvendando; tal é o segredo que explica os phenomenos extranhos d'essa juventude do mundo: nesse ar tão rico, a cellula viva desenvolve-se e nutre-se com intensidade nunca vista...

Na floresta gigantesca

Agora o sol — pois é elle mesmo — acaba de levantar-se. Elle illumina a terra com sua larga superficie luminosa, e eis que temos deante de nós uma paysagem grandiosa e bizarra ao mesmo tempo.

E' uma espessura de folhagens, mas sob a qual se sente que as linhas verticaes dominam.

Como penetrar nessa vegetação luxuriante, nessa floresta virgem de pesadelos? Meditemos: Estes troncos gigantescos, elevando-se a mais de vinte metros nos ares, não offerecem resistencia alguma. São altos vegetaes e nada mais.

Um carniceiro voador: o Petrodactylo

Lá adeante os *Fetos* gigantescos, que sustentam nos ares seus capiteis de largas folhas, á guiza de nossas palmeira mais altas. Vejam ao lado esse immenso vegetal de galhos quasi nús; a extremidade d'esses ramos traz entumescencias, que parecem folhas de cardo. São os *Lepidodendros*.

Mais longe, as grandes *Sigillarias*, elevando-se em columnas cerradas, não p[illegible]em um campo de aspargos [illegible]s p[illegible]eição de Titan? Além, [illegible] as arvores visi-

Dir-se-hia uma cobra immensa... Mas, não! O pescoço está ligado a um corpo enorme, fortes saliencias marcam a columna vertebral. O monstro está agora fóra d'agua, pode apenas mover o corpo e com grande difficuldade. Tem um cumprimento de 25 metros, suas patas enormes cobrem o espaço de um metro quadrado.

Imaginem uma massa de mais de vinte tonneladas, vagarosa e pesada, tendo um pescoço immenso e uma cauda de eguaes dimensões, uma especie de serpente fabulosa ligada a um corpo de elephante gigantesco.

E' elle — o *Diplodocus*!

Em torno do monstro debate-se grande numero de seres da mesma especie, a que os sabios denominaram *Dinosauros*, isto é *Lagartos terriveis*, notaveis pela grandeza e fórmas desproporcionaes.

E' o *Atlantosauro* com sua corpulencia de trinta e cinco metros, o *Brontosauro*, analogo ao *Diplodocus*, mas, de formas menos horriveis, o *Iguanodão*, o *Diclonios* e o *Thespesio*, cujo aspecto lembra o de um passaro.

Os membros anteriores são pouco desenvolvidos, e a cabeça, vista de perfil, parece o bico de uma ave gigantesca.

Terriveis esses animaes fantasticos, são colossaes e horriveis, mas não são ferozes nem perigosos.

Examinem primeiramente esse enorme *Diploducus* e o *Brontosauro*, que vivem juntos.

A todos os instantes seu pescoço distende-se, mergulha nagua ou procura os altos vegetaes para comel-os. Porque é preciso alimentar esse corpo poderoso de maxilares planos, obrigando-os a comer sem parar. Não têm um momento de repouso, como o judeu errante da legenda.

Recem-chegados para a assemblea monstruosa

E os grandes bandos são obrigadas a adiantarem-se forçados por outros recem-chegados e esfaimados tambem.

São os *Tricerotops*. Seu corpo, posto que menos volumoso do que o do *Bontosauro*, attinge ainda grandes dimensões. Dir-se-hia um animal preparado para o combate; sua cabeça parece coberta com um capacete como os guerreiros de outr'ora; sobre o craneo implantam-se trez chifres, um na fronte e dous atraz; uma especie de crista ossea, protege esta parte e todo o corpo é defendido por grandes couraças de espinhos ou fortes placas corneas.

Mas, outro ainda se adeanta monstruoso e tendo o corpo coberto por uma couraça de malhas d'aço: no dorso curto uma dupla fileira de solidas escamas como azas e aceradas, como foices. Estes apendices de altura de trez pés, dão ao animal um aspecto fantastico. Edgard Poe, com sua imaginação em delirio, nada encontrou de mais apavorante e horrivel; e não vimos todo. A cauda escondida nos altos vegetaes, servindo de contrapezo ao corpo, era erissada e coberta de espinhos do tamanho de um braço.

Todo este conjuncto, que lembra um animal meio lagarto e meio escorpião, pertence ao *Stegosauro*. Esses animaes vivem em bandos intelligentes e só pensam numa cousa; comer essa vegetação luxuriante, despojar o planeta de seu

Depois da luta: Ceratosauro dilacerando uma presa

involucro de verdura, que ameaça invadir tudo. Noite e dia devoram, arrasando tudo que encontram na sua passagem, abatendo os troncos mais frageis, as grandes sigillarias, abrindo verdadeiras ruas em meio de florestas immensas e procurando em seguida, com toda a avidez, os lagos para se desalterarem.

Animaes apocalypticos ossario gigantesco

Mas, num momento em que tudo estava calmo, em que centenas de animaes se achavam deitados sob esse sol dos tropicos, a floresta foi agitada repentinamente. Os algos fetos sacudiram suas ramagens, os caules das sagillarias inclinaram-se: nova invasão de terriveis animaes apocalypticos, hospedes do grande bosque. Mas estes trazem comsigo a guerra e o exterminio.

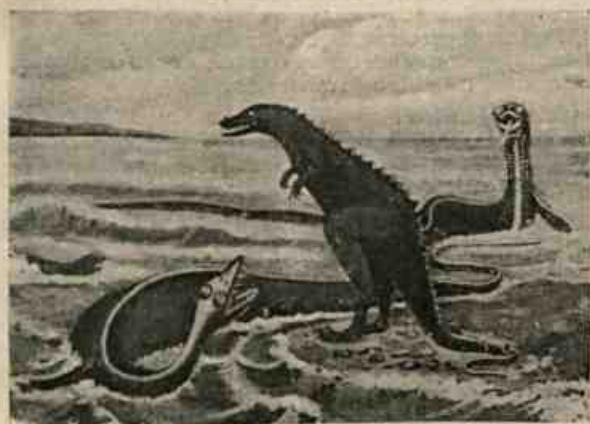
Primeiramente essa horda de *Ceratosauros* e de *Lelabs*; são carnivoros em busca de carne fresca.

Isto justifica por vezes o titulo de lagarto terrivel. Do lagarto, no emtanto, só têm a cauda e o meio do corpo. Adeantam-se correndo em pé, nas patas trazeiras, que terminam em garras, pontudas e aceradas. A guela entreaberta é fortemente musculosa e armada de dentes formidaveis.

Em breve atiram-se sobre os bandos tranquillos dos Brontosauros e de Diplodocus, sem defeza. Com um unico movimento de maxilares esmagam o craneo estreito do seu adversario. Começa então o combate. Com as garras poderosas e chifres acerados, abrem as entranhas da victima e entregam-se a um lauto festim. Mas, os Treceratops e Stegosauros tomados de espanto nos primeiros momentos, precipitam-se sobre os ferozes carniceiros e d'esta vez Lelaps e Ceratosauros entram em luta.

Começa com os Stegosauros e é um espectaculo maravilhoso em verdade, verem-se esses gigantes pezando cada um mais de dez tonneladas — [illegible] — precipi- [illegible] com- bate [illegible]

por chifradas ou completamente arrancados. No fim do combate, é a morte dos mais fracos e a luta termina por desistencia dos combatentes.

Pouco a pouco a carnificina circumscreve-se a um campo juncado de cadaveres. Festins macabros em que

Monstros aquaticos e um monstro terrestre. Mosasaurios e Laelaps

tomam parte os combatentes vencedores, que sem a menor cerimonia ou repugnancia, entram a dilacerar os corpos já sem vida.

Ouvem-se então gritos roucos; d'onde vêm elles? A floresta está calma; os raros sobreviventes do combate paressem cançados de fadiga ou entregam-se ao lugubre festim; a luz começa a bruxolear e em breve produz-se um verdadeiro turbilhão sobre as nossas cabeças.

E' formado por individuos alados espreitando sem duvida um momento propicio para lançar-se sobre os restos mortaes.

Morcegos ou passaros? não podemos dizer. Têm maxillares de crocodilos e tão compridas quanto o corpo, suas azas de oito metros, gigantescas, produzem um ruido ensurdecedor—seus corpos estão cobertos de escamas—São os *Pterosauros, Peterodactylos* que, semelhantes a immensos aeroplanos, descrevem nos ares curvas graciosas.

Deixemos no emtanto estes animaes promptos a tombar sobre os cadaveres e afastemo-nos d'esse cemiterio.

A natureza conservará durante milhares de annos estas ossadas de animaes desapparecidos para sempre.

Os hospedes dos mares antediluvianos

Resta-nos aproveitar o resto do dia para lançar um golpe de vista sobre os seres, que povoaram os mares.

Novas surprezas, novos quadros.

Primeiramente o *Icktyosauro*, de cabeça formidavel, olhos immensos e cauda comprida.

A guela não encerra menos de duzentos dentes, que trituram as, mais duras substancias. O alimento lá está ao seu alcance; é o peixe, que passa, são os saurianos, que vivem nas aguas; são os congeneres menos fortes que elles.

Um dos colossos da fauna prehistoricas o Thespesio

De taes refeições nada resta: tudo elles digerem, ossos e carnes—Eil-os a perseguir seu inimigo o Plesiosauro, que representa a raça elegante da época. Que animaes exquisitos esses saurianos tendo o corpo de lagarto e pescoço de cysne comprido e flexivel, as nadadeiras da phoca, os maxillares de crocodilos e os dentes longos pontudos!

Mais além, os *Teleosauros* que representam o typo dos no[illegible]nos actuaes, mas é preciso imaginar um crocodilo de porte gigantesco, indo além de vinte metros.

Na crista espumante das aguas, vêm-se outros animaes, não menos horrorosos, semelhantes ás serpentes dos contos de fadas, são os *Mosasauros*.

Vêm depois os peixes de fórmas bizarras. Seu arcabouço osseo defende-os um pouco contra seus numerosos adversarios, mas perturba-os grandemente.

Tanto no elemento liquido como no terreo, observa-se sempre a mesma cousa, a luta pela vida, o poder dos fortes sobre os fracos.

As sombras distendem-se sobre os elementos desordenados

E agora o sol com sua fórma de fuzo alongado attinge o horizonte; o dia descamba, uma luz avermelhada estende-se sobre as aguas, envolve os grandes bosques e a natureza fantastica.

Pesados vapores elevam-se da terra. Dir-se-hia um vasto incendio, que rebenta por toda a parte.

Atraz de nós uma vasta planicie que vai terminar no sopé de uma montanha.

A' direita, um volcão, indica-nos já as convulsões da crosta terrestre.

Nuvens de todos os matizes passam sobre nossas cabeças. Por vezes descem como que procurando a fronde das arvores.

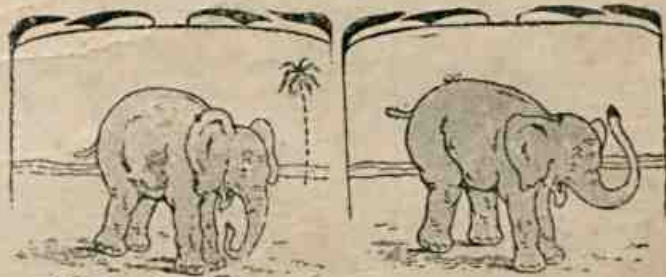
Agora o céu cobre-se de tintas sombrias: a tempestade é imminente. A noite desce lentamente como nas regiões boreaes, o fogo extingue-se pouco a pouco, a temperatura torna-se mais supportavel, a brisa apparece e o vento sopra do mar.

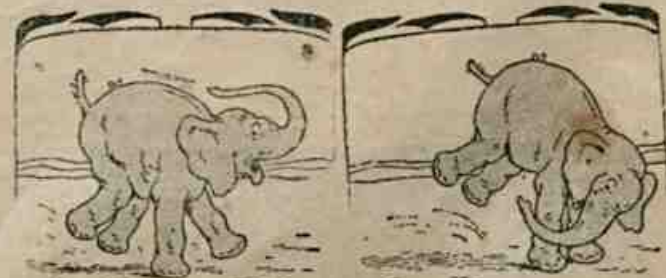
Grossas gottas d'agua começam a cahir. Em breve é uma chuva torrencial, verdadeiro diluvio em meio d'esta noite illuminada unicamente pelos relampagos.

Retiremo-nos! Esta natureza inhospita não nos póde servir de abrigo...

Nesse desencadeamento de elementos, em meio d'esta natureza enfurecida, nenhum ente ahi se encontra para ouvir o ruido das vagas partindo-se de encontro á areia. Ninguem para fruir d'este grandioso espectaculo, para admirar esta decoração feerica como nunca mais se verá.

Seis milhões de annos passaram antes que uma intelligencia superior pudesse comprehender as bellezas d'essa creação, sempre antiga, mas constantemente em mudança e sempre nova.

A MOSCA IMPERTINENTE

1) Um elephante passeava alegremente, quando uma impertinente mosca...

2)... pousa sobre seu dorso. O elephante tenta enchotal-a.

3) Em vão, com a tromba, elle sopra desesperadamente

4) Dá saltos terriveis! A mosca continúa no mesmo logar...

5)... até que um passarinho vem e come-a com grande alegria do elephante, que ficou crente que a força bruta nada vale para certas occasiões.

Trez amiguinhas sinceras: Muriel, Midge e George Lawson

A FONTE

Jayme, Bernardo e João eram trez viajantes. Caminhavam a pé sobre um campo de relva, sem descansar, pois iam tratar de um importante negocio.

O sol ia se tornando cada vez mais abrazador.

Já muito fatigados, encontraram elles trez grandes arvores, que, com as suas ramagens, formavam uma boa sombra. Brotava de um rochedo uma fonte e d'ella partia um tenue fio d'agua, que deslisava por entre as arvores.

—Oh! que delicia—dizem os viajantes.

Maior ainda foi o prazer d'elles quando beberam a agua, achando-a deliciosa e fresca.

Contentissimos, deitam-se e começam a conversar na lisa relva. João vê uma grande pedra quadrada, coberta de verde limo. Lembra-se de laval-a e qual não é a sua surpresa ao vêr gravada na pedra a phrase:—«Procura parecer-te com esta fonte». Mostrara aos companheiros e cada um d'elles procurar interpretal-a.

Jayme diz:—«A fonte, a principio, tenue fio d'agua augmenta cada vez mais, até formar lagos e rios caudalosos. Symbolisa o homem pobre, mas trabalhador, que, pelo seu gosto ao trabalho e actividade, adquire fortuna aos poucos».

Bernardo diz:—«E' tambem o emblema do homem intelligente que, pelo estudo, adquire vastos conhecimentos.»

A fonte modesta e humilde—diz João—esconde-se no meio das pedras, é o emblema da modestia.

Portanto, parece-me que ella quer dizer que devemos ter todas essas qualidades que notei; devemos pois ser trabalhadores, estudiosos e modestos.

Rio de Janeiro. EDGARD DE SOUZA CARVALHO

PHRASES CELEBRES DE BRAZILEIROS

Mais uma carga, camaradas! — foram as ultimas palavras do heroico barão do Triumpho, morto em Assumpção, no Paraguay, aos 6 de Janeiro de 1869, em consequencia de ferimentos recebidos em combate.

O conde de Porto Alegre, na segunda batalha de Tuyuty, ferida a 3 de Novembro de 1867, vendo o grave perigo que ameaçava as tropas brazileiras, avançou de espada em punho para o mais acceso da peleja, bradando:

— *Hoje morre aqui até o ultimo brazileiro!*

O legendario Osorio, num dos mais sangrentos combates da guerra do Paraguay, na occasião em que um official lhe recommendou que se resguardasse, pois era o alvo da fuzilaria inimiga, respondeu:

— *Não serei acaso digno de receber uma bala?*

Alumnas da escola publica em Manáus, fazendo gymnastica sueca

A PRINCEZA DA HARPA DE OURO

As tradições longinquas, que nos vêm dos paizes do norte, são por vezes um mixto de lenda e historia. Entre as scenas brutaes e as carnificinas, que ensaguentaram essas epochas rudes e primitivas, vêem-se desabrochar, uma ou outra vez, verdadeiras flôres de poesia delicadissimas, tal a maneira por que foi contada por velhos bardos dinamarquezes. Assim é a historia d'essa mysteriosa princeza da harpa de ouro, cujo destino extraordinario e encantador se desenrola em meio de aventuras onde ella vem a conhecer todas as phases da miseria e da felicidade.

A PRINCEZA Aslog era uma moça muito feliz, seu pai, o rei Sigurd era o mais poderoso chefe das Ilhas Dinamarquezas, e sua mãi Brunehilde, tão bôa e tão bella, que a diziam filha dos deuses. O castello em que moravam tinha sido edificado, numa ilha, que avançava para o mar Baltico, que o defendia melhor do que as mais possantes muralhas. Em torno viam-se lindas arvores, que davam ao castello um ar festivo; as *antas*(1) e os gallos do matto, onde a princeza brincava, seguiam-na por vezes.

Viviam todos muito bem no castello do rei Sigurd, e os guerreiros compraziam-se em cercar Aslog de todos os carinhos, pois ella viria a ser um dia rainha. Para ensinar-lhe artes e poesia, Brunehilde fizera vir dos paizes do Rheno, um velho habil contador de lendas e um cantor primoroso; chamava-se este Heimer, trazia comsigo uma harpa. Dentro em pouco, Aslog entrou a apreciar a voz harmoniosa d'esse homem. Crescia ella naquella alegria tranquilla e pouco depois iam festejar seu quarto anniversario natalicio.

Por esse tempo, o frio era intenso, e o mar, entre todas as ilhas do archipelago, congelava-se como um lago da Noruega; os trenós circulavam desde as costas da Dinamarca até á Suecia, e o castello do rei Sigurd parecia transportado ao meio de um immenso continente branco.

O rei promettera ir com grande apparato até á costa dinamarqueza, e todo o palacio occupava-se alegremente em preparar essa pacifica expedição.

Mas Sigurd era muito confiante e nem sequer pensava que, de ha muito, os chefes das ilhas vizinhas, que invejavam suas glorias e felicidade, haviam jurado desthronal-o.

Quando viram os gelos assim tão commodos para uma invasão, não tendo os guerreiros reaes cogitado em defender o castello, reuniram immediatamente todas as suas forças.

Uma noite a princezinha Aslog foi despertada por um grande tumulto; gritos de guerra ecoavam por todo o castello e fóra ouvia-se o toque de trompa. Aslog comprehendeu logo que se batiam em torno das muralhas e começava a amedrontar-se, quando Brunehilde entrando precipitadamente no quarto, tomou-a nos braços e levou-a para uma das torres.

A rainha e a pequena princeza, encerradas num aposento cavado numa das muralhas [illegible] ruí[illegible] combate. Brunehilde esforçava-se para [illegible] que [illegible] em baixo no castello. Aslog chorava, sem ousar mover-se temendo ser descoberta. No emtanto o ruido foi diminuindo aos poucos; julgava ella ter acabado o combate, quando sua mãi, tomando-a pelo braço sahiu do esconderijo com toda a precaução. A pequena Aslog estava muito assustada com tudo isso; o castello estava immerso em trevas: ninguem vinha ao seu encontro e a cada passo a princezinha avistava um d'esses grandes soldados, que ella bem conhecia, estendido por terra hirto, sem se levantar, como era costume, para comprimentar a rainha.

De repente Aslog, soltou um grito: «Heimer...» Era bem elle que alli se achava, de joelhos, com uma tocha na mão, inclinado para um guerreiro cuja couraça brilhava, naquella meia claridade.

Brunehilde aterrorisada, mandou que Aslog se calasse e adeantou-se precipitadamente para Heimer, que se erguia com um gesto de desespero; a seus pés a rainha reconheceu o cadaver do rei Sigurd. Sem que Heimer tivesse tempo de articular uma palavra, a rainha atirou-lhe Aslog aos seus braços, dizendo:

—Heimer, salva-a, salva a tua princezinha, salva a rainha dos fieis de Sigurd; quanto a mim morrerei com elle.

E, emquanto Heimer, perturbado, fugia ao acaso, levando a creança soluçando, Brunehilde tomou a espada do rei e suicidou-se.

Na immensa sala do castello, o velho e a menina eram os unicos, que se lamentavam. Heimer perguntava com anciedade como poderia salvar a princeza. Como se desesperasse e a princeza Aslog não cessasse de chorar, viram sob um raio de sol levantea harpa, que Heimer tanto tocava em dias de regosijo.

Era uma bella harpa de ouro, de cordas finas e brilhantes. Heimer acariciava-a docemente, quando viu de repente, quanto a pequenina Aslog era diminuta em face d'esse instrumento de madeira do Congo, do qual se acharam cordas. Um raio de esperança atravessou-lhe o espirito celere, tomando de um punhal, cortou na superficie da madeira uma porta da altura de Aslog, que o olhava estupefacta e meio consolada; carinhosamente fel-a entrar nesse concavo tal um tronco de arvore. A princezinha tirou dum cofre que Heimer havia achado o collar de Sigurd. Em seguida, o velho tornou a fechar a porta cuidadosamente e fel-o tão bem que pessôa alguma teria adivinhado conter a harpa em seu seio um ente tão querido.

Heimer pediu hospitalidade a uma velha

Então Heimer passou o instrumento no hombro e desceu a orla do rio.

Os guerreiros riam-se e zombavam do velho vendo-o passar; um d'elles gritou:

— Olá! velho cantor, vai quebrar teus ossos sobre o gelo, mas deixa-nos a harpa, que é de ouro massiço.

Heimer detivera-se; Aslog sentiu que elle levava a mão ás cordas, tremendo muito. Mas um outro guerreiro accrescentou: —Deixa esse musico ambulante e vem beber! Que farás da harpa? Não vale alguma cousa para soldados! O outro guerreiro não deu resposta e deixou o velho partir com o instrumento. Quem poderia suppôr que uma pequenina filha de rei chorasse nessa harpa...

Afastou-se depressa Heimer, um caçador teve piedade d'elle, [illegible] em seu trenó e assim poude Heimer desembarcar na costa da [illegible] carregando nos hombros a harpa preciosa, dirigiu-se para o norte.

* * *

Foi uma viagem exquisita a que emprehenderam Heimer e Aslog, atravez do paiz dos grandes lagos, até ás montanhas da Noruega. Quando a floresta ficava deserta, ou não via barco algum, Heimer abria a porta da harpa e a pequena prisioneira sahia alegremente para correr um pouco ao ar livre. Comtudo, Aslog crescia; agora era preciso curvar-se para entrar em seu esconderijo e Heimer sentia o instrumento mais pesado do que d'antes.

Uma noite, os fugitivos chegaram a uma fazenda de-

(1) Especie de veado do tamanho de um cavallo.

nominada a «Clareira dos Passaros», proxima de *fird* (2) da Noruega. Heimer, muito fatigado, pediu hospitalidade a uma velha que, estava no limiar da porta.

—Sou—disse elle—um velho cantor de legendas; os salteadores dinamarquezes mataram meu senhor; eu me dirijo para o poderoso chefe da Noruega, afim de pedir um asylo para ahi morrer.

—Pois bem—respondeu a mulher—descança, aqui te encontras em casa do lenhador Asake, e Grima, sua esposa.

Heimer agradeceu muito e sentou-se junto ao fogo, tendo collocado a harpa junto d'elle. Pouco depois adormecia. A velha Grima olhava-o com desprezo vendo-o andrajosamente vestido, quando julgou ver junto á harpa um pedaço de brocado, que brilhava á luz das chammas; adeantou-se com precaução e ia apanhal-o: então viu que elle se escapava de uma estreita frincha da madeira dourada da harpa.

Quando Asake voltou a casa, Grima chamou-o á parte e disse-lhe:

Aos pés de Heimer, Brunehilde reconheceu o cadaver de seu esposo, o rei Sigurd

—Nossa fortuna está feita; um velho mendigo dorme junto ao fogo, tendo ao lado uma harpa cheia de joias.

Asake deu uma gargalhada, mas Grima conduziu-[illegible]mente até a harpa e o lenhad[illegible] [illegible]lla faltava a verdade.

—Que queres fa[illegible] [illegible]guntou elle á mulher,—não posso p[illegible] o [illegible]umento sem despertar o velho e verá então que o queremos roubar.

— Mata-o — disse Grima — teremos as riquezas e ninguem dirá que és um ladrão.

— Matar nosso hospede—disse Asake—não o farei.

— Olha os estofos dourados—continuou Grima—pensa no que pode conter essa harpa; e quem o saberá?»

Asake resistia sempre. Então Grima acabou ameaçando-o.

«Se não matas o velho mendigo tão rico, amanhã dir-lhe-hei — que o querias roubar; então será elle quem te matará, covarde, e em seguida me casarei com elle.»

Asake, sabia até onde ia a maldade de sua mulher e elle temia-a mais do que o pobre velho adormecido; por fim cedeu; com uma forte pancada abriu a cabeça de Heimer.

No mesmo instante Grima precipitou-se sobre a harpa para arrancar os estofos, mas não sabia abrir a porta secreta e foi preciso que Asake ainda com o cacete ensanguentado partisse o instrumento; Aslog appareceu então em lagrimas e muito assustada ante a attitude aggressiva dos assassinos: essa menina, de pé, em meio dos destroços da harpa encheu-os de espanto e Asake recuou aterrorisado dizendo:

— E' uma fada; vai vingar o velho; estamos perdidos!

Ia a fugir, quando Grima gritou:

— Vê bem que não é uma fada; ella chora como outra menina qualquer. Então começaram a interrogar Aslog; mas, esta lembrando-se das precauções de Heimer para esconder-lhe a voz, nada respondeu. Asake estava attonito e perguntava: — Que vamos fazer d'esta menina mysteriosa? E como vendes os estofos? Nunca acreditarão que nos pertençam; que dirão os lenhadores vizinhos?

Foi ainda Grima quem lhe propoz enterrar junto a um pinheiro, o collar real, os estofos e os fragmentos da harpa. «Has de vendel-os—accrescentou ella—a esses mercadores maritimos, que vêm todos os annos pelo verão. Quanto á menina, diremos que é nossa filha, que se achava em viagem; vou cortar-lhe os cabellos dourados e sujar-lhe o rosto com carvão: será nossa pastora e trabalhará na floresta.

A pobre Aslog, deixou cortar os cabellos e vestiu uns farrapos mizeraveis; assim não tinha absolutamente o aspecto de uma fada, nem mesmo de uma princeza e Asake entrou a escarnecel-a.

Aslog teve presença de espirito bastante para se conservar muda e acabaram deixando-a em paz.

Durante muitos annos viveu ella na *Clareira dos Passaros*, como filha de Asake e de Grima: estes não eram muito máus para ella, porque ella os ajudava em seus trabalhos sem nunca articular uma unica palavra; chamaram-n'a «a muda». No emtanto Aslog nada esquecia de suas aventuras; quando se achava só sob os pinheiros, contava-as aos Gallos, cantando como fazia Heimer. Não chorava mas, sua vida era tristissima.

Aslog tinha quasi dezoito annos. Por uma bella manhã do mez de Maio estava sentada no alto de um rochedo, que ficava a cavalleiro do *fjord*, quando avistou uma flotilha, que avançava com precaução: eram barcos de guerra, que deixavam brilhar seus metaes aos raios do sol ardente: num d'elles via-se a bandeira vermelha do rei dos mares. Sem mais perda de tempo, Aslog atirou fóra o barrete de lã, que Grima lhe fizera penteou os cabellos, que já haviam crescido novamente e tomando um ramo de flôres correu á casa.

Ahi encontrou grande animação.

A flotilha, que havia visto, trazia os guerreiros do rei Ragnard, vindo da Dinamarca depois de uma expedição longinqua. Os officiaes haviam descido á terra para fazerem suas provisões e tinha escolhido a casa de Asake para coser o pão.

Grima ordenou a Aslog que ajudasse ás pessôas do rei: esta obedeceu sem replicar. Mas era tão bonita com seus cabellos dourados e olhos côr do ceu, que [illegible] pagens não podiam deixar de contemplal-a; não prestavam a menor attenção ao forno, onde a massa [illegible]minhava ao acaso.

Quando levaram o pão a bordo, Ragnard e todos os guerreiros disseram nunca ter com[illegible]do semelhantes carvões, e quizeram punir os pa[illegible] Mas estes contaram que haviam encontrado em ca[illegible] de Asake uma moça tão linda como a mais bella entre as bellas dinamarquezas, cujos cabellos louros cahiam até os joelhos.

— E' mais bella ainda, [illegible] Ragnard, que Thora, a ma[illegible] [illegible]ados, [illegible] [illegible]rta no anno passado.

[illegible] queria acreditar e dizia [illegible] pequena selvagem não devia ter educação alguma.

— No emtanto, — accudiu elle — quero vel-a; digam-lhe que o rei Ragnard lhe pede para vir amanhã até seu navio, *sem trazer apparato algum e simplesmente vestida*; é preciso que ninguem a acompanhe, mas tambem que *não venha só*. Vamos a vêr o que fará essa bella creatura que tanto gabam.

Os pagens transmittiram as ordens do rei e Aslog fez signal que accederia.

Ao romper d'alva, todos os guerreiros, reunidos a bordo, olhavam para a praia onde devia apparecer a moça norueguesa; mais curioso, que os outros, o rei Ragnard esperava entre seus pagens. E soltaram um grito de admiração e de surpreza, quando viram Aslog adiantar-se lentamente para o mar, envolta numa rede de pescaria apertada em torno de seus cabellos, que lhe faziam um vestuario dou-

(2) Vallados abertos ao ar livre pelos gelos, immergindo lentamente, devido ao abaixamento do rio.

rado; ninguem se achava com ella, mas o cão de Asake acompanhava-a.

Ragnard, maravilhado, mandou approximar seu barco real e gritou:

— Muda de cabellos d'ouro e espirito subtil, vem a

Aslog adeantou-se envolta numa rede de pescaria e seguida pelo cão de Asake

bordo de minha embarcação, pois,mais do que meus soldados, admiro tua singeleza e formosura.

Com grande espanto de todos, Aslog respondeu com voz encantadora:

— Irei, rei Ragnard, se prometteres respeitar-me a liberdade. O rei prometteu o que Aslog prudentemente exigia. A moça subiu para a embarcação real: assim que alli se encontrou, sob a tenda escarlate, ao lado de Ragnard, este começou a conversar e pediu-lhe que acceitasse innumeros presentes. Ordenou ainda mais ao seu thesoureiro que lhe trouxesse o lindo manto, que pertencera á rainha Thora, pois queria offerecel-o a Aslog, que respondeu sorrindo:

— De que me servirá este manto, para usal-o na cozinha da velha Grima? As antas não me reconheceriam mais sob esse novo vestuario.

Então Ragnard exclamou, encantado

— Moça de cabellos d'ouro, não voltarás mais a casade Grima; partirás commigo e serás rainha a meu lado; minhanha esposa Thora morreu o anno passado; terás sua corôa e serás a rainha dos paizes da Dinamarca.

— Seja nossa rainha, moça dos cabellos d'ouro, — repetiram todos os guerreiros.

Aslog [illegible] rei Ragnard muito sympathico e [illegible] desagra[illegible]. No emtanto, Aslog [illegible] que ia [illegible] sua existencia. Grave e triste, respondeu:

— Parte, rei Ragnard! Vai a guerra e, se depois da victoria, ainda pensares na casa de Grima, vem buscar tua rainha. Adeus, até esse dia.

Ragnard teve pena d'essa recusa: por instantes teve impetos de mandar levantar ferro e partir com Aslog.

Mas, havia empenhado sua palavra promettendo conservar-lhe a liberdade.

Sem pronunciar uma só palavra, fel-a conduzir a terra e a flotilha afastou-se de velas enfunadas.

Passaram-se mezes: as primeiras neves começavam a cobrir os cimos das rochas, quando, por uma linda manhã,reappareceu a flotilha de Ragnard: em todos os mastros, viam-se bandeiras vermelhas e os guerreiros cantavam alegremente, soprando em suas trompas. D'esta vez Ragnard, desembarcou com todos os seus guardas foi com grande pompa levar o manto real e a Aslog, deante de Asake e Grima,estupefactos.Seu espanto foi ainda maior, quando viram a «muda» agradecer ao rei com sua voz argentina ;tinham medo que ella contasse ao rei o assassinato de Heimer; mas Aslog abandonou-os ao desprezo e partiu sem nada lhes dizer; a flotilha afastou-se depressa para a Dinamarca para ahi celebrar os esponsaes do rei Ragnard.

Ora, como elles navegassem havia muitos dias, Aslog ainda não tinha dito a Ragnard seu nome; parecia-lhe melhor que o rei a estimasse como filha das florestas. Um dia, no emtanto, Ragnard perguntou-lhe qual era o seu verdadeiro nome.—Chamo-me Aslog, filha do rei Sigurd, assassinado ha quatorze annos pelos senhores das ilhas adjacentes, durante os grandes gelos: um velho cantor salvou-me em sua harpa.

Mas, foi grande a sua colera, quando Ragnard começou a rir, escarnecendo d'ella. — Vamos mocinha — disse elle—por que mentes? Conheci o rei Sigurd, o poderoso rei dinamarquez e sei perfeitamente que a princeza Aslog com Bunehilde e todos os seus, foram massacrados numa noite de inverno. E como acreditar que uma princeza pudesse viver numa harpa? Para que mentir, filha das selvas? Amei-te sem mentiras.

Aslog, entrou a chorar e desemparada, exclamou entre soluços: — Rei Ragnard,fallo a verdade e se conheceste o rei Sigurd, meu pai, deves reconhecer seu collar real, julgo. Manda immediata mente um dos teus navios a «clareira dos passaros»; que convem junto ao mais alto pinheiro; ahi encontrarão enterrado o collar, a harpa, que foi meu refugio e os brocados de ouro. E por mim não te quero ver emquanto não reconhaceres a minha realeza e lealdade» Ragnard ficou muito assustado e tentou acalmar Aslog. — Amo-te, minha rainha — dizia elle a Aslog — partamos para a Dinamarca. Porém Aslog resistiu de tal fórma que o rei não teve outro remedio senão enviar um navio ás pressas á «Clareira dos Passaros».

No emtanto, Aslog, estava anciosa. Comtanto que Grima e Aake não tenham vendido o collar ou mesmo mudado de escouderijo—pensava ella—Então Ragnard julgará que menti e terminará minha felicidade. Passaram-se assim muitos dias crueis.

Por fim voltou o barco trazia o collar de Sigurd e os fragmentos da harpa de Heimer. Ragnard reconheceu immediatamente o collar e pediu a Aslog perdão por sua offensa.

Aslog não poude resistir e partiram todos para a Dinamarca. Ahi, suas bodas foram celebradas com toda a pompa. Um dos primeiros desejos de Aslog foi fazer concertar a harpa de Heimer:sabia ainda algumas canções e,tomando do instrumento fez ouvir sua voz afinada e dentro em pouco era tão conhecida como seus cabellos d'ouro, e em todo o paiz chamavam-na a «Princeza da Harpa de Ouro».

Era tão bonita que os officiaes e pagens não cessavam de admiral-a

O "Bom dia" do Anno Novo

FOLHAS NOVAS

«Levanta-te» — disse claramente uma voz.

Tommy, sentou-se na cama. Aos pés d'esta estava um menino quasi da sua idade, todo vestido de branco, como se fora de neve. Tinha uns olhos muito vivos e fitava Tommy.

«Quem és? — perguntou Tommy.

«Sou o Anno Novo» respondeu o menino.

«E hoje o meu dia e trago-te novas folhas.

«Que folhas? — perguntou Tommy.

«Novas folhas de papel, redarguiu o Anno Novo. Tive de meu pai muito más informações a teu respeito.

«Quem é teu pai?

«O Anno Velho, agora extincto, — disse o menino de branco. «Se não mudares de vida, continuou elle,— «cresceras de maldade todos os annos e virás a ser um hom máu. Queres ser um rapaz de máus instinctos?

«Não!» —respondeu Tommy.

«Então trata de te fazer um bom menino primeiramente. Toma estas folhas». E tirou do bolso um embrulho tão branco quanto suas vestes. «Volta todos os dias uma d'essas folhas, e em breve serás um bom menino, ao envez de um máu homem.

Tommy tomou as folhas de papel e contemplou-as.

Em cada uma d'ellas estavam escriptas algumas palavras, numa se lia— «Ama tua mãi»—n'outra «não molhetes os animaes» na seguinte «não comas de mais». E ainda em outra «não façãs mal a pessôa alguma.

«Mas!... — exclamou Tommy.

«Adeus» — disse o Anno Novo. Voltarei quando estiver velho e souber que te regeneraste. Lembra-te sempre:

«Sendo um bom menino virás a ser um bom homem».

Voltou-se rapidamente e abriu a janella.

Um vento frio penetrou no aposento e arrancou as folhas de papel das mãos de Tommy.

«Espera!... Espera!» — gritou elle — «Dize-me» — mas o Anno Novo já se havia afastado e Tommy acompanhando-o com o olhar, viu bruscamente sua mãi no quarto.

«Querido filho» — disse ella — o vento sopra muito forte».

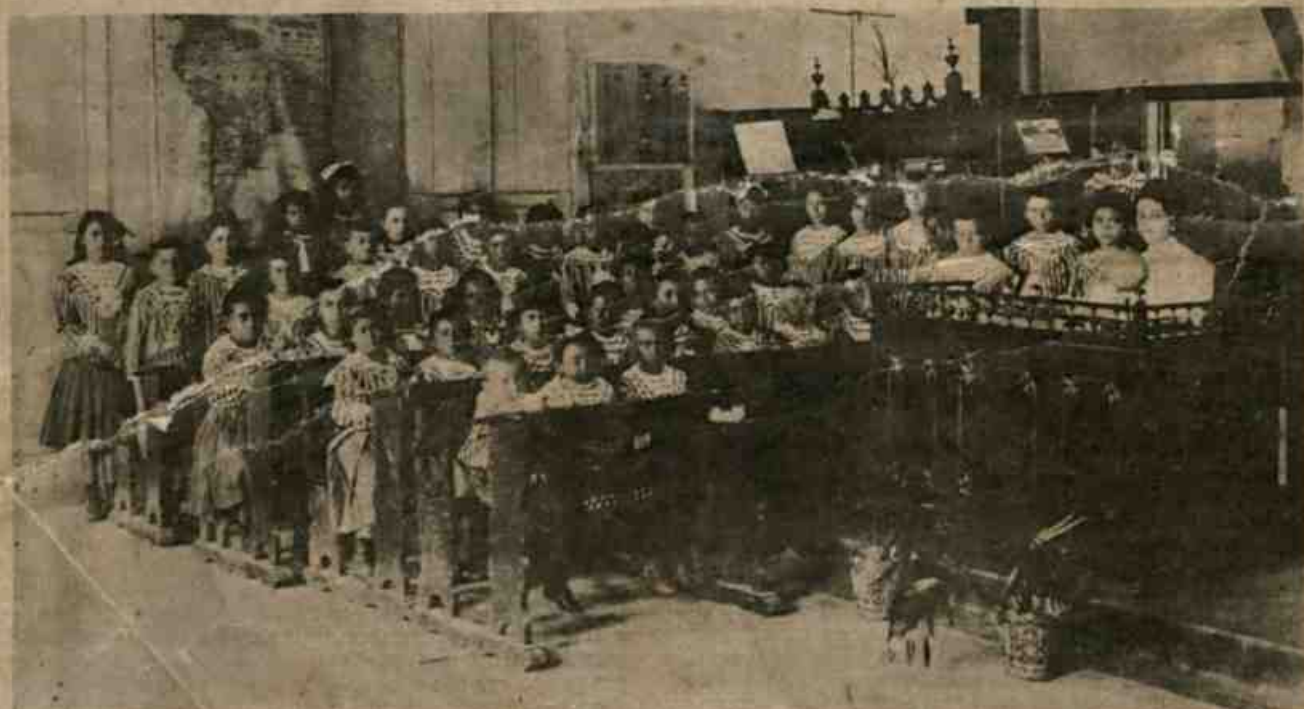
«Minhas folhas! Onde estão minhas folhas» — gritava Tommy.

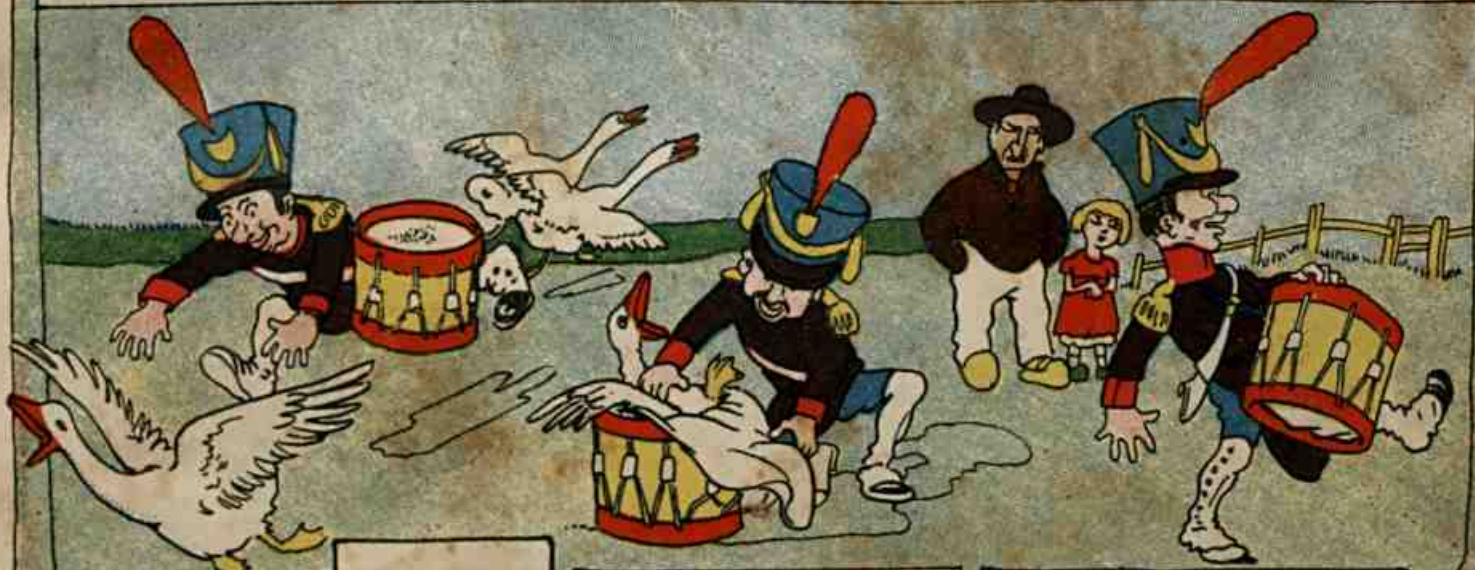
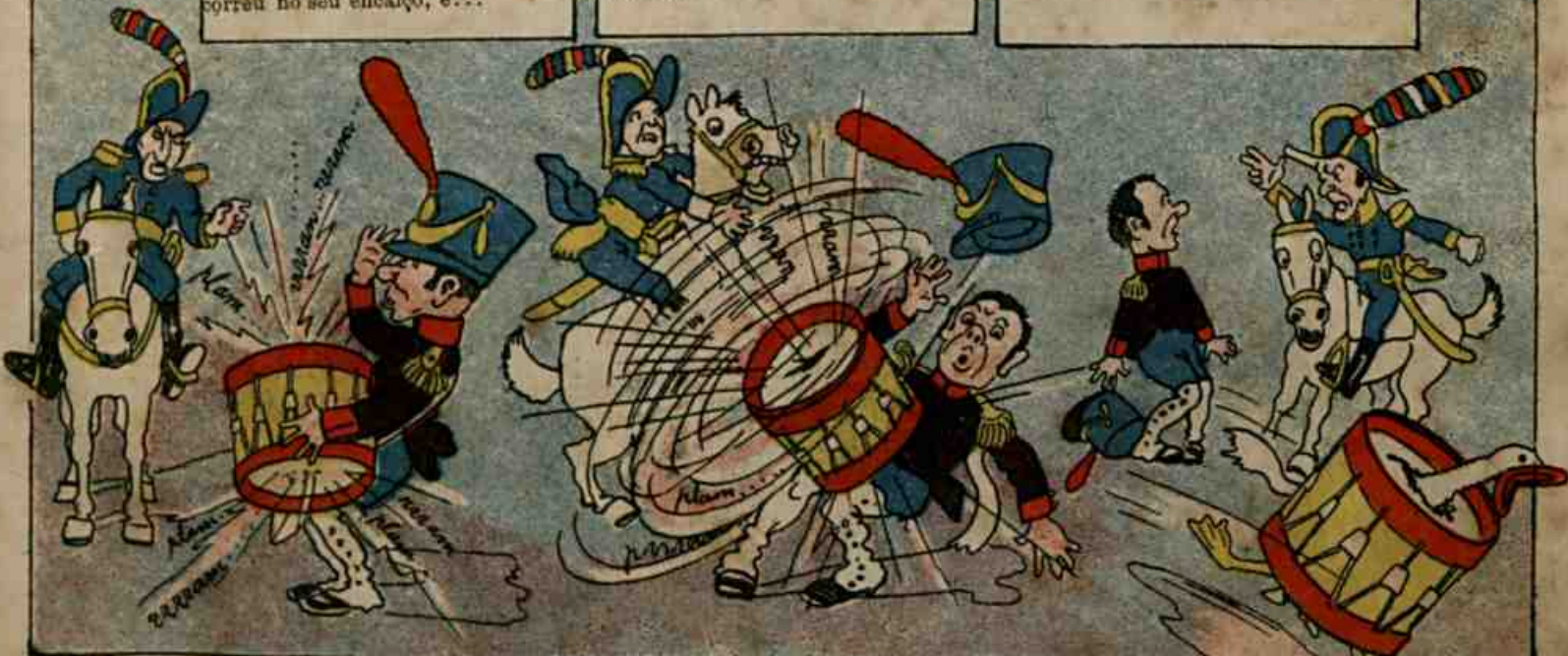
E saltando do leito procurou em torno, não encontrando uma só das folhas de papel. «Nunca mais serei o mesmo» — disse elle. Quero ser um homem de bem.

O primeiro couraçado que teve a marinha brazileira foi o *Brazil*, construido nos estaleiros *Forges et Chantiers de Mediterranée*, em Toulon.

Encommendado em 1861, por occasião do conflicto anglo-brazileiro, só em 1868 foi elle encorporado á nossa esquadra, por haver sua partida de França sido embargada por Napoleão III, em vista do estado de guerra declarado entre o Brazil e o Paraguay.

A cidade mais antiga do Brazil é a de S. Salvador da Bahia, fundada em 1549 por Thomé de Souza.

O galante Moacyr, filho do Sr. Francisco Paiva, residente em Canafistula

Escola publica em Manáus, no bairro de Constantinopolis, dirigida pela senhorita Maria Araripe

O TAMBOR E O PATO
1) Isso passou-se no tempo do imperio. O general Parafuso, tendo reunido os soldados, recommendou-lhes que se divertissem, mas que nada roubassem aos habitantes da cidade.
2) O tambor do batalhão, estava deitado no rancho, quando viu passar um pato; mais que depressa correu no seu encalço, e...
3)... tendo-o preso, não vacillou um momento, enfiou-o no tambor.
4)Depois,tendo-o collocado a tiracolo, partiu muito satisfeito com a caçada.
5) «Senhor tambor, disse o general, creio que minhas ordens foram cumpridas, toque reunir». O rapaz hesitou, pois lembrava-se do pato, mas este entrou a espernear...
6)...de tal maneira que o cavallo do general, assustou-se e mesmo o tambor não se poude conter.
7) Finalmente o pato conseguiu furar o couro, e eis o tambor á andar sósinho—O soldado foi condemnado á trinta annos e cinco minutos de prisão.

O LADRÃO HONESTO

1) O marquez de Arronaldo, foi accusado de um crime de trahição e preso. Condemnado á morte, não poude conseguir o perdão. Tem por companheiro de carcere um ladrão celebre, Conradino;

2) tambem accusado de um crime e cujos sentimentos elevados o fidalgo poude apreciar. Na occasião de partir para á forca disse o marquez á Conradino: Escondi muito dinheiro em ouro.

3)—Vou-te dizer onde. Quando o tiveres encontrado divide-o com minha filha. Conradino havia sido condemnado por ter roubado um sacco, mas, era um homem honesto.

4) Com effeito, morto o marquez, foi onde lhe havia indicado, procurou e encontrou um cofre cheio d'ouro.

5) Conradino procurou os parentes do marquez; a mulher havia morrido; a filha tinha então dezoito annos e era muito maltratada.

6) Conradino, defendeu-a, dizendo: Prohibo que dêem na filha do marquez. Você nada tem com isso, responderam-lhe ella é uma preguiçosa e nem ganha o pão que come. Melhor, leval-a-hei commigo, disse o ladrão.

7) Conduziu-a á sua casa e mostrou lhe os saccos com ouro. Tudo isso lhe pertence disse elle, bem como esta casa. Explicou então á moça o que se havia passado entre elle e o marquez.

8) Quando a moça, se viu bem accommodada na nova habitação rodeiada por suas irmãs Conradino, foi fazer uma viagem á côrte

Lá chegando, reuniu-se aos amigos do marquez, fazendo ver ao rei a injustiça, que commettera.

10) O rei ouviu-o e consentiu na revisão do processo.

—Enganei-me, disse elle, e estou prompto a reparar o engano.

(Continua na pagina seguinte)

O LADRÃO HONESTO

11)—Segundo o novo julgamento, ficou provada a innocencia do marquez Arronaldo e sua filha entrou de posse de todos seus bens Conradino levou-a para o castello, e lá a moça em lagrimas...

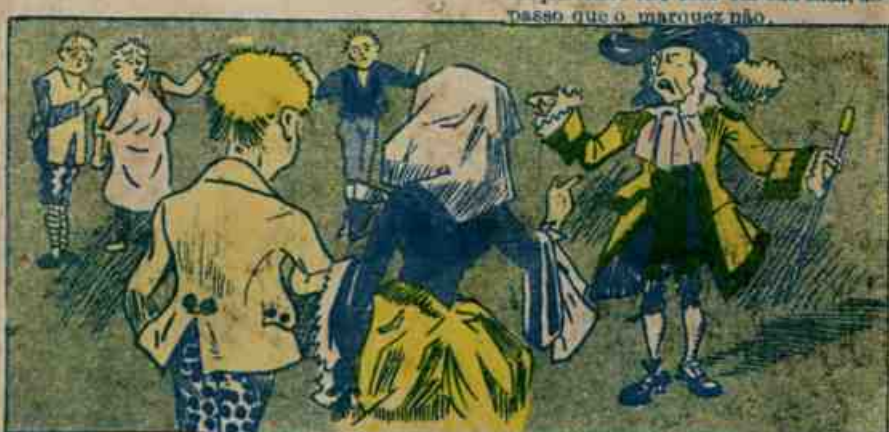
12)—atirou-se nos braços de seu protector. A partir desse momento, Conradino, foi um amigo fiel e dedicado de Herminia, assim se chamava a moça, e viveu no castello querido por todos.

13)—Seis mezes depois, chegava ao castello um tal marquez Peroba, insolente e fallando á todos com arrogancia. Queria casar um filho seu com Herminia de quem era parente muito afastado.

14)—Era tão insupportavel que Herminia, não o podia vêr
—Sabe disse-lhe um dia o marquez o teu protector é um ladrão.

15)—Folgo muito em sabel-o, respondeu a moça.
—Então tolera no castello um ladrão ?

16)—Herminia respondeu.
—Um homem como o senhor meu primo não póde viver aqui com um ladrão e como metade do castello me pertence elle está em sua casa, ao passo que o marquez não.

17)—E fazendo uma reverencia, accrescentou:
—Bôa noite senhor Peroba. O marquez ficou fulo de raiva e ia replicar quando surgiu Conradino. A moça tomou-o pelo braço...

18)—Senhor marquez, tenho a honra de apresentar meu noivo.—Todos applaudiram a escolha, menos o marquez. Casar-se com ladrão ?—Certamente respondeu Herminia...

19)... vale mais um bom ladrão, do que um imprestavel como seu filho. O que tenho á elle devo. O marquez fugiu com o filho ás pernadas.

20)—Conradino ajoelhou-se. Desde então o castello foi coberto de felicidades. Os pobres que lá iam buscar esmolas appellidaram-o «Castello do ladrão honesto.»

(Fim)

O VIOLÃO MAGICO

1)—Pobre como Job mas alegre como ninguem, Pingapulha, corria as ruas da cidade de violão em punho, cantando lundús magoados.

2)—Fazia tantas caretas interessantes que o povo lhe dava dinheiro. Era assim que vivia. Um dia encontreu...

3) ...um velho. Era um pobretão mas como a voz não lhe faltasse, ganhava dinheiro, cantando como Pingapulha. Este teve piedade.

4)—E levou-o comsigo pela cidade, cada um cantando o que sabia. Tinham um repertorio variado.

5)—Davam verdadeiras representações, á que assistiam muitas pessôas. Uma vez, haviam sahido da cidade...

6) ...quando de repente o velho desappareceu em meio de fumaças. Quando estas se dissiparam viu Pingapulha, um moço em frente a si...

7)—E o moço fallou assim: Sou o rei do Dinheiro, quiz experimentar-te e como tens bom coração, vou recompensar-te. Aqui tens estes criados, quando quizeres alguma cousa é só pedir...

8)—Queria viajar para muito longe—disse Pingapulha e mal havia terminado a phrase, viu-se carregado.

9) Na frente ia um genio carregando o violão. Pingapulha, deixava-se carregar muito satisfeito.

10)—Em meio do caminho, teve fome e mal manifestou tal desejo, foi atirado por uma chaminé...

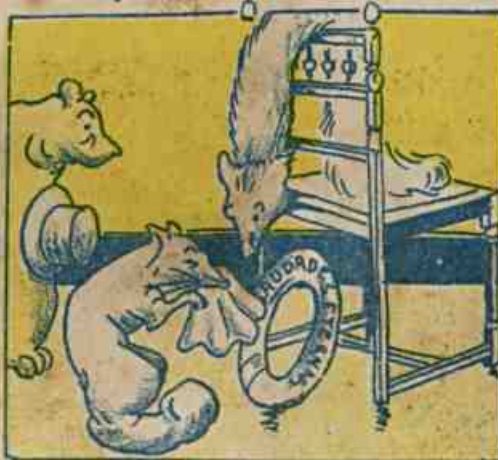
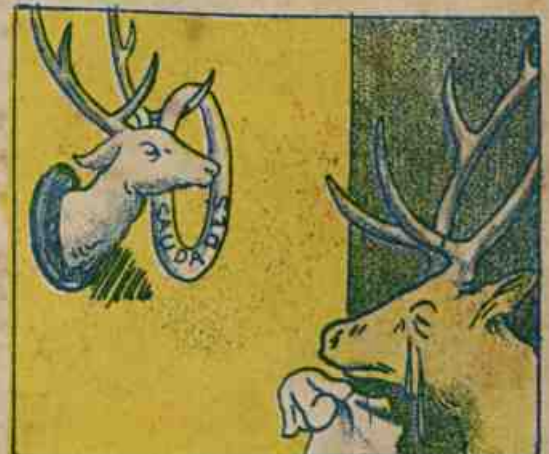
11) ...indo cair n'um hotel on' jantou como um principe, bebendo [illegible] melhor.

UM PESADELO

1)—«Que barulho é esse ?» Não são horas de me accordar ! mas, quero ver quem é.

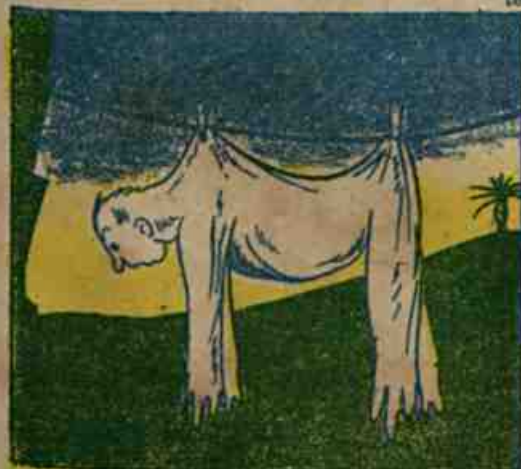
2)—O senhor Turumbamba, vê entrar em casa, grande numero de animaes, reclamando os despojos de seus parentes.

3) – O tigre começa a chorar, e colloca uma corôa no capacho feito com a pelle de um seu primo.

4) – O urso, solta grandes gritos, ao ver um capote feito com o pello de um de seus antepassados.

5)—A raposa reconhece com pezar que um parente seu foi sacrificado para adorno da senhora Turumbamba, e põe tambem uma corôa

6)—O veado, que chora muito facilmente não se pode conter deante do porta-chapéos.

7)—Um passaro inclina-se respeitosamente e deposita uma grinalda, sobre os despojos de uma sua irmã, que ornam um chapéu.

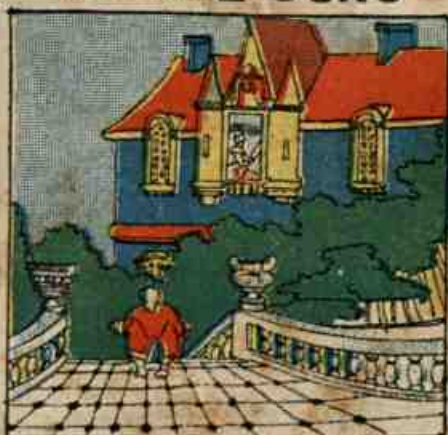
8)—Depois de cumprido seus deveres, os animaes se reunem e o tigre approximando-se do sr. Turumbamba, diz-lhe» segue-nos, vamos levar-te ao paiz dos animaes onde serás condemnado...

9)... pela tua crueldade». Levam-n'o perante o leão, o rei dos animaes. E Turumbamba foi condemnado aos mesmos supplicios infligidos aos animaes.

10)—E' immediatamente morto e salgado: «Que iremos fazer d'esta pelle pergunta um dos animaes. Para nada serve. Vamos fazer um tambor.

11) Mantendo esta ultima idea fazem um tambor o macaco bate todas as manhãs e tão forte...

12) que o senhor Turumbamba e arrebatado ao pesadelo... pelo despertador. E com prazer vê que tudo aquillo não passára de um máu somno..

A LÃ DE OURO

1) Outr'ora vivia um homem muito bom e rico, chamado Coração de Ouro. Mas andava triste, pois, era horrendo. Sahia pouco e passava a maior parte do tempo estudando.

2) Para cumulo de infelicidade, encontrou elle uma linda princeza, Bellina, por quem apaixonou. Comprehendendo que nunca se faria amar por essa moça, contentava-se com vel-a de longe.

3) A princeza Bellina era muito bonita. Vivia isolada n'um castello e passava os dias fiando uma lã de ouro, que lhe deixara sua mãi.

4) Cada vez que a moça puxava um fio, tombava ao chão uma moeda de ouro, diamante e outras pedras preciosas. Um dia viu-a um lindo principe chamado Arlindo.

5) O principe entrou á namoral-a e o pobre Coração de Ouro, que se havia escondido, não poude deixar de admirar a belleza de Arlindo.

6) Um dia ficou ainda mais surpreso vendo um dragão approximar-se do castello de Bellina. A moça não se assustou — Bem — disse o dragão, matarei» . . .

7) . . e o meu adversario que sahir victorioso, casar-se-ha com a senhora. Coração de Ouro ouviu taes palavras. «Se eu pudesse salval-a ! . . .» E voltou a casa. Coração de Ouro era um sabio.

8) Graças á sua sciencia, poude fabricar uma espada enorme. Partiu para o palacio de Bellina e lá encontrou o dragão.

9) «Mas sou tão feio» . . E Arlindo é tão bello. Voltou-se e foi ter com Arlindo, que lhe disse— «Não me poderei casar, disse elle, pois não posso luctar com o dragão».

10) Tome esta espada—disse Coração de Ouro, e será invencivel. O principe foi ao castello de Bellina que ao vel-o ficou muito alegre. «Estou certa de que vencerás—disse-lhe ella»

11) Arlindo bateu-se admiravelmente e o dragão, reconheceu-o vencedor.

12) Sem mais esperar a moça desceu para agradecer-lhe, levava comsigo a lã de ouro e sem saber porque viu o dragão comel-a, desapparecendo em seguida.

A LÃ DE OURO (Fim)

13) Logo que o dragão enguliu a lã de ouro o palacio da princeza transformou-se numa choupana. Os seus vestidos tornaram-se andrajos, e Arlindo ficou furioso.

14)... e partiu immediatamente. Bellina ficou muito triste e envergonhada porque Coração de Ouro a tinha visto.

15) Coração de Ouro foi ter com o principe e pediu-lhe que voltasse, mas este recusou-se pois tinha muitas dividas a pagar e Bellina ficára pobre.

16 Nobre princeza, disse Coração de Ouro, o principe feriu-se e logo que estiver curado, voltará.

17) Feliz por havel-a consolado, voltou a sua casa e depois de estudar foi ter com o rei dos genios pedindo, que lhe entregasse o fuso de ouro.

18) «Só o farei disse o soberano se deres em troca teu palacio e todo o teu dinheiro». Coração de Ouro consentiu na proposta pois queria alegrar Bellina.

19) E pobre, andrajoso, foi levar o fuso a Bellina. No mesmo instante, reappareceu o castello e a princeza, achou-se ricamente vestida.

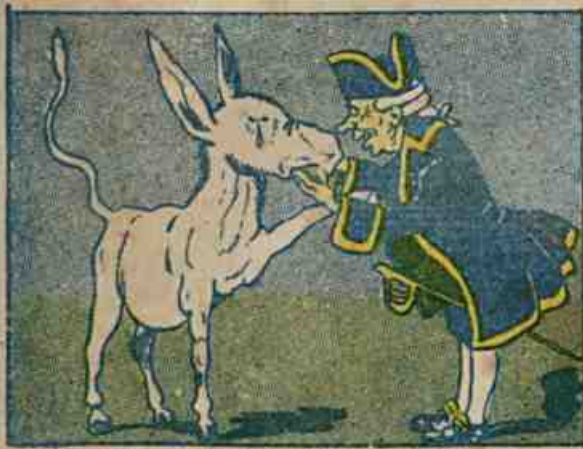
20) Bellina perdera a esperança de se casar com Arlindo, mas, Coração de Ouro foi ter ter com elle e lhe disse que a princeza estava novamente rica.

21) E o principe mais que depressa foi ter ao palacio. «Quizera vel-a ficando a Lã de Ouro como a primeira vez que a vi, disse Arlindo». A moça obdeceu.

22) E o principe certo de que as riquezas haviam voltado pediu-a em casamento. A princeza estendia-lhe a mão quando...

23) Arlindo foi transformado num sapo. «Que é isto ?» perguntou a moça. «A alma de Arlindo— disse o rei dos Genios—sob aquelles vestuarios se abrigava um perverso».

24) Forçou Coração de Ouro a adiantar-se e quando este chegou junto á princeza era um principe lindissimo. A moça ficou muito satisfeita e casou com elle.

O BURRINHO DO DUQUE

1) Quando o velho duque Furabolo foi obrigado a ir residir na Côrte de Luiz XV, deixou, com grande pena, um burrinho cinzento, musculoso e intelligente, que era seu companheiro habitual em suas propriedades, no Anguzeiro.

2) Procurou um fazendeiro e disse-lhe:--Aqui estão trezentos escudos para cuidares do meu burrinho Patifão Todos os annos te darei a mesma quantia

3) ..com a condição de encontral-o em bôa saude —Os colonos, encantados pelo donativo, cuidavam do burrinho o mais que pudiam Eis que em uma noite sem luar, uns bandidos penetram n. cocheira e rou bam o burrinho.

4) O facto se deu justamente quando o duque havia annunciado a sua chegada. Os colonos perseguiram os ladrões, e acabaram por saber, que o burro tinha sido morto, comido e a sua pelle

5) ..vendida em Augumolle. Foram á cidade e descobriram a pelle do Patifão, e compraram a no instante em que ia ser vestida por um actor de circo.

6) Depois voltaram, tendo-lhe sacudido uma idéa. O duque Furabolo tinha chegado. Estava mais velho e mais myope. Seu primeiro cuidado foi vêr o Patifão.

7—Foi-lhe apresentado Patifão, ou melhor, a sua pelle, na qual havia tomado logar um filho do fazendeiro

O duque não percebendo o engano acariciou-lhe o pello cinzento.

8)—O burro lambeu os dedos do patrão, que lhe disse:

-Ao que vejo, Patifão, sempre me queres bem Deu-lhe assucar, que o filho do fazendeiro comeu.

A noticia

9) ...espalhou-se pelo paiz chegando até Pariz, onde o duque ouviu dizer por um cortezão: -Toda a provincia está a rir-se.

O duque soube do facto ...

10) ...e nada disse, mas o anno seguinte elle voltou ao castello e perguntou por Patifão.

—Esta na cocheira -respondeu o fazendeiro — está á espera do senhor duque.

11)—Ainda bem—disse o duque—pois preciso conversar com elle

E, approximando-se do falso burro, disse-lhe Lembro-me agora, Patifão, de que um dia me atiraste num buraco-- Havia-te promettido cincoenta pauladas e vou cumprir agora a promessa.

12) Assim dizendo, fez signal aos creados, que, armados de varas, avançaram para o pseudo-burro. Já haviam dado começo á pancadaria, quando o filho do fazendeiro fugiu abandonando a pelle e os trezentos escudos.

A LUA

COMO SE FAZEM AS DIVISÕES DO TEMPO

A Terra reflecte no espaço os raios luminosos do sol. Vista da lua, a Terra tem seis phases, isto é, ella apparece sob seis aspectos differentes.

Na Lua nova o hemispherio terrestre, voltado para esse astro, fica inteiramente esclarecido; ha então *Terra cheia*, em opposição á *Lua cheia*.

As phases da Terra e da Lua são quasi complementares. E' pois nas proximidades da lua nova que a Terra reflecte menor quantidade de luz sobre seu satelite.

A luz que a Terra reflecte sobre a Lua e que esta nos envia, é denominada *luz cinerea*; permitte-nos ver alguns dias antes e depois da lua nova, a parte do disco lunar que se encontra na penumbra.

COMPUTO ECCLESIASTICO — O anno é um periodo de tempo; as estações se representam na mesma ordem e regem por conseguinte os phenomenos atmosphericos que d'ellas dependem. E' portanto, sob o ponto de vista da agricultura, o periodo mais importante; assim os homens tomaram-n'o como base dos calendarios.

O ANNO SIDERAL — E' o tempo comprehendido entre duas passagens consecutivas do Sol pelo meridiano de uma estrella, isto é deante d'ella.

O ANNO TROPICO — E' o tempo que separa duas passagens consecutivas do sol pelo equinoxio da primavera.

O anno tropico tem cerca de 20 minutos 18 segundos menos do que o anno sideral, vale 366 dias sideraes 5 horas 48 minutos 47 segundos.

O ANNO CIVIL. — Compõe-se de um numero exacto de dias. Tem ora 365, ora 366, afim de concordar com a marcha do sol.

CALENDARIOS — Calendario é a reunião nas convenções estabellecidas para fazer coincidir o anno civil com o anno tropico, fixando as subdivisões.

ERA — Para contar os annos escolheu-se para ponto de partida uma época memoravel. A *era christã*, adoptada por quasi todos os povos civilisados, data do nascimento de Jesus; a dos romanos da fundação de Roma, 753 annos antes da era de Christo; a dos mahometanos ou *era de Hegira*, do anno 622 de nossa era.

O ANNO ENTRE OS DIFFERENTES POVOS — O anno dos Egypcios comprehendia 360 dias, divididos em 12 mezes de 30 dias cada um; por isso o equinoxio da primavera se encontrava todos os annos retardado em cerca de 5 dias e 1|4 do anno precedente. Em menos de 18 annos, a primavera encontrar-se-ia no verão, e num periodo de 70 annos pouco mais ou menos teria percorrido todas as épocas do anno. Mais tarde esses erros foram corrigidos em parte, fazendo-se o anno de 365 dias; mas o anno novo differia ainda do anno astronomico e deslocava as estações. Com effeito, todos os annos havia um erro de 1|4 de dia, e de quatro em quatro annos o equinoxio retardava-se de um dia no fim de 365 annos; a primavera occupava o logar do verão, e só depois de 1460 annos é que voltaria á época normal.

Designa-se sob o nome de anno *vago*, *egypcio* ou de *Nabonassar* um periodo de 365 dias; 1460 annos vagos formam o *periodo rothico*.

REFORMA JULIANA — Pelo anno 46 antes de Christo, Julio Cesar dispoz-se a reformar o calendario. Sob as indicações de Sougene, astronomo da Alexandria, contou o anno de 365 dias e um quarto e ordenou que de quatro em quatro annos em vez de 365 dias houvesse um de 366, que se chamaria *bisexto*.

O dia supplementar foi reunido do mez de fevereiro. No anno bissexto esse mez tem 29 dias.

Para corrigir os erros procedentes, Julio Cesar ordenou que o anno da reforma contasse 445 dias. Esse anno foi chamado o *anno de confusão*.

Em 325 o equinoxio da primavera chegára aos 21 de Março; os padres do christianismo, reunidos em Nicea, entraram a tratar então do calendario.

Crentes de que a reforma Juliana fazia exactamente coincidir o anno civil com o anno tropico, adoptaram-no, com a condição de que o anno bissexto fosse aquelle cujo milesimo fosse divisivel por 4.

REFORMA GREGORIANA — O calendario Juliano tinha tambem alguns erros. No fim de certo tempo o anno civil occupara o logar do anno astronomico.

O papa Gregorio XIII, levou o equinoxio da primavera para a mesma data do conselho de Nicea, isto é, para 21 de Março. Para isso subtrahiu 10 dias ao anno corrente e ordenou que o 5 de Outubro de 1582 passasse a 15.

Para fazer desapparecer os erros futuros decidiu que fossem retirados trez annos bisextos de 400 em 400 annos.

Este calendario não foi perfeito, porém era o que melhor parecia. A reforma do papa Gregorio XIII foi adoptada em França a 10 de Dezembro de 1582; os paizes catholicos da Allemanha adoptaram-na em 1584 e os paizes protestantes, inclusive a Dinamarca, Suecia e Suissa, só se reformaram em 1600; a Inglaterra esperou até 1752.

A Terra vista da Lua a olho nú.

A Lua vista da Terra a olho nu.

A Terra vista da Lua.

Os povos schismaticos russos e os gregos seguem ainda o calendario Juliano; a discordancia entre os dous calendarios, que era de 10 dias em 1582, é agora de 13 dias.

No computo ecclesiastico, os elementos principaes são as *lettras dominicaes*, o *numero de ouro* e o *epacto*.

CYCLO LUNAR OU DE METON — Um periodo de 19 annos encerra pouco mais ou menos 235 *lunações* (gyros menses da lua); o erro não é senão de um dia em 200 annos. Admittindo esse periodo como exacto, as phases da lua apresentam-se na mesma data de 19 em 19 annos consecutivos, para estabelecer um calendario perpetuo.

NUMERO DE OURO — O *numero de ouro* de um anno é o logar d'esse anno no cyclo lunar varia de 1 a 19.

Em Athenas a data do cyclo lunar se achava gravada

em lettras de ouro sobre um monumento publico; d'ahi essa denominação.

Os cyclos lunares são contados a partir de 10 de Janeiro do anno, que precedeu a nossa era.

O *epacto* de um anno é a idade da lua a 1º de Janeiro desse anno.

DATAS DA LUA NOVA: —A primeira lua nova ecclesiastica de cada anno é em Janeiro, no dia em que a data é egual ao que falta ajuntar ao epacto para fazer 9!

Assim em 1900 o numero de ouro sendo S, o epacto XXIX, a primeira lua nova foi em 2 de Janeiro. Para encontrar a data das outras duas luas novas do anno basta accrescentar alternativamente 30 a 29 da data precedente.

ROTAÇÃO DA LUA: — Note-se na superficie da lua manchas que differem das do sol por sua permanencia, invariabilidade de fórma e fixidez em sua posição. Tal constancia de aspectos, que nos apresenta a lua mostra que ella volta sempre para a Terra o mesmo hemispherio e conclue-se que ella é sempre animada por um movimento de rotação em torno de um dos seus diametros.

A duração da rotação da lua é exactamente egual á da revolução sideral, pois se existisse uma differença na duração d'esses movimentos veriamos gradualmente uma nova porção da superficie da lua; ora, de ha muitos seculos vemos sempre o mesmo hemispherio.

LIBRAÇÕES: —Observando a lua attentamente percebemos que suas manchas, posto que conservem as respectivas posições, estão submettidas a um certo movimento de oscillação chamado *libração*.

Essa oscillação é resultante de trez movimentos distinctos conhecidos sob os nomes de *libração de longitude*, *libração de latitude* e *libração diurna*.

DISTANCIA DA LUA Á TERRA: — A distancia média da lua á terra é de cerca de 60, 273 raios terrestres, ou 384 436 kilometros.

Um trem cobrindo 60 kilometros por hora, sem parar, levaria 267 dias para vencer esse espaço.

Uma bala tendo a velocidade de 500 metros por segundo gastaria 9 dias. Suppondo que a lua cahisse sobre a terra, levaria 6 dias 1/4 para cá chegar.

CONSTITUIÇÃO PHYSICA DA LUA: — A lua nos apparece sob a fórma de um disco chato; mas, observado com um oculo de alcance, parece uma esphera em cuja superficie, se notam altas montanhas, sobretudo nas immediações do circulo de illuminação, onde os raios do sol cahem obliquamente. Nessas regiões as montanhas projectam grandes sombras, e vêm-se cumes esclarecidos, emergindo de planicies ainda obscuras.

Certas partes da lua não encerram montanhas, reflectindo menos luz do que as demais; são grandes planicies, impropriamente denominadas *mares*.

As montanhas da lua têm a fórma de barretes circulares; a uma certa altura o nivel do solo baixa e fórma circulos muito profundos e extensos, cujas paredes interiores são quasi verticaes. O fundo desses circulos, é geralmente liso.

Ahi se nota quasi sempre um monticulo isolado.

As montanhas da lua não são dispostas em cadeias como as da Terra; parecem-se muito com as crateras dos vulcões; no emtanto attribuem-lhes origens differentes.

ALTURA DAS MONTANHAS DA LUA: —Póde-se medir a altura das montanhas da lua ou pela sombra ou pela distancia do cume illuminado do circulo de illuminação.

Suas montanhas são mais altas que as da Terra; assim, a mais alta *Curtius*, tem 8880 metros de altura; emquanto que o monte *Gaorisankar* ou *Himalaya*, o mais alto do nosso globo, não passa de 8840 metros.

A AUSENCIA DE AR NA SUPERFICIE DA LUA: —A lua não tem atmosphera; com effeito, se ella estivesse envolvida por uma camada de ar, apresentaria certos phenomenos:

1º) Seu disco não seria escondido pelas nuvens, como acontece ás vezes.

2º) A parte obscura, em vez de ser separada da parte illuminada por uma linha nitida, apresentaria uma transição sensivelmente graduada, devido ao crepusculo.

3º) Uma estrella não desappareceria bruscamente no momento da *occultação*; isto é, á sua passagem por detraz do disco lunar, e sua luz diminuiria aos poucos.

Póde-se dizer que a lua, se tem uma atmosphera essa é differente da nossa.

Dahi a ausencia d'agua na superficie da lua; pois se houvesse uma atmosphera, esse liquido não supportaria pressão alguma, reduzindo-se a vapor e formaria uma nuvens.

A ausencia de atmosphera impede tambem a luz difusa, de maneira que as partes, que não são illuminadas directamente ficam em escuridão completa.

A MENTIROSA

—Augusta, quem quebrou o pires que estava aqui, no armario?

—Não fui eu, mamãe; foi o gato.

—Como? O gato? Não é possivel, menina; pois o gato ha dias que desappareceu e não voltou mais...

—Voltou, mamãe veiu quebrar o pires e foi-se embora!

—Quando foi isso?

—Foi ha dias, mamãe. Elle entrou de mansinho, miau... miau... subiu ao armario e catrapuz! deu um coice no pires, quebrou-o e foi-se embora!

—Onde é que viste gato dar coices? e como póde ser isto, se eu arrumei este pires aqui, hoje?

E mamãi castigou Augusta por ser tão mentirosa.

MANUEL DO VALLE GUTIERREZ.

Curso primario do Externato Teixeira. Sentado, á direita está, o seu director Sr. Manuel José Teixeira

A SUPERSTIÇÃO

Um homem, lamentando-se, veiu procurar Catão, um dos maiores sabios da Republica Romana, e lhe disse que elle estava muito amedrontado por uma aventura, que lhe parecia de máu agouro.

—De que se trata?—perguntou Catão.

—E'—respondeu o homem—que os ratos roeram esta noite um dos meus sapatos.

—Tranquillise-se—respondeu Catão—nisso não ha mal algum. Sabe o que seria verdadeiramente para amedrontar e o que o deveria incommodar?

—Que?—perguntou o homem.

—Se o seu sapato comesse os ratos.

E o homem lá se foi muito envergonhado da sua superstição.

(Traducção de Joaquim P. Blandy, Santos).

Gilda, de 4 1/2 annos de idade, filha do Sr. Horacio Luiz de Faria, negociante na cidade do Rio Grande, do Sul

A PALAVRA DE HONRA

No tempo da guerra entre a França e a Prussia havia grandes soffrimentos na cidade de Paris. A comida era escassa, e a gente muito pobre tinha fome quasi sempre. O povo estava descontente e alguns homens máus insistiam com elles para tomar a cidade e estabelecer outro governo. A população seguia este conselho e commettia roubos e massacres, queimava conventos, egrejas eram destruidas e padres assassinados.

Depois os soldados do governo chegaram e dispersaram a multidão feroz. Muitos ficaram prisioneiros e foram condemnados á morte.

Um dos condemnados era um rapaz, que não tinha bem 16 annos de edade; não era máu; tinha perdido o pai, que morrera na guerra, e sua mãi estava presa ao leito.

O rapaz tinha sahido para buscar alimentos e, ameaçado pelos companheiros, tomou parte no chamado Exercito do Povo. Agora estava preso, esperando o momento para ser fuzilado. Emquanto estava sentado, alimentando o desejo de dizer adeus á sua mãe, que elle tanto amava, entraram alguns officiaes.

—Bem, meu rapaz—disse o capitão de commando—creio que você já sabe o que o espera.

—Oh! já sei, capitão—respondeu o menino

—Prompto! Sem uma palavra sequer para seus pais?

—Meu pai morreu, combatendo pela França. Minha mãi está doente; e, embora eu queira vel-a ainda uma vez, penso que nunca mais terei essa ventura.

Um momento, capitão, deixe-me dizer uma cousa: dê-me uma hora para vel-a, para dizer-lhe adeus, para beijal-a. Ella era tão bôa para mim! e eu dou a minha palavra de honra que voltarei.

—Sua palavra de honra?!

O capitão olhou para os outros officiaes; todos estavam commovidos.

—Bem—disse o capitão—você tem toda a tarde para ver sua mãi. Se não voltar depois, considerarei você um rapaz sem palavra.

O rapaz sahiu como um tiro. Os officiaes entreolharam-se e sorriram. Vel-o-hiam de novo?

Dez minutos mais tarde o rapaz batia á porta da sua casa. Uma vizinha veiu abrir.

—Entre devagar—disse ella—Sua mãi esteve muito doente. Perguntou por você muitas vezes. O rapaz foi na ponta dos pês até a cama de sua mãe. Estava acordada.

— Victor, meu filho! — disse ella com uma voz fraca.

Sem uma palavra o rapaz correu para ella, abraçando-a; este rapaz, que tão destemidamente enfrentava a morte, teve medo. Tornava-se uma creança nos braços de sua mãe. A pobre senhora esforçava-se para aquietal-o.

— Não chores; nós não nos separaremos nunca mais. Vai dormir, meu filho.

Os soluços de Victor diminuiram lentamente e pouco depois só se ouvia no quarto a respiração d'elles. Passado pouco tempo elle acordou e levantou-se da cama. Beijou levemente a testa de sua infeliz mãe, que parecia sorrir-lhe no somno e sahiu apressado sem ousar volver os olhos.

—Já de volta? — pergunou o capitão, surprehendido, quando Victor entrou de novo na prisão—Por que se apressou tanto?

—Não ousei ficar lá mais tempo, porque ella podia acordar. Pobre mãi! estava tão feliz! Ella pensava que que nós nunca mais nos separariamos. Por isso eu sahi emquanto ella dormia.

Os olhos do capitão enchiam-se de lagrymas quando olhava para o Victor.

—Você não teme a morte?

O rapaz abanou a cabeça.

—E se eu o deixasse partir?

— Nesse caso o senhor salvaria a vida de minha mãi e eu o estimaria como se fosse um pai.

—Você é um bom menino. Não morrerá, está livre. Vá para junto de sua mãi. Primeiro deixe-me abraçal-o como se você fosse meu filho: agora corra e ame sempre sua mãi.

—Teria sido uma barbaridade matal-o—disse o capitão, virando-se para os outros officiaes.

Victor correu para casa. Sua mãi ainda estava dormindo. De repente ella ergueu-se, gritando:

— Misericordia! Victor! meu filho! Ah! estás ahi! ajuntou ella, despertando:

Abraçou-o cobrindo-lhe o rosto de beijos e disse:

—Oh! meu filho! meu filho! Sonhei que te iam fuzilar!!..

Traducção de Roberto de Carvalho.

Heitor e Carlitos, galantes netinhos do commendador Emilio Nielsen e residentes em Mendes, Estado do Rio

A nossa leitora e amiga Palmyra Carvalho, de 10 annos de edade, filha do Sr. Herculano Carvalho, residente no Pará, cidade de Belém

Professores e alumnos do curso infantil (segunda secção) do Externato Teixeira — Capital

O AEROPLANO

(COMEDIA INFANTIL)

PERSONAGENS

ALBERTO SANTOS.........	12 annos
JULIA SANTOS............	11 »
ALICE MAIA..............	10 »

(A scena se passa na sala de visitas da casa dos paes de Alberto e Julia Santos.)

SCENA I

ALICE, JULIA E DEPOIS ALBERTO

ALICE:—*(sentada ao lado de Julia)* — Estou impaciente e anciosa pela hora da experiencia.

JULIA:—Pois você acredita, Alice, nas invenções do Alberto?

ALICE:—E por que não? Elle já não fez uma locomotivazinha andar a vapor? Não fez tambem de uma velha machina de costura, uma esplendida machina de amolar facas?

JULIA:—Sim, isso elle fez, mas d'ahi a fazer um aeroplano vai muita differença.

ALICE:—Pois eu acho que não.

Você bem viu o modelo que elle desenhou e depois fez em ponto pequeno, movido por um elastico e que voava direitinho uma distancia como d'aqui para aquella porta.*(Indica uma porta, que estiver a certa distancia)*

JULIA:—Fazer um aeroplano pequenino, movido por um elastico,que se desenrola, não é o mesmo que fazer um grande, que possa supportar duas pessôas, como diz elle que fez.

ALICE:—Pois olhe. Eu creio que quem faz um objecto pequeno póde fazer um grande. Cesteiro que faz um cesto...

JULIA:—*(concluindo)* Faz um cento; mas um aeroplano não é um cesto. Eu cá por mim duvido muito que esse aeroplano do Alberto possa subir...

Moacyr Silva, filhinho do Sr. Francisco Silva, director da Companhia Industrial Penedense — Alagoas

ALICE:—Pois eu acredito que sobe.

JULIA:—E ainda mais com um motor inventado por elle... *(Dá uma risada)*.

ALICE:—Você tambem, Julia, só sabe fazer pouco no trabalho dos outros! Eu não sou assim; eu tenho orgulho de ser prima do Alberto e você tambem devia orgulhar-se de ser sua irmã.

Que juizo faz você delle?

JULIA: — O melhor possivel. Não é preciso zangar-se prima; eu não faço pouco caso do trabalho de ninguem, acho sómente que o meu irmão é muito creança para realisar as grandes ideias e projectos que lhe vêm á cabeça.

ALICE: — E' creança, mas é muito estudioso e intelligente.

JULIA: — Não nego e digo até que para o futuro elle será, talvez, um grande inventor.

ALICE: — Oh! Tenho a certeza d'isso.

SCENA II

AS MESMAS E ALBERTO

ALBERTO: — *(entra muito contente; de capa, luvas, oculos de automobilista e bonet com as orelheiras descidas.)* Mana Julia, prima Alice, está quasi tudo prompto.

ALICE: — A que horas é a experiencia?

ALBERTO: — D'aqui a meia hora, quando muito. Vou pôr em movimento o motor e largar pelos ares.

ALICE: — Então eu já volto. *(Sahindo)*. Vou preparar-me para subir. *(Sahe)*.

JULIA: — Veja lá o que você vai arranjar, Alberto; não vá depois haver alguma explosão!...

ALBERTO: — Explosão?!...

JULIA: — Sim. O motor é a petroleo ou á gasolina?

ALBERTO: — *(rindo)* Nada d'isso. Não ha receio de explosão. O meu motor é accionado por um systema de alavancas e espheras: obedece ao *motu-continuo*.

JULIA: — Ao *motu-continuo*?!

ALBERTO: — Sim. Dizem que em Portugal foi ha pouco tempo descoberto o *motu-continuo*, justamente quando eu já estava fazendo ensaios com o meu motor

JULIA: — E já chegou á funccionar?

ALBERTO: — Ainda não; mas tenho a certeza de que funccionará bem...

JULIA: — Como assim?

ALBERTO: — Naturalmente: Eu me basēio nas leis da gravidade. Desde que as alavancas ponham em movimentos as espheras, estas hão de gyrar eternamente, transmittindo o movimento a todo o apparelho. Agora como é isso, é segredo meu.

JULIA: — Palavra que não comprehendi nada.

ALBERTO: — E' facil comprehender. Vou dar um exemplo: um objecto qualquer que se solte no espaço sem um ponto de apoio, infallivelmente cahe, attrahido pela lei da gravidade, não é? *(Deixa cahir um objecto qualquer)*. Pois as minhas espheras são assim: cahem naturalmente umas sobre as outras e erguem-se depois por meio das alavancas para tornarem a cahir e assim por diante sem fim.

JULIA: — Não se pode ver ainda esse motor nem o aeroplano?

ALBERTO:—Ainda não. D'aqui a meia hora...

ALICE *(Entrando com um longo véu sobre os hombros, tendo na cabeça um bonet de viagem com as orelheiras descidas e um binoculo nas mãos ou a tiracollo)*:— Estou prompta.

JULIA:—Você vai mesmo subir, Alice?

ALICE:—Vou; não tenho medo nenhum.

ALBERTO: — Bravo, prima! Gosto de ver uma moça corajosa assim.

JULIA:—Eu não sou medrosa, porém primeiro quero assistir á experiencia: depois, talvez...

ALBERTO:—Isto é uma falta de confiança em mim. Olhe, Julia, eu hei de ser o continuador das glorias do nosso patricio Santos Dumont.

ALICE:—Para isso só lhe falta o ultimo nome—Dumont, porque Alberto Santos já você é.

JULIA:—Falta tambem o titulo de doutor, porque Santos Dumont é engenheiro.

ALBERTO:—Doutor serei tambem um dia. De um brazileiro,—o padre Bartholomeu de Gusmão,—foi a primeira idéa

Carlos, Carmen, Sylvia e Annita, assignantes e leitores do «Tico-Tico», filhos do Sr. Izaltino Ribeiro Caldas Bastos, commerciante nesta praça

Zacharias Haddad, tenente-alumno da Escola Barnabé. Tem 12 annos e nasceu na Syria

do balão dirigivel; de um brazileiro será tambem a ultima palavra sobre este problema.

JULIA:—E este brazileiro?...

ALBERTO:—Hei de ser eu.

ALICE:—Bravo, primo!

ALBERTO:—Mãos á obra. Vou soltar o meu passaro captivo. D'aqui a cinco minutos chamarei vocês.

ALICE:—Primo, não se esqueça de que eu quero subir tambem.

ALBERTO:—Garanto-lhe que subiremos, prima! (*Sahe*).

SCENA ULTIMA

JULIA, ALICE E DEPOIS ALBERTO

JULIA: — Tenho receio de que vá succeder alguma cousa a vocês.

ALICE:—Ora, prima, nem pense nisto. O Alberto sabe o que faz. Ha mais de um mez que elle trabalha trancado no porão, e, por certo, ha de sahir cousa bôa.

JULIA:—E' mesmo por isto que eu duvido. Por que motivo elle não deixou que ninguem visse o aeroplano e o tal motor?

ALBERTO:—Porque diz que nós, mulheres, não sabemos guardar segredo e que iriamos espalhar por toda a parte o plano do motor que elle inventou.

JULIA:—Qual nada! Eu continúo a duvidar d'essas invenções.

ALICE:—Pois eu não. Parece-me até que estou já lá em cima no aeroplano...

(*Ouve-se dentro um grande barulho de louça que se quebra e gritos*).

JULIA:—(*assustada*) Que foi isto?

ALICE:—(*idem, ao mesmo tempo*) Meu Deus, que seria?

JULIA:—Eu vou ver o que foi.

ALICE:—Espera; eu tambem vou.

Lygia Ubatuba de Faria, filha do Sr. Horacio Luiz de Faria, negociante na cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul

JULIA:—Será algum desastre?

ALICE:—Seria o aeroplano?

ALBERTO: — (*entra coxeando e amarrando um dedo com o lenço*) Não se assustem.

ALICE E JULIA:—Que foi? Que succedeu?

ALBERTO:—Não foi nada; fui eu que escorreguei.

JULIA:—Escorregou?

ALBERTO:—Quero dizer: cahi.

ALICE:—Cahiu?

ALBERTO:—Sim, cahimos eu e o aeroplano.

ALICE:—(*tristemente*) Ah!...

JULIA:—Eu não disse?

ALBERTO:—Mas não foi nada. Eu tinha collocado o aeroplano sobre o guarda-louça e sobre a estante grande, por serem os pontos mais altos; quando dei o impulso e calquei na alavanca, o motor não funccionou; o guarda-louça e a estante cahem, arrastando na queda o aeroplano e a mim.

JULIA:—Está muito machucado?

ALICE:—Quebrou o braço?

ALBERTO:—Qual nada; eu não sou de louça. Bati apenas com um joelho no chão e arranhei um dedo num pedaço de chicara.

JULIA:—Meu Deus! Quebrou-se a louça toda?!

ALBERTO:—Não; ainda ficaram alguns pires inteiros.

ALICE:—E o aeroplano?

ALBERTO:—Ficou em pedaços.

JULIA:—Quando mamãi chegar, que vai você lhe dizer, Alberto?

ALBERTO:—Eu?... Digo-lhe que ella sempre tem um guarda-louça e uma estante muito fracos, que não aguentam o menor impulso.

ALICE:—E agora a experiencia?

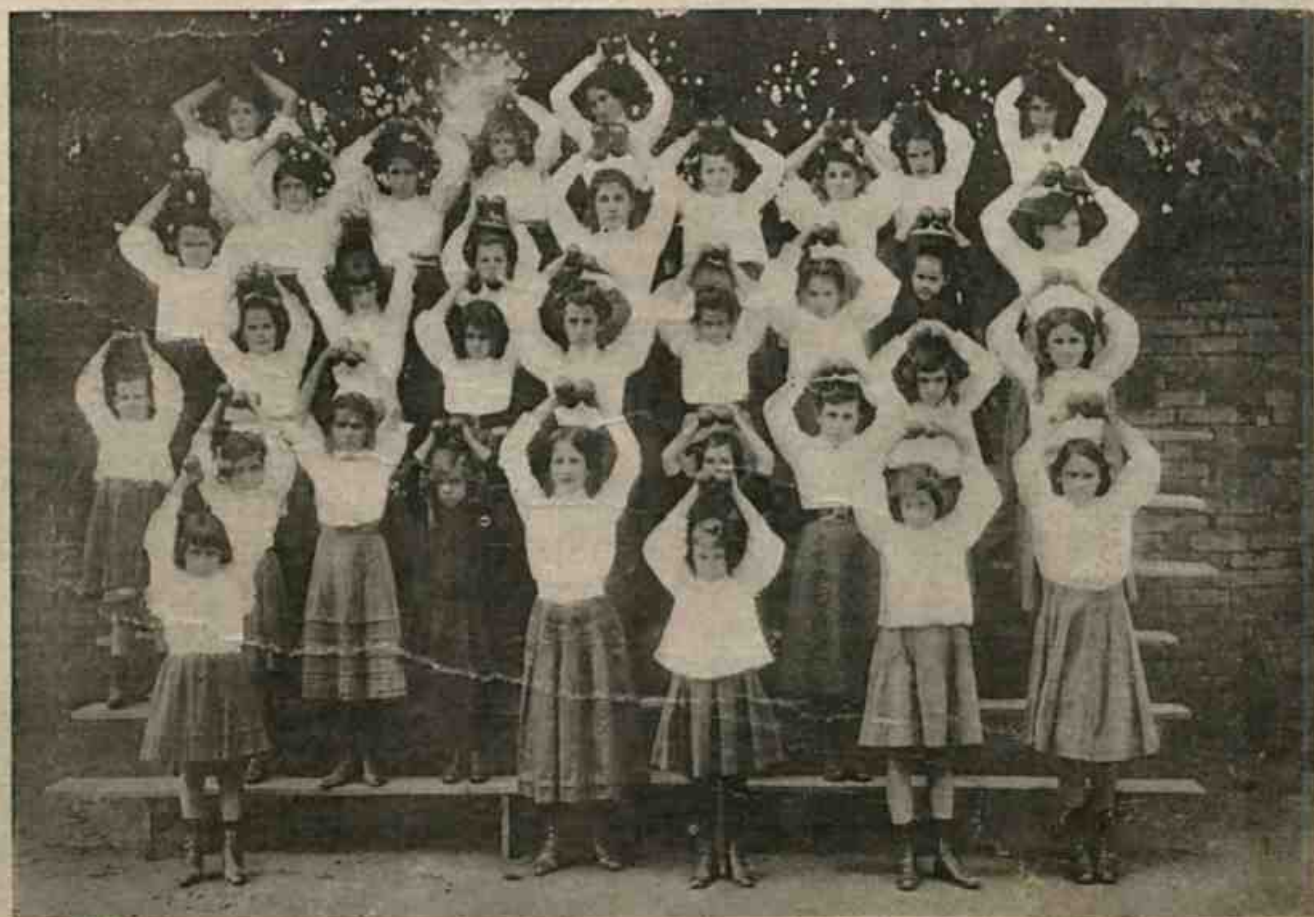
ALBERTO:—Fica para outra vez.

JULIA:—Para outra vez como?

ALBERTO:—Como?... Vou fazer outro aeroplano (*Sahe*).

ALICE:—(*batendo palmas e seguindo-o acompanhado por Julia*) Bravos! Primo! Bravos! (*Sahe*).

EUSTORGIO WANDERLEY.

Rio—IX—1910.

Collegio Progresso Brazileiro, S. Paulo — Exercicios physicos das alumnas do curso primario e secundario

A BOA FILHA

QUERIDINHA, vai levar os vestidos que terminei; quanto aos outros, dirás á tua patrôa que me desculpe, dizendo-lhe que, infelizmente, não me é possivel trabalhar n'este momento.

— Oh! mamãi se eu experimentasse, creio que acabaria os outros vestidos.

Tenho tão bôa vontade,bem o sabe, e posto que eu seja ainda pequena, queria ganhar tambem um pouco de dinheiro para tratal-a como precisa!

— E' impossivel,filhinha; tua bôa vontade irá contrariamente embaraçar-nos; se o trabalho não fôr entregue hoje haverá desconto;eis porque acho melhor avisar afim de que possas receber o pouco a que temos direito. Precisamos tanto!

— Então sim mamãi, vou já, mas procure dormir durante a minha ausencia e não se esqueça de tomar a ultima colher da poção. Quando voltar mandarei repetir a receita.

— E' inutil, sinto-me melhor—articulou, com esforço, a enferma que se soerguia do leito para dar certa realidade ás suas palavras.

Esta conversação afflictiva, tinha logar entre uma mulher ainda moça, mas parecendo muito debilitada e uma menina de uns doze annos, que, preparando o embrulho com a roupa, que ia levar, enxugava as lagrymas, que lhe banhavam a face.

Antes de deixar a casa onde se via a mizeria em todos os cantos, Paulina abraçou com ternura a doente e afastou-se depressa.

Em caminho, pensava ella! De que maneira poderia eu ajudar, mamãi? Esta, no dizer do medico carecia de fortificantes e faltava dinheiro para compral-os.

A senhora Alice, tendo enviuvado quando sua filha não tinha mais de cinco annos tinha despendido suas forças para educal-a; mas, tombára minada por excesso de trabalho e pela idéa de que sua filha pudesse soffrer algum dia a mizeria em que ficára.

Sabia coser, mas, em sua edade, que poderia fazer?

Assim pensando, chegou á casa do fabricante. A patrôa estava occupada com um freguez.

Sem procurar, Paulina ouviu o que diziam:

-- Então—acudiu a fregueza—não conhece pessôa alguma capaz de concertar esta renda? Sei que não tem valor, mas é uma lembrança, que conservo de ha muito.

— Sinto profundamente não lhe poder indicar uma, mas nenhuma operaria quer fazer tal serviço. E, além d'isto, sahiria muito caro para uma renda que nada vale.

— Sim, não é d'isso que se trata, muito obrigada—replicou a fregueza, pouco satisfeita.

— Até a volta...

E deixou a loja acompanhada até o limiar da porta.

A conta de Paulina foi feita em pouco tempo. Vinha-lhe á mente uma idéa: se ella se offerecesse para fazer tal serviço?

Quatro a quatro,desceu os degráus da escada, na esperança de encontrar a fregueza. Mas,absorta nessa idéa, deu um passo em falso e cahiu na calçada.

Seus gritos foram ouvidos pela fregueza, que logo correu a vêr o que queria essa creança deitada junto á calçada. Com toda a certeza lhe havia acontecido alguma cousa.

Paulina, esquecendo-se da sua quéda, só pensou numa cousa: fallar com a pessôa que procurava.

— Pobre menina! disse a senhora. Poderás concertar a renda?

— Sim, senhora, tenho tanta vontade de ajudar mamãi e, no emtanto, não sei como juntar dinheiro!

— Espera um pouco—acudiu a fregueza—chamo-me Emilia e fica descançada, pois estás em segurança: dá-me o braço, vou levar-te até encontrarmos um carro.

— Oh! como a senhora é bondosa.

Já não me sinto tão mal e se me quizesse confiar a renda, sentir-me-hia muito feliz.

D. Emilia hesitou um pouco; não tinha grande confiança no trabalho d'essa menina, que parecia pouco experimentada; por outro lado parecia-lhe ser uma caridade ajudar essa creaturinha tão graciosa.

Não ouvindo mais do que seu bom coração, quiz conduzir Paulina até sua casa, ahi, consolou ella a senhora, já inquieta com a demora da filha.

D. Emilia, vendo que nada mais tinha a fazer despediu-se e deixando a renda entregue aos cuidados de Paulina, prometteu ir buscal-a no dia immediato.

Logo que D. Emilia se afastou, Alice, fez perguntas á Paulina sobre o que se havia passado. Absorta com a narração, não prestou grande attenção ao trabalho de que ouvira fallar. Mas, qual não foi a sua surpresa, vendo por fim a renda que Paulina promettera concertar.

— Tiveste confiança demais em tuas forças, não podes minha filha; vais estragar a renda d'essa senhora que parece tão bôa; deixa a peço-te; se eu te pudesse ajudar, mas... não posso, nem enfiar a agulha.

E as lagrymas brilharam nos olhos da pobre mãi.

— Mamãi, peço-lhe que não tenha medo, vou trabalhar com tanto cuidado que penso chegar ao fim!

A doente suspirou sem responder; em sua desgraça encontrava uma consolação: vêr que uma creança, como Paulina, tinha tanta vontade em ajudal-a.

Meia hora depois Paulina trabalhava.

Não tendo um bastidor proprio, estendeu a renda sobre alguns pedaços de madeira, prendendo-a com alfinetes.

O ardor da menina, não diminuia: passou um dia inteiro curvada sobre o trabalho. Esforçava-se quanto podia para imitar o desenho,afim de que o concerto passasse despercebido.

A' noite soltou Paulina um grito de alegria,que fez tremer a doente que passára todo o dia adormecida,sem se ter apercebido da applicação da filha. A exclamação triumphante d'esta ultima fel-a soerguer-se.

— Que é queridinha?

— Olhe, mamãi, quasi que não se conhece o remendo!

E assim fallando, apresentou a renda á doente, que não poude conter um gesto de surpreza.

Seu amor filial era tão intenso que se havia operado um milagre. Ah! se Paulina assim se esforçára, não tinha sido recompensada com as caricias e beijos de sua mamãi?

No dia seguinte, D. Emilia, como promettera, foi buscar a renda.

Havia feito tenção de pagar generosamente o concerto, mesmo que este fosse mal feito, julgando que esse fosse o unico meio de fazer bem á doente.

Quando Paulina, mostrou lhe a renda, D. Emilia não poude acreditar no que via.

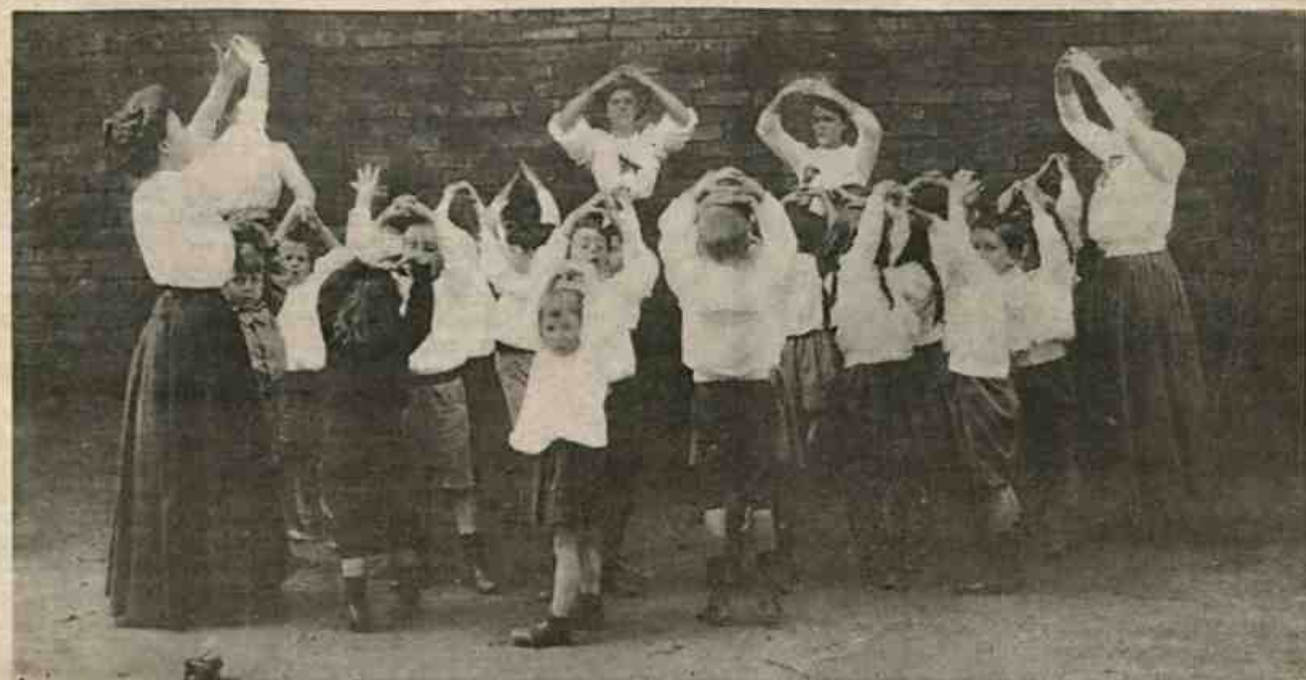
— Não é possivel, minha filha! não foste tu só que fizeste este trabalho?

— Sim, senhora, garanto-lhe.

— Se assim é — continuou a bôa senhora — occupar-me-hei de ti. Depois, dando-lhe uma moeda, acrescentou: — Sou eu quem te deve agradecer por ter assim um trabalho completo, que poderei guardar durante muito tempo.

D. Emilia cumpriu com sua palavra e,oito dias depois,Paulina era admittida numa loja de confecções. Muito feliz por ter podido ajudar sua mãi, cujas forças haviam voltado, Paulina applicou-se ainda mais ao trabalho tendo conquistado as graças da dona da casa. Paulina, applicada como era, conseguiu reunir, com suas economias um pouco de dinheiro, e com este estabeceu-se.

Hoje, é dona de uma casa de rendas onde ganha modestamente, mas satisfeita o bastante para satisfazer as necessidades de sua bôa mamãi.

Olinda dos Anjos da Fonseca Galvão, filha do desembargador Galvão — Pernambuco.

Collegio Progresso Brazileiro — S. Paulo. Exercicios no recreio

UMA SCIENCIA NOVA

A OCEANOGRAPHIA

O estudo scientifico do mar, a Oceanographia, deixa-nos ver todos os mysterios dos oceanos; a composição chimica de suas aguas, suas densidades, temperaturas, o mecanismo de suas maretas, das vagas, das marés; por ella conhecemos as maiores profundidades e os seus habitantes mais imperceptiveis.

As primeiras explorações

O INTERESSE que apresenta o estudo do mar é consideravel. Os oceanos cobrem as trez quartas partes da superficie do globo e sua superficie é lisa, salvo as rugas produzidas pelas vagas, cujo relevo é variavel (16 m. para mais) em relação ás dimensões do globo terrestre (12.000 kls. de diametro). E' sobre os mares que se estabelecem as grandes leis da atmosphera e a METEOROLOGIA GERAL, cujo conhecimento é para o nauta uma questão capital, dependente da METEOROLOGIA OCEANICA.

A irregularidade dos continentes, onde os montes, valados e desertos succedem as culturas e as florestas, não permitte um regimen regular na atmosphera: as grandes leis da circulação estabelecem-se sobre o oceano.

Os thesouros do mar: o ouro e o sal

Uma tonelada de agua do mar contém cerca de 6 milligrammas d'ouro; como o *volume total das aguas do mar é de 1.300 kilometros cubicos, vê se que o computo d'essas aguas encerra 8 milhares de toneladas d'ouro*, o que repartido pelos habitantes da terra daria *para cada um de nós cinco mil kilos d'ouro*, a 3$000 a gramma ou 3:000$ o kilogramma, d'onde se infere que *cada habitante da Terra é, por direito de partilha, senhor de 15 milhões de contos ou mais de ouro!* Somos todos millionarios...

O SAL — A totalidade do sal contido no oceano representa *21 milhões de kilometros cubicos*, cujas trez quartas partes são constituidas por sal marinho (sal de cozinha).

Com um tal volume poderiamos construir trez vezes o volume de todo o continente europeu, poderiamos realisar o volume da Africa inteira e ainda ficariam dous milhões e meio de kilometros cubicos sem emprego. Temos, portanto, uma bella reserva.

Como se sonda o mar

Para estudar as aguas são necessarias compridas correntes quer á superficie, quer em grandes profundidades: é preciso effectuar a *sondagem*.

O principio de sondagem é simples: um peso é ligado á extremidade de uma corda ou corrente (geralmente corda). A mão do homem, que sonda tem que fazer certo esforço para sustentar esse peso verticalmente n'agua, devido ás leis da gravidade, desenrolando a corda que mantem, deixando-a «escorregar».

Quando o peso toca ao fundo, não é preciso mais esforço por parte do homem; elle percebe. A corda deixa de correr, elle faz subir o peso e tem, pelo comprimento da corda immersa, a profundidade de um dado logar. O peso é geralmente de chumbo e se denomina *sonda* ou *chumbo de sonda*, e a corda *linha de sonda*. O peso é concavo na parte inferior e óco, no qual se fixam diversas materias, que cobrem o fundo dos mares: areia, conchas, algas, etc. Póde-se portanto conhecer ao mesmo tempo a profundidade e a natureza do fundo.

Para as grandes profundidades emprega-se a *machina para sondar*. O fio é de aço de cerca de 1 millimetro de diametro; póde supportar de 80 a 100 kms., sem se partir. E' desenrolada por um tambor movimentado mecanicamente, collocado sobre uma roldana, cujo desenrolad[illegible] marca o numero de voltas, e portanto o comprimento [illegible] fio desenrolado. Dest'arte, calculando esse compriment[illegible] tem se facilmente a profundidade pedida. Devido a s[illegible] muito fino o fio, as correntes marinhas pouca ou quasi n[illegible]nhuma acção exercem sobre elle.

O peso sondador é munido de apparelhos destinados a trazerem os detritos do fundo.

Sentado, Manuel José Teixeira; em pé, da esquerda para a direita, Rodolpho Gouveia, Dionisio Curvello, Alfredo de Souza Barros e Luiz Drumont, director e professores do Externato Teixeira — Capital.

Manuel, Maria Antonieta, Georgina, Marietta e Henrique, filhos do Sr. Antonio Vieira de Carvalho. Essas intelligentes creanças residem em Barra Mansa e são leitores constantes do Tico-Tico.

Usam-se hoje dous typos: o typo com *tubo* e o typo de *colher*.

Ao longo da linha de sonda fixam-se thermometros destinados a tomar em profundidades determinadas a temperatura do mar. Collocam-se tambem no fio as chamadas *garrafas de agua do mar*, das quaes a principal é a do Dr. Richard, do modelo oceanographico de Monaco, destinadas a apanhar os detritos, em varias camadas, de agua salgada, completamente lavados.

A profundidade dos mares

Com tal sondagem tem-se: 1º a profundidade; 2º um detrito do fundo (o que prova que o peso o attingiu); 3º a temperatura em varias profundidades; 4º detritos apanhados nessas varias profundidades.

Uma sondagem em certos pontos é por vezes difficil, levando muitas horas. A maior profundidade até hoje medida é no noroeste do Pacifico—9.636 metros entre as ilhas Marianas e as Carolinas. Já se havia chegado a 9.427 m., proximo das ilhas Tonga, ao sudoeste do mesmo oceano.

A maior profundidade do Mediterraneo é de cerca de 1.500 m.

A Mancha e o Mar do Norte são pouco profundos. Este ultimo não vai além de 200 metros A 9.636 metros, os seres vivos supportam uma pressão de quasi mil atmospheras.

A vantagem que ha em conhecer ao mesmo tempo a profundidade e a natureza do fundo é enorme, sob o ponto de vista da navegação.

As pescarias profundas

O Principe de Monaco foi o primeiro a realizar as *pescas profundas*; chegou a capturar animaes vivos em abysmos profundos de varios milhares de metros. A luz não penetra nesses abysmos e,no emtanto,muitos dos seres que ahi vivem têm olhos; é que são munidos de *orgãos luminosos*, verdadeiros projectores, que lhes permittem esclarecer o caminho com diversas côres, como o provou o professor Joubin.

Esses animaes, em grandes profundidades, são carnivoros e comem-se entre si, pois a vegetação não existe nos mares a 400 m. de profundidade, limite em que penetram os raios do sol necessarios ao desenvolvimento das plantas.

Praticamente, um submarino só veria um objecto a 40 ou 50 m. de distancia, e a opacidade do mar será durante muito tempo o maior obstaculo á verdadeira navegação submarina, até que sejam utilisados «raios» de natureza diversa dos raios luminosos para assignalar os objectos.

O oceanographia foi dotada com um *Museu Oceanographico*, fundado em Monaco pelo Principe Alberto, 1º que consagrou sua vida ao estudo do mar, fazendo-o progredir consideravelmente.

Em Paris fundou o Principe de Monaco um *Instituto Oceanographico*, dirigido pelo Dr. Regnard onde os ensinamentos superiores sobre oceanographia são dados pelos professores Bezet, Joubin e Portier.

Creanças pobres que receberam brinquedos, dados pela irmandade do SS. Sacramento,na egreja de Santo Christo

UM SABIO

NUM collegio de aldeia, um menino apparentando uns onze annos, lia attentamente uma carta. Estava escripta em inglez e assim dizia:

«Março, 1655.

«Caro Isaac:

Teu mestre mandou-me dizer, que não trabalhas: em vez de escutares as lições de teus professores levas a brincar e és o ultimo da classe. Quando me separei de ti, não foi para que te tornasses um sabio, mas, sim, para que fosses aprender o bastante afim de poderes gerir mais tarde a pequena herança que te deixou teu bom avô. Ora, não fazes por estudar esses principios tão simples, o que muito me entristece. Tua avó, a quem te confiei, não pode conseguir que estudes e eu não estou ahi para te guiar. Não és um máu menino, mas és tão preguiçoso, que todos desanimam de ensinar-te alguma cousa.

Vamos, meu filho, muda de vida; trabalha um pouco para a alegria de tua mãi, que já está muito velha e que, apesar de tudo, te estima como ninguem.

Henriqueta Newton».

O menino resmungou:

— Não, não posso!... Não poderia! Trabalhar, trabalhar! é horrivel e aborrece-me tanto!... E depois, de que me serviria trabalhar? Nunca alcançarei o primeiro logar; é sempre Joe o mais estudioso, o mais sabio; não me deixará conquistar a primeira fila de bancos.

Nessa occasião approximava-se Joe e, tomando Isaac pelo paletot, disse-lhe assim:

— Vamos brincar, em logar de estares ahi a sujar o muro!

— Deixa-me, — respondeu o menino.

— Oh! oh! estás zangado; com toda a certeza são as glorias que te impedem de correr; tens tantas, és tão estudioso...

— Se continuas... volveu Isaac approximando-se d'elle com ar de ameaça...

Mas Joe o esperava e, com um forte murro, deitou-o por terra.

A dôr causada por essa pancada, foi fortissima; faltou-lhe a respiração; o sangue subiu-lhe à cabeça e, rubro de raiva, começou a gritar desesperadamente:

— Hei de me vingar!... Has de me pagar!...

Mas Joe havia desapparecido, não tendo ouvido as ameaças.

O menino sentia-se mal; a dôr augmentava, cada vez mais, o peito doia-lhe atrozmente. Com o rosto nas mãos, Isaac chorava como um louco. Esse accesso foi passageiro; em breve levantou-se, enxugou o rosto e de seu mal só restava uma cousa: o desejo de vingar-se.

— Que poderei fazer para vencel-o? — perguntou elle de si para si.

Nenhuma ideia lhe parecia digna de realisação.

De repente abaixou-se: a carta que tinha na mão no momento da disputa, havia cahido. Apanhou-a e, expontaneamente, levou-a aos labios; um sorriso illuminou-lhe o rosto.

— Achei! — gritou elle. — Estou vingado!

Desde então começou a trabalhar com um zelo admiravel, chegando a conquistar o primeiro logar, que pertencia a Joe, logar esse que conservou até o fim do anno. Tornou-se, desde esse dia, o primeiro alumno do collegio e Joe, por mais que estudasse, nunca o poude alcançar, com grande desespero de sua familia.

A pancada que dera em Isaac fora bem vingada!

Esse trabalho, porém, não impediu Isaac Newton de entregar-se á sua diversão favorita: com os utensilios que reunira, e que manejava com admiravel destreza, fez um relogio, um carrinho que andava só, um moinho de vento, um rato mecanico e muitos outros brinquedos engenhosos. Tudo isso era feito no laboratorio de um chimico, Clark, que de bom grado cedia um canto de sua sala, afim de que o menino se entregasse aos seus trabalhos mecanicos.

Posto que muito cumpridor de seus deveres, Isaac brincava todas as horas que tinha para descanço. Assim, uma noite, os camponezes dos arredores ficaram muito surprezos, vendo uma luz que se movia no ceu. Correram todos a casa do chimico, que era tido como um sabio, afim de que elle explicasse o phenomeno. O menino, rindo-se a mais não poder, deu então a explicação do phenomeno que tanto intrigára os camponezes. O que estes tinham por um cometa, não passava de uma lanterna, amarrada á extremidade da cauda de um papagaio, solto á noite!

Isac trabalhava num laboratorio

Como o desenho fosse indispensavel para a realisação de seus intentos, Isaac aprendeu-o sósinho. Seus progressos foram rapidos, e dentro em pouco, a parede de seu quarto estava coberta de gravuras muito bem feitas, copias de originaes de autores celebres.

D'est'arte, tornou-se o melhor alumno do collegio, onde era tido como o primeiro d'entre os que mais sabiam, quando aos quinze annos teve de deixal-o para ir ver sua mãi. Esta, não podendo continuar a pagar o collegio, teve que tomal-o comsigo, levando-o para a sua casa de campo; alli, Isaac continuou a occupar-se com a mecanica.

Mais tarde, voltou elle á escola onde recebera o socco de Joe, não como alumno preguiçoso, mas como NEWTON, o maior sabio d'aquella epocha, o genio scientifico do seculo XVIII...

Chiquinho, commandante em chefe do invencivel batalhão, composto dos amigos do "Tico-Tico". — Desenho e legenda de José Carlos Junior.

O MENDIGO

MAURICIO LEVEL

Ao cahir da tarde, um mendigo parou á porta de um rancho abandonado, que havia em uma curva, proximo á estrada mais frequentada da aldeia. Entrando, deitou-se, envolvendo-se em um esfarrapado manto. De uns trapos fez um travesseiro para recostar a cabeça.

Assim, deitou-se cançado de fadiga e de fome, olhando as estrellas, que começavam a distinguir-se.

Ia já se entregando ao somno, quando ouviu soar uma campainha. Levantou a cabeça e distinguiu um carroção, puxado por um cavallo. Um homem conduzia o animal e, ao mesmo tempo, entoava canções populares.

A pesada carga do vehiculo fez com que o cavallo parasse. O carroceiro tentou em vão fazer com que avançasse de novo.

— Ohé!

O animal fazia esforços para tirar o carroção do atoleiro, dobrando as patas deanteiras ao arranco, sem adeantar uma linha sequer.

O carroceiro, agarrado ao varal, queria ajudar o cavallo, que não conseguia retomar a marcha. E o carroção permanecia immovel.

O mendigo, então, gritou da sua guarida:

— Deixe-o descançar um pouco. E' demasiada a carga.

— Não é demasiada. Eu o conheço. Dá-me uma pedra para calçar a roda e fal-o-hemos avançar.

O mendigo fez o que elle pedia, collocando uma pedra para calçar a roda.

— Attenção—disse o carroceiro. Segura as redeas, que eu empurrarei a roda e, com o chicote, fal-o-hei avançar.

Fogoso, pelas dores das chicotadas, o cavallo fez um esforço supremo. Mas, como se inclinasse muito para um lado, o carroceiro para contel-o, deu um passo em falso.

O animal retrocedeu fazendo perder o equilibrio ao dono, que cahiu debaixo das rodas, soltando um grito, pelo perigo que o ameaçava.

Cahiu de espaduas e procurava segurar as rodas com as mãos, para que o não esmagassem.

— Tira-me, tira-me d'aqui, senã o o carroção me esmaga.

O mendigo, vendo o que tinha succedido, tentou ajudar o carroceiro; o cavallo cedeu e cahiu tambem, encontrando-se então em uma situação difficil. Por um esforço prodigioso conseguiu suspender o varal uns poucos de centimetros acima do peito do carroceiro.

— Corre á povoação... depressa... vae á casa de meus paes... Luchant... a ultima casa á direita... que venham com gente... e questão de dez minutos, o quanto me poderei suster... corre...

O mendigo correu. Entrou na povoação. Todos ficaram stupefactos e com medo ao vel-o. Por fim chegou á casa indicada, sem fazer caso das maldições das pessôas e nem os latidos dos cães.

Bateu em uma janella. Uma voz perguntou:

— E's tu, Julio?

— Não!... Venho porque...

O interpellado não o deixou concluir.

— Fazer levantar um homem para estas cousas... Um malfeitor... um salteador de caminhos...

O mendigo permaneceu immovel sem saber o que fazer ante o acolhimento que tivera, e disse comsigo: — E' que não sabe o que pretendo. Se o soubesse!... Fui surprehendido no somno....

E de novo, timidamente, tornou a chamar. Do interior ouviu uma voz que dizia:

— Isso não acaba? Oh! Espera e verás.

O mendigo com mais força disse:

— Abre!

Do interior sahiu uma voz de mulher, que disse:

— Dá-lhe um tiro e prestarás um serviço ao mundo inteiro. Estes malfeitores... que roubam...

Ante a espingarda o mendigo teve medo e escondeu-se na escuridão. Pela primeira vez na sua vida sentiu alegria e um sorriso assomou aos seus labios. Nunca havia tido direito a um pedaço de pão, nem a um pouco de palha que lhe servisse de leito, em paga de ter praticado um beneficio, e agora, que tinha vontade de praticar uma bôa acção, recebiam-n'o d'aquella maneira! E ria, porque elle tinha a vingança.

— Se chamo de novo,—disse—é capaz de me atirar, ou então chamará os moradores do povoado, que me insultarão e maltratarão.

Resolveu voltar. Tomada a sua resolução, correu ao logar do desastre, para vêr se por si só, podia salvar o carroceiro.

Quando chegou ao logar em que estava o carroção atolado, gritou:

— Camarada! Camarada!

Silencio sepulchral! Ninguem respondeu. A escuridão era tão profunda, que teve de chegar bem perto e tocar o corpo do infeliz. A' luz da lua, que appareceu por entre umas nuvens, poude vêr o carroceiro, com o peito esmagado.

Então, movido por um desejo de vingança correu de novo a casa e bateu fortemente á janella.

— E's tu, Julio?

— Não! —respondeu.

E ao abrir-se a janella viu de novo apparecer a cabeça do velho pai, que tornou a perguntar:

— E's tu, Julio?

O mendigo gritou então:

— Não! Está esmagado debaixo do carroção, na estrada; eu antes vim avisal-o, e fui recebido como sabe.

— Que é que dizes?! Entra!

— Desculpa-me... Tenho pressa agora. E' demasiado tarde. Antes, ainda era tempo de salval-o. Agora é tarde.

A mulher, soluçando, disse:

— Corre... Onde está Julio?... Escuta, ajuda-me, pelo amor de Deus...

E o mendigo não fez caso das supplicas e seguiu o seu caminho, com o riso nos labios, ouvindo até bem de longe o soluçar dos dous velhinhos...

Traducção de C. Elim

Alumnos e corpo docente do Collegio Brazil, situado em Cordeiro, Municipio de Cantagallo, Estado do Rio

Carolina Lopes de Menezes, filhinha de D. Maria Paulina Lopes de Menezes e do tenente do Exercito Luiz Correia de Menezes, fallecido

A BOLSA ENCANTADA

(CONTO RUSSO)

O velho mujick (1) levando ao hombro uma pá, descia a passos lentos, por um caminho tortuoso afim de ir lavrar o campo.

Terminara o inverno. A neve havia desapparecido da grande planice russa.

O hervaçal vicejava, rebentava a terra, e abria as folhas aos raios do sol. As florinhas visavam para o astro-rei suas corollas coloridas, onde se agruparam pequenas gottas de orvalho.

— E' exquisito, disse o mujick, levantando barrete de camponez, é exquisito como me sinto feliz esta manhã. E no emtanto sou pobre, pauperrimo... Mas posso saciar a fome,

AVISTOU UM VELHO JUNTO DA GRUTA

e tambem a sede, durmo melhor que um rei e em nossa cabana, minha mulher e filhos gozam de perfeita saude...

Se eu tivesse no emtanto algum dinheiro para comprar uma roupa nova, — o velho está fóra de serviço desde a ultima colheita, — seria mais feliz que nosso patrão o barinia (2), que possue todas as terras da localidade.

Por entre os arvoredos, via ao longe o castello do barinia, com grandes muralhas e altas torres — com toda a certeza, eu seria mais feliz que o barinia! Elle é um doente, seus filhos estão dispersados pelos quatro cantos da Russia, seu castello é humido e sombrio...

Eu, tenho o sol, o bom ar, a paz da consciencia, e o espirito desprovido de cuidados. Não tem que ver, sou mais feliz do que elle, com todo o seu poder e riqueza!...

E o velho mujick, alegre como estava, entoou um cantico russo, aquelle que cantava quando moço, para agradecer a Deus ter feito o sol tão quente, o céo azul e a terra tão bella.

* *

Quando acabou de cantar, o bom camponez teve séde e entrou numa floresta para se desalterar, num fio d'agua, que nascia numa grota.

Por detraz da nascente, as rochas, naturalmente collocadas, formavam uma gruta lindissima, cheia de parasitas floridas, onde as borboletas parecia terem feito o seu jardim predilecto.

Junto a essa gruta, o camponez assustou-se com um velho que se adeantava para elle como uma apparição fantastica.

A barba branca e espessa, descia-lhe até os joelhos.

Suas espaduas estavam encobertas pelas ondas de cabello côr da neve, que cahiam em desordem.

O velho parou a alguma distancia do mujick, estendeu-lhe uma bolsa, e disse:

— Quero fazer-te uma doação magnifica.

Toma esta bolsa.

Todas as vezes que teus dedos ahi penetrarem retirarão della um rublo (3) de prata. Serás desde hoje um homem rico, para sempre! Se quizeres ser feliz, modera teus desejos.

E a visão desappareceu. O mujick, maravilhado, sahiu da gruta com a bolsa encantada. Abriu-a. Estava cheia de ferro. Já meio desconfiado introduziu os dedos e, com grande espanto, retirou duas moedas de prata.

O velho das barbas brancas não havia mentido!

Com um grito de alegria, o moujik recomeça a tirar dinheiro da bolsa, mais... mais... mais...

— Basta por esta manhã, bravo camponez! Quantas vestimentas novas poderás levar a tua mulher e aos teus filhos com esses cem rublos?! Corre á tua cabana e leva a tua familia esta fortuna; e todos reunidos gozem d'ella...

Mas, o mujick, não cessava de tirar moedas da bolsa. Collocou a blusa por terra e ia deitando nella todas as moedas que lhe vinham á mão. Sua mão, cada vez mais rapida e nervosa continua a operação, com medo de perder a fortuna, que lhe cahira do céu por milagre... Seus labios cerrados pronunciam palavras sem nexo, phrases confusas.

— Quinhentos!... Mil!... Dous mil!... Cinco mil!... Poderei chegar a cem mil, a um milhão de moedas!...

Continua a tirar, sempre, passando de vez em quando á medida que sua blusa augmenta. As horas passam-se. O sol começa a se occultar. E' a hora do jantar. Meio inclinado sobre o thesouro, continua elle a contar o dinheiro com um gesto monotono.

— Vinte mil rublos!... Trinta mil!...

O dia vai escurecendo. O sol escondeu-se por completo, por detraz das montanhas. Cae a noite.

O mujick continua a contar o dinheiro, avaramente.

— Cincoenta mil!... Cem mil!...

Quero ir até um milhão!

Seus olhos tornam-se fixos. Está louco de fadiga; as mãos recusam qualquer outro esforço, como tomadas por vertigens.

Mas, seu desejo insaciavel continúa, e cada vez mais forte.

— Quero chegar a um milhão!... um milhão!...

As estrellas brilham no firmamento; no silencio do bosque só se ouve o tilintar metallico das moedas, que se chocam. Depois o barulho diminue progressivamente, até desapparecer por completo.

O mujick não obedecera ao conselho do sabio: Se quizeres ser feliz é moderado em teus desejos.

Cançado e inanimado o velho mujick havia cahido morto sobre o monte de moedas de prata, que deviam dar-lhe a felicidade.

(1) Mujick, camponez russo.
(2) Barinia, grande senhor russo.
(3) Moeda russa.

Os alumnos do curso complementar do Externato Teixeira, cujo director, o Sr. Manoel José Teixeira, está á direita

Antenor, de 5 annos de edade, Benjamin, de 4 e Orlando, de 2. São filhos do Sr. Antenor Rangel

NOITE DE LUAR

A LUIZ CARLOS FOGELER

Oh! Haverá espectaculo mais bello e poetico do que se apreciar uma noite de luar num campo extenso, livre, ou a beira mar?!...

A lua cheia, branca e alta nos offerta a sua luz e os prateados raios em tanta abundancia e resplandor, que os outros astros perdem a sua belleza e desmaiam quasi sem luz.

O céu não é tão bello como o de noite escura: perdeu apenas um pouco de sua coloração azulada e transformou-se num acinzentado côr de prata. As arvores dormem e projectam sombras escuras sobre a relva. As flôres exalam aromas que se vão espalhar pela natureza.

Os prateados raios da lua penetravam nas folhas verdes e essas brilhavam humidas de orvalho, gottas rutilas que tremeluzem parecendo pequenos brilhantes.

O céu coberto de myriades e pequenas estrellas, que parecem lampadas mysteriosamente bellas.

Dentro das mattas os pyrilampos correm com as suas lanternas phosphorescentes.

O campo fica silencioso; só se ouve ao longe um rumor d'aguas que cahem de uma grande altura.

No mar o espectaculo é mais grandioso e poetico!

Como possue a natureza tantas maravilhas?

A maré cheia, atira pequenas ondas que rolam a praia, coberta de areia branca como a neve. Os rochedos revestidos do verde limo a banharem-se nas ondas, que vêm e vão successivamente.

O mar se apresenta bellissimo, parecendo um enorme espelho e a lua vagarosa com as suas estrellas miram-se n'aquella immensidade. Sua luz, reflectindo, parece um longo tapete de luz, tremulo aos movimentos das vagas. As embarcações dormem sobre o mar.

Tanto possue a natureza de encantadora e bella numa noite de luar, quanto triste e melancolica numa noite escura ou tempestuosa!

ANTONIO MARTINS CARDOSO

Os nossos leitorsinhos Benedicto e Marie Bittencourt moradores em Rio Preto

Brinquedos e cantos infantis

Muitos dos pequenos leitores d'este Almanach, principalmente os do sul, desconhecem alguns brinquedos e cantos infantis, commummente usados no norte do paiz.

D'estes brinquedos grande parte tem musica propria mais ou menos melodiosa,

O erudito Dr. F. A Pereira da Costa, no seu *Folklore*, dá uma versão d'esse brinquedo,á qual juntamos a musica com que são cantados os versos seguintes:

«O' ciranda, ó cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia-volta,
Volta e meia vamos dar;

A ciranda diz que tem
Sete varas de cordão,
Para dar a sua filha
Se casar com capitão.

A ciranda diz que eu morra,
E eu digo que morra ella;
Vou mandar fazer um chá
De cabeças de macella.»

cantada em côro pelas creanças, que se munem para esse fim.

Muitos são antiquissimos; remontam aos tempos coloniaes e foram trazidos pelos portuguezes que,como todos sabem, foram os descobridores e colonisadores do Brazil.

Um dos mais antigos é, por certo, a *Ciranda*, tambem um dos mais conhecidos e populares.

Vamos dar a volta inteira,
Cavalheiro troque o par
A ciranda diz que tem
Duas filhas p'ra casar;
Uma tem a perna torta,
A outra não sabe fallar.
A ciranda diz que tem
Sete varas de collar,
Para dar a sua filha
Se casar com militar.

As creanças cantam esses versos dand as mãos umas ás outras, formando um circulo,que se põe em movimento para a direita ou para a esquerda, cadencialmente.

Um outro brinquedo, (porém sem musica), e do qual ha muitas variantes, é o *beleliscо*, ou *canivetinho de pintainho*.

Este faz-se estando as creanças ordinariamente sentadas no chão, tendo ah

Andtº

Eu sou ra..u..i..nha Das ban.das d'a.lem Que.ro me ca..sar Não
a..cho com quem (Coro) Di..ga se..nho..ra ra..u..i..ra Vo..cê com quem quer ca-
sar? Quer ca..sar? E' com o fi..lho do con..de Ou com o se..nhor ge ne-
ral? Ge..ne..ral? (Solo) Eu não de se..jo es tes ho..mens Por.que não são pa..ra
mim Pa..ra mim. Sou u..ma po..bre ra..i..nha Tris.te cou.ta.da de
mim Ai de mim! Vem cá meu bem An..da me con..tar Que a..mo..res au..sen..tes Me
que..rem ma..tar Eu
D.C.

as mãos espalmadas. Uma d'ellas vai levemente beliscando com o pollegar e o indicador o dorso das mãos das outras, recitando a seguinte parlenda:

«Belelisco de pintainho,
Que anda pela barra
De vinte e cinco;
Mingorra, mingorra
Que fique forra;
Sola, sapato,
Rei, rainha;
Aonde quereis
Que vá dormir?
Debaixo da cama
De mãi Maria.»

E' preciso notar que das palavras: sola-sapato, rei, etc, em deante, em vez de *be, liscos*, são ligeiras palmadas o que se applica ás mãos dos companheiros, ficando livre o que receber a ultima palmada, que corresponde á palavra: Maria do fim da parlenda.

O brinquedo da *Viuvinha* é tambem muito commum entre as creanças.

Uma d'ellas é a *viuva* (alegre, com certeza), e que procura casamento; as outras são os candidatos; estas formam um circulo, dando-se as mãos e a viuva ao centro canta esta quadra:

«Eu sou viuvinha
Das bandas d'além,
Quero me casar,
Não acho com quem...

As outras em côro e andando ao redor da *Viuvinha* perguntam-lhe:

Diga, senhora viuva,
Você com quem quer casar?
Quer casar?

E' com o filho do conde
Ou com o senhor general?
General?

A viuva então responde-lhes muito *modestamente* e com a mesma musica:

Eu não desejo estes homens,
Porque não são para mim,
Para mim,

Sou uma pobre viuva,
Triste coitada de mim
Ai! de mim!

Depois, voltando-se para um dos da roda, diz-lhe, abraçando-o, por fim:

Vem cá meu bem,
Anda me contar,
Que amores ausentes
Me querem matar!

O mais interessante é que a creança preferida ou escolhida pela *viuvinha* vai, por sua vez tambem, *servir de viuva* e escolher outro candidato; e assim por diante.

Um brinquedo a que chamam *bocca de forno* é tambem muito usado principalmente nas noites frias do inverno, nas quaes têm o merito de aquecer as mãos.

Reunidas as creanças, começam a esfregar as mãos uma na outra, afim de, com o atrito, desenvolverem calor. Uma d'ellas, que se afastára, vem e pergunta:

— Bocca de forno?

— Forno — respondem as outras em côro.

— Fura bolo?

— Bôlo: — tornam a responder.

— De que côr é o seu cachorrinho: branco ou preto? — pergunta ainda a que vem examinar as mãos, dirigindo-se a uma companheira do brinquedo.

— E' preto — responde a interpellada — e põe as mãos nas faces da outra, para que esta sinta melhor o calor.

Se estão realmente quentes, ella toma o logar da outra e se não, apanha da *examinadora* uma palmada nas mãos frias e trata de aquecel-as. A cada uma de per si é feita a pergunta: De que côr é o seu cachorrinho?

Este brinquedo é, como viram, dialogado e sem musica, damos, porém, para finalisar estas ligeiras notas, o brinquedo intitulado *A rolinha*, cuja parlenda é cantada com uma musica muito agradavel e alegre.

D'este brinquedo dá tambem uma versão de Pernambuco o Dr. Pereira da Costa, no seu já citado livro.

«Bote aqui, bote aqui
O seu pésinho;
Bote aqui, bote aqui
Junto do meu,
No virar, no virar

Do seu pésinho,
Um abraço, um abraço
Lhe dou eu.
Olha a rolinha,
Doce, doce,
Cahiu no laço,

Doce, doce,
Embaraçou-se,
Doce, doce,
No nosso amor
Doce, doce.»

Para este brinquedo as creanças formam tambem a classica *roda* e cantam dirigindo-se uma á outra, sua visinha, formando pares e abraçando-se quando dizem:

«Um abraço lhe dou eu», depois do qual dão uma volta, mudando de par, até terem passado todas.

Estes brinquedos, de uma simplicidade verdadeiramente encantadora, vão infelizmente, hoje, cahindo no olvido.

Para os pequeninos, que os desconhecem e para os velhinhos, que na sua infancia cantaram estes versos da musa popular — e que agora ouvindo-os relembrarão com saudade o tempo que passou — é que os publicamos aqui.

EUSTORGIO WANDERLEY.

Rio

NAS GARRAS DO URSO

Contra um perigo nitidamente definido o homem de coragem sabe armar-se de todos os meios de que disponha, para sustentar a luta, por terrivel que seja ella. Mas, desde que esse perigo se apresente envolto num véu mysterioso, o mesmo individuo entra a temel-o, pois desconhece-o. A narração que vamos ter é um d'estes exemplos empolgantes, não só quanto á sua synthese como em relação ao local, em meio d'essas nuanças differentes de luzes dos paizes do norte.

O SOL descambara havia já algum tempo, mas a claridade reinava como se fosse dia alto. Tinha-se passado o São João e, nas regiões septentrionaes o sol só se conserva posto durante duas horas e a noite não cahe.

Palinak corria, na meia luz da floresta, atravez das montanhas silenciosas que o céu da meia noite, côr de rosa fanada, banhava com sua limpidez polar. O caminho invio, tortuoso, zig-zagueava por entre pinheiros immoveis. Palinak corria sempre; tinha tendões fortissimos, maravilhosos jarretes acostumados a longas correrias, amplas e firmes, cujo jogo regular dava aos pulmões um movimento regular e methodico, permittindo á cabeça, pensamentos nitidos.

No termino do caminho encontraria a aldeia. Mais uma milha ainda e chegaria... Hein? Que? No meio da floresta ouvira o estalido de galhos que se partiam desordenadamente, como sob o peso de um corpo pesado... Chegaria sempre a casa do medico... Sempre moroso o doutor! E que somno! Sabia-o por tel-o despertado em noites semelhantes áquella.

Que seria? Um rugido cortou o silencio prolongado que então reinava nessa noite de horrores... Palinak apressou-se; seus musculos distenderam-se mais rapidamente, como verdadeiras molas d'aço.

Não, em verdade nessa noite não estava de bom humor, como outr'ora, para as aventuras de qualquer especie. E além d'isso em casa corriam grande perigo. Marta, a guardiã fiel do seu lar, a mãi que lhe dera tres filhos, estava ás portas da morte. E o velho medico saltaria celere do leito ou elle Palinak partiria os vidros das janellas, arrombaria a porta, arrastando o pelos cabellos. Sim tratava-se de uma vida que corria risco. E depois, se quizesse poderia queixar-se ás autoridades ou ao bispo, pouco lhe importava...

A uns vinte passos um rugido horrivel fez-se ouvir, um rugido que se transformara de repente numa especie de tosse furiosa. Palinak já havia pensado na presença de um urso, mas que urso!

Parou!

— Vamos dar-lhe tempo para acalmar-se e retirar-se, — disse elle.

Ouviu-se então o ruido de galhos que se abatiam, o crepitar de folhas mortas e, por detraz das arvores arrancadas pelo vento, levantou o animal as pesadas patas mostrando a guela ensanguentada e os dentes alvos.

— Oh! oh! — exclamou Palinak, — não é pequeno.

A fera deu um salto e, divisando um pinheiro, poz-se de pé, como querendo subil-o.

A FERA CAHIU FINALMENTE, ARRASTANDO NA QUEDA PALINAK...

Certamente havia em tudo isso algo de extraordinario. Quem se permittiria perseguir um urso, de maneira a pol-o assim furioso?

O animal avançava rugindo, como se o refugio descoberto pelo inimigo lhe exasperasse o furor.

O urso não é essa massa pesada que julgamos levar muito tempo a se mover. Quando está enraivecido suas grandes patas erguem-se em attitude offensiva, com uma velocidade superior á dos corredores mais ageis.

E os galhos cahem partidos, como se o fogo os consumisse.

As arvores curvam-se, troncos estalam os galhos partem-se e os pequenos pinheiros inclinam-se até o solo.

E se quer lutar com um homem, lhe são bastantes dous minutos.

Palinak não tinha ainda tocado o pinheiro, para subil-o, e já o animal o acompanhava, enfurecido. Mas agora estava em segurança. Na luta que se ia travar arranjar-se-hia de modo a manter sempre o tronco entre si e o urso. Seus musculos tornaram-se flexiveis como molas novas; suas mãos, apoiadas de encontro ao tronco, estavam firmes e não tirava os olhos perscrutradores de montanhez ardiloso, do seu camarada felpudo.

Em breve esta camaradagem transformou-se. O animal saltou em semicirculo, a dous passos do homem; em seguida parou, enterrando as garras no sólo. Assim se conservou durante longo tempo. Todas as vezes que Palinak se movia o urso atirava-se para elle. Mas seu corpo, muito comprido para descrever um circulo tão estreito, precipitava-o em angulos agudos; e então era horrivel vêl-o feroz, a rugir de colera, perturbando o silencio magestoso d'aquella floresta.

O infatigavel rondante não deixava de cavar o solo; dir-se-hia que procurava sob a relva apoucada algo que lhe pudesse servir de arena. No emtanto parecia que invisiveis rosas chá se esvaeciam no horisonte diaphano e longinquo. O ar estava impregnado d'essas tintas e, para o oriente, nuvens ligeiras traçavam linhas de fogo.

Palinak e o urso, um rapido e silencioso, outro espumante e ruidoso, dansavam sob essa luz phantastica... E, lá em baixo, a mulher de Palinak lutava contra os progressos do mal.

De todos os caçadores do logar, nenhum poderia jactar-se de conhecer o urso melhor que Palinak. Havia morto mais de vinte e cinco: vinte e cinco contára elle. Mas nunca encontrara um tão terrivel como aquelle contra o qual lutára nessa noite de pressa e miseria. Que havia elle feito a essa fera pelluda, para que assim o atacasse? Tinham-n'o perseguido, ferido? Seu pello castanho não estava manchado com uma só gotta de sangue, e o écho da floresta não accusava tiro algum de espingarda.

Os pequeninos olhos da fera brilhavam assustadoramente. O pello do dorso, curto, curvava-se em ondas lisas e

apertadas, de encontro á cabeça; as orelhas tremiam. Tinha o aspecto de quem toma uma resolução inabalavel, esse camarada glacial. Sem treguas, sem mais consequencias, multiplicava seus saltos, fazendo calafrios perpassar o corpo do pobre montanhez. As mãos de Palinak não abandonavam o tronco do pinheiro. Quanto tempo havia durado esse combate? Dez minutos? Talvez mais, talvez menos. Mas quanto tempo passaria ainda, antes que algum camponez, attrahido pelo barulho, viesse em seu auxilio?... E lá em baixo a esposa agonisava...

— Soccorro! Venham depressa! — griou Palinak.

Durante os curtos silencios, ouvia ao longe o latido dos cães de guarda, que se correspondiam.

Mas nem um unico camponez ouviria seus appellos com tal barulho. — Soccorro! Soccorro!... continuava elle.

O urso não perde tempo e approxima-se tanto da arvore que seu pello se desprende; e Panilak, com o corpo banhado em suores, o olhar frio, afasta-se, atira-se para o lado, mantendo-se sempre a curta distancia do animal.

Em torno da arvore abriu-se um concavo, devido ao patinhar constante dos lutadores. E pouco além, a mulher de Palinak debatia-se contra a morte.

O urso mudou de tactica. Quando esse animal sente que seus ardis não produzem effeito, tem por habito correr atraz do individuo que persegue, mas em circulo, com o fim de atordoal-o.

O sangue de Palinak escaldava, sem perder de vista o animal; pensava na sua pobre Maria, curvada ao peso da dôr, cercada pelas trez creanças, chorando, gritando, longe do mundo, longe de tudo!

Quem protejeria os pobres? E emquanto seu corpo escorregava em torno do pinheiro, seu pensamento refazia o caminho percorrido.

Quando deixára a cabana, com os ouvidos cheios de queixumes, a alma agitada pela agonia de um ente caro, nunca pensava que nessa noite de S. João iria encontrar-se num estado tão deploravel, nesse caminho mysterioso...

E eil-o agora preso nessa floresta, que tão bem conhecia suas miserias e transportes de alegria, ha tanto tempo.

PALINAK SENTIU AS GARRAS DO URSO FERIREM-LHE A ESPADUA...

Da arvore em que se encontrava podia ver o logar de onde um anno antes, com um tiro, havia morto um urso. Estava então acompanhado; havia perseguido o animal, Palinak lhe havia enfiado na garganta um galho secco, emquanto o outro camponez brandia um cacete.

Nesse dia o urso fôra vencido. Palinak lembrara-se da febre que seu companheiro sentira e elle tambem: «a fabre do urso»; nunca a sentira tão forte. O pobre diabo ficara tão amedrontado que via sempre atraz de todas as arvores um urso occulto.

— Palinak — dizia elle — olha um urso!

Agora era o inverso: elle Palinak perseguido pela fera.

O urso não se perturbava; sobre a relva miuda, que amassara com as pesadas patas, estava furioso.

Era horrivel seu aspecto nesse instante.

De repente o urso poz-se de pé e adeantou-se.

Adeantou-se com passos tão acertados quanto os do homem, e quedou-se a pequena distancia de Palinak. Sua respiração era offegante e de suas enormes guelas partiam baforadas de fumaça. O montanhez, gelado pelo terror, tomou rapidamente do punhal e nesse instante o animal parecia perguntar de si para si como desalojar o homem. Este, com as mãos solidamente presas ao tronco, visou o olho esquerdo do animal e plantou lhe a lamina.

Um jacto de sangue quente e rubro jorrou sobre seu braço e uma sensação de fogo atravessou-lhe a espadua. Emquanto o animal saltava nos ares, com um rugido infernal, notou Palinack que suas vestes haviam sido rôtas e a pelle arranhada. Parecia que a luta só teria fim quando um d'elles tocasse o solo. Mas era tão desigual!

— Não serei viuvo esta noite, e nem a pobre Maria.

O sol levantou-se; para o sul flammas roseas corriam sobre a crista das montanhas, annunciando o despertar da manhã.

A essa hora Palinak deveria estar em casa, com o soccorro esperado. Em sua casa? Mas julga encontrar o lar deserto, a familia dispersada.

Onde estarão as creanças? Mendigando pelas proximidades. E o pae? Desapparecido. E' uma historia de horror e luto.

Em torno da arvore haviam cessado as correrias e saltos: de pé, mordendo á direita e á esquerda, uivando, espumando, o urso era horrivel.

A casca da arvore cahia em pedaços, ao peso de suas garras.

Com a espadua semi-nua e ensanguentada, as vestes em tiras, com um só dos pés calçados, Palinak abaixava-se, erguia-se, contornava o pinheiro. A mão esquerda, que não cessava de correr sobre a arvore, estava completamente ferida. Seus olhos estavam mais mortos que um sol de inverno e era rapido o vae-vem de seu punhal.

O sol attingia o cimo dos pinheiros. A luta continuava encarniçada.

Então o animal recomeçou suas evoluções ferozes; atirou-se, hediondo, sobre o inimigo, tentou esmagal-o com seus saltos prodigiosos, e de repente approximou-se da arvore, abraçou-a, apertou-a mais e mais, como se a quizesse arrancar. Suas patas encontraram-se. Palinak, aproveitando a occasião, enterrou o punhal, duas, trez, quatro vezes, entre as costellas da fera. Já quasi depauperado pelas fadigas, o montanhez viu o animal oscillar e cahir pesadamente ao sólo. Em seguida ergueu-se e avançou novamente contra elle, com gestos de lutador. A alma nadava-lhe num mar de sangue e o chão parecia ceder ao seu peso.

— Oh! — exclamou Palinak — seria uma estupidez se eu desmaiasse. Não, não póde ser; preciso levar soccorros!

Ouviu sobre a cabeça alguma cousa que se movia nos galhos.

— Algum passaro, talvez — murmurou elle. E novamente a faca desappareceu nos flancos do animal.

O urso cahiu como um mólho de feno. Mas a terra recusava-se a recebel-o. O animal deu algumas voltas e depois co-

A PESADA MASSA DESPERTOU O CAÇADOR. ERA O FILHO DO URSO QUE PALINAK ACABAVA DE MATAR...

meçou a gyrar em pequenos circulos, vertiginosamente. Seu olho direito brilhava como uma braza e feria como um dardo. O outro, esphacelado, não era mais que um poço de sangue, que tambem se escapava de diversos pontos do corpo.

O sol estava a pino e seus raios d'ouro coavam-se por entre as agulhas e ramos, como milhares de vistas abertas sobre essa scena.

Os melros cantavam nas redondezas; ouviam-se as multiplas vozes da natureza, em meio d'aquella luz magnifica.

Uma ultima vez o urso vacillou em torno do pinheiro, vomitando uma espuma ensanguentada de seus pulmões.

Pela ultima vez Palinak afastou-se e varou direito o coração da fera. A massa hedionda rolou e o homem abateu-se sobre essa ruina palpitante, ferindo com gaudio todos os pontos do corpo da fera.

— Ah! canalha! Era o que precisavas! Morre, infame!

Por fim a fera succumbia ao peso dos golpes. Palinak ergueu-se inanimado; sua mão direita não se podia mover e apertava sempre a arma.

Seus olhos pestanejavam como para afastar o somno... Que fazer agora?

Continuar o caminho? Voltar á casa?... Suas idéas confundiam-se; visões bizarras atravessavam-lhe o espirito, como um pezadello.

Via a mulher morta. Encontraria alguem nesse bosque? Quem lhe faria o enterro? Não conhecia ninguem encarregado de tal serviço.

E assim pensando Palinak adormeceu, vencido pelo cançaço.

Tinha se passado meia hora quando um rumor se fez ouvir na alameda de pinheiros. Os galhos afastaram-se: uma cabeça adiantou-se com precaução, em seguida retirou-se, tornando a mostrar-se. Era o filho do urso.

Parecia reflectir, tendo a lingua roxa entre os dentes. Que significava esse grande silencio? Durante a noite escondera-se sob as folhas, tão amedrontada se achava.

Agora que sua mãi e o outro se encontravam a lado como bons amigos, ia apparecer. E o pequeno urso, apoiando as patas ao longo do tronco, começou a descer lentamente.

Foi um olhar de louco o que Palinak atirou a esse peso que acabava de cahir sobre suas costas, despertando-o; uma fera perseguida pelos caçadores talvez não corresse tanto.

De toda aquella noite de horror só restava um homem correndo desesperadamente, amedrontado.

Quando Palinak voltou a si viu inclinado sobre o seu o meigo rosto de Maria. Ella sorria e não era um sonho. A esposa lá se achava viva, salva, sem duvida, por alguma crise feliz. Dos olhos abatidos de Palinak rolaram grossas lagrymas. Lagrymas de alegria de um pai que desperta no seio dos seus, grupados em torno ou lagrymas do caçador que se vê susprehendido pelo medo?

Mas já uma voz se fazia ouvir, uma prece subia aos ceus, que velaram na hora do perigo a desgraça de duas creaturas.

JARDIM DA INFANCIA NO JAPÃO

COMO é bonito este quadro!... Com que alegria os pequeninos nipões entregam-se a jogos de paciencia instructivos, acostumando-se ao mesmo tempo á vida escolar em commum, cousa que tanto amedronta a creança ao entrar num collegio...

O Japão nestes ultimos annos tem dado passos gigantescos para o progresso.

Já o cuidado com que educam os pequenos demonstra grande sapiencia, pois é este o magno problema da pedagogia.

Longe se vão os tempos em que se affirmára ser mais facil ensinar a um velho que a uma creança que «não podia comprehender o que se ensinava...»

Está hoje claramente provado, que a reciproca é verdadeira, e que, como diz o velho rifão, «burro velho não aprende».

Quando se é creança têm-se as ideias nitidas do que se aprende, ao passo que no adulto, são ellas perturbadas pelos multiplos affazeres.

O jardim da infancia como é tido no Japão é talvez o unico meio pedagogico para educar a creança; é o ensino intuitivo por excellencia! O menino em construindo, com pedaços de maneiras, certos desenhos, começa tendo dos objectos uma ideia, perfeita, depois para armal-os acostuma-se a buscar a harmonia e a ser paciente, cousa que tem feito multos homens de talento desistir de ideias grandiosas, pelo facto de serem morosos.

Demais nessas escolas, a creança aprende a regras preliminares—que são as que perduram —da boa educação, não só acostumando-se a sentar á mesa—como uma das grandes questões dos educadores japonezes—a fallar com moderação, sem dar guinchos como se fossem saguis.

As duas gravuras acima representam dous aspectos differentes, isto é, duas aulas dadas num jardim da infancia japonez.

Pedro Caminha Dias de Souza

alumno da Escola Academica de Lisboa, onde tem feito exames; empre tirando as mais brilhantes notas. E filho do Sr. Pedro Souza, commandante do vapor «Alliança»

Alumnos e professores do curso medio do Externato Teixeira, Estacio de Sá—Capital

A NOSSA BANDEIRA

Verde, da côr dos mares e das immensas florestas que embellezam o nosso grandioso Brazil; azul, como o ceu infinito em que abre os braços lucidos o Cruzeiro do Sul; dourada, como o sol, que alegra o espaço e fecunda os campos, a nossa bandeira retrata nas suas côres as supremas maravilhas do Universo!!

Filhos do sul, ou filhos do norte, qual de nós não estremecerá de orgulho á sua gloria? Qual de nos não vibrará de enthusiasmo ao sentil-a acclamada pelos outros, por vós? Qual de nós não se commoverá, vendo-a desfraldada em paiz estranho, ou não se sentirá capaz das maiores audacias para a defender de uma affronta e livral-a de uma derrota?!...

A nossa bandeira é como um pallio confraternisador sobre a cabeça de todos os brazileiros. Unamo-nos para honral-a na sua grandeza e para que ella seja sempre para nós, além do symbolo da Patria, o symbolo do Bem, da Razão e da Justiça.

Só é inattingivel o que é impeccavel; só é forte o que é puro. São as virtudes do povo que tornam sua bandeira respeitada; são os seus trabalhos, os seus emprehendimentos, o poder da sua intelligencia.

Assim, esforcemo-nos para que, á sombra da nossa bandeira, só nasçam e se desenrolem bellas acções. Que ella pacifique os inimigos, quer penda nas cidades, sobre os telhados abrigadores do homem; quer ella sorria ao estrangeiro.

Enviado por ALVARO PALMEIRA.

Alumnos da primeira secção do curso Infantil do Externato Teixeira, Estacio de Sá

A FADA

PADRE João era um cura de aldeia. Havia muitos annos que exercia o sacerdocio e sempre se distinguira pela modestia com que vivia, e pela seriedade de seus actos.

Naquella freguezia todos lhe queriam muito bem, e mesmo nas terras visinhas, obedeciamos cegamente quando lhes dava algum conselho.

Morava o padre João numa humilde casinha, sem mais companhia que sua criada, já muito velha, e Gaspar, menino de pouca edade, filho de uma sua irmã que havia morrido pouco depois de seu marido, deixando o pequeno orphão.

Padre João tomou-o aos seus cuidados immediatamente, esmerando se para educal-o o melhor possivel, não

permittindo que Gaspar fosse á escola para evitar as más companhias que pudessem influir na tenra intelligencia do menino.

O bom sacerdote procurou ensinar-lhe as primeiras lettras, fez-lhe aprender curtos periodos e algumas orações afim de que pudesse pedir a Deus que velasse pela alma de seus pais,para que lhe inspirassem os puros sentimentos da caridade.

O livreiro da aldeia que muito apreciava Gaspar, fez-lhe presente de um livro de contos para que elle se distrahisse em suas horas de recreio com uma leitura sã.

O menino ficou muito contente ao receber esse presente e entrou a lel o avidamente. E de tal modo se compenetrava do que lia, que acabou acreditando ser verdade tudo o que nelle so encontrava: a fortuna alcançada por pequenos heroes que haviam abandonado suas casas, em busca de aventuras.

— Como são felizes esses meninos! — pensava elle. Para mim todos os dias são eguaes, ao passo que para elles...

Apenas nasce o sol caminham pelos campos, cobertos de relva fresca; param, sentam-se e bebem agua no riacho que passa; se a fome os atormenta saciam-n'a com fructos das arvores e durante a noite as fadas vellam seus somnos. Quem poderá imital-os?

E tanto pensou nessas cousas, que resolveu fugir da casa do tio, e assim o fez, aproveitando-se da sua ausencia e da ama que havia ido ao mercado.

∴

O padre João ficou alarmado não encontrando o menino em casa, mas tranquillisou-se dentro em pouco julgando que houvesse sahido a passeio. Afflicto, e sem saber que fazer, chorou toda o noite.

Ao amanhecer bateram á porta de sua casa e ao abril-a encontrou-se com o sachristão que havia encontrado o menino adormecido sob uma arvore, apressando-se em trazel-o ao tio. Gaspar sem se mover foi transportado para a cama e ahi continuou seu somno, guardado pelo padre João, que não sabia como explicar o que se havia passado. Por fim, algumas palavras pronunciadas pelo menino emquanto dormia, vieram-lhe revelar todo o mysterio.

— Deixa-me!... Deixa-me!... dizia. Não vejo a fada, enganaram-me...

O sacerdote comprehendeu então tudo, e, sorrindo, olhou o livro de contos que se achava sobre a mesa.

∴

Grande foi a surpreza de Gaspar despertando, encontrar-se em sua casa e ao lado do padre João.

— Que é isto? perguntou amedrontado.

— Nada, não te assustes; o sachristão encontrou-te dormindo no bosque e tronxe-te para aqui.

— Mas...

— E disse-me ainda que estavas muito bem guardado, por uma fada que vellava teu somno.

— Uma fada? — perguntou estupefacto o menino.

— Sim, uma fada, á qual deves estar muito agradecido. Se não fosse sua protecção talvez a estas horas já estivesses devorado pelos lobos.

O menino estava cada vez mais assombrodo. Segundo o que dizia o padre era inegavel que existiam fadas, e no entanto, elle não havia visto a sua.

Ficou assim perplexo durante algum tempo, sem saber como explicar tudo isso.

— Mas, padre João, — disse por fim — é verdade que o meu somno foi guardado par uma fada?

— Sim. Queres vel-a?

— Quero! quero! exclamou o menino batendo palmas de contente.

O padre João, que se aproveitara do que havia acontecido para dar uma lição ao menino, ficou durante algum tempo mudo.

— Queres vel-a? — repetiu.

Então o padre, abrindo um armario tirou d'elle uma estampa em que se via o anjo da guarda e mostrou-a a Gaspar, dizendo:

— Filho! Foi esta a fada que te guardou esta noite. Não te deixou um só instante e graças a ella pudeste voltar para junto de mim. Pede pois a Deus que ella nunca te abandone!

FESTA INFANTIL — Grupo de alumnos das escolas publicas de Baependy, Estado de Minas

GAMINETT COELHO DE OLIVEIRA, filha do tenente do exercito Manuel Galdino de Oliveira—S. Salvador, Bahia

O amiguinho JUVENCIO CAMPOS, filhinho do capitão Acastro Campos

O amigo de *Chiquinho* EUTROPIO SANTOS REIS, alumno do Gymnasio Carneiro Ribeiro, Bahia

ANTONIO BENEDICTO DE SOUZA FILHO, residente em Joazeiro, Bahia

O nosso amiguinho LUIZ SEABRA, de 7 annos de edade, residente nesta Capital

Um acreano em Caxambú

ANTONIO MURU' RAMOS DE MENEZES, 8 annos, filho do coronel, Antonio Frota Menezes—Alto Juruá

O COMETA

COMEDIA INFANTIL EM 4 SCENAS

PERSONAGENS:

Zoroastro.. 10 annos.
Margarida, sua irmã........................... 9 »
Genoveva, creadinha........................... 9 »

A scena passa-se em uma sala de visitas

SCENA I

MARGARIDA E GENOVEVA

MARGARIDA (*sentada*)

Tu já vistes, Genoveva,
O tal cometa brilhando
No céu, em noite de treva,
Ou quando vem clareando?

GENOVEVA (*de pé*)

Já sim, senhora, bem cedo
Levantei-me para vêr,
E fiquei com tanto medo
Que comecei a tremer...

MARGARIDA

Eu tambem tenho receio...

GENOVEVA

Dizem que o mundo se acaba...

MARGARIDA

Ora, nisso é que eu não creio;
O céu assim não desaba
Em cima da gente...

GENOVEVA

Eu acho
Que o cometa é bem capaz
De botar o mundo abaixo...

MARGARIDA

Qual o que! Isso não faz.

GENOVEVA

Ouvi dizer que o perigo
Está na cauda sómente;
E é por isso, então, que eu digo
Que ha de ser como a serpente...

MARGARIDA

Pois eu não; acho que o caso
E' muito simples, depende
De algum encontro, do acaso...

GENOVEVA

D'isto a senhora é que entende;
Eu só sei que tenho medo
De morrer assim, sem mais...
Não gosto d'esse brinquedo.

MARGARIDA

Vai procurar os jornaes
que tratarem d'esse assumpto.

GENOVEVA (*sahindo*)

Sim, senhora. (*Aparte*) Até parece
Que estou cheirando... a defunto. (*sae*)

SCENA II

MARGARIDA E ZOROASTRO

ZOROASTRO (*entrando*)

Não sabes o que acontece?!...
Uma cousa nunca vista!

MARGARIDA (*rindo*)

Que, foi? Mudou-se o Cattete
P'ra Quinta da Bôa Vista?

ZOROASTRO

Ora, não sejas cacete;
Imagina lá se pódes!
A cousa mais inaudita... (*Pausa*)

MARGARIDA (*depois de pensar*)

Uma moça de bigodes?...

ZOROASTRO

Qual!... Inda mais esquisita...

MARGARIDA

Não sei.

ZOROASTRO

Não sabes? Eu digo.
O papai disse ainda agora
Que esperava hoje um amigo,
A chegar a qualquer hora...

MARGARIDA

E que tem isso?

ZOROASTRO

Ora, espera,
E não vás pensar que é pêta
Disse que este amigo era...

MARGARIDA

Era quem?

ZOROASTRO

Era *um cometa*!

MARGARIDA

Um cometa?!...

ZOROASTRO

Sim, senhora
Se na marcha não se atraza.
Com mais ou menos demora,
Temos o cometa em casa
A conversar...

MARGARIDA

Não acabes
Isto é troça, certamente.

ZOROASTRO

De quem? Do papai? Bem sabes
Que elle, nem brincando, mente.

MARGARIDA

Mas, não vês que é impossivel
Isso que estás a dizer?

ZOROASTRO

Perfeitamente, acho incrivel,
Porém ha de acontecer,
Papae disse...

MARGARIDA, (*pensativa*)

Com effeito,
Que espantosa novidade!...

ZOROASTRO

...E o que elle diz está feito;
Podes contar que é verdade.

MARGARIDA

Não duvido, mas preciso
Ir perguntar ao papai,
Senão eu perco o juizo
Pensando nisto (*sahe*).

ZOROASTRO

Pois vai.

SCENA III

ZOROASTRO E GENOVEVA

GENOVEVA (*entrando*)

Prompto os jornaes, que a menina...

ZOROASTRO

Que jornaes? Trouxe a *Gazeta*?

GENOVEVA

Não, senhor; já não se assigna,
Não falla mais no cometa...

ZOROASTRO

E' verdade: elle já veiu?

GENOVEVA

Elle quem?!

ZOROASTRO

Quem ha de ser?
O cometa; eu esperei-o
Até ha pouco p'ra ver
Como elle é, como falla...

GENOVEVA

Como falla?!...

ZOROASTRO (*confirmando*)

E como veste;
Como ha de entrar nesta sala...

GENOVEVA (*pondo as mãos*)

Valha-me o meu Pai celeste!...
Que vamos morrer torrados,
Tendo um cometa aqui dentro!...
P'ra fugir d'estes *assados*,
Elle aqui estando eu não entro!

ZOROASTRO

Não se assuste antes da hora,
Que elle nenhum mal nos faz.
Disse o papai inda agora
Que o cometa... é bom rapaz.

GENOVEVA

Pois sim! Não vê que acredito?!
Disseram que elle era um astro...

ZOROASTRO

Pois é, foi muito bem dito.

GENOVEVA

E vem cá, *seu* Zoroastro?!

ZOROASTRO

Ha de vir, e o que admiro
E' não ter chegado já.

GENOVEVA

Pois olhe que eu cá prefiro
Que elle se fique por lá.

SCENA IV

OS MESMOS E MARGARIDA

MARGARIDA (*entra a correr*)

O cometa!...

GENOVEVA

Ai! ai! Que eu morro! (*sahe correndo*)

MARGARIDA (*rindo*)

Ah! Que grande brincadeira!

ZOROASTRO

Já chegou? Eu cá não corro;
Quero ver-lhe a cauda inteira.

MARGARIDA

Não tem cauda...

ZOROASTRO

Não?! E' serio?
Elle será mesmo gente?...

MARGARIDA

E', acabou-se o mysterio;
O cometa é simplesmente
Um caixeiro viajante.

ZOROASTRO

Um caixeiro?!

MARGARIDA

Sim.

ZOROASTRO

Já sei!...

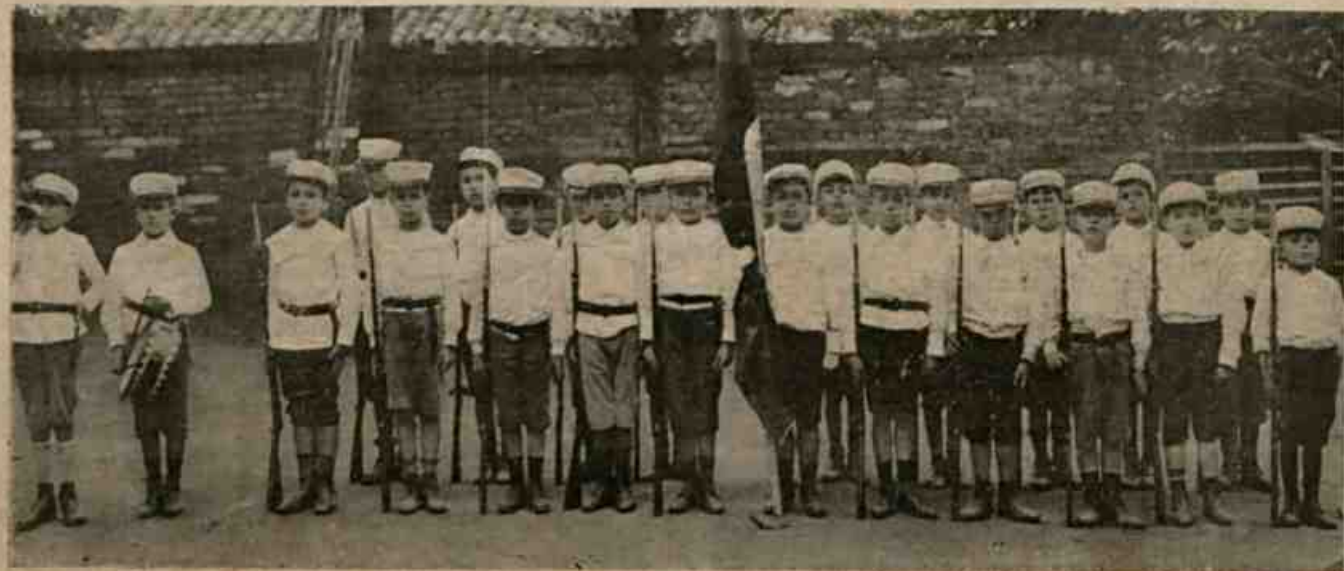
MARGARIDA

Chegou mesmo neste instante!...

GENOVEVA (*pondo a cabeça na porta*)

Oh! Que susto que eu raspei!...

EUSTORGIO WANDERLEY.

O nosso leitor José Torres Serqueira

Collegio Progresso Brazileiro — Alumnos dos cursos primario e secundario, em exercicios militares

A ORIGEM DOS MUNDOS

A esplendida illuminação do céu à noite, põe-nos em face de um problema inexplicavel, onde começa e onde termina o Universo? Foram precisos muitos seculos á astronomia para penetrar em alguns d'esses mysterios e quem poderá affirmar que venhamos um dia a conhecer as leis definitivas do systema de creação do mundo?

O ensinamento do Céu

EM face de milhões de mundos, em constante gyrar no espaço, no seio do ether; diante do problema vivo do Universo, sempre nitido em nosso pensamento, perguntamos a nós mesmos, involuntariamente, — d'onde vêm esses astros? teriam sido negligentemente semeados por um ser inhabil? Teriam existido sempre como os vêmos agora?

Cada estrella é um sol, um systema analogo, por vezes, ao nosso systema solar.

Como nosso sol, são numerosas as estrellas, que se fizeram cercar de grande numero de *planetas*.

Como se formaram esses systemas de astros longinquos?

Interroguemos a Sciencia, aquella que trata da formação dos mundos: a *Cosmogonia*, que enormes progressos tem feito.

A chimica prestou-lhe relevantes serviços, e o problema da unidade da materia, que ainda não está resolvido, já não occupa tanto a attenção dos pensadores e philosophos.

Os trabalhos de Becquerel, dos Curie, dos Ramsay — que vocês lerão mais tarde — induzem-nos a crêr que todas as substancias do Universo se reduzem a um unico corpo, cuja condensação, operada paulatinamente com o tempo, deu origem a todos os elementos conhecidos.

Estrellas e nebulosas

Por uma noite limpida vemos no céu pequenas nuvens brancas, verdadeiros flocos de neve, apenas visiveis sobre o fundo escuro da abobada celeste.

Se dirigirmos um oculo, mesmo modesto, para essas formações distantes, veremos em breve essa massa uniforme resolver-se em estrellas, como na linda constellação de Perseo, que mais parece uma visão de faixas multicôres, um *chuveiro* de pedras preciosas.

A Nebulosa de Andromeda — Tem um volume 332 quatrilhões de vezes maior do que o do sol que é, por sua vez um milhão e trezentas mil vezes maior do que a Terra. Pode-se julgar por ahi a immensidade dos mundos distantes, que são as estrellas e que apparecem a nossos olhos como pequeninos pontos

Os astronomos deram a esse amontoado de estrellas a denominação de *cumulus estellares*.

Por vezes fica-se surprezo, observando uma d'essas nuvens leitosas, por não poder resolvel-a em estrellas. O grande Herschel foi o primeiro a assignalar manchas de outro genero: grandes reservas de gaz, offerecendo-nos o aspecto do systema solar ha milhões e milhões de annos.

São as *nebulosas*.

Constituição de uma nebulosa

Uma das nebulosas mais bellas do ceu é a de Andromeda. Quando em 1612 Simon Marius dirigiu o oculo para esse objecto celeste, ficou surprezo com o espectaculo que tinha deante do olhos.

A Terra era então um pequeno Sol e a Lua um minusculo planeta vivo

Essa mancha branca, oval, parecia uma candeia vista atravez da cornea transparentes e o astronomo comparou seu aspecto ao de um cometa.

A astronomia moderna conseguiu abordar, graças á photographia celeste, o estudo das nebulosas do céu, essas luminosidades phosphorescentes, desprovidas de sol central. Ora se póde ver a face e examinar a structura. Ora apresentam-se obliquamente, como a nebulosa Andromeda, offerecendo um aspecto eliptico, devido ao effeito da perspectiva. Quasi sempre são de natureza espiraloide, isto é, a condensação central parece emittir de ambos os lados oppostos tentaculos immensos, que se dobram por vezes tomando o aspecto de anneis mais ou menos apertados. São mundos em formação no meio desses gigantescos amontoados gazosos.

Alguns algarismos

São precisos dezenove annos á luz para vir da nebulosa de *Andromeda* até nós.

Durante dezenove annos o raio luminoso partido dessa formação longinqua viaja, sem parar, na razão de 300.000 km. por segundo, antes de tocar-nos á retina e quando o percebemos conta-nos elle uma historia muito antiga.

O astronomo moderno póde calcular as dimensões d'esse systema; são assustadoras: 7516 milhares de kilometros de diametro! Estes algarismos nada nos exprimem: comparemos essa extensão formidavel á do nosso planeta. A luz não gasta menos de quatro horas para vencer a distancia que nos separa de Neptuno, o planeta mais afastado do nosso systema solar.

Pois bem, são precisos á mesma luz 200 dias para atravessar de lado a lado a nebulosa de *Andromeda*!

A espessura é sem duvida mil vezes menor: não impede que o calculo indique para o volume d'essa nebulosa 232 quatrilhões de vezes o Sol, que é já, como sabemos, 1.300.000 vezes o da Terra: 232 seguido de 15 zeros! E' inacreditavel!

A nebulosa de Orion, que é muito maior, ão poude ainda ser medida; ignoramos até sua distancia.

As nebulosas.—Origens do Mundo

E' preciso buscar todas as phases da evolução estellar, desde a pallida nebulosa até o amontoado de estrellas e de soes.

Muitas theorias foram propostas outr'ora para explicar a *genese* dos mundos, mas nenhuma d'ellas tem cunho de verdade ante a sciencia moderna.

A materia espalhada, quasi uniforme em seu começo, grupou-se pouco a pouco em torno de differentes centros de concentração e cada um d'esses centros, pela sua situação no espaço, determinou a fórma do seu reinado e departamento.

O Sol foi a principio um astro pallido, de forma alongada, que mal illuminava a Terra, sempre humida

Pouco a pouco esse amontoado tornou-se mais volumoso em seu centro e outros, conjuntamente com nucleos dos planetas futuros, disseminaram-se em torno do nucleo central.

Sob a influencia de que lei e por que mecanismos secretos foi operada essa transformação?

A cosmogonia vai responder.

A creação continua sem cessar

Kant e Laplace ensaiaram outr'ora fixar as etapas percorridas pela nebulosa que deu origem ao nosso systema solar. Numa epocha em que a astronomia physica acabar de apparecer, não é para admirar que errassem por vezes em suas apreciações.

Laplace tinha supposto uma nebulosa espherica amontoado gazoso, levado á uma alta temperatura.

Suppondo que a esphera fosse animada por um movimento de rotação muito grande veiu ella por fim a partir-se em dous anneis que se desprenderam. Assim foram formados os planetas. O mais afastado *Neptuno* foi o primeiro a soltar-se; depois vieram successivamente os planetas Urano, Saturno etc., mais proximos ao Sol. As luas gyrando em torno d'esses astros teriam formação identica.

As leis da mecanica, sabiamente interpretadas, e as descobertas modernas confirmaram as bellas inducções do grande geometra.

O estudo do céu reserva-nos ensinamentos que nosos antepassados não podiam crer. Armemo-nos do mais poderoso dos Velespios que o homem possa ter creado; exploremos as 200.000 nebulosas registradas pela photographia; teremos feito uma viagem muito mais proveitosa para a sciencia que todas as condições a que chegaram os astronomos mathematicos.

Veremos primeiramente as nebulosas em forma de *cornucopia*, como na constellação do *Navio*; em seguida a nebulosa de dous braços curvos emittindo innumeros anneis espiraloides,como nos *cães de raça*; depois typos mais adiantados onde os anneis, apertando-se entre elles e simplificam-se onde formam amontoados quasi circulares, nebulosas mais antigas, das quaes só percebemos o annel principal, como na bella formação da *Lyra*; por fim nossa investigação conduze-nos pouco a pouco á origem das estrellas duplas por transformações insensiveis.

E este espectaculo podemos ver e tornar a ver milhares de vezes, dirigindo nossa objectiva sobre os focos radiantes longinquos.

Em breve, por entre a luminosidade phosphorescente, lembrando um vago nevoeiro, isto é irregular, sem forma definida e as estrellas nebulosas, ver-se-ha todos os intermediarios que mostram as transformações operadas durante muito tempo.

Não se terá a pretenção de assistir as diversas phases por que têm de passar uma mesma nebulosa.

Percorrendo uma floresta, o botanico acompanhára todos os desenvolvimentos do vegetal: primeiramente as arvores rebentando o solo, outras carregadas com fructas e por fim arvores gigantescas no declinio da vida.

Assim, na immensa floresta do Universo onde a creação continua sem cessar, sob os olhos do homem investigador da Natureza.

D'onde viemos?

Nosso systema solar tem a mesma origem de todos os mundos disseminados nos abysmos do céu. Como esses amontoados gigantescos de gaz esparsos em profusão no universo, nosso sol e seus planetas provêm de uma nebulosa redonda em sua origem.

O estudo da transformação d'essa massa espherica foi encetado nestes ultimos annos, pelo Sur-Faye primeiramente, depois pelo coronel Lifondes. Este ultimo, sobretudo, mostrou que, applicando as leis da mechanica, a massa teria que se achatar: uma parte dos materiaes foi ter ao centro—era muito mais consideravel e foi ella quem formou o Sol.

O resto das particulas converteu-se pouco a pouco em anneis que, pela condensação, deram origem aos planetas: Jupiter, o maior, foi o primeiro formado.

Nessa época, nosso systema com o Sol e Jupiter encandescentes, offerecia o aspecto de uma bella estrella dupla; em seguida vieram, paulatinamente, Neptuno, o planeta mais afastado, Urano, Saturno com seu annel que não poude aggregar-se á massa;a Terra foi o quinto filho d'essa familia,e por fim Venus e Mercurio, os ultimos formados.

Seria um erro crer que o estado de adeantamento de um planeta depende unicamente da época de seu nascimento. Num globo minusculo o resfriamento accelera-se mais. Assim é que Marte, nascido junto á Terra, apresenta os indicios do uma velhice avançada. O mesmo se dá com relação á Lua e aos satellites dos planetas.

Pouco a pouco os astronomos futuros hão de aperfeiçoar suas theorias de hontem, e fixarão.

Seus calculos sobre os dados apresentados pelas leis mais completas e particulares. Mas desde agora a pedra do edificio está collocada, os materiaes irão reunir-se lentamente e o estudo do céu ha de permittir-nos penetrar mais profundamente no mysterio da nossa origem.

A Terra—O passado da Terra

Ha centenas de milhões de annos a Terra já existia, mas quão differente da que vemos agora! Planeta incandescente, emittindo faiscas brilhantes, parecia-se muito com o nosso Sol. Sua superficie offerecia o aspecto de uma fornalha ardente onde todas as substancias reduzidas a estado de gaz queimavam continuamente.

Essa massa luminosa, muito mais extensa que actualmente, gyrava vagarosamente sobre si mesma.

Nessa época a Terra esclarecia tambem um planeta minusculo: a Lua, morta ha muito tempo na vida astral, aquecia elle esse unico satellite do mesmo modo como o Sol nos illumina em sua carreira.

A Terra começou a se formar; sobre sua superficie de fogo começaram apparecer ilhas solidas, que, ligando-se pouco a pouco formaram os continentes

Como todos os astros do ceu, a Terra teve tambem sua phase estellar. Quando nosso Sol acabava de formar-se, so a Terra brilhava com brilho real. Realeza ephemera, no emtanto, pois o frio do espaço, que nada respeita, mesmo os soes, tornou-se em breve um inimigo do minusculo fóco de calor.

Graças ao resfriamento sempre crescente, os gazes puderam combinar-se, os do interior com as sacudidelas violentas saltaram fóra, durante muito tempo reinou a electricidade nesse cahos indescriptivel de elementos confusos.

Milhares de annos succederam se e a pequena estrella lutava sempre contra o frio. Mas este tinha que vencer.

AS CREANÇAS ROUBADAS

1) Maria, sahira do jardim para ver passar um grupo de artistas de circo e foi roubada por um cigano.

2) Esse homem obrigou-a á fazer mil exercicios difficeis, açoutando-a.

3) A menina chorava muito. Seu consolo era a amisade de um cão e de um menino tambem roubados que faziam parte do grupo de saltimbancos.

4) Tornaram-se amigos e resolveram fugir.

5) Atravessaram uma floresta sombria; mas Diamante, o cão, era tão valente, que elles não tinham medo de cousa alguma.

6) Maria encontrou finalmente sua casa, mas, os creados afungentaram o menino e Diamante, seus companheiros de miseria.

7) Sabendo d'isso, Maria tomou um automovel e foi procural-os.

8) Avistou os, emfim. O menino a principio não a reconheceu, tão lindamente ella se achava vestida.

9) E hoje os trez amigos representam em casa de Maria para se divertirem.

O JOGO

1) Pedro era um ferreiro trabalhador e habil. Um dia ia elle por uma estrada a procura de trabalho, por que estivera doente mais de um mez e estava sem dinheiro...

2)... quando de repente viu diante de si um cubo branco marcado com signaes pretos. Era um dado. Pedro deu-lhe um pontapé, o dado cahiu mais adiante.

3) Pedro continuou a caminhar, mas logo ouviu um ruido metalico, que bem conhecia. Era ruido de ouro. E examinando a bolsa, que elle trouxe vasia, Pedro viu que ella estava cheia de moedas.

4) Então Pedro desconfiou que aquelle prodigio devia ser obra do cubo branco. E para verificar se o dado era com effeito um talisman, apanhou-o de novo e atirou-o...

5) O dado cahiu e immediatamente Pedro viu-se vestido como um principe e com a bolsa tão cheia, que rebentou e as moedas cahiram no chão.

6) Pedro ficou satisfeitissimo. Com aquelle talisman parecia-lhes que era senhor do mundo. Atirou fóra o seu pesado martello de ferreiro de que julgava não precisar mais...

7) Atirou de novo o dado e viu surgir do chão um explendido palacio, que parecia um castello de fadas, tal era seu luxo e explendor.

8) Pedro dirigiu-se para seu palacio, comprehendendo que elle lhe pertencia. Numerosos criados e pagens vieram a seu encontro e levaram-o...

9)... a sala de jantar onde estava a mesa preparada com pratos de ouro. Pedro entrou e atirou mais uma vez o dado para ver o que appareceria.

10) Mas d'essa vez nada acontece de bom. Apenas o dado cahiu desappareceu todo o palacio, e até o bello vestuario de Pedro, que se viu andrajoso.

11)... vestido como um mendigo e sem um vintem. Nada havia por alli que pudesse comer e elle só não morreu de fome graças a um pedaço de pão, que encontrou no bolso.

12) Mas Pedro não desanimou, tinha fé no dado, o cubo magico, como elle o chamava. Atirou-o de novo.

(Continua na pagina seguinte)

O JOGO (Fim)

13) Mas quando o dado cahiu sua situação ainda se tornou peior. Elle viu-se no fundo de um precipicio, cercado por aves de rapina...

14) ...que o perseguiam. Pedro quiz fugir mas uma das aves feriu-lhe a mão cruelmente, arrancando lhe um pedaço de carne.

15) Pedro quiz tentar ainda. Atirou mais uma vez o dado e teve melhor resultado O dado, cahindo, fez surgir um monte de pedras preciosas que os passaros devoraram logo...

16) Mas deixaram Pedro em paz. Ao mesmo tempo seus andrajos desappareceram e elle voltou a ter uma bôa roupa de operario. Convencido de que o dado era ainda bom.

17) ...Pedro atirou-o mais uma vez. O dado ao cahir levantou uma enorme onda de lama visguenta e fetida, que envolveu o rapaz...

18) . . mergulhando-o em um lago cercado de rochedos, que pareciam monstros. Entretanto o dado alli estava fluctuando junto d'elle..

19) Pedro apanhou-o e num impeto de desespero atirou-o ainda. Foi peior. A lama do lago levantou-se em nova onda...

20) ...que mandou Pedro para um logar sombrio onde havia uma forca, cuja corda precipitou-se, tentando agarrar o rapaz. Pedro procurou uma arma para se defender...

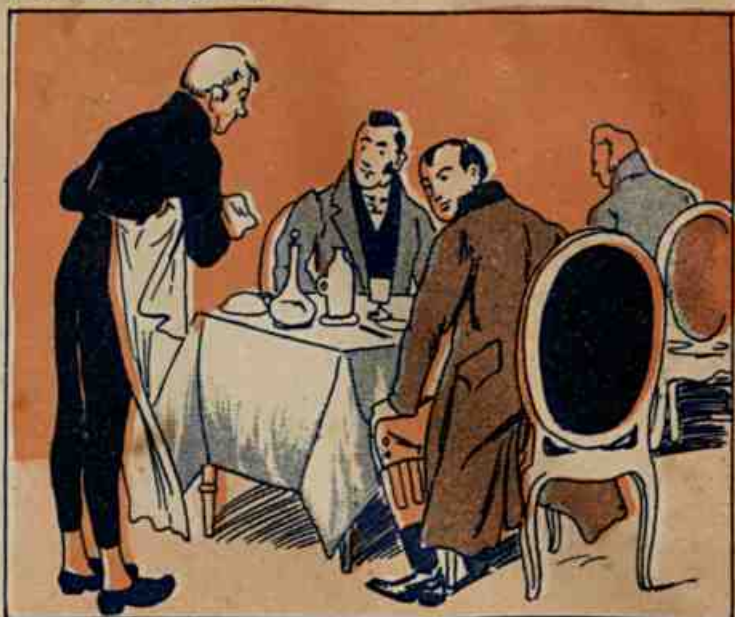
21) ...e encontrou o martello, que elle atirára. Agarrou-o e com elle abriu um buraco na muralha, que o cercava. Foi com trabalho terrivel...

22) ... mas Pedro era corajoso e do outro lado encontrou uma fonte de agua pura e crystallina. O rapaz ficou assim completamente limpo...

23) ..deante d'elle estendia-se um campo magnifico. E alli estava o dado a tentar o rapaz. Porem elle resolvido a ter juizo, quebrou-o e, foi se empregar e trabalhou tão bem,

24) ...que enriqueceu em pouco tempo, convencido de que o dado representa o jogo, que pode illudir com dinheiro ganho alguns momentos, mas arruina um homem, ao passo que o trabalho dá a fortuna solida e a dignidade

DOUS MAUS FREGUEZES

1) Napoleão, nas horas de descanço, passeava em Paris com o marechal Duroc e jantavam no primeiro hotel, que encontravam.

2) Uma vez quando iam pagar, viu Duroc, que havia esquecido a bolsa. Napoleão nunca tinha dinheiro. O marechal quiz dar-se a conhecer, mas o imperador não deixou e perguntou ao caixeiro se fiava.

3) — Fiar! fiar! todos dizem o mesmo — gritou a hoteleira. Ou me pagam ou então mando chamar a policia.

— Eu pago por elles — disse o caixeiro, tenho confiança.

4) Os dous freguezes tinham ouvido a discussão. Como agradecimento quiz Duroc dar ao caixeiro seu relogio. Elle não acceitou. Passaram-se muitos dias e o caixeiro não recebeu o dinheiro.

5) Todos os empregados mofaram d'elle. Felizmente, uma manhã o imperador, lembrou-se da divida e mandou um creado com uma bolsa com 25 moedas de ouro, ao hotel.

6) O caixeiro quasi morreu de contentamento ao vêr o dinheiro e a hoteleira d[illegible]usto, sabendo quem eram aquelles, que ella havia chamado de «máus freguezes» e «caloteiros».

O SABIO

1) Tiberius Bahat, era um sabio. Entregara-se a varios estudos sobre a origem das raças humanas e das especies animaes. Ia ás cavernas estudar as ossadas

2) E quando julgava haver encontrado a tibia, o femur ou o craneo de em animal pre-historico, levava-os para casa com grande descontentamento de sua mulher, que...

3) ...via a casa cheia de esqueletos e caveiras. Quando podia deitava-as fóra, ou dava a alguem, que por lá passava.

4) Mas seu illustre marido não cessava de trazer outros. Um dia disse, que partia para a Africa afim de encontrar um animal rarissimo :

5) O *Papaloterium*, unico especimen de uma raça antiguissima. A senhora Bahat deixou-o ir, mas acompanhou-o. Queria pregar uma peça...

6) ...ao sabio, para que elle não abandonasse a casa para ir atraz de *Papaloterium*.

7) Chegou á Africa pouco depois do marido. O senhor do paiz recebeu-a muito gentilmente. Ella expoz-lhe a sua ideia e construiu com o auxilio de um burro...

8) ...o *Papaloterium*. No dia seguinte o sabio depois de haver procurado em vão o animal, voltou ao hotel, quando o rei mandou o chamar e disse ter encontrado...

9) ...o *Papaloterium*. O bom sabio comprou-o por um preço exorbitante e marchou immediatamente para seu paiz. O animal alimentava-se unicamente de capim...

10) ...e feno. Mas foi um verdadeiro cataclisma, quando o sabio querendo mostrar a um amigo o *Papaloterium* descobriu que não passava de um burro coberto com a pelle de um jacaré.

O CASAMENTO DE CHANTECLÉR

1) Chanteclér, o Gallo Encantado, cantava todas as manhãs ao romper do dia porque estava apaixonado por Gloria, a filha do Sol.

2) Elle cantava ao romper do dia porque via, ao lado do Sol, a formosa Gloria, princeza da Luz e da Belleza no seu carro aereo.

3) A princeza Gloria bem ouvia o canto sonoro e sorria. Ao vel-a assim Chanteclér abria as azas tentando voar para ella. Mas não tinha forças para tanto.

4) Um dia porém, Chanteclér ouviu uns relinchos, que partiam de um castello abandonado. Foi até lá e viu um cavallo de azas...

5) ...que parecia esperal-o.—Chanteclér montou no cavallo de azas e disse-lhe cantando:—Nobre Pegaso, leva-me até a Gloria! O cavallo começou a voar em direcção a um monte e subiu tão alto...

6) ...que parecia tocar o céu. Mas a viagem não era facil. Pelo caminho havia monstros de todo o genero. Mas Chanteclér escitava o cavallo com seu canto.

7) Foi preciso lutar com todos esses monstros, que rugiam, mas o canto sonoro de Chanteclér abafava todos os ruidos e vibrava victorioso. Do ponto mais alto da montanha...

8) ...o cavallo seguiu pelo ar, mas o Sol estava ainda muito longe. Pegaso estava já cançado e Chanteclér offegante não podia mais cantar.

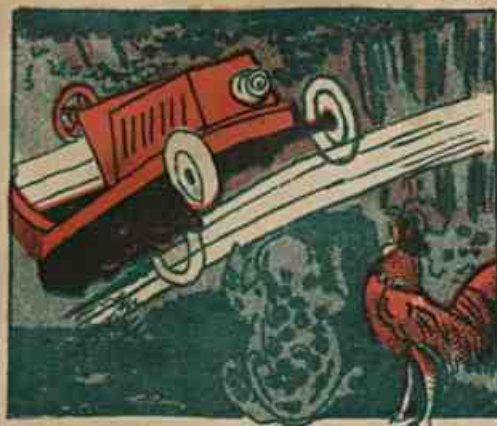
9) Apenas elle cessou o canto, o cavallo perdeu as forças, fechou as azas cahiu arrastando na queda Chanteclér.

10) O Gallo Encantado estava quasi sem folego mas não se magoára. Ficou muito triste, viu chegar-se a elle um sapo muito feio, que lhe fallou assim:

11) Pobre Chanteclér, tu queres chegar a Gloria! Para isso nada vale o cavallo de azas. Vem commigo e eu te farei chegar a ella... Mas tens que me obedecer.

12) Em primeiro logar não deves cantar como cantas. Deves cantar como eu, assim: Cuá! cuá! Chanteclér tentou cantar assim, mas achava esse canto ridiculo.

(Continúa na pagina seguinte.)

O CASAMENTO DE CHANTECLÉR (Fim)

13) Mas o sapo parecia satisfeitissimo. Fez um signal e appareceu um automovel. O sapo disse: — com esse vehiculo é que vamos viajar...

14)... mas para que possas sentar-te nelle preciso amarrar-te a cauda. Amarrou-lhe as pennas e poz-lhe na cabeça um barrete de *chauffeur*. Chanteclér estava envergonhado...

15)...de se ver tão feio. O sapo fel-o subir para o automovel e disse:—Agora já nem precisas cantar, aperta a busina que ella faz *Cuá !cuá*

16) O automovel seguiu por uma estrada lisa e chata entre paizagens monotonas até que chegaram a uma casa muito banal

17) O sapo levou Chanteclér a uma sala e disse-lhe. Já chegamos; agora minha mulher te dirá o que tens a fazer para alcançar a Gloria.

18) Nisto entrou uma sapa trazendo uma cadeira—Tenho que partir esta cadeira ou leval-a a algum logar?—perguntou Chanteclér. Não senhor; tem que sentar-se e esperar

19) Pouco depois abriu-se a porta e appareceu um corvo annunciando: Ahi vem a princeza Gloria. Entrou na sala uma moça muito parecida com a Gloria...

20) ...que Chanteclér adorava. Mas não era ella e o Gallo Encantado logo a conheceu e protestou exclamando.—Não a senhora não é a verdadeira Gloria...

21) ...eu já desconfiava porque a verdadeira Gloria só se alcança com muito esforço e para brilhar não precisa de luz electrica e espelhos como a senhora.

22) Chanteclér disse isso e sahiu. Cá fóra encontrou o cavallo de azas, que já descançara e estava a sua espera. O Gallo Encantado animou-o com seu canto forte...

23) O cavallo abriu as azas e partiu de novo pelo céu azul ao encontro do sol. O cavallo tornou-se de tal ordem que alcançou afinal o reino da Luz.

24) A princeza Gloria, descendo de seu carro, estendeu a mão a Chanteclér e este desencantando-se transformou-se em um bello cavalleiro — o principe da Poesia.

A AMIGA DOS ANIMAES

1) Lulú adora os animaes. Mas não sabe acaricial-os convenientemente.

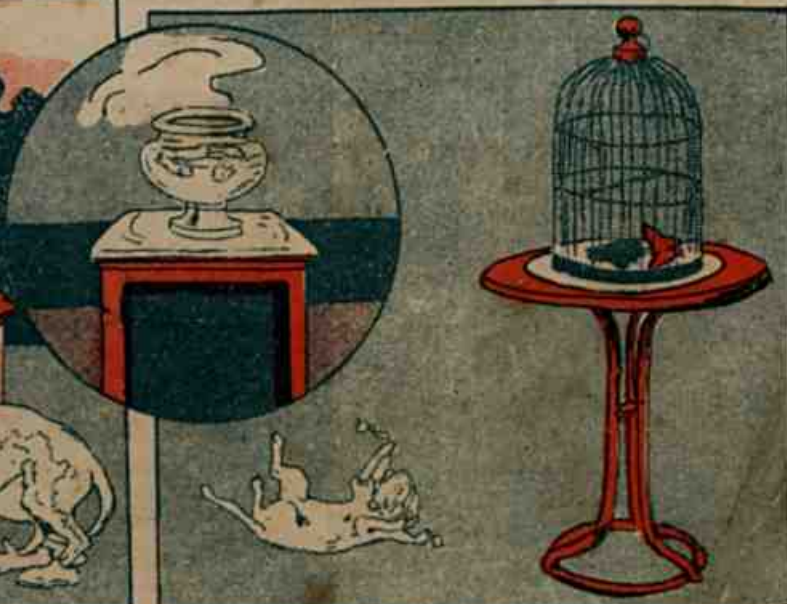
2) Outro dia, viu que os canarios não tinham agua fresca para molhar o bico, nem uma folha de alface para comer e...

3) ... substitui-os por um pedaço de carne e um pouco de vinho.

4) Depois tomou um chale e alguns pares de meias collocando-os no pescoço de Tigre, que tinha frio.

5) E, para agradar Mimi, poz-me uma touca na cabeça.

6) Julgando que os peixes tivessem frio collocou o boccal de vidro, sobre o fogo.

7) No entanto miados de gata, os uivos do cão, e o saltitar dos peixinhos vermelhos, attrahiram a attenção de mamãi, que poude ainda salval-os.

Nuvens espessas, carregadas de vapores pesados e metallicos, cobriram-n'a lentamente, como de um sobrio lençol, um sol lilliputiano, que nunca mais se deveria accender.

Então soou a hora final, uma crosta formou-se na superficie : a phase planetaria começou.

Como se formou o sólo que nos mantem

Volvamos aos tempos remotos. Massas enormes solidificadas emergem á superficie do oceano igneo. Ilhotas de um archipelago immenso terminaram, fundindo-se. Mas a pressão dos gazes encerrados sob essa pellicula delgada não lhes deu tempo.

Os *icefield* d'esse «banco de fogo» foram novos solavancos tumultuosos até o dia em que o frio tendo terminado a obra i n i c i a d a, uma superficie solida, agitada por fremitos perpetuos veio envolver o nucleo liquido e compacto.

Sob o esforço da condensação, as chuvas começaram; mas eram chuvas de fogo. Rios de metaes fundidos desciam dos cumes e accumulavam-se nos vallados, até o momento em que o calor central, não podendo mais atravessar a crosta, os gazes menos densos vieram a liquifazer-se.

D'essa vez começou a obra do nivelamento. As aguas acidas descendo das montanhas e carregando os elementos dos nossos terrenos: carbonatos, sulfatos, saes de toda a especie, foram collocar-se em camadas successivas, que, primeiramente horizontaes, tomaram mais tarde todas as inclinações sob a influencia das forças internas do globo.

São essas camadas de *stratificação*, que nos vão contar a historia do globo. O astronomo não terá de mais que retirar-se para ceder o logar ao geologo.

O SONHO DE UMA NOITE DE NATAL

A vida apparece sobre a terra

Depois da nossa primeira viagem, passaram-se centenas de milhões de annos... O calor do globo diminuiu e nas aguas quentes appareceu a vida.

Quando e como appareceu ella? Mysterio insondavel contra o qual a nossa sciencia, ha pouco nascida, não póde lutar.

A flora começa nas vagas e apenas immergidas apparecem em estado rudimentar, num meio em que se debatiam mares e continentes, nasceram as plantas mais simples—cogumelos, algas, musgos, lichens foram os primeiros a cobrir os lagos, riachos e as grandes profundidades marinhas. Foi o periodo primario.

Em seguida, nas aguas quentes surgiram repentinamente, sem que os paleontologistas possam explicar como, novas formas: polypos, molluscos, crustaceos, vertebrados, em forma de peixes, cobertos de grandes escamas.

Na Terra, numa atmosphera quente e humida, saturada de carbono, os vegetaes cresceram em florestas impenetraveis. Que paizagem magnifica!

Os vegetaes, eram muito maiores e bem assim os animaes, gigantescos. Os fetos attingiam a 15 metros e mais de altura. Era tudo grandioso nessa epocha.

Os monstros da epocha secundaria

O relogio dos seculos bateu durante milhares de annos. A Terra foi muitas e muitas vezes revolvida; as chuvas diluiram e tragaram grande parte da vegetação. Sempre o mesmo sol, pallido e alongado em fuso, illuminando o globo terraqueo. Mas, a paisagem modificou-se pouco a pouco. Os grandes fetos não desappareceram por completo, os corniferos povoaram as grandes florestas.

As estações ainda não existem e a athmosphera acha-se empregnada de humidade, no emtanto a Terra encaminha-se para uma nova phase.

Os reptis gigantescos vão tornar-se senhores d'essa natureza nova : são os DINOSAUROS ou terriveis lagartos, animaes monstruosos, de dimensões colossaes.—Póde se julgar por um ATRANTOSAURO de 35 metros de comprimento—Vêm depois muitos outros não menos terriveis.

Depois os carniceiros hediondos, os oratosauros, menos compridos do que os precedentes mas, armados dos pés á ca-

O Sol e todos os planetas,que são seus satellites caminham com rapidez vertiginosa, na direcção aqui indicada por uma flexa,para um ponto da Via Lactea, junto da qual se vê a enorme estrella chamada Vega

beça. Seguem-se muios outrios typos com armadura eriçada de escamas.

A natureza nesta epocha accumula os seres de caracteres mais bizarros. Mas começam a apparecer as estações está proximo a soar a hora da morte para esses enormes representantes da epocha secundaria.

Edades recentes

A natureza assume proporções mais racionaes, como é nosso costume ver nos dias de hoje.

Nas orlas dos grandes lagos surgem essencias novas, figueiras, romeiras, canelleiras, acacias, carvalhos, ebano.

As gramminéas invadem as planicies e nos grandes pastos ha immensas florestas alternativas. Vivem os ruminantes como porcos, paleotherium. Os mammiferos attingem o seu desenvolvimento completo. Carniceiros horriveis, semelhantes aos nossos tigres, devastam as florestas terciarias.

Na margem dos rios, grande numero de passaros e macacos. Apparecem os primeiros vulcões.

Na mesma occasião, devido a causas desconhecidas por nossa sciencia moderna, os periodos frios alternaram-se com os quentes. As neves invadem as montanhas e enormes geleiras cobrem grande parte da Europa.

E' entre o terceiro e ultimo periodo glacial, que apparece o homem.

O vôo da Terra

A TERRA ESTÁ CONTINUAMENTE EM MOVIMENTO

E' uma verdade conhecida de todos que a Terra está sempre em movimento. Primeiramente gyra sobre si mesma e depois ao redor do sol em 365 dias e horas, descrevendo um circulo immenso de 149 milhões de kilometros de radio em media. Num anno fazemos a viagem fantastica de 930 kilometros com uma velocidade vertiginosa de 29 kilometros e 670 metros por segundo, 35 vezes a velocidade da bala mais rapida.

Quer isto dizer que cada anno passamos pelo mesmo logar no céu? Não. Esta conclusão só seria verdadeira com uma condição: a immobilidade do Sol. Ora, o Sol é uma estrella, uma simples estrella em meio de uma abobada constellada.

Os astronomos modernos dizem ter descoberto movimentos quasi imperceptiveis; a chapa photographica ahi está para substituir nossas observações visuaes e o spectroscopio,que decompõe a luz das nebulosas longinquas, analysa e conta a historia dos raios que o sol e as outras estrellas nos enviam.

Algumas estrellas têm velocidade de 8 a 10 kilometros por segundo: são os soes lentos; a maior parte vai com maior velocidade: a linda estrella *Sirio*, a mais brilhante do céu, pertencente ao *Grande cão*, anda na razão de 17 kilometros por segundo; *Alpha*, do *Centauro*, a estrella visinha do systema solar e cuja luz gasta trez annos e meio para vir até nós, move-se com uma velocidade de 23 kilometros por segundo.

Finalmente conhecem-se estrellas cuja velocidade escapa a todas as leis da attracção. Estrellas, que se movem segundo leis desconhecidas; dir-se-hiam atiradas ao espaço por mão invisivel, fazendo-as atravessar rapidamente nosso systema stellar: são verdadeiras *estrellas projectis*.

A estrella *Cordoba*, matriculada sob o n. 243, anda com uma velocidade de 133 kilometros por segundo. A inscripta com o n. 1830, *Croombridge*, possue a maior velocidade até hoje conhecida: 606 kilometros por segundo.

Como reconhecer o movimento do sol

Imaginemos um viajante, que deixa um porto cheio de navios. A' medida que se approxima da praia os navios, que deixou atraz, parecem approximar-se um dos outros.

Assim deve acontecer com relação ao céu, se a Terra, um nadinha voga a tão grande distancia no espaço.

As estrellas,que o povoam devem afastar-se para dar passagem ao sol e ao seu cortejo. Contrariamente os outros,que deixamos atraz parecem approximar-se.

Nosso sol marcha com uma velocidade de 16 kilometros por segundo e a Terra — como todos os planetas do nosso systema — segue o astro rei em seu curso vertiginoso, em meio dos abysmos.

Assim gyrando continuamente ao redor do sol, percorremos sem cessar espaços desconhecidos para a Terra, se bem que, longe de descrever uma orbita fechada, avancemos traçando uma espiral, especie de *passo* de parafuso gigantesco, de espiraes afastadas.

De 10 de Janeiro de 1910 a 10 de Janeiro de 1911 teremos descripto uma espiral gigantesca cujos pontos extremos estão em face um do outro a 504 milhões de kilometros.

Em cem annos, um homem, que tivesse affirmado conservar-se sem se mover num logar qualquer, na cama por exemplo, teria feito uma grande viagem de 50 milhares de kilometros.

Um dos monstros da epocha secundaria. O Ichtyosauro

Por uma noite estrellada procurem na Via Lactea a brilhante Vega,um pouco abaixo e para a direita verão um pequeno espaço sem estrellas apparentemente; podem então affirmar que é para esse ponto que nos dirigimos.

Mas, sabemos para onde vamos? Terá um termo essa viagem?

Primeiramente era-nos preciso saber se cahimos em linha recta ou se o Sol descreve uma curva immensa em torno de um centro conhecido.

Nada nos diz que o astro rei assim proceda e portanto nada se adiantará emquanto não o soubermos com acerto.

O HOMEM E A VIBORA

Em uma bella manhã de inverno ia um pobre camponez para o seu trabalho quando viu uma vibora tolhida de frio que estava morrendo.

O pobre na lição do soffrimento aprende a ser compassivo. Condoido, o camponez não reflectiu; tomou a vibora e agasalhou-a no seio.

A malvada, mal sentiu a benigna influencia do calor, cobrou forças e com ellas a natural perversidade, e com venenosa dentada retribuiu ao imprudente o seu beneficio.

Moralidade: — Manda a caridade que soccorramos ainda mesmo os máus; cumpre, porém, evitar que se lhes dê occasião de saciar suas maldades.

ADHEMAR CANDIDO MARTINS

A POPULAÇÃO DO GLOBO

Proporção das populações, sendo a densidade por kilometro quadrado.

Não podem imaginar, caros leitores, quão insignificante é o homem e mesmo a humanidade, em relação ao universo e á natureza. E, no emtanto, somos tão orgulhosos!...

Pelas estatisticas que damos, poderão ver que o genero humano está progredindo e que a Terra virá a ser completamente povoada; mas não será por certo para este seculo.

No anno 1200, a Terra possuia 1.550 milhões de habitantes, assim repartidos:

Asia	840 milhões
Europa	370 »
Africa	170 »
America	155 »
Oceania	15 »

PORTUGAL	ARGENTINA	BRAZIL	ITALIA	FRANÇA	GRÃ-BRETANHA	ALLEMANHA	EST. UNIDOS
8 milhões de habitantes	9 milhões de hab.	25 milhões de habitantes	33.220.000 de habitantes	38.517.075 de habitantes	41 milhões de habitantes	56.370.000 de habitantes	76 milhões de habitantes

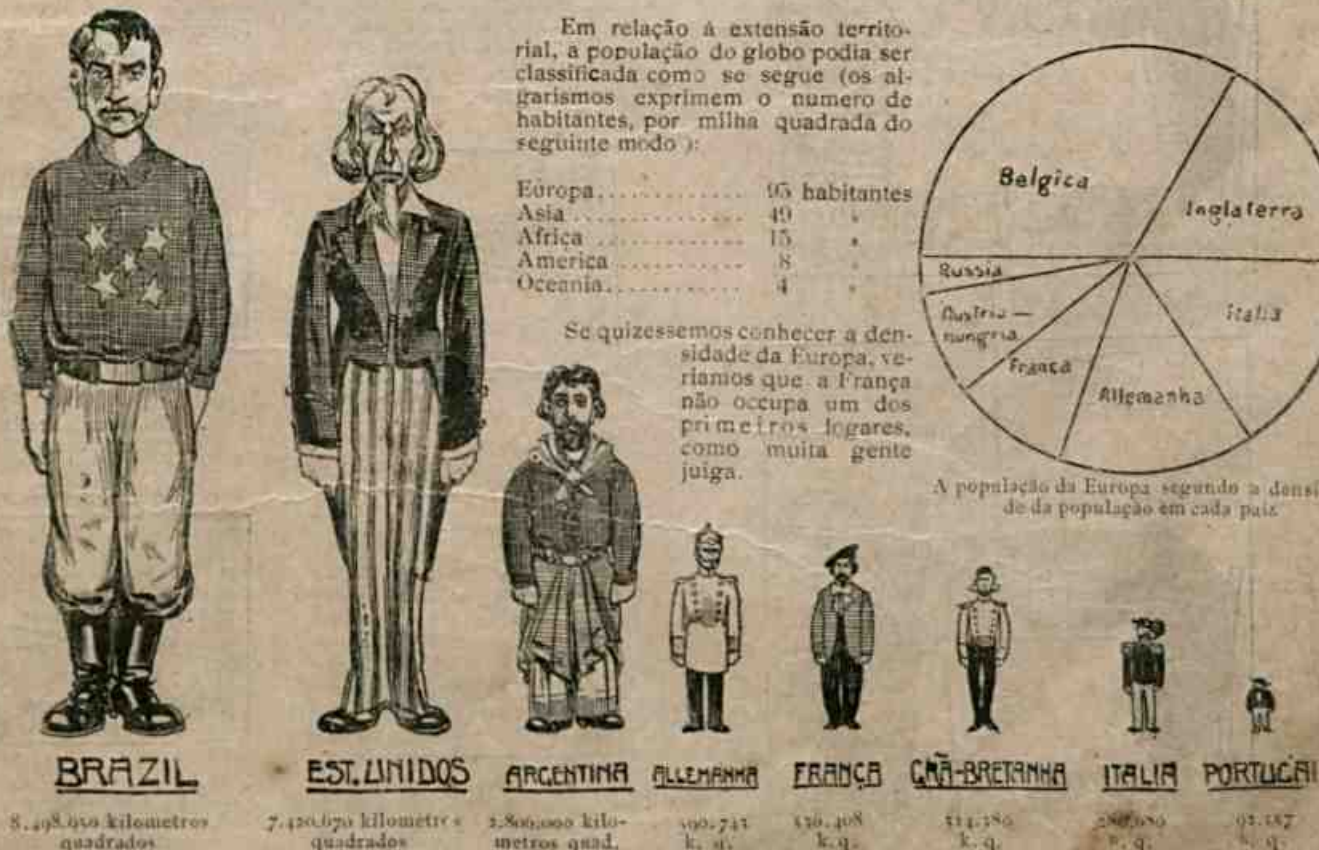
Proporção dos primeiros paizes do mundo, em relação ao Brazil, segundo suas populações

Em relação á extensão territorial, a população do globo podia ser classificada como se segue (os algarismos exprimem o numero de habitantes, por milha quadrada do seguinte modo):

Europa	95 habitantes
Asia	49 »
Africa	15 »
America	8 »
Oceania	4 »

Se quizessemos conhecer a densidade da Europa, veriamos que a França não occupa um dos primeiros logares, como muita gente julga.

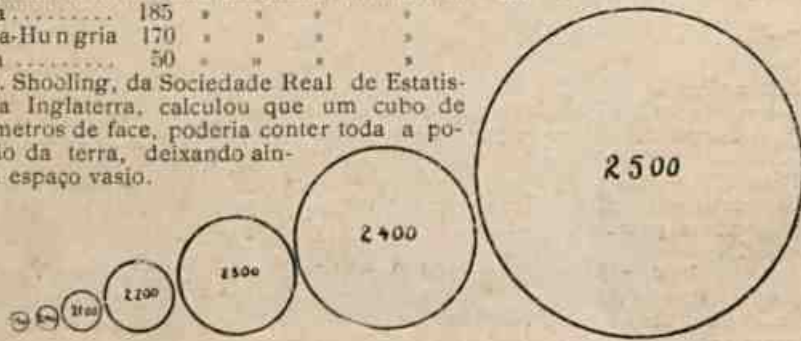
A população da Europa segundo a densidade da população em cada paiz

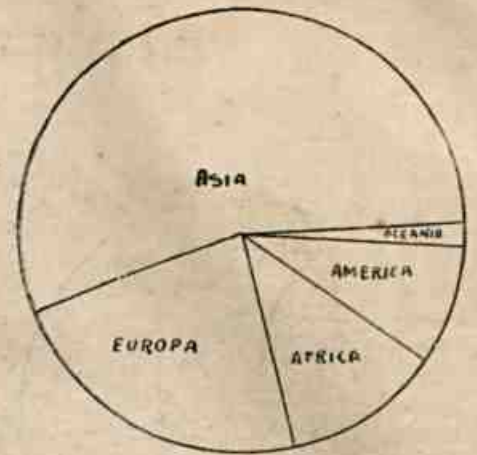
BRAZIL	EST. UNIDOS	ARGENTINA	ALLEMANHA	FRANÇA	GRÃ-BRETANHA	ITALIA	PORTUGAL
8.498.950 kilometros quadrados	7.420.670 kilometros quadrados	2.806.000 kilometros quad.	540.743 k. q.	536.408 k. q.	314.380 k. q.	286.680 k. q.	92.157 k. q.

Proporção dos principaes paizes do mundo, em relação ao Brazil, segundo a extensão de seus territorios

A densidade da população nos principaes paizes da Europa é a seguinte:

Belgica	635	hab. por milha quadrada
Inglaterra	315	» » » »
Italia	275	» » » »
Allemanha	272	» » » »
França	185	» » » »
Austria-Hungria	170	» » » »
Russia	50	» » » »

M. Shooling, da Sociedade Real de Estatistica da Inglaterra, calculou que um cubo de 1.000 metros de face, poderia conter toda a população da terra, deixando ainda um espaço vasio.

2200 2300 2400 2500

Proporção em que augmenta a população do mundo de cem em cem annos

ASIA ALLEMANHA AMERICA EUROPA AFRICA

A proporção das populações nas cinco partes do mundo

O volume da Terra expresso em algarismos é de..... 1.000.000.000.000.000.000 de metros cubicos!...

O genero humano póde ser contido num cubo de 1.000 metros de face, isto é, cujo volume total é um milhar de vezes menor do que a terra. Pode-se tomar como termo de comparação o cubo do arco do Triumpho.

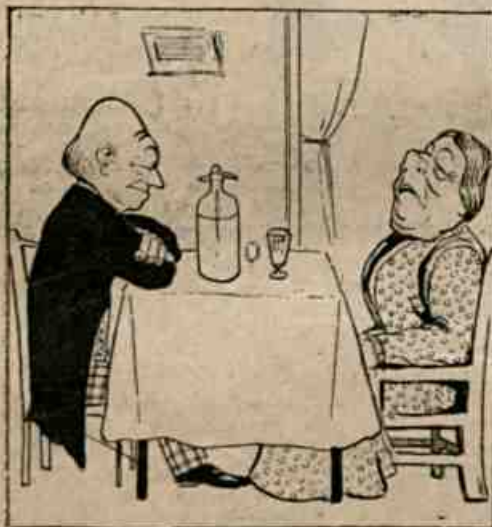
A população augmenta annualmente

Ao encetar este artigo, dissemos aos leitores que a população progredia, e esse accrescimo calculado dá uma média de 0,50 % annual.

Se a população total da Terra em 1900 era de 1.550 milhões de habitantes,

ella será no anno 2000 de	2.550
» » » » 2100 de	4.200
» » » » 2200 de	6.920
» » » » 2300 de	11.400
» » » » 2400 de	18.800
» » » » 2500 de	33.500

Isto é, d'aqui a quinhentos annos, a população será vinte vezes mais consideravel.

SESTA INTERROMPIDA

I

II

I

O Sr. Chico dormia á sesta. Um passarinho pousa em sua rêde e começa a cantar.

II

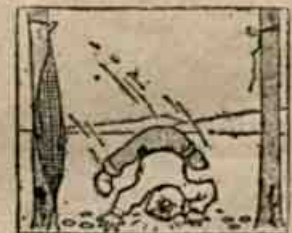
— Vai-te, impertinente! Vai-te.

III

Como o passarinho não attendesse, o Sr. Chico, pegando no revólver...

IV

Dispara-o. A bala attinge á rêde.

V

E o Sr. Chico vê estrellas — na quéda, que leva.

VI

Sobre sua respeitavel calva o passarinho vem pousar e continúa o canto interrompido.

Ajudemo-nos uns aos outros

OS ANIMAES QUE VIVEM EM SOCIEDADE

Um pinguim

A natureza offerece-nos as differentes gradações da luta e da violencia. Contrariamente tambem danos bellos espectaculos de união e altruismo. Os exemplos são frisantes e não serão precisos muitos. E' uma lição eloquente da qual a sociedade poderá tirar partido.

No vasto dominio da Natureza viva, reina uma violencia eterna, uma especie de odio perenne que arma todos as seres para uma destruição mutua. Constantemente vêm-se os mais fortes devorando os fracos com poucos instantes de duração. E' o que affirma Joseph de Maistre numa pagina famosa em que mostra a Natureza inteira a todo o instante ensanguentada pelos triumphos da força e offerecendo o espectaculo de uma mortandade interminavel.

Esta concepção do brilhante, mas paradoxal, escriptor, parece ter sido confirmada pela sciencia no dia em que Darwin, cujo centenario foi celebrado não ha muito, formulou a lei da «luta pela vida».

Desde então, tem-se por uma verdade incontestavel que, sempre e por toda a parte, o mundo animal apresenta a imagem de um campo de batalha, de um combate sem treguas entre seres famosos, com sede de sangue, onde os mais fracos são esmagados, emquanto sobrevivem aquelles cuja resistencia e artificio, tornaram-os mais aptos ao triumpho.

Será isto exacto? Se a «luta» reciproca existe, não será outra «lei» não menos capital um factor ainda mais importante da evolução progressiva, o contrario precisamente d'essa lei de odio? Ella existe em verdade é o «soccorro» mutuo ou como se costuma dizer o auxilio ou altruismo...

A esta lei, durante tanto tempo desconhecida, a sciencia presta hoje grande attenção e estudos recentes trazem innumeras provas para a confirmação dos factos da nova theoria.

O soccorro mutuo entre alliados: um bando de patos selvagens e seu "vigia". Emquanto o bando toma banho, uma das aves vela pelas companheiras. Como verdadeira sentinella inspecciona o horizonte prompta a dar de partida a menor alerta.

Effeitos surprehendentes da associação

Contemplemos a Natureza, suas planicies e florestas. Que nos attrahe primeiramente a attenção? O estado de guerra entre os animaes? Não. E' contrariamente a paz, a harmonia, a «associação» não sómente entre os individuos de uma mesma familia, como entre especies differentes.

Os gafanhotos, as borboletas, os cicindelas, as cigarras, formam vastas associações. O mesmo acontece, e pode-se ver muito facilmente com a maior parte dos passaros, desde o tentilhão e os abelharucos até ás gralhas, os patos e os abutres. No estado de liberdade, os cavallos, os elephantes, as rennas, os carneiros e muitas outras especies de mammiferos vivem em sociedade.

O "vigia" dá alerta, perigo proximo, e eis o bando ruflando as azas...

A Historia Natural considerando a especie atravez da duração, chegou até á seguinte consequencia: quanto mais «associaveis são os animaes, mais probabilidades existem para a sua sobrevivencia, proliferação e, sobre tudo, para o desenvolvimento da sua intelligencia — e isso, seja qual fôr o porte e inferioridade physica.

As feras, que vivem de preferencia «isoladas» tendem a desapparecer, emquanto as maravilhosas colmeias de abelhas e os termitas, multiplicam-se incessantemente.

Haverá ser mais fragil que a formiga? Nenhum ferrão, nenhuma carapuça a defende; a côr fal-as conhecidas do inimigo, que procura seus ninhos para devorar os ovos. No emtanto as formigas contam-se por milhares de variedades, esparsas por todo o globo: e podem-se citar alguns Estados do Brazil por exemplo, que pertencem em grande parte ás formigas.

O naturalista Forel, tendo esvaziado um sacco de formigas numa campina, viu fugirem os grillos, as cigarras, as aranhas, os escaravelhos, surprehendidos pelas assaltantes, muitas borboletas morreram immediatamente, e muitas vespas, depois de um combate renhido, tiveram que ceder seus ninhos — para não morrer.

União para a subsistencia

E' uma questão capital entre os animaes, a procura do alimento.

Querem um exemplo maravilhoso do soccorro mutuo «alimentar»? E' ainda no mundo extraordinario das formigas que o vamos buscar. Quando duas formigas pertencentes a uma mesma colonia encontram-se, approximam-se

trocam alguns movimentos de antennas: se uma tem fome ou sede e a outra o estomago cheio, pede-lhe immediatamente alimento. A formiga cede immediatamente, afasta as mandibulas e regorgita uma gotta dum fluido transparente que é sorvida pela formiga esfaimada. Foi o que levou Forel a dizer: o tubo digestivo das formigas é como formado de duas partes distinctas: uma posterior, para o uso particular do individuo; outra anterior, para o uso da communidade...

Uma vez Sienertzoff, que estudava a fauna das steppes russos, viu uma aguia de cauda branca descrevendo no ar grandes circulos. De repente o animal soltou um grito agudo; em breve como resposta a esse grito, appareceu outra aguia, depois uma segunda, terceira, quarta e assim muitas outras; reuniram-se dez aguias e desappareceram.. Sienertzoff encaminhou-se para o local onde pareciam ter tombado e escondido por uma elevação no terreno, encontrou-os poucos depois em torno de um cavallo morto. As mais velhas, que, segundo as regras de polidez observadas mesmo entre os animaes, se haviam atirado primeiramente ao *manjar*, estavam saciados e jaziam deitados proximo, em molhos de feno, emquanto os mais moços entregavam-se a um magnifio festim.

Facto identico se observa com os pardaes do jardim de Luxembourg.

Desde que um d'elles descobre uma nova semente, noticia-o aos seus camaradas e toda a communidade prova do achado. Mas, ai d'aquelle que quizesse furtar ao banquete! Seria sobremaneira castigado...

A união faz a força. Em frente ao inimigo. Elles tambem, os elephantes, os colossos das florestas tropicaes, vivem estreitamente unidos. Logo que se apresenta um perigo, instinctivamente approximam-se uns dos outros, formam um quadrado, collocam os mais moços no centro e entram a defender-se.

Sociedades de caça e clubs para a pesca

As associações de passaros caçadores são legiões e não são as unicas.

Os lobos dos prados, os chacaes, os cães selvagens da Asia, as hyenas, as raposas polares nunca dão caça sozinhos mas sempre em sociedade. O mesmo não acontece com o leão, ordinariamente solitario.

A maior parte da familia dos macacos faz o mesmo. Janos Farbes viu alguns d'elles organisarem uma expedição, collocarem sentinellas e collocarem-se em fila para transportar a presa para logar seguro.

Como na caça ha tambem associações para a pesca. Os pelicanos, esses animaes sujos e pesadões, vão sempre á pescaria em bandos numerosos. Começam escolhendo um logar favoravel; em seguida formam um semi-circulo em frente da praia, reunem-se, juntam-se e vão assim até capturarem o peixe, que se vê cercado.

Raras são as vezes em que perdem o golpe; quasi sempre o animal é preso.

Assembléa para escolher um itinerario

Mas, o mais interessante com relação ao socorro mutuo entre os animaes, é o caso das *migrações*.

Os animaes que, durante toda a estação viveram disseminados sobre um vasto territorio, reunem-se aos milhares, em assembléa num logar determinado. Já como as andorinhas na beira dos telhados ou nos fios telephonicos, já como nas regiões polares, nos flancos de uma emminencia, que mais parece uma montanha de pennas. Durante muitos dias discutem as condições da viagem; á tarde alguns da especie entregam-se aos vôos preparatorios.

Todos esperam a sua volta.

Por fim chega o grande dia: a multidão alada dirige-se em direcção já muito escolhida.

Os mais fortes abrem o caminho. E para o norte ou sul, vê-se então aquella enorme fita zig-zagueando no espaço.

Reuniões festivas

Quem diz «associação» diz «segurança». Mas, a asso-

Uma colonia de flamengos na Nova Zelandia. São admiraveis esses ninhos de terra construidos á beira-mar e altos bastante para não serem attingidos pelas aguas.

ciação tem consequencias multiplas: envolve a intelligencia e o festivo amor á vida.

Haverá brinquedos mais interessantes que os de uma familia de coelhos,que tanto obedecem aos pais e mãis?

O mesmo se dá com os macacos, que se entregam a recreações curiosissimas, como verdadeiros gymnastas.

O mais interessante, porém, são os brinquedos dos enormes elephantes, que, no dizer de muitos naturalistas, são delicadissimos.

Um festim de abutres. Emquanto alguns descançam saciados, outros regalam-se sobre os restos mortaes de um pobre cavallo.

A assistencia na desgraça

Ainda ha melhor: depois da communhão das alegrias, vem tambem a compaixão e a caridade; não ha caçador, que não tenha observado a conducta de um bando de perdizes que esvoaçam. Como na fabula de La Fontaine é admiravel a devoção da ave-mãi que,estoicamente, se retarda na retaguarda para despistar o inimigo.

Uma multidão de alces na Groelandia. A perder de vista na immensa planicie, grupam-se para procurar seus alimentos de lichens.

Uma emigração de centenas de corças nas margens do Amor.

Querem ver agora funccionar a assistencia em caso de accidente?

Entremos com Pedro Kropotkine, no museu de Brighton: uma grande tartaruga das Molucas, cahira de costas no aquario; «sua pesada carapaça, em forma de caçarola, impedia-a de collocar-se na posição natural, concorrendo ainda para isso uma barra de ferro, que mais augmentava as difficuldades. Suas companheiras vieram em seu auxilio; e era curioso ver-se como se esforçavam para voltar a camarada, numa posição tão critica. Vinham duas de cada vez, e depois de esforços energicos, conseguiam ir levando o animal, senão quando dando de encontro á barra de ferro lá tombava novamente a infeliz tartaruga. Depois de muitas tentativas, via-se uma tartaruga descer ao fundo do reservatorio e trazer duas outras, que recomeçavam os mesmos esforços...

Duas horas depois continuavam ainda o mesmo trabalho.

A união não sómente faz a força, como dá aos animaes engenho e bondade para com os semelhantes. O mundo dos pinguins vai fornecer-nos novas provas.

Na cidade dos pinguins

Estamos numa ilha antartica. Na vasta e fria região dos icebergs — erma de ruidos e movimentos — por vezes passa no ar um passaro rapido ou um grito resôa na solidão: é uma phoca ou um urso branco; depois o eterno silencio... De repente, como que uma montanha, que se adeanta: nada mais curioso do que o espectaculo d'esses seres bizarros e comicos: os pinguins.

«Imagine-se, — diz o explorador Racovitza, — um homem de pequena estatura de pé, a cabeça pequena em relação ao corpo rechonchudo... Nas costas um habito escuro com manchas azues, afinando-se para baixo numa cauda pontuda. Colloque-se este ser em movimento sobre duas patas e fazendo com que movimente a cabeça; ter-se-ha ante os olhos alguma cousa de irresistivel e attrahente...»

Tal é o *pinguim*,cognominado o «maneta».

Não nos devemos deixar levar pelas apparencias.

Consideremos a vida tranquilla e patriarchal d'essas republicas de pinguins e encontrar-se-hão lições muito uteis. A educação dos menores é a questão primordial.

Emquanto os pais sahem á procura do alimento, os filhos, que deixaram, são confiados a professores: um para oito alumnos! Estes cumprem com justeza os seus deveres, certos de que receberão um magnifico salario, que consiste numa bôa refeição.

Os pequenos pinguins, em numero de sessenta, reunem-se em meio de uma cidade e são vigiados por oito adultos sómente. Estes ultimos ficam de pé, a certa distancia, numa

são attitude grave, como requer o cargo de que investidos.

Quando uma das *creanças* se approxima de algum logar perigoso, o censor abre o grande bico e fal-a retroceder. Se uma admoestação não basta, dá-lhe uma bicada, que faz lembrar ao recalcitrante o sentimento do dever. Soltando gritos agudos, o mau alumno vai reunir-se aos seus companheiros.

Por vezes os *decorações* são substituidos. Neste caso basta um signal entre elles convencionado, para que o *supplente* se approxime. Assim, emquanto a cidade trabalha, sua descendencia desenvolve-se sob a tutella de professores, devido a um maravilhoso instincto de associação.

Em familia. Uma tribu de cães dos prados. Estes pequenos animaes vivem sempre associados.

Não é difficil tirar-se a conclusão. Certos moralistas e sociologos convidam-nos a seguir o exemplo da natureza, que instituiu a luta entre os seres vivos.

Não é verdade, como acabamos de ver: a propria natureza dá-nos sabias lições de união, soccorro mutuo e assistencia.

Cabe-nos interpretal-a, e aperfeiçoal-a; é este o dever dos entes racionaes.

CURIOSIDADES SOBRE OS MEZES

O nome de *Março* vem do latim *Martius*, que era essa a sua denominação no Calendario romano, em homenagem a *Marte*, deus da guerra. Março era, entretanto, em Roma dedicado a *Mercurio*, deus do commercio.

N'este mez começa o *Outomno*, no dia 21.

∴

O nome de *Abril* vem do latim *Aprilis*, do verbo *aperire* (abrir), porque este mez, sendo o primeiro no Calendario romano, abria o anno.

Em Roma o mez de Abril era consagrado á deusa *Venus*.

Os enganos de 1° de Abril

No dia 1° d'este mez é costume popular illudir, enganar os outros com pilherias de varios generos. O povo chama mesmo de 1° de Abril — «o dia de enganar os tolos», e chama-se a um logro de qualquer especie — um 1° de Abril.

Explica-se de varios modos a origem d'esse costume, que data do seculo XVI, época em que o anno, por decreto de Carlos IX, deixou de começar em Abril.

O rei expediu esse decreto do seu castello do Roupillon, onde estava veraneando. Muitos fidalgos de espirito rotineiro não concordaram com a reforma; então, por pilheria, algumas pessôas no anno seguinte mandaram-lhe felicitações de inicio do anno em 1° de Abril, fingindo-se esquecidos da modificação do calendario.

A idéa fez rir e no mesmo anno, além de cartões, mandaram aos rotineiros presentes ridiculos e mensagens com assignaturas de fantasia.

∴

O nome de *Julho* vem do latim *Julius*, porque assim se chamava esse mez no Calendario romano, em homenagem ao imperador Julio Cesar, nascido no dia 12. Quem lhe deu essa denominação foi o imperador Marco Aurelio. Antes, Julho, que era o quinto mez do calendario latino, e chamava-se *Quirinalis*.

∴

O nome de *Agosto* vem do latim *Augustus*, denominação que tinha este mez em Roma, por ordem do imperador Marco Aurelio, em homenagem ao imperador Augusto.

Agosto antigamente chamava-se *Setilis*, porque era o 6° mez no calendario romano.

∴

O nome de *Outubro* vem do latim *October*, que assim se chamava porque era o 8° mez do anno no calentario romano, no tempo dos romanos. O 2° rei de Roma, Numa Pompilius, mudou-o para o 10° logar, que elle occupa ainda hoje.

∴

O nome de *Dezembro* vem do latim *december*, que assim se chamava por ser o decimo mez do anno em Roma.

No primeiro calendario romano, o anno começava no mez de Abril e Dezembro, conservou o nome de 1° mez, mesmo depois que o rei de França Carlos IX, fez, em 1564, um decreto, mandando começar o anno em Janeiro. O mez de Dezembro chamou-se tambem em Roma, durante algum tempo Amazonia. Isso foi uma fantasia do imperador Commodo, que quiz assim prestar homenagem a uma dama romana, que lhe offerecera o seu retrato vestida de Amazona. Nisso Commodo imitou os imperadores Julio Cesar e Augusto, que deram os seus nomes a dous mezes — *Julho* e *Agosto*. Mas o nome de *Amazonia* não agradou ao povo e foi esquecido. Neste Mez começa o *verão* no dia 22.

As estações

As ESTAÇÕES — O anno está dividido em quatro partes iguaes, as quaes são determinadas pelos *solsticios* e os *equinocios*.

Os *solsticios* indicam as duas paradas que o sol parece fazer, em 22 de Junho e 22 de Dezembro.

Os *equinocios* significam igualdade do dia ou da noite, igualdade approximada, que não se produz senão duas vezes por anno.

Os *equinocios* de 1907 chegaram em 21 de Março, ás 7 horas da noite (começo do *outomno*) e em 24 de Setembro, ás 3 horas da manhã (começo da *primavera*).

Os *solsticios* de 1907 tiveram logar em 22 de Junho, ás 3 horas da tarde (começo do *inverno*) e em 22 de Dezembro, ao meio dia (começo do *verão*).

COMO TIO ANDRE' CAÇA RAPOSAS

Tio André para caçar raposas, prega numa arvore uma fouce, e amarra nesta um gallo

Quando a raposa vem comer o gallo, este com medo foge, puxando a fouce.

...que tombando vai cahir em cima da raposa, matando-a.

E tio André muito contente leva-a a sua esposa para fazer d'ella um assado.

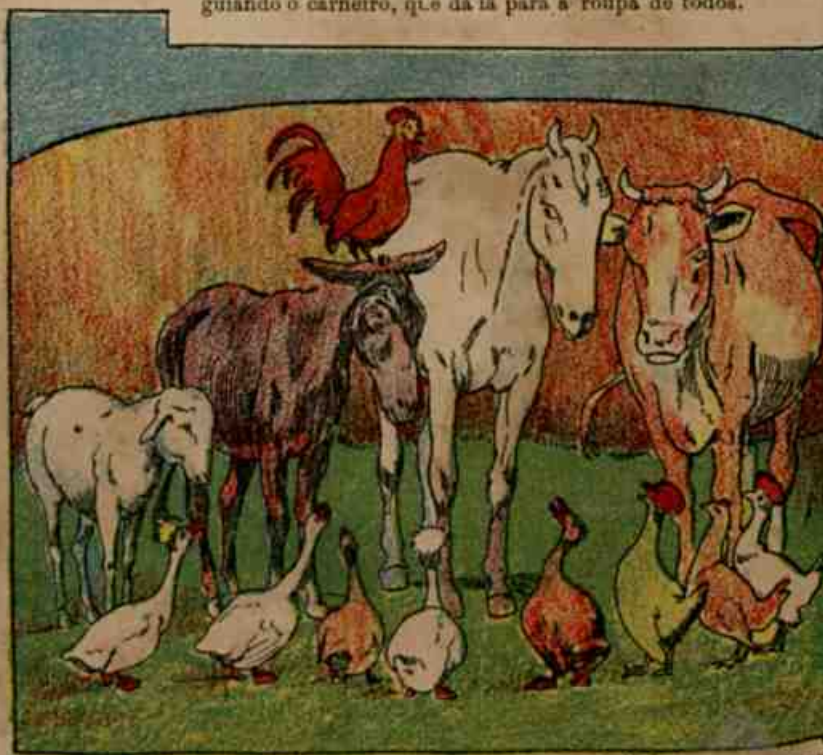
(Desenho e legenda de Hamilton Peçanha, Macuco, Estado do Rio)

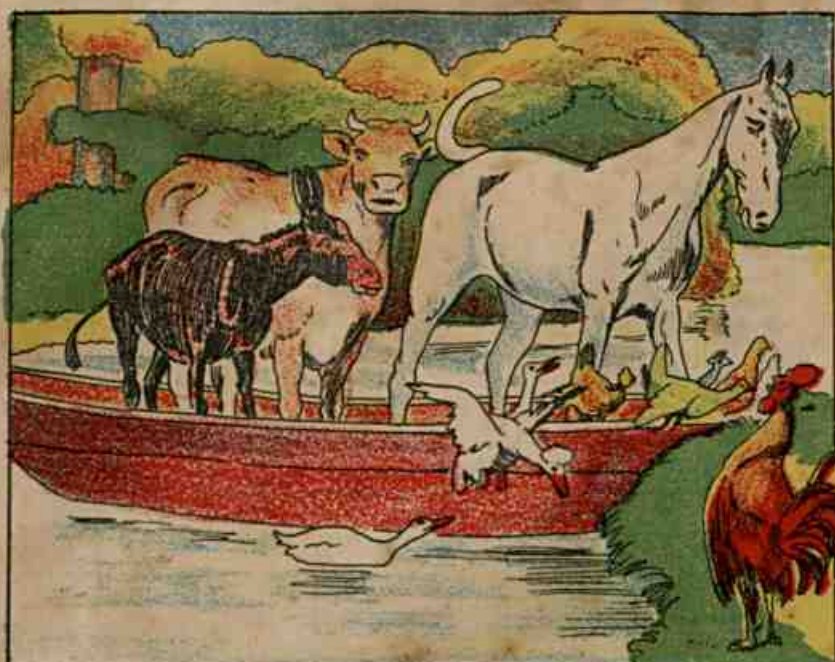
A "GRÉVE" DOS BICHOS

1) Era uma vez um agricultor que tinha pouco dinheiro e muitos filhos. Sua fazenda estava situada em uma pequena ilha e elle trabalhava de manhã á noite para sustentar sua familia.

2) Seus filhos ajudavam o quanto podiam. Emquanto João e Julio tratavam do cavallo e do burro da fazenda, Maria tratava da vacca «Malhada» e dava alimento as gallinhas e patos.

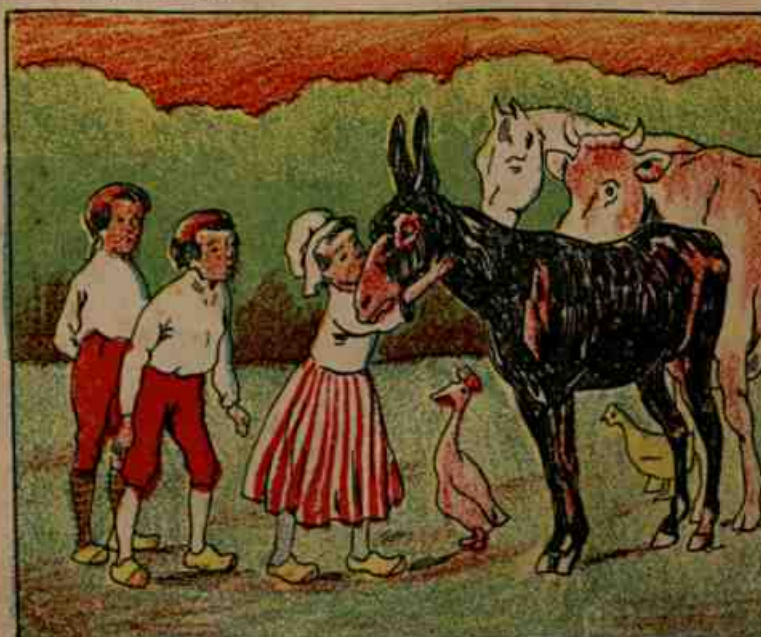
3) Marcella, que era a menor, tambem trabalhava, guiando o carneiro, que dá lã para a roupa de todos.

4) Estaria tudo muito bem se as creanças mais velhas não fossem más para os animaes. Maltratavam os pobres bichos atirando-lhes pedras e fazendo outras maldades.

5) Um bello dia todos os animaes da fazenda, indignados com esses maus tratos reuniram-se sobre a presidencia do cavallo e resolveram fazer greve abandonando a ilha. Só o carneiro tentou oppôr-se a esse projecto.

A "GREVE" DOS BICHOS

6) ...porque tinha pena de deixar a pequenina Marcella, que era muito bôa. Mas os outros bichos não o attenderam e, atravessando o rio em um barco, e fugiram da ilha.

7) As creanças tiveram logo a merecida punição porque o agricultor obrigou-as a substituirem os bichos em todos os trabalhos. João, Julio e Maria tiveram que puxar o arado para poder lavrar a terra.

8) Vendo-os em tão triste situação, Marcella, compadecida, disse:—Esperem eu vou a floresta proxima para ver se resolvo os bichos a voltarem para aqui. Mas vocês hão de prometter não maltratal-os.

9) Os outros prometteram e Marcella foi com o carneiro procurar os outros, bichos que já estavam muito tristes.—Aqui não ha bom pasto, diziam os quadrupedes.—Nem ha areia, nem milho, diziam as aves. .—Voltem commigo—disse Marcella — voltem que nunca mais serão maltratados.

10) Os bichos voltaram e com effeito as creanças os receberam com carinho porque comprehenderam que os animaes são precisos pelo auxilio, que nos prestam na vida.

LILI ESTÁ' DOENTE

1) Lili, a boneca de Carlota, amanheceu adoentada. Pareceu a Carlota, ouvil-a tossir durante a noite.

2) «Não sei, mamai — diz Carlota — se devo deixar Lili no berço, temo que peiore». «Seria prudente, deixar» responde mamãi.

3) Carlota toma a cesta de costura e senta-se junto ao berço recommendando á Totó que não faça barulho.

4) Mas, muito inquieta, sahe á procura de um medico. «Vou me vestir, e não tardo», respondeu o doutor Cazuza.

5) Com uma enorme cartola, oculos e um grande capote, Cazuza parece um homem de sciencia.

6) O doutor toma o pulso e apalpa a cabeça de Lili. «Sua filha tem uma febre typhoide complicada com uma fraqueza da perna esquerda», diz elle.

7) «Vou dar um banho na menina e cortar-lhe a perna para evitar a gangrena»... Mas, Carlota protesta energicamente e...

8) ... tirando a boneca de suas mãos, corre, gritando que Lili já está curada!...

9) E Cazuza, dá grandes gargalhadas, á vista d'essa cura maravilhosa.

UM OFFICIAL FINORIO

A LENDA DAS VIOLETAS

1) O principe Amaury, completava vinte annos, mas era muito criança. Uma vez, disse-lhe o pai «Segundo a tradição tens uma noiva, a rainha Rosa,, vai vel-a».

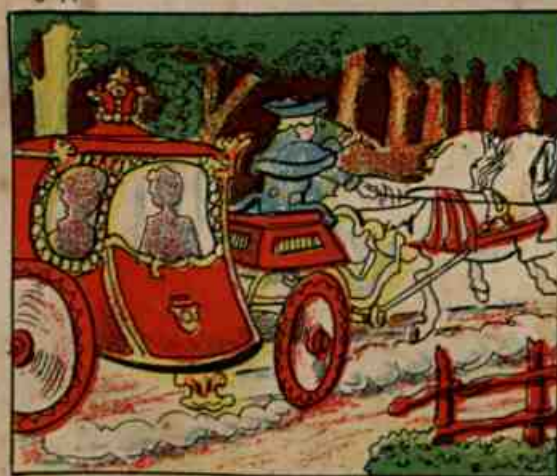
2) Amaury, foi ao palacio de Rosa. Ficou encantado; aos vinte annos, era uma linda moça mas, um pouco orgulhosa

3) Para tornar mais visivel sua belleza, trazia comsigo uma dama de honra, Violeta, moça timida, graciosa e meiga.

4) Posto que muito inferior a rainha, Violeta, perfumava todo o logar em que se achava. O principe não tirava os olhos d'ella.

5) Todos haviam notado isso, menos Violeta. Uma criada que não gostava da rainha, disse-lhe que o principe estava apaixonado por ella e . .

6) . . que se Violeta se vestisse correctamente, Amaury, pedil-a-hia em casamento A moça não quiz, pois era da baixa nobreza.

7) Como Violeta não quizesse a criada chamou-a estupida. Toda essa conversação fora ouvida pela rainha.

8) Rosa fez atrellar um carro, e chamando Violeta, convidou-a a sentar-se junto d'ella.

9) O carro parou depois de muito tempo, deante de uma choupana. «Vais ficar aqui, e prohibo-te, de apparecer a quem quer que seja. Mais tarde saberás porque.

10) «Já sei porque—disse Violeta—Vossa Magestade, ouviu nossa conversa, mereço ser castigada». Tal attitude não demoveu a rainha do seu intento, fechou-a nacabana.

11) No dia seguinte o principe procurou Violeta e não a encontrando, perguntou a rainha onde estava ella. A rainha frangiu o sobr'olho e disse que a tinha despedido pois. . .

12) . . seu serviço não lhe agradava. Amaury ficou muito triste, pois sabia ser o causador da desgraça de Violeta. Resolveu procural-a, perguntando de casa em casa.

A LENDA DAS VIOLETAS (FIM)

13) E atravessando a floresta, foi ter á cabana onde se achava Violeta. Não suppoz que a moça lá se encontrasse, mas approximou-se.

14) O ar, que respirava, era impregnado de um perfume, que se lembrava de ter sentido quando por elle passava Violeta.

15) Bateu á porta e com grande surpreza, viu apparecer Violeta. A moça contou-lhe tudo que havia acontecido, o principe ficou pesarozo.

16). Voltou ao palacio muito aborrecido e disse á rainha que não queria mais casar com ella, á vista do que havia feito á Violeta.

«17) — E's livre, principe — disse ella — podes casar com essa pobretona, terás uma bôa lavadeira »

18) Será um lindo par que verei passar debaixo das janellas do palacio, Rosa ficou no emtanto muito sentida, e chamando uma feiticeira pediu-lhe que impedisse tal casamento.

19) A feiticeira montou n'um morcego e em menos de um segundo, estava na cabana de Violeta — Pronunciou algumas palavras...

20) . a cabana desappareceu deixando em seu logar uma pequenina flôr roxa. O principe ficou muito triste, mas, o ar...

21) ... continuava impregnado com o aroma de Violeta. Amaury afastou as folhas e colheu a flôrsinha. Advinhou logo ser Violeta assim transformada por um encanto.

22) Amaury, tocou na flôr com sua espada de diamante e uma fada appareceu. Era Violeta; o principe cahiu de joelhos.

23) Pouco depois, a rainha Rosa via passar sob as janellas Amaury de braço com Violeta. Pelo caminho deixava um perfume embriagador.

24) Amaury e Violeta, viveram sempre felizes como no primeiro dia. Quando chegava a Primavera, iam ambos ao bosque colher as violetas, que a princeza fazia desabrochar quando passava.

O PAPAGAIO, O MACACO E A RATA

1)—Era uma vez um papagaio, que se fez negociante.—Seus generos eram de primeira qualidade e não faltavam freguezes...

2) Mas o que sobretudo tornava a casa mais famosa era umas nozes que só o Papagaio possuia

3)—Proximo morava uma ratinha muito pobre, tudo que ella podia reunir levava ao Papagaio para que esse lhe désse em troca algumas nozes.

4)—Em breve, era grande a freguezia, vinham animaes de toda a parte, e entre elles, um macaco novo na cidade, que...

5) ..tendo ouvido fallar nas nozes provou-as, e achou-as tão saborosas que comprou um sacco.

6) Uma manhã em que a ratinha fôra a casa do Papagaio encontrou-o chorando., durante a noite haviam-lhe roubado um sacco de nozes !

7)—Então—disse-lhe a ratinha. Creio que foi o macaco, e como não mora longe vou ver. E partiu dando pequenos saltos.

8)—Chegando a casa do macaco, lá encontrou o sacco roubado. «Bravos que bella provisão !» disse a ratinha.

9)—Sim, «respondeu os ladrões» vou negociar com elle compreio-o a bom preço e amanhã embarco.» Seja feliz disse a ratinha afastando se

10)—E á noite entrando em casa do macaco, roeu o fundo do sacco. Mas que depressa foi avisar ao pobre Papagaio

11)—No dia seguinte, a ratinha e o Papagaio, collocaram-se deante da casa do macaco. Quando este sahiu, deitaram á gritar «Pega ladrão!». O macaco corria como um louco, e...

12) ...o fundo do sacco estando rasgado, todas as nozes cahiram por terra. O macaco muito envergonhado fugia para longe e nunca mais voltou.

TODOS NÓS FAZEMOS A VOLTA AO MUNDO

Se nos fosse possivel reunir todos os passos que damos durante um dia, ficariamos surprezos da enorme distancia, que haviamos percorrido. Assim, pode-se imaginar no decorrer de nossa vida quantos passos damos, e foi ante esse numero fabuloso que se chegou á conclusão de que todos nós haviamos feito a volta ao mundo

CAUSARIAMOS de certo surpreza a muitas pessôas se lhes affirmassemos que, durante sua vida, fizeram ao menos uma vez a volta ao mundo.

Por sedentarios que possam ser, por menor que seja o seu desejo de colher as glorias de andarilhos ou de alpinistas, grande numero, contando os passos dados, terão subido a mais elevada das montanhas, posto que haja alguns que foram além, a distancias incommensuraveis; ou, sem temer os abysmos mysteriosos e ardentes da terra, terão descido até o centro do nosso globo.

Andarilho sem o saber

Não fallemos das pessôas cujos affazeres obriguem a longas caminhadas. Um conductor de trem, posto que immovel em sua machina, terá em breve coberto 40.000 kilometros, que formam o meridiano terreste. As estradas de ferro francezas medem 50.000 kilometros.

Excede de 10.000 kilometros a volta do globo terraqueo. Um empregado de uma d'essas estradas, numa unica viagem de Paris a Marselha, anda 863 kilometros, 1.726 kilometros para ida e volta. Em menos de 25 viagens terá percorrido todo o meridiano terrestre. O mesmo acontece com o commandante e com o cozinheiro dos grandes transatlanticos.

Cita-se um que percorreu no mar 5.556.000 kilometros, o que representa 138 vezes a volta ao mundo pelo equador. O campeão em questão é o sr. Stevens, que viajava outr'ora a bordo do paquete *Lucania*, da Cunard Line. Entrára de serviço quando muito joven, na qualidade de empregado do escriptorio. Quando se retirou, havia passado nada menos de quarenta annos de sua vida a atravessar o Atlantico. Não foi só elle a percorrer grandes distancias. O capitão Bennett, em 35 annos, fez 30.000 vezes a travessia da Mancha.

A' mesma categoria pertencem os conductores das diligencias postaes.

Um dos serviços postaes mais longos e antigos é o de Paris a Modane. Anda durante uma viagem 663 kilometros para ir e outros tantos para voltar. Terá coberto, se os calculos não falham, numa média de oito viagens, 11.088 kilometros por mez. Faria em quatro mezes mais de 40.000 kilometros, comprimento da circumferencia da terra, e em um anno trez vezes este trajecto. Um velho correio, em 25 annos de serviço, teria portanto percorrido 75 vezes a volta do mundo. Mas, agora, o correio ambulante, aquelle que vai de porta em porta, de uma cidade a outra, em bicycleta ou a pé, entregando cartas e jornaes?

Fatigadissimo, volta sempre á mesma hora, sem se aperceber que no fim de sua carreira terá percorrido não uma vez, mas dez, doze vezes o meridiano terrestre.

Como prova, cita-se um correio de Londres que, com a edade de 60 annos, ainda entrega cartas. Conta 50 annos de justos e leaes serviços. Usou seus sapatos com pregos nas solas, durante muito tempo, tendo andado nada menos de 540.000 kilometros. E, sem que mesmo se apercebesse, fez treze vezes e meia a volta ao mundo.

O fiscal do gaz, verificando os relogios, sobe em 10 dias uma altura correspondente á do Monte Branco

Um homem que descesse todos os dias á adega, para ver o vinho, teria em 6 mezes visitado o mais profundo dos abysmos do fundo do mar.

Os campeões andarilhos

Mas o correio é um homem cujos affazeres o levam a grandes excursões. Tomemos um sedentario, um empregado de escriptorio.

Sahe pela manhã para o emprego.

Lá anda durante o dia—o tempo necessario para ir almoçar. Volta e não se move a não ser na hora da sahida geral. A' noite dá um pequeno passeio. Por pouco que ande, algumas centenas de metros da casa em que mora ao escriptorio, elle faz seus trez ou quatro kilometros por dia, 1.000 a 1.200 kilometros por anno. Se entrar para este serviço aos dezoito annos, retirando-se aos 65, este sedentario, este homem pontual, terá feito no fim de sua carreira tranquilla a volta ao mundo. O calculo é facil. Querem a prova? Aqui têm um velho empregado das forjas de Haydage (Lorraine) que aos 55 annos de serviço percorreu esta distancia.

Fazia duas vezes por dia o trajecto de sua aldeia a Hayangue e *vice versa*. Sendo a distancia cerca de 4 kilometros, no fim do dia terá feito nada menos de 16 kilo.

O lavrador atraz da charrua faz em 40 annos trez vezes a volta ao mundo

metros. Contando o anno com 300 dias uteis e suppondo que este empregado não tenha adoecido, percorrerá em 55 annos a bella distancia de 261.000 kilometros, isto é, quasi 6 vezes e meia a circumferencia da terra, medida pelo equador.

O tempo gasto d'esta fórma e em 3 horas por dia representa em 55 annos um total de 49.500 horas ou 5 annos e 8 mezes passados por esse homem na rua. E isto sómente para ir ao trabalho e voltar a casa.

E quantas pessôas se encontram no mesmo caso do empregado que acabamos de citar! O lavrador que parte para o campo ao romper d'alva, para ganhar o pão de cada dia, indo por vezes a 3 e a 4 kilometros de sua casa, tranquillamente, sentado na charrua, fará por dia uma média de 10 kilometros ou mais; 3.000 kilometros em um anno. Em 13 annos fará a volta ao mundo! O lavrador tem verdadeiro amor á terra que cultiva e morre geralmente velho. Se trabalhar 40 annos, percorrerá 3 vezes — oh! sem gloria alguma — a longa fita de 40.000 kilometros que contorna o globo.

Cozendo e escrevendo

Aqui está um homem que não se move: o alfaiate.

Sentado numa cadeira ou banco, coze de manhã á noite, sem parar. E' preciso entregar no dia seguinte um paletot ou calça de um freguez. E eis a agulha descendo e subindo de segundo em segundo.

Se calcularmos em 50 centimetros o caminho ascendente e descendente da agulha, sabem quanto teria ella percorrido numa hora? Os algarismos vão surprehendel-os: 30 metros por minuto, 1.800 metros por hora, 18 kilometros por dia de trabalho de 10 horas, 6.480 kilometros durante um anno.

Em 6 annos a agulha do alfaiate percorreu perto de 40.000 kilometros do equador terrestre. O homem sentado não se moveu meio metro. No emtanto é egual a um bom andarilho. Se elle trabalhar 30 annos, terá feito 5 vezes a volta ao mundo. E quantos affazeres, sedentarios apparentemente, são d'est'arte de um movimento formidavel! O mesmo para com o jardineiro, o padeiro, o vendeiro, o pintor, o dactylographo.

Reunam-se todos os movimentos d'esses individuos e verão que fizeram pelo menos uma vez cada um a volta ao mundo.

Já foi calculado, e não é difficil, que um escriptor cuja penna fecunda cobrisse o papel 10 horas por dia, 30 palavras por minuto, chegaria a fazer mais de 100.000 kilometros por anno, isto é, duas vezes a volta ao mundo. E no emtanto esse heroe, sem se aperceber, não abandonou a mesa de trabalho.

Alpinismo na cidade e viagem á lua

E aquelles que passam a existencia a subir e a descer?! Esses sobem tantas e tantas vezes, que conseguem ir a distancias vertiginosas.

Como exemplo, o fiscal do gaz, em França, que todos os dias sobe grande nu-

O encarregado do ascensor das casas americanas de 50 andares percorre em 30 annos a distancia da Terra á Lua.

Em 6 annos a mão do alfaiate percorre, cozendo, uma distancia equivalente á volta do mundo...

mero de andares para verificar as condições dos relogios.

Durante o dia eleva-se de 4 a 500 metros, mais alto que a Torre Eiffel. No fim da semana terá andado a metade do caminho do Monte Branco. Em dez dias de ascenção attingirá facilmente, sem ter percebido, a vertiginosa altura de 4.810 metros.

O medico, que faz de dez a quinze visitas por dia, é tambem um alpinista consummado.

Quantos degraus não subirá, quantas montanhas do Himalaya, quantos Pyrineus e Alpes!

Em um anno attingirá os cumes mais altos até hoje conhecidos, terá ido mais alto que o Gaurisankar, de 8.840 metros, que o collocam no primeiro logar das montanhas do mundo.

Ha alguns que vão até á Lua... sim, até á Lua! Vamos até os Estados Unidos e paremos deante de um d'esses gigantescos *ski-scrapers* de New-York, casas collossaes, duas ou trez vezes mais altas do que o edificio do *Jornal do Commercio.*

Vejamos agora os ascensores, que conduzem a todos esses andares. Supponhamos que subam dez vezes por hora, o que não é extraordinario, ou sejam 240 em vinte e quatro horas. Num anno subirá 87.600 vezes, o que representa 26.280 kilometros, muito mais que a metade da volta ao mundo. Em menos de quinze annos, o encarregado d'esses ascensores terá percorrido os 384.352 kilometros, que representam a distancia da terra á lua.

Isso para o que sobe. O encarregado que desce neste tempo tem atravessado o globo de lado a lado.

A descida ao centro da terra

Ora o vendedor de vinho que, na Europa, desce diariamente ás adegas para encher os tonneis de vinho, não anda muito menos. Descendo umas vinte vezes os degraus do subterraneo, tendo cada camada 20 d'estes, terá descido no fim do dia 400 degraus. Separados estes degraus de uns 15 centimetros, o vendedor de vinho descerá 60 metros por dia. No fim de seis mezes terá descido o mais profundo dos abysmos do Oceano Pacifico.

E o mineiro, que todos os dias desce a grandes profundidades, para ir buscar carvão ou ferro aos immensos subterraneos!

Ha alguns que descem a 300, 400, 500 metros, encerrados num ascensor. Tal manobra fazem-n'a dez, vinte vezes por dia.

Descendo dez vezes, por exemplo, a 400 metros, o que faz 120 kilometros por mez, terá percorrido 1.440 kilometros por anno.

No fim de 4 annos e 5 mezes terá attingido o centro da terra, situado a 6.300 kilometros da crosta terrestre.

D'est'arte, ante as estatisticas que citamos, poderemos affirmar com toda a precisão que não ha entre nós um só, que não tenha feito a volta ao mundo pelo menos uma vez.

CURIOSIDADE PUNIDA

1) Loly, um cãosinho muito curioso, vendo no chão um copo...

2) ...tenta provar o que elle contém.

3) — Não é mau de todo... queima-me a garganta...

4) ...além d'isso, sinto a cabeça andar á volta...

5) — Ora esta! Dir-se-hia que estou embriagado!
Mas que somno!

6) E Loly cahiu pezadamente, embriagado pela aguardente que bebera.

A LUZ E O SOM

Som é um movimento vibratorio que propaga no ar com a velocidade ...lo de 340 metros por segundo, ou se... 20.400 metros por minuto.

Luz que é tambem um movimento ...atorio tem muito maior rapidez, por... se espalha no ar com a velocidade ...00.000 kilometros por segundo, ou ...m 180 milhões de kilometros por minuto.

...e modo que, observando o tiro de uma ...a de artilharia collocada a dez kilo...tros de distancia, vê-se a luz do tiro ... no mesmo instante mas só se ...ve o estampido meio minuto depois. Por isso é que, eventualmente durante ...a tempestade só se houve o ruido do ...ão muito depois de se lhe ter visto a ...luz que, quando as faiscas electricas ...m muito longe do ponto em que se ..., sua luz chega a nossos olhos muito ... depressa de que seu som chega a ...os ouvidos.

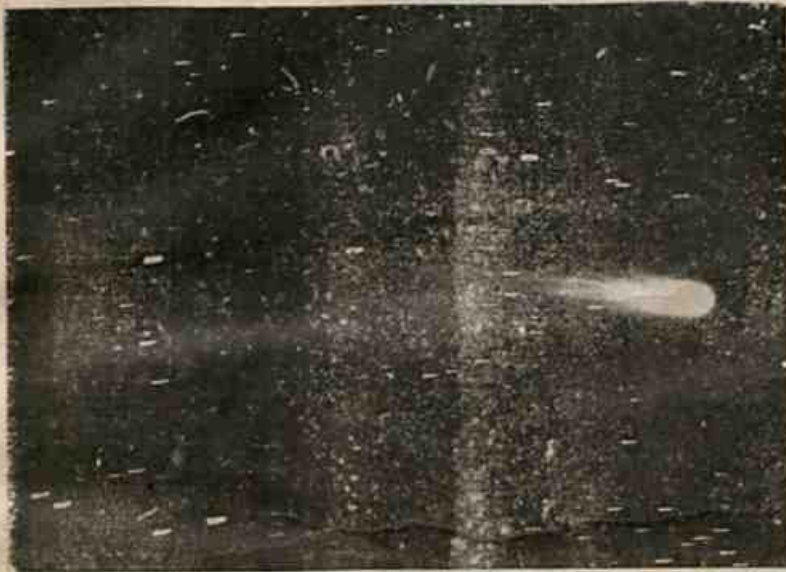
...s vibrações electricas transmittem-se ...o espaço com rapidez egual á da Luz.

CARICATURA DE UM MUSICO

Curioso trabalho do menino Luiz da França e Silva.

O grande susto de 1910

O cometa Halley. — O medo do fim do mundo. — Que é um cometa? — Como se move. — O tamanho dos cometas. — Os mais famosos que têm apparecido. — Superstições antigas sobre os cometas.

VOCES tambem tiveram medo? Naturalmente tiveram. Diziam que o cometa de Halley ia acabar o mundo, que iamos morrer todos asphyxiados... Houve muito quem acreditasse nesse perigo, não só aqui, no interior, como até nas mais civilisadas capitaes da Europa. Em Vienna, capital do imperio da Austria, um sapateiro, para não passar pelo desgosto de ver o fim do mundo, suicidou-se.

Photographia do cometa Daniel, por occasião da sua ultima apparição em Agosto de 1907. A cauda tinha 24 vezes o diametro da Lua. Foi bem visivel no Brazil

Vejam vocês que tolice. Matar-se por medo de morrer!

Afinal o cometa não nos fez mal algum; nem o vimos. No famoso dia 18 de Maio houve nevoeiro e nem sequer foi visivel nesse dia a cauda do cometa.

Mas que é afinal um cometa?

E' um astro em formação.

Como vocês devem saber — este almanach publica sob o titulo *Origem dos Mundos*, explicações muito completas sobre este caso — os astros formam-se no espaço durante longos annos. A principio vê-se no espaço apenas uma mancha; é uma reunião de gazes, vapores ou que melhor nome tenham — são elementos do futuro astro ainda em estado *gazoso*. Chama-se a essa mancha *uma nebulosa*.

Depois, com o tempo, no fim de muitos seculos, ás vezes, essa massa de gazes, vai se tornando cada vez mais densa e forma-se em seu centro um nucleo solido; continuam porém a fluctuar em torno d'esse nucleo os gazes formados pelo proprio ether do espaço e que vão pouco a pouco se juntando ao nucleo.

Por fim, terminado esse trabalho de concentração, quando tendo o nucleo peso e solidez consideravel, fica sujeito ás leis de attracção, que ligam todos os astros nos espaços e em virtude d'essas leis começa a mover-se no espaço.

E' já um astro, isto é, um corpo solido, com vida propria e que se move no espaço. Mas tem cauda e por isso recebe o nome especial de cometa.

Mas por que tem cauda? Como se explica a existencia d'esse appendice luminoso, que dá um aspecto tão singular aos chamados *astros vagabundos*?

Explica-se o caso do seguinte modo: Nesses astros em formação ha ainda muitos gazes que fluctuam em torno do nucleo e não foram ainda absorvidos por elle.

Esses gazes é que, com o movimento do astro em formação, formam a cauda do cometa.

Mas ahi ha um ponto muito curioso a notar. Nós pensamos que a cauda do cometa se estende para traz, isto é, para o lado opposto áquelle para o qual elle se dirige.

Era isso que se imaginava a principio; pensava-se que, com o movimento do astro no espaço, os gazes, que o cercam, sendo mais leves, fluctuavam atraz d'elle como o véu de uma senhora, que caminha depressa.

Mas esse raciocinio era errado. Os véus de uma senhora ou o panno de uma bandeira ou as fitas amarradas a uma bengala, fluctuam no espaço, quando o objecto a que estão presos se move com rapidez; mas isso se dá por que os véus, as fitas ou o panno da bandeira são mais leves, isto é, soffrem menos a attracção da Terra, sobre a qual se movem.

Nesse caso tanto os véus e fitas como os objectos a que estão presos estão sujeitos á mesma força de attracção, que é a da Terra, ao passo que com um cometa não se dá o mesmo.

Com o cometa ha duas forças perfeitamente distinctas: O nucleo do astro em formação soffre a força de attracção do Sol ou de outro qualquer astro, ao passo que os gazes, fazendo parte do proprio cometa, só a elle estão sujeitos e ficam ligados a elle, seja qual for a velocidade com que elle se mova.

E' como na Terra. Na Terra o nosso planeta soffre a attracção do Sol e move-se em torno d'elle; mas os objectos que estão sobre o nosso globo, sejam solidos como as pedras, liquidos como os mares, ou gazosos como o ar athmospherico, não soffrem a attracção do Sol, estão presos á attracção da Terra, que está mais perto.

E' claro que a força de attracção do Sol é muito mais poderosa do que a da Terra, que é um globo muito menor e, como se sabe, os astros têm tanto maior força de attracção quanto maior é seu volume.

Mas o Sol está a milhões de leguas das pedras, das aguas e do ar da Terra: por isso pedras, aguas e ar não podem fugir á attracção da Terra sobre a qual estão

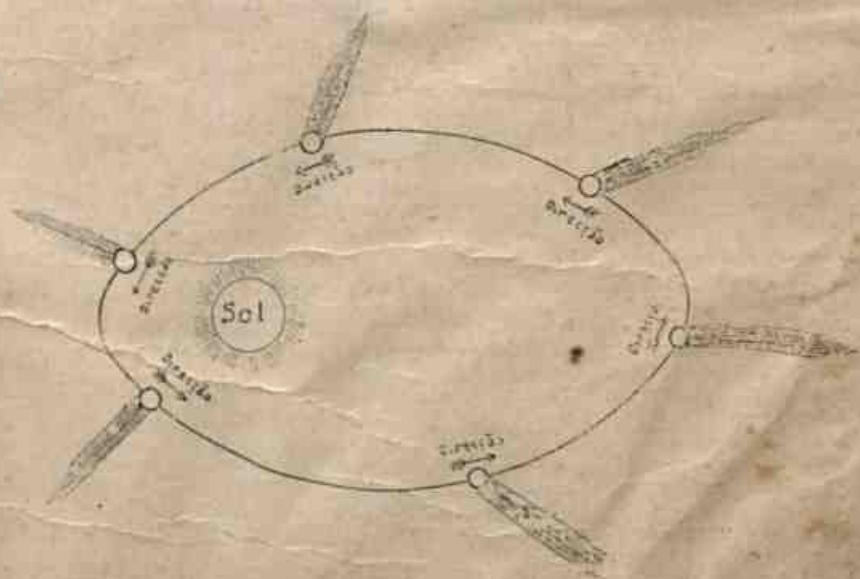



Figura 2. Mostrando que as caudas dos cometas projectam-se sempre em direcção opposta ao Sol, de modo que, quando um caminha afastando-se do Sol, sua cauda projecta-se para a frente

Se assim não fosse todos os astros pequenos seriam desertos aridos, porque os astros grandes attrahiam todos os corpos que houvesse sobre astros pequenos; imaginem se o Sol attrahisse toda a atmosphera da Terra!

Então é que morreriamos asphyxiados?

Não. A Terra se move em torno do Sol, corre pelo espaço com grande rapidez, mas tudo quanto está sobre a Terra acompanha-a em seus movimentos, preso pela força de attracção do centro da propria Terra.

O mesmo devia se dar com os cometas. Por muito rapida que fosse sua carreira no espaço, os gazes que o rodeiam deviam continuar a rodeal-os por egual, porque a força de attracção do seu nucleo é egual por todos os lados.

Como explicar então a cauda dos cometas?

Esse phenomeno é causado por uma outra força da natureza, uma força inteiramente contraria á da attracção.

Está provado que a força irradiante do Sol, em vez de attrahir, tem o dom de repellir os gazes vagos que fluctuam em torno dos astros em formação.

O encontro da Terra com o nucleo de um cometa poderia despejar sobre o nosso o globo uma torrente de fogo.

Descobriu-se isso porque, seja qual fôr a direcção da marcha de um cometa, sua cauda nunca fica para traz, como seria natural se essa cauda fosse produzida pelos gazes perdidos no espaço, devido a rapidez do proprio cometa. Ao contrario d'isso, as caudas dos cometas estendem-se sempre em direcção opposta áquella em que o Sol se acha.

Vejam com attenção a figura n. 2, que dá bem idéia do que explicamos.

Ahi vê-se um cometa em varias partes da elypse, que descreve no espaço, em torno do Sol.

Conforme o ponto em que elle está a cauda muda de posição, porque está sempre *em opposição* ao Sol!

E' o Sol com sua força irradiante, que projecta no espaço os gazes fulgurantes, produzindo a cauda do cometa.

Quando esses gazes são muito abundantes a cauda do cometa alcança proporções espantosas, quer seja recta, quer seja curva. O que appareceu no anno de 1842, um dos maiores que se tem visto, tinha uma cauda com o comprimento de trezentos e vinte milhões de kilometros.

No de Halley, que foi visto no anno de 1910, a cauda media 37 milhões de kilometros.

Os cometas descrevem no espaço grandes elypses em torno do Sol, elypses tão grandes que só elles voltam a passar junto da terra apoz intervallos de muitos annos. Por exemplo o cometa que foi visivel em 1811 tem uma orbita tão extensa que só voltará a passar deante da terra no anno 3811, isto é trez mil annos apoz a primeira apparição.

O cometa de Halley percorre em torno do sol uma orbita cujo eixo mede cinco bilhões, trezentos e oitenta e dous milhões de kilometros, de modo que só passa á vista da terra com intervallos de 76 annos.

Appareceu em 1834, foi visto agora em 1910 e só voltará a apparecer em 1986.

O cometa de Halley é um dos de cauda menos longa, que tem apparecido no céu. Porque então causou tanto pavor? Por um acaso singularissimo. Verificou-se que d'esta vez, em sua viagem perto do Sol, elle ia passar exactamente por um ponto pelo qual a Terra passaria tambem.

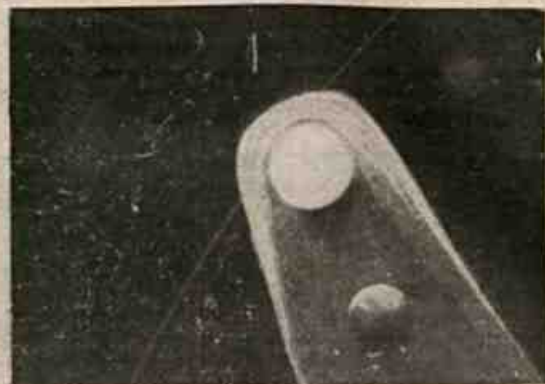
Houve então receio de que os dous globos, movendo-se ambos com grande rapidez, se encontrassem no espaço.

Seria uma cousa horrivel! Encontrando-se, os dous globos se immobilisariam e é tal a rapidez com que ambos caminham, que a força d'essa rapidez, detida subitamente, transformar-se-ia em calor tal que seria sufficiente para transformar a Terra e o cometa em gazes. Ficariam a Terra e o cometa transformados em uma nova nebulosa.

Mas esse perigo não existia porque, de facto, a Terra e o cometa, por um acaso rarissimo, passaram pelo mesmo ponto do céu, mas em dias differentes. Quando o cometa chegou a esse ponto já a Terra havia passado por elle e ia mais longe.

Houve tambem quem receiasse que, embora não se encontrasse com o cometa, fosse alcançada por sua cauda, que era obrigada a atravessar e que geralmente é feita de gazes perigosos, explosivos ou toxicos.

Provavelmente deu-se a passagem da Terra pela cauda do cometa, mas o facto não foi verificado porque, exactamente no dia perigoso — 18 de maio — a Terra esteve envolvida em nevoeiro, que impediu a observação do ceu.

Mas nada soffremos, ou porque as gazes do cometa de

Como a Terra atravessou a cauda do cometa de Halley, no dia 18 de Maio de 1910

Halley não sejam perigosos, ou porque não tenham conseguido penetrar na atmosphera da Terra.

Com effeito a nossa atmosphera — isto é, o ar que rodeia a Terra, embora seja invisivel e leve, é muito espesso em comparação com os gazes muito leves e esparsos que formam geralmente as caudas dos cometas. De modo que é muito possivel que tenhamos atravessado a cauda do cometa de Halley, sem soffrer cousa alguma, porque a atmosphera formou em torno da Terra uma couraça impenetravel!

Lauro Ferreira Guimarães, que, com 4 annos de edade apenas, já lê regularmente. E' filho do industrial Sr. coronel Benjamin Ferreira Guimarães, residente em Valença

O ANNO NOVO ATRAVEZ DO MUNDO

Eis o anno novo. Com toda a certeza ha de ser melhor que o precedente e nos trará innumeras felicidades... E' o que desejamos de todo o coração aos nossos amaveis leitores. Em todos os paizes a passagem do anno reveste-se de certa solemnidade, posto que seja festejada diversamente. Cada paiz ou aldeia, tem a sua maneira particular de celebral-a. Assistamos pois ás mil e uma ceremonias graves e jocosas, descuidosas ou não, com que a humanidade celebra o anno novo, que lhe traz tantas esperanças e sonhos dourados.

Para ver a festa do anno. O passatempo das velas na America. Uma tina cheia d'agua é levada ao meio da sala e nella são collocadas sobre pequenos pedaços de taboas tantas velas accesas quantas forem as pessôas presentes. A creança cuja vela se apagar em primeiro logar será a mais feliz do anno novo: é um presagio de felicidade.

O aspecto das nossas ruas a 1 de Janeiro, pela manhã, é curiosissimo. Vêem-se constantemente chegar correios, trazendo-nos cartões postaes, ou empregados sobraçando grandes embrulhos — *as festas* — que nos mandam, não só os fornecedores, como as pessoas da nossa amisade.

Assim em todos os paizes e mesmo na Russia. Nesse dia encontram-se pelas ruas pessoas abraçando-se. E' o costume.

Na côrte, pela manhã, quando os principes da familia imperial, os funccionarios e chefes de serviço vão levar seus cumprimentos ao tzar, este beija-os trez vezes, á maneira de seu paiz.

Na America, em Washington, o presidente abre a *Casa Branca* a todos os cidadãos: não abraça pessôa alguma, mas o mais humilde dos engraxates tem direito a um aperto de mão. Um jornalista americano, o correspondente do *New York Herald*, teve a coragem de contar os apertos de mão dados pelo presidente Roosevelt, a 1 de Janeiro de 1906: 9.0521 Foram precisas ao presidente 3 horas e 44 minutos para distribuil-os.

A alguns dizia:

— Estou encantado!

A outros:

— Sinto-me feliz!

O primeiro aperto de mão coube ao Sr. Fairbanks, vicepresidente; o ultimo... á um negro!

Produziram-se incidentes muito comicos.

Para accelerar o movimento da multidão, em fila em frente á porta da *Casa Branca*, uma banda de musica executava um trecho endemoninhado. Duas meninas abriam a columna. Uma d'ellas apresentou-se com uma boneca tão grande quanto ella: o Sr. Roosevelt deu um aperto de mão á menina e outro á boneca.

O caracteristico mais importante e curioso da passagem do anno *yankee*, sem fallar do pequeno passatempo da vela, onde as creanças tiram os prognosticos, é a cordialidade das recepções.

Em grande *toilette* de baile e as moças a seu lado, as senhoras conservam-se em suas casas, nesse dia, afim de receber as visitas, desde a manhã até á meia noite.

Um profuso *lunch* está sempre á disposição dos convidados e assim se conserva até altas horas, sempre ricamente servido.

Nesse dia a hospitalidade e acolhimento é tal, que se cita um exemplo de um visitante, que entrára por engano numa casa e que só deu pelo erro na hora da sahida.

Onde o anno começa sempre mal

Nossos amiguinhos vão assistir a algumas das ceremonias do anno novo. E' em certas regiões do Oriente que é preciso ir surprehender taes festejos, feitos segundo a alma de cada povo e sua maneira de viver, pois ha austeros e até tristes.

Nos paizes sujeitos ao Islam é sabido, por exemplo, que o anno começa com mortificações.

Emquanto os *bombons* e mil confeitos variados cobrem as nossas mesas, nessas regiões os filhos de Alah entregam-se ao mais rigoroso jejum.

No Teheran, em Ispahan, o espectaculo é bizarro e a festa extraordinaria.

No dia 1 de Janeiro em frente a casa Branca. O povo espera que lhe seja aberta a porta para dar um aperto de mão ao presidente

Sob o sol ardente dos paizes arabes, o anno começa em luto e mortificações. O uso impõe a todo musulmano um jejum prolongado e a visita aos mortos

Não vão pensar que sejam celebradas com diversões interessantes: é o desespero mais sombrio e o mais lugubre dos lamentos; vestimentas em luto, preto e violeta. Barbas por fazer, rostos pallidos e desfigurados, um horror emfim!

Mas, como um contraste frisante, o Oriente vai fornecer-nos para o anno novo as ceremonias mais brilhantes e festivas.

Vejam primeiramente que têm logar na decoração quente e luminosa da India. Lá é o sol, são as flôres, que saudam o novo anno, e as festas, de natureza gaiatas e convidativas revestem-se em pouco de toda a magestade.

Estamos na India — estamos é uma maneira de dizer — em Hyderabad, (Estado do Nizam), a 1 de Janeiro. Ainda não rompeu a madrugada, apenas uma listra alaranjada no horizonte e os brahmanes vão pelas ruas da cidade, batendo sobre placas de bronze para despertar os dorminhocos.

Todas as mulheres da India, nessa manhã, varrem, limpam com todo o cuidado e até com frenesi. Um grão de pó do anno velho comprometteria grandemente o anno que acaba de apparecer. Para o diabo todas as vestimentas e objectos velhos! Até a bateria de cozinha é reformada.

As novas panelas vão desempenhar papeis de importancia, no segundo dia de festa; tem logar a ceremonia do «Pangoal do Sol».

Com as vestes ainda humidas das ablucções matutinas, as mulheres accendem um fogo fora de casa. Collocam sobre elle cinco potes de leite ou arroz a cozinhar.

Todos em circulo olham attentamente. De repente ouve-se um grito: «Pangoul!»

O leite ferveu! Peior para o vizinho, onde o leite custou a subir ou partiu-se o pote! Aqui vai tudo bem.

No mesmo instante os creados vão de casa em casa offerecer aos amigos, sobre folhas de figueiras, um pouco do arroz milagroso. Quanto ao dono da casa, até vai solemnemente levar um pouco do liquido àquelles que occupam o primeiro logar nas ceremonias da passagem do anno... as vaccas do estabulo!

O dia seguinte lhes pertence.

Agrupam-nas em meio do pateo. Os homens prostam-se deante d'ellas, offerecendo miseraveis corôas de flores... Pois o hindú está persuadido que nellas reside o poder maravilhoso, e portanto merecem todas as distincções.

A noite tem logar um grande jantar em honra ao anno novo. E' o Diwali; nas ondas dos rios são collocadas pequeninas lampadas de côres, em conchas que sobrenadam.

Isto lembra o aspecto de um céu estrellado, nas noites profundas e azues da India, como se fosse uma dadiva celeste.

As visitas do primeiro do anno no paiz do chrysanthema

Entre os filhos do céu A festa ao anno novo na China com cortejos Daridy

O anno novo no Annam. Em todas as casas os restos dos antepassados recebem offerendas

Quem paga as dividas enriquece. Cinco contos por uma lanterna.

Em nenhuma outra parte, a não ser na China, o anno se impõe como uma necessidade. Pois é do primeiro dia do anno, 25 de Janeiro, que dependem todos os bens terrestres fortuna, saude, grandes questões e governos opulentos.

Primeiramente pagam as dividas. — Isto só de chinez! — E' preciso que antes de 25 todas ellas estejam pagas. Um chinez julgar-se-hia perdido se nesse dia devesse ainda um vintem. Estava desmoralisado. Compadres e comadres, e mesmo os cartomantes dizem-no um ente indigno de viver e merecedor da mesma pena da gallinha, antes de ser levada ao molho pardo.

Emprestam 50 ou 60 mil réis por cem.

No primeiro dia do anno todos os usurarios enriquecem.

Paga a ultima conta, a 24 de Janeiro tem logar o grande jantar «de despedida do anno velho». A mesa é lauta e desde o mais saboroso dos assados até o maior dos peixes faz-se ahi representar.

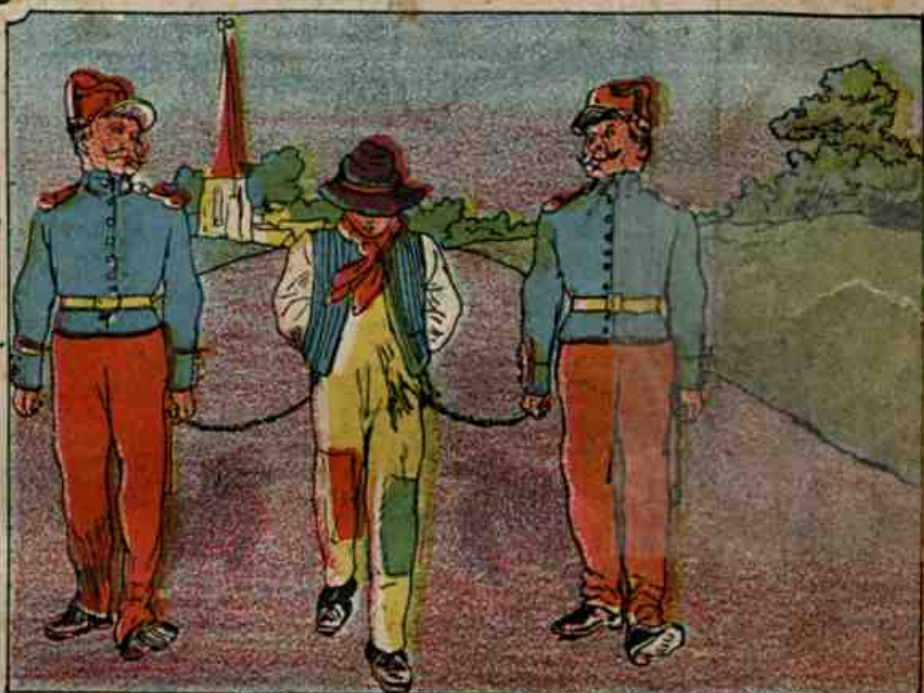
Ninguem pode dormir: seria uma offensa a Budha.

Soam as doze badaladas da meia noite. Na ultima em todo o Celeste Imperio é estrondo horroroso de foguetes e pistolas. E' tal a quantidade de fogos de artificio queimada, que no dia seguinte é impossivel ver-se o sólo.

8) «Uma noite, em que esses homens, ricos, contavam o ouro, que haviam conseguido com a venda das arvores appareceu o gigante:

4)—Entretanto a gallinha branca companheira de Luizinha protegeu seu dinheiro.

rio o mysterio :

ande barulho

7)—Chamaram dous guardas e o ladrão foi preso.

10)—E foi buscar o pote. Tirou d'elle o dinheiro e salvou a vida da gallinha branca

11)—Desde então foram muito amigas Luizinha tratou a gallinha tão bem, que ella só morreu de velhice.